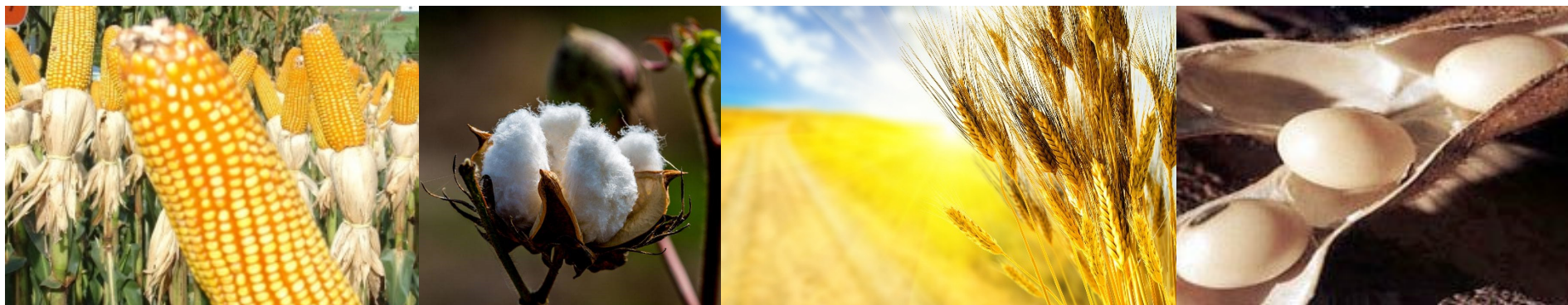


# **GRÃOS**

## **TENDÊNCIAS DOS MERCADOS PARA 2016/2017**



**Carlos Cogo**

**11 de Maio de 2016**

## ÍNDICE DO RELATÓRIO DE MAIO/2016

<u>PG</u>	<u>TEMA</u>
03	– Plano Safra 2016/2017: análise das medidas
12	– Safra global de grãos e preços agrícolas em 2016/2017
22	– Câmbio: tendências de curto e longo prazo no Brasil
26	– Clima: tendências para 2016/2017
43	– Safra brasileira de grãos: projeções para 2015/2016
57	– Soja: tendências de mercado para 2016/2017
96	– Milho: tendências de mercado para 2016/2017
142	– Trigo: tendências de mercado para 2016/2017
174	– Arroz: tendências de mercado para 2016/2017
218	– Feijão: tendências de mercado para 2016/2017
251	– Algodão: tendências de mercado para 2016/2017

## **PLANO SAFRA 2016/2017: SÍNTESE DAS MEDIDAS**

- Recursos totais de R\$ 202,88 bilhões, aumento (nominal) de 8% em relação à safra anterior (R\$ 187,7 bilhões): o aumento, entretanto, não cobre a variação da inflação no período.
- Custeio e comercialização -> R\$ 168,8 bilhões, sendo R\$ 115,835 bilhões a juros controlados (12,9% maiores que os disponibilizados em 2015/2016 - incremento nominal de R\$ 19,3 bilhões sobre a safra anterior) e R\$ 53 bilhões a juros livres (inalterados).
- Limite de crédito por produtor elevado de R\$ 1,200 milhão para 1,320 milhão.
- Taxas de juros de 8,5% a 12,0% ao ano, contra 7,0% a 10,5% ao ano em 2015/2016 -> aumento de 0,75 ponto porcentual em cada linha.
- Para o crédito rural classificado como geral, as taxas subiram de 8,75% a 10,5% ao ano, para 9,5% a 11,25% ao ano.
- Pronamp -> R\$ 15,7 bilhões de custeio para agricultores de médio porte, com renda bruta anual de até R\$ 1,76 milhão, o limite de crédito será de R\$ 780 mil (custeio) e taxas de juros de 8,5% ao ano.

## **PLANO SAFRA 2016/2017**

### **ORÇAMENTO POR FINALIDADES**

<b>Finalidade</b>	<b>R\$ bilhões</b>
<b>Custeio e Comercialização (Recursos Controlados)</b>	<b>115,8*</b>
<b>Custeio e Comercialização (Recursos Livres)</b>	<b>53,0</b>
<b>Investimentos (Recursos Controlados e Livres)</b>	<b>34,0</b>
<b>Total de Recursos</b>	<b>202,8</b>

\* Incremento nominal de R\$ 19,3 bilhões sobre a safra anterior (2015/2016)

## **PLANO SAFRA 2016/2017 - CUSTEIO E COMERCIALIZAÇÃO: RECURSOS E TAXAS DE JUROS**

### I - Custeio e comercialização

<b>Programa</b>	<b>Recursos programados (R\$ milhões)</b>	<b>Prazo máximo</b>	<b>Taxa de juros (% ao ano)</b>
Crédito rural (geral)	81.510	2 anos	9,5 e 11,25(1)
Pronamp	15.700	2 anos	8,5
Funcafé	4.632	1 ano	9,5 e 11,25 (2)
Fundos constitucionais	1.743	Prazos variáveis	Taxas por porte
Estocagem de álcool	2.000	270 dias	Taxas a definir
LCA (taxa controlada)	10.250	Negociação entre as partes	12,75
Recursos livres	53.000	2 anos	De mercado
<b>Total - I</b>	<b>168.835</b>	-	-

## **PLANO SAFRA 2016/2017 - CUSTEIO E COMERCIALIZAÇÃO: TAXAS DE JUROS**

<b>Finalidade</b>	<b>Taxas de juros ao ano</b>
<b>Custeio*</b>	
- Médios produtores (Pronamp)	8,5%
- Grandes produtores	9,5%
<b>Comercialização</b>	
- Produtores e cooperativas	9,5%
- Empresas e agroindústrias	11,25%
<b>Estocagem de álcool (R\$ 2 bilhões)</b>	Taxa de mercado

## **PLANO SAFRA 2016/2017: SÍNTESE DAS MEDIDAS**

- Os recursos para investimentos apresentaram queda de 10,8%, de R\$ 38,2 bilhões em 2015/2016, para R\$ 34,045 bilhões em 2016/2017.
- Para o Moderfrota (Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras), disponibilizados 5,05 bilhões em 2016/2017, bem abaixo do orçamento inicial de R\$ 10 bilhões em 2015/2016 – taxas de juros entre 8,5% a 10,5% ao ano.
- A alta dos juros pode inibir a tomada de crédito para investimentos, onde os prazos são mais longos: se a economia se estabilizar, com inflação controlada, o produtor terá de pagar um juro real mais alto e pode adiar a decisão de adquirir máquinas e equipamentos agrícolas.
- Para o Moderinfra (Programa de Incentivo à Irrigação e Armazenagem), disponibilizados R\$ 550 milhões em recursos (aumento de 83%), com taxa de 8,5% ao ano e limite de crédito ampliado para R\$ 2,2 milhões por beneficiário e R\$ 6,6 milhões para empreendimento coletivo.
- Os recursos serão destinados à agricultura irrigada e cultivos protegidos e o Moderinfra também prevê incentivos à aquisição de painéis solares e caldeiras para geração de energia autônoma em cultivos irrigados.

## **PLANO SAFRA 2016/2017: SÍNTESE DAS MEDIDAS**

- Para o PCA (Plano de Construção e Ampliação de Armazéns), serão disponibilizados 1,4 bilhão em 2016/2017, contra R\$ 2,0 bilhões em 2015/2016 – juros de 8,5% ao ano, contra 7,5% em 2015/2016.
- Vale destacar que a proposta inicial do PCA era de oferecer um total de R\$ 25 bilhões em 5 anos, sendo R\$ 5 bilhões a cada ano-safra.
- Pecuária de leite: linha específica dentro do PCA para aquisição de silos e tanques de transporte.
- Café: aumento do limite de R\$ 40.000 para R\$ 320.000, para aquisição de conjunto de beneficiamento de café, caldeira para secagem, secador horizontal e terreiros de cimento e asfalto.
- Para o café, o novo plano aumentou o limite para financiamento de estruturas de secagem e beneficiamento no Moderfrota.
- Pronamp: disponibilizados 4,24 bilhões em 2016/2017 para investimentos, com taxas de juros de 8,5% ao ano (iguais às do Moderfrota).



## PLANO SAFRA 2016/2017 - INVESTIMENTOS: RECURSOS E TAXAS DE JUROS

### II - Investimento

Programa	Recursos programados (R\$ milhões)	Prazo máximo (Anos)	Carência (Anos)	Taxa de juros (% ao ano)
Moderinfra (irrigação)	550	12	3	8,5
PCA	1.400	15	3	8,5
Inovagro	1.245	10	3	8,5
Moderfrota	5.050	10	2/3	8,5 e 10,5 (3)
Prodecoop	2.430	12	3	9,5
Procap-Agro	2.270	06 (2)	2	8,5 e 12,0 (4)
ABC	2.990	15	3	8,0 e 8,5 (5)
Prorenova	1.500	8	18 meses	75% TJLP + 25% Selic
Moderagro	640	10	3	9,5
Pronamp	4.240	8	2	8,5
Fundos constitucionais	4.610	Variável	Variável	Taxa por porte
Recursos livres/demais	4.675	Variável	Variável	De mercado
Recursos obrigatórios	1.500	12	Variável	9,5
Diversos equalizados	945	12	3	9,5
<b>Total - II</b>	<b>34.045</b>	-	-	-

(1) FGPP (2) Funcafé (giro) (3) De acordo com a ROB (4) Cotas-partes e giro (5) ABC, Pronamp e demais (6) Pronamp Semiárido

# PLANO SAFRA 2016/2017

## PROGRAMAÇÃO DE INVESTIMENTOS

Fontes de Recursos	PLANO SAFRA 2015/2016			PLANO SAFRA 2016/2017		
	PROGRAMADO	EFETIVADO*	EFETIVADO/ PROGRAMADO (%)	PROGRAMADO	EFETIVADO*	EFETIVADO/ PROGRAMADO (%)
<b>MÁQUINAS AGRÍCOLAS</b>						
MODERFROTA	3.650.000	2.815.000	77,1%	5.050.000	-	
PSI-BK RURAL MÁQUINAS E IRRIGAÇÃO*	6.350.000	1.449.000	22,8%	-	-	
<b>TOTAL MÁQUINAS AGRÍCOLAS</b>	<b>10.000.000</b>	<b>4.264.000</b>	<b>42,6%</b>	<b>5.050.000</b>	-	
<b>ARMAZENAGEM</b>						
PCA (ARMAZENAGEM)	2.000.000	467.000	23,4%	1.400.000	-	
PSI-BK CEREALISTAS - PCA	400.000	157.681	39,4%	-	-	
<b>TOTAL ARMAZENAGEM</b>	<b>2.400.000</b>	<b>624.681</b>	<b>26,0%</b>	<b>1.400.000</b>	-	
PRONAMP	5.290.000	1.209.000	22,9%	4.240.000	-	
MODERINFRA (IRRIGAÇÃO)	300.000	307.000	102,3%	550.000	-	
PROGRAMA ABC	3.000.000	1.114.000	37,1%	2.990.000	-	
INOVAGRO	1.400.000	481.000	34,4%	1.245.000	-	
MODERAGRO	350.000	361.000	103,1%	640.000	-	
PRODECOOP	1.600.000	761.000	47,6%	2.430.000	-	
PROCAP-AGRO	1.940.000	1.470.000	75,8%	2.270.000	-	
PRORENOVA - CANA	1.500.000	20.000	1,3%	1.500.000	-	
OUTROS (FUNDOS CONSTITUCIONAIS, LIVRES, ETC.)	10.420.000	7.534.319	72,3%	11.730.000	-	
<b>TOTAL INVESTIMENTOS</b>	<b>38.200.000</b>	<b>18.146.000</b>	<b>47,5%</b>	<b>34.045.000</b>	-	

**\* PSI - PROGRAMA ENCERRADO EM 31/12/2015**

**LIBERAÇÕES DE 2015/2016: JULHO DE 2015 A MARÇO DE 2016**

**VIGÊNCIA PLANO-SAFRA 2015/2016: 01/07/2015 A 30/06/2016**

**VIGÊNCIA PLANO-SAFRA 2016/2017: 01/07/2016 A 30/06/2017**

[WWW.CARLOSCOGO.COM.BR](http://WWW.CARLOSCOGO.COM.BR)

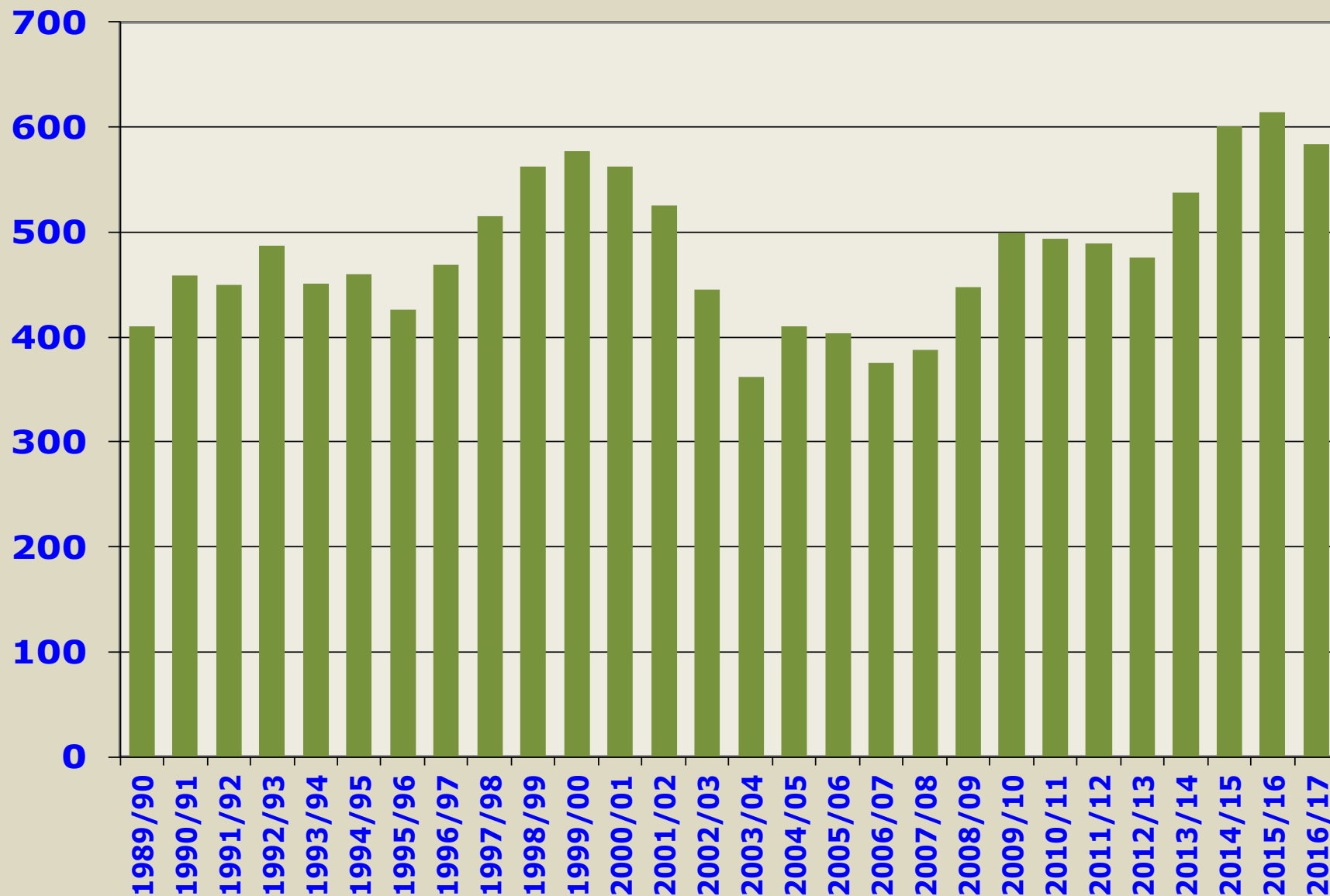
## MÁQUINAS AGRÍCOLAS: RECURSOS E TAXAS JUROS

Condições	Moderfrota		Pronamp		Pronaf MDA	
	2015/2016	2016/2017	2015/2016	2016/2017	2015/2016	2016/2017
Taxas de Juros (% a.a.)	7,5% a 9,5%	8,5% a 10,5%	7,75%	8,5%	5,5%	2,5%
Limite de Financiamento (em % bem ou R\$)	90%	90%	R\$ 385 mil	R\$ 430 mil	R\$ 150 mil	R\$ 330 mil
Prazo de Financiamento	8 anos	10 anos	12 anos	8 anos	10 anos	10 anos
Recursos (R\$ bilhões)	R\$ 10,0	R\$ 5,05	R\$ 5,29	R\$ 4,24	N/D	N/D

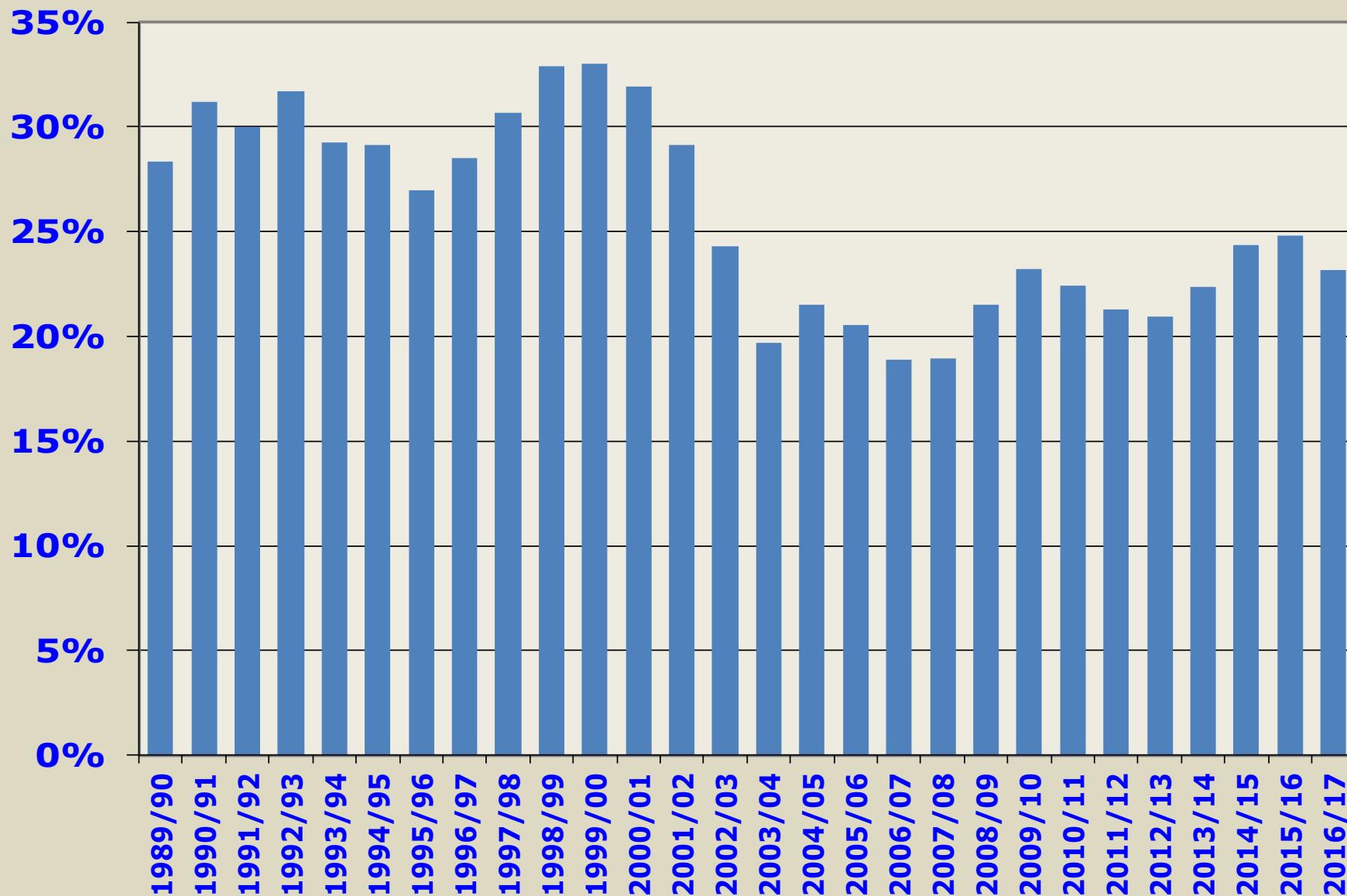
## **SAFRA GLOBAL DE GRÃOS EM 2016/2017**

- A safra global 2016/2017 de grãos deverá contar com a volta do equilíbrio entre oferta e demanda.
- A produção na temporada deverá recuar 4 milhões de toneladas (0,2%) em relação a 2015/2016, somando 2,521 bilhões de toneladas.
- Ainda assim, o resultado seria o terceiro maior da história.
- O declínio se deve à expectativa de queda de 2,8% na produção global de trigo, uma redução de 20 milhões de toneladas frente à anterior.
- A produção deve recuar na Rússia, Ucrânia, Marrocos e União Europeia (UE), onde as lavouras foram prejudicadas por estiagem.
- Por outro lado, a China pode registrar um avanço na produção, enquanto a Índia deve se recuperar.
- A demanda mundial de grãos deve crescer modestamente pelo segundo ciclo consecutivo, estimada em 2,547 bilhões de toneladas, 1,0% (+26 milhões de toneladas) maior ante 2015/2016.
- O leve aumento reflete uma demanda menos aquecida, crescendo de forma mais moderada também em 2016/2017.

# GRÃOS: ESTOQUES MUNDIAIS MILHÕES DE TONELADAS



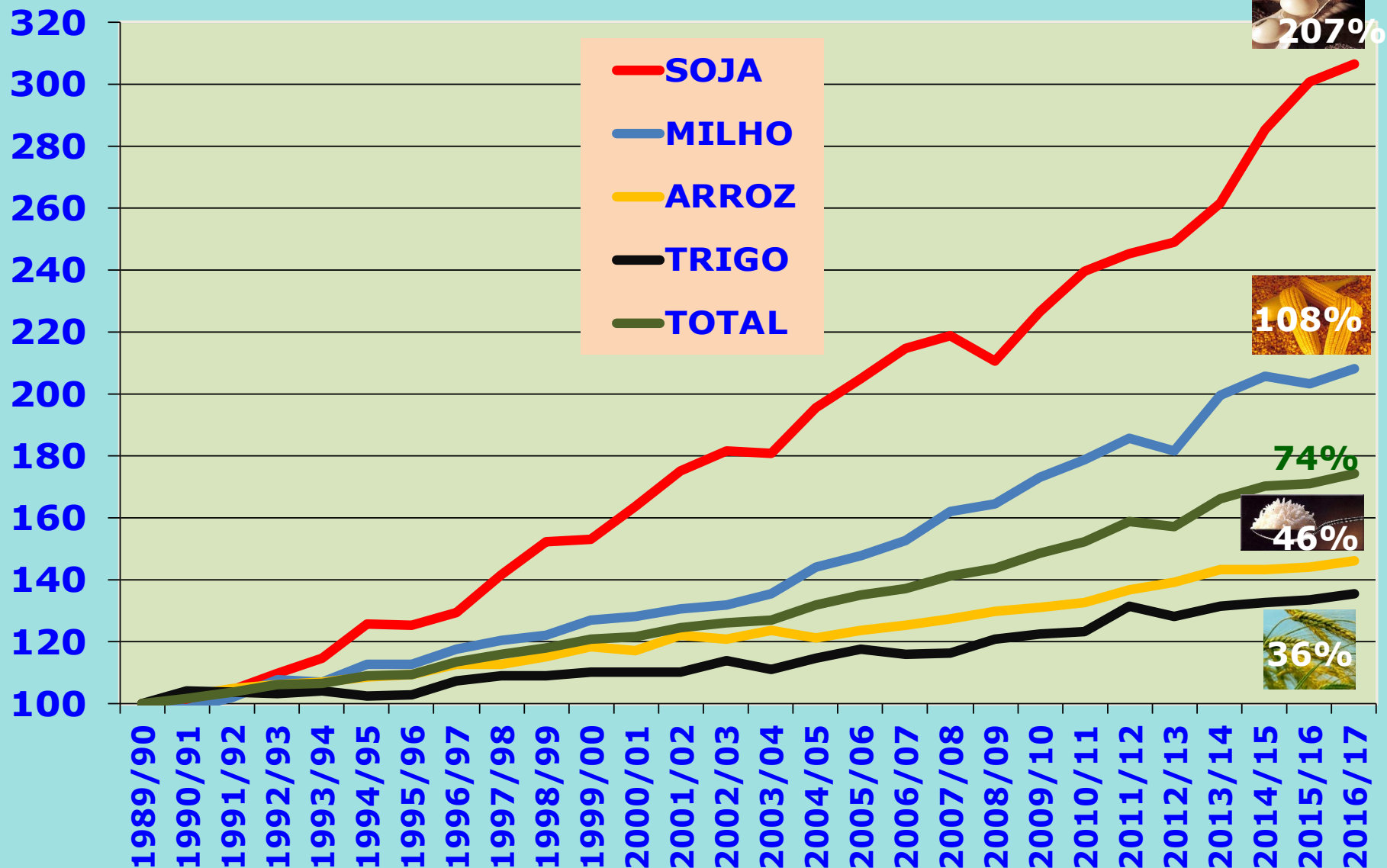
## GRÃOS: RELAÇÃO ESTOQUES/DEMANDA MUNDIAL (%)



## **SAFRA GLOBAL DE GRÃOS EM 2016/2017**

- As reservas globais de grãos devem diminuir 3,9% na safra 2016/2017, para 611 milhões de toneladas, recuo de 25 milhões de toneladas.
- Para os quatro grãos mais consumidos globalmente – na ordem, milho, trigo, arroz e soja – os estoques globais devem cair 4,9%, para 583,8 milhões de toneladas, contra o recorde de 614,0 milhões de toneladas registrado em 2015/2016.
- A relação entre estoques e consumo destes quatro grãos deve ficar em 23% na temporada, abaixo da de 25% de 2015/2016, mas maior do que a mínima história, de 19%, registrada em 2007/2008.
- Enquanto os estoques de milho devem crescer 0,6%, as reservas de trigo devem recuar 11,2%; as de arroz 3,0%; e as de soja, 2,5.
- A estimativa é de uma queda na comercialização internacional de grãos pela segunda safra seguida.
- O recuo deve ser de 1,4%, ou 5 milhões de toneladas, para 365 milhões de toneladas em 2016/2017, principalmente, devido à contração na demanda mundial, já que muitos países importadores têm acumulado grandes estoques e/ou estão para colher grandes safras.

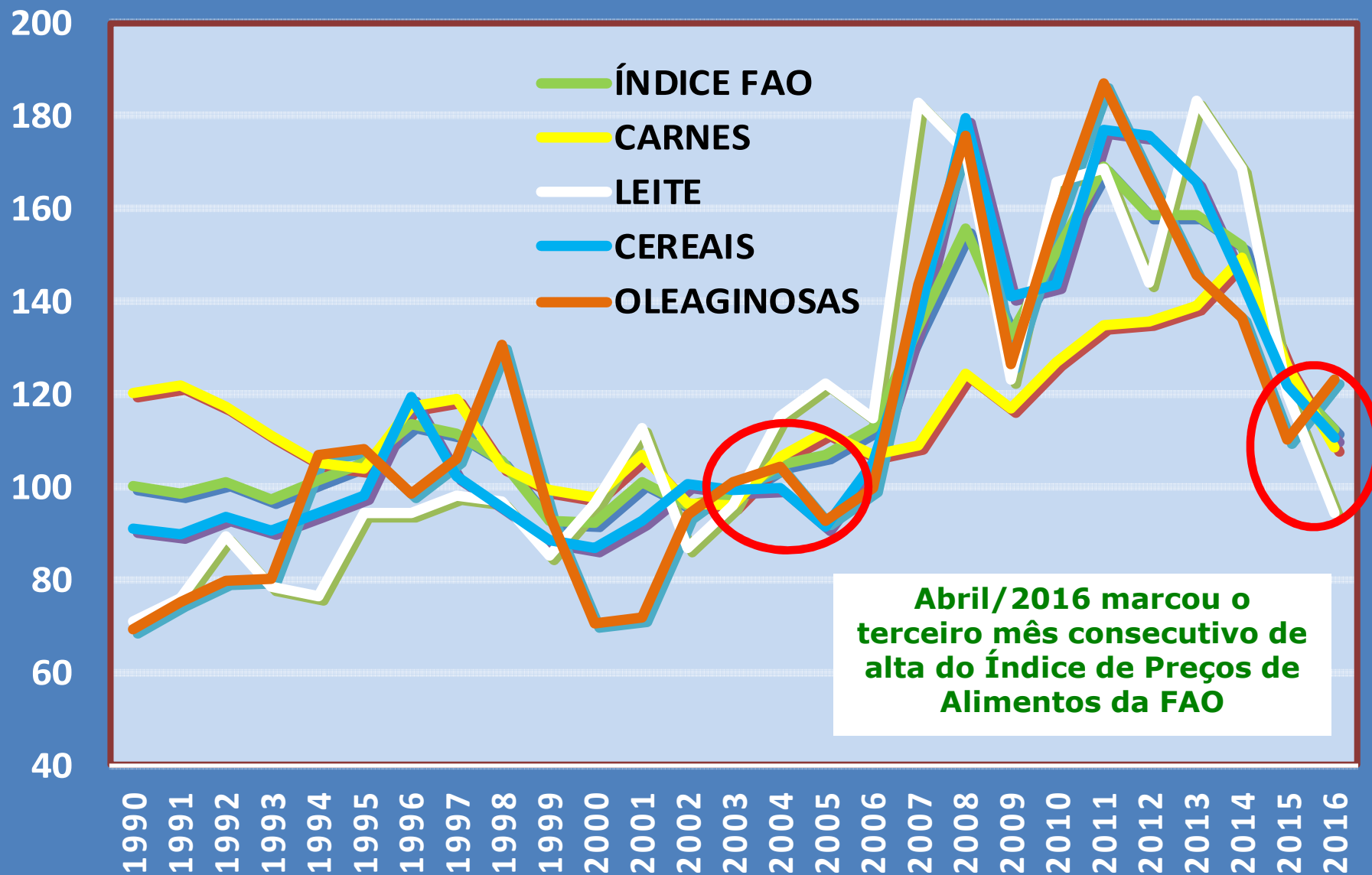
# GRÃOS: ÍNDICES DE EXPANSÃO DA DEMANDA MUNDIAL - 1990=BASE 100





# FAO - ÍNDICE DE PREÇOS REAIS ALIMENTOS

2002-2004 = 100



## ANNUAL REAL FOOD PRICE INDICES (2002-2004=100)

Date	Food Price Index	Meat Price Index	Dairy Price Index	Cereals Price Index	Oils Price Index	Sugar Price Index
1990	100,4	120,4	71,1	91,2	69,6	167,0
1991	98,7	121,8	75,9	90,0	75,1	119,6
1992	101,1	117,3	89,4	93,6	79,8	119,0
1993	97,1	110,9	78,8	90,6	80,2	131,0
1994	101,3	105,1	76,5	94,6	106,8	157,8
1995	105,3	104,2	94,6	98,0	108,1	158,4
1996	113,7	117,5	94,3	119,6	98,6	147,1
1997	111,3	119,0	98,3	102,4	106,0	149,3
1998	105,6	104,5	96,7	95,7	130,5	123,2
1999	92,6	99,6	85,3	88,8	94,2	88,5
2000	92,4	97,8	96,6	86,9	70,4	117,6
2001	101,0	106,8	112,6	92,7	71,7	130,9
2002	96,2	96,6	86,9	100,6	93,9	105,0
2003	98,1	96,3	96,0	99,6	101,0	101,0
2004	105,0	106,4	115,1	99,8	104,4	94,8
2005	106,8	112,0	122,5	91,7	92,9	127,1
2006	112,7	107,1	114,9	105,4	99,9	185,7
2007	134,6	109,1	182,7	136,3	143,4	119,3
2008	155,7	124,2	172,5	179,5	175,6	140,4
2009	132,8	117,0	123,1	141,0	126,6	213,1
2010	150,7	126,9	165,6	143,7	158,3	242,1
2011	169,1	134,8	168,7	177,2	187,1	271,3
2012	158,8	135,5	144,2	175,8	166,7	227,6
2013	158,5	139,0	183,4	165,6	145,8	189,6
2014	152,0	149,4	168,8	144,6	136,4	181,7
2015	123,2	126,3	120,4	122,0	110,4	143,3
2016	112,4	108,6	94,3	110,9	123,2	159,4
2016/2015	-9%	-14%	-22%	-9%	12%	11%
2016/2011	-34%	-19%	-44%	-37%	-34%	-41%
2016/2003	12%	9%	-6%	11%	23%	59%

SOURCE: FAO APR/2016

## **TENDÊNCIAS PARA OS PREÇOS AGRÍCOLAS GLOBAIS**

- O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) atingiu 151,8 pontos em abril, com alta de 0,7% ante março.
- O índice considera uma média ponderada dos preços internacionais de 5 grupos de commodities: cereais, óleos vegetais, lácteos, carne e açúcar.
- O avanço relativamente forte dos preços dos óleos vegetais, somado a um ganho moderado nas cotações de cereais, superou a queda dos laticínios e açúcar.
- A alta verificada em abril é a terceira consecutiva, segundo a FAO.
- Os óleos vegetais lideraram o movimento, registrando um avanço de 4,1% em abril na comparação com março, para 166,4 pontos.
- O óleo de palma foi o componente que mais se valorizou no período, atingindo a máxima dos últimos 17 meses, sustentado por temores de produção baixa em 2016 e demanda global crescente.
- As cotações internacionais do óleo de soja também ficaram firmes, diante de condições menos favoráveis à produção na América do Sul.

## **TENDÊNCIAS PARA OS PREÇOS AGRÍCOLAS GLOBAIS**

- Os cereais, por sua vez, avançaram 1,5%, muito próximos dos 150 pontos. Os preços do milho foram os que mais avançaram, influenciados pelo dólar mais fraco e acompanhando a alta nos óleos vegetais.
- Ainda assim, condições climáticas favoráveis e a expectativa de grande oferta na nova safra limitaram os ganhos no trigo.
- A FAO apontou que os preços, apesar da alta em abril, estão 10,4% abaixo em relação ao mesmo mês do ano passado.
- No segmento de laticínios, houve queda de 2,2% na mesma base de comparação, para 127,4 pontos.
- Os preços dos lácteos caíram no período, prejudicados por ampla oferta global e demanda limitada em mercados tradicionalmente importadores.
- Assim como no último mês, manteiga e queijo registraram queda mais acentuada, pressionados pelo crescimento de estoques de exportadores.
- O índice de preços do açúcar ficou em 215 pontos, 1,7% inferior ao verificado no último mês.

## **TENDÊNCIAS PARA OS PREÇOS AGRÍCOLAS GLOBAIS**

- A queda reflete a ampla disponibilidade de açúcar para exportação no Brasil, onde se espera que a safra 2016/2017 seja a segunda maior da história.
- Também há a expectativa de que haja uma redução do uso da cana-de-açúcar para produção de etanol.
- Ainda assim, a perspectiva de déficit global no mercado de açúcar pelo segundo ano consecutivo limitou as perdas.
- O Índice de Preços de Carnes ficou 0,8% abaixo do verificado em março, atingindo 146,6 pontos.
- Os níveis de preço das carnes de suíno e frango ficaram praticamente estáveis, refletindo um bom equilíbrio entre oferta e demanda.
- A carne ovina avançou, enquanto a carne bovina registrou a maior alta.
- Fornecimento limitado e um avanço da demanda norte-americana levou os preços de exportação na Austrália ao maior nível desde outubro de 2015.

## **CÂMBIO: TENDÊNCIAS DE CURTO E LONGO PRAZO**

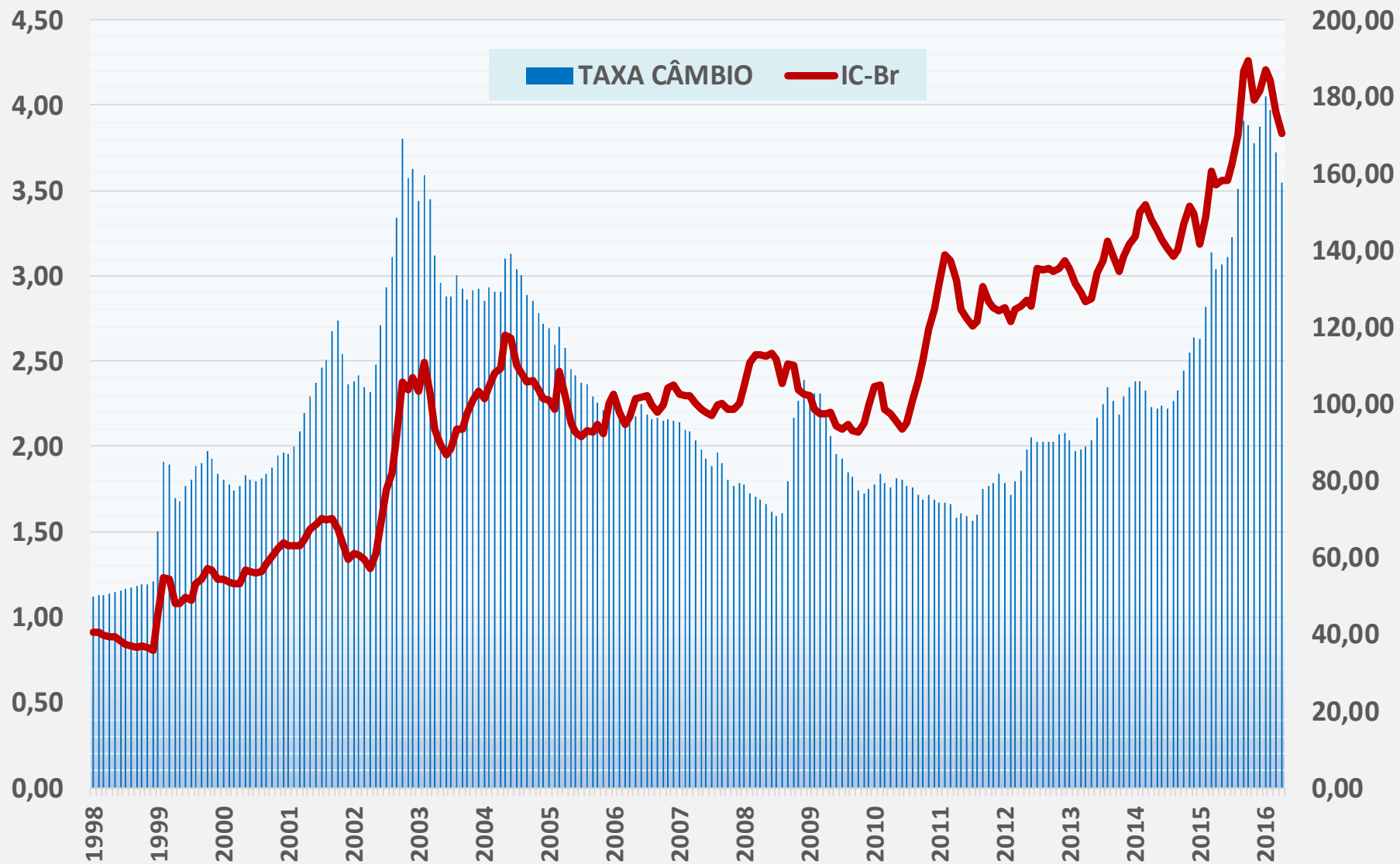
- De acordo com o Relatório de Mercado Focus divulgado na segunda-feira (09/05), pelo Banco Central, o mercado financeiro revisou suas estimativas para o comportamento do dólar neste ano.
- A moeda norte-americana deve chegar em 31 de dezembro de 2016 comercializada a R\$ 3,70, ante R\$ 3,72 do levantamento anterior.
- Um mês antes, a mediana das previsões estava em R\$ 4,00.
- O câmbio médio de 2016 ficou em R\$ 3,65, contra R\$ 3,66 da semana passada e R\$ 3,82 registrados há um mês.
- Para o encerramento de 2017, a mediana das estimativas para o dólar ficou em R\$ 3,90, ante R\$ 3,91 da semana passada.
- A projeção estava em R\$ 4,10 há um mês.
- O ponto central da pesquisa para a cotação média de 2017 caiu de R\$ 3,90 para R\$ 3,86.
- Um mês antes a projeção estava em R\$ 4,02.
- O PIB de 2016 foi projetado em -3,86% e em 2017 em +0,5%.

## **CÂMBIO: TENDÊNCIAS DE CURTO E LONGO PRAZO**

- O recuo da cotação do dólar para níveis próximos a R\$ 3,50 começa a preocupar a equipe do vice-presidente Michel Temer.
- A avaliação é que, abaixo desse valor, alguns produtos brasileiros perdem competitividade no mercado internacional.
- De janeiro a abril deste ano, a balança comercial registrou um saldo positivo de US\$ 13,249 bilhões, ante déficit de US\$ 5,059 bilhões em igual período de 2015 – esse desempenho se deu mais pela queda das importações, mas as exportações ensaiam uma reação.
- As exportações são vistas, pela equipe de Temer, como um pilar para a recuperação da economia.
- O BC precisa aproveitar a cotação menor para perseguir outros dois objetivos: buscar um alívio na inflação e desmontar operações de swap cambial, que ameaçam impor prejuízos bilionários ao Tesouro Nacional.
- Feito isso, haveria espaço para um eventual governo Temer operar uma flutuação cambial mais livre e confiável: só então os exportadores poderão esperar uma valorização gradual do Real ante o dólar, para a faixa dos R\$ 3,80 a R\$ 4,00.

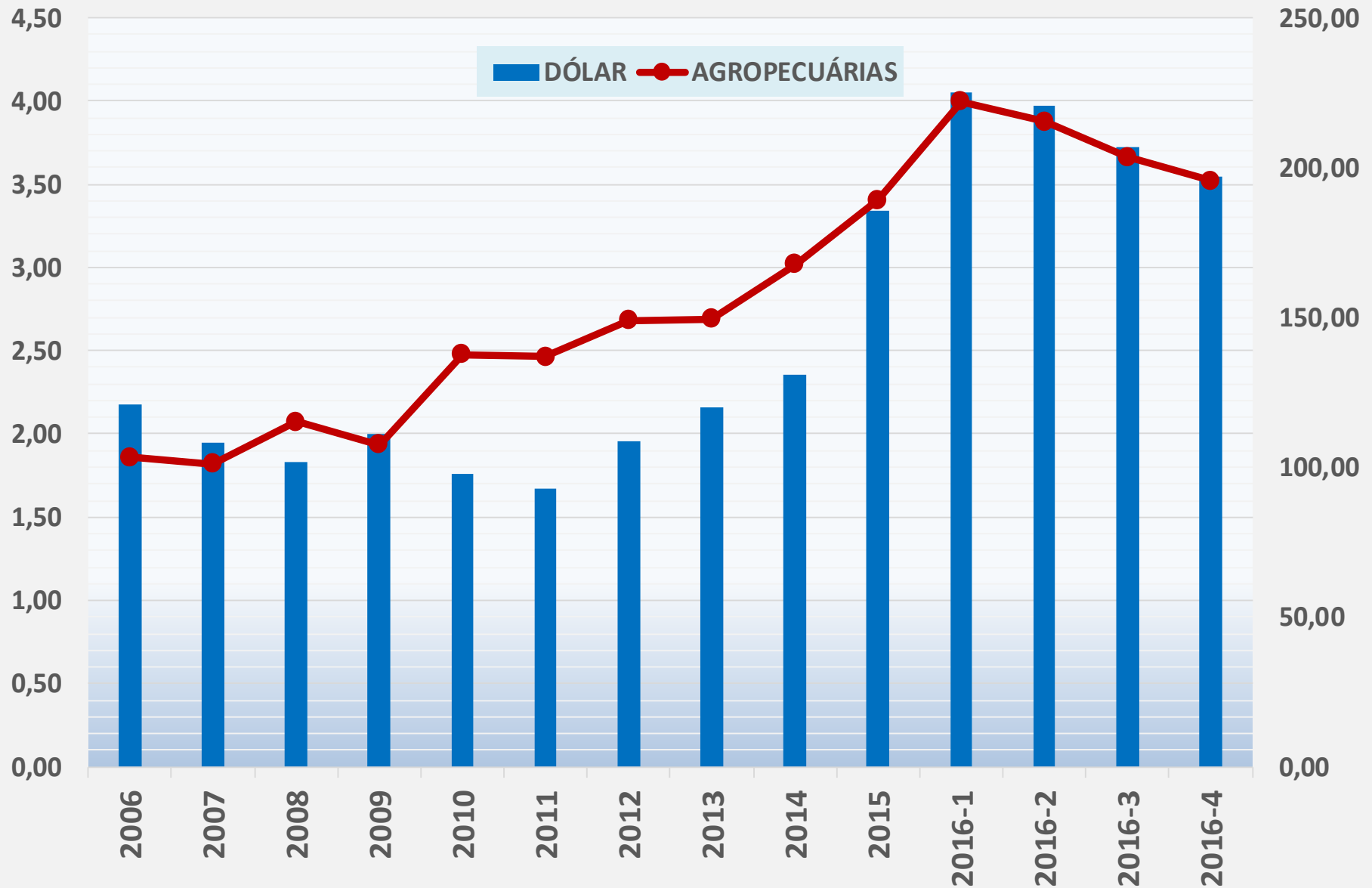
# COMMODITIES x TAXA DE CÂMBIO - BRASIL

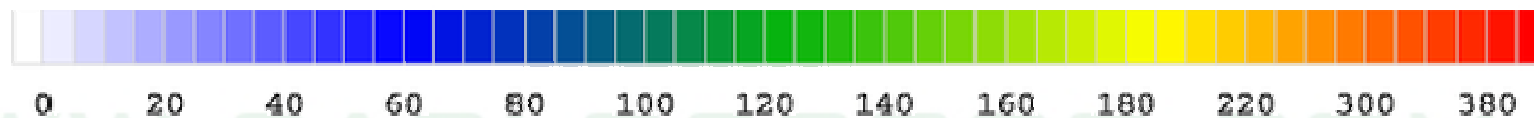
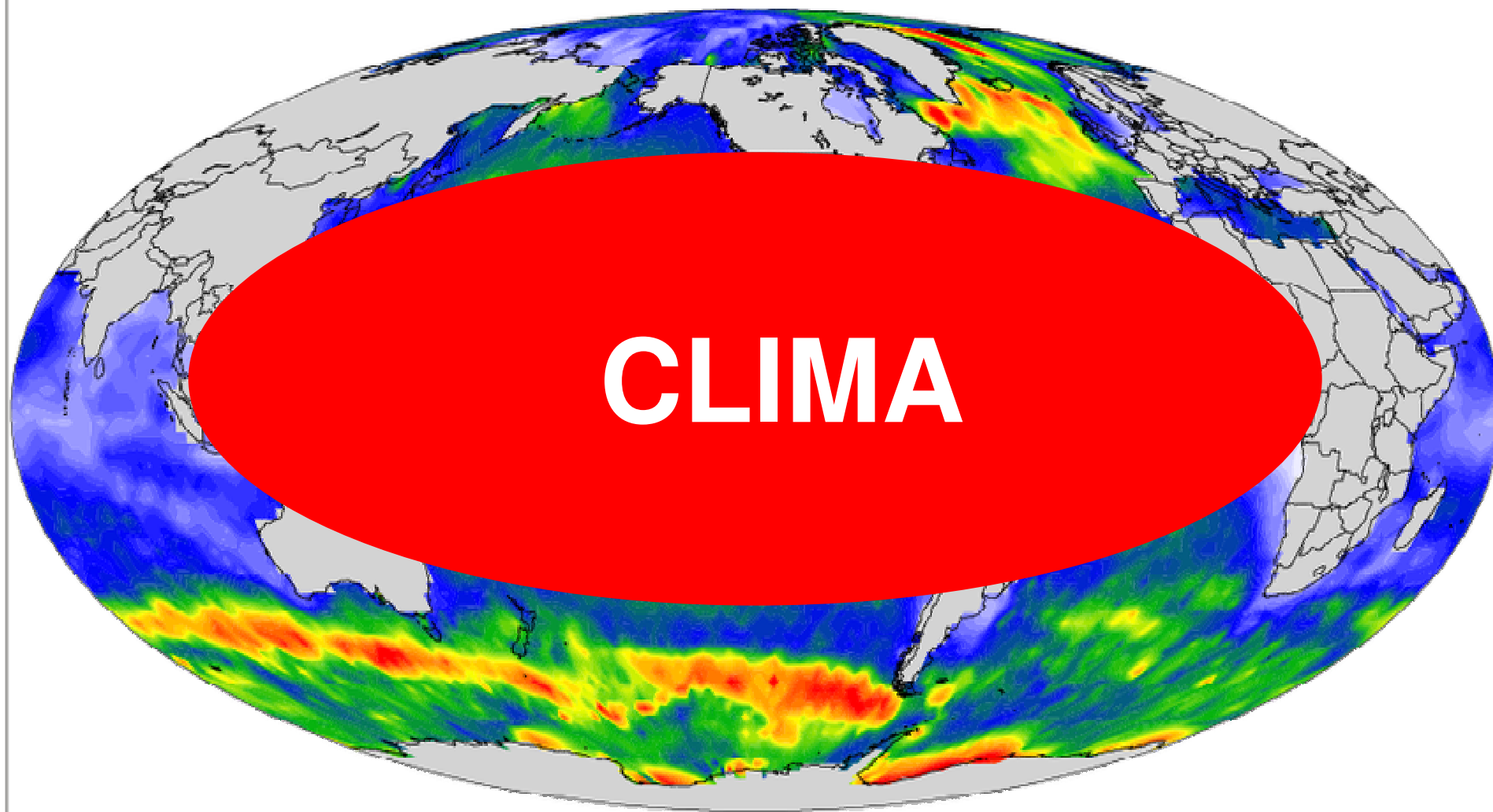
## IC-Br DEZ/2005 = 100





# COMMODITIES AGROPECUÁRIAS x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL IC-Br DEZ/2005 = 100





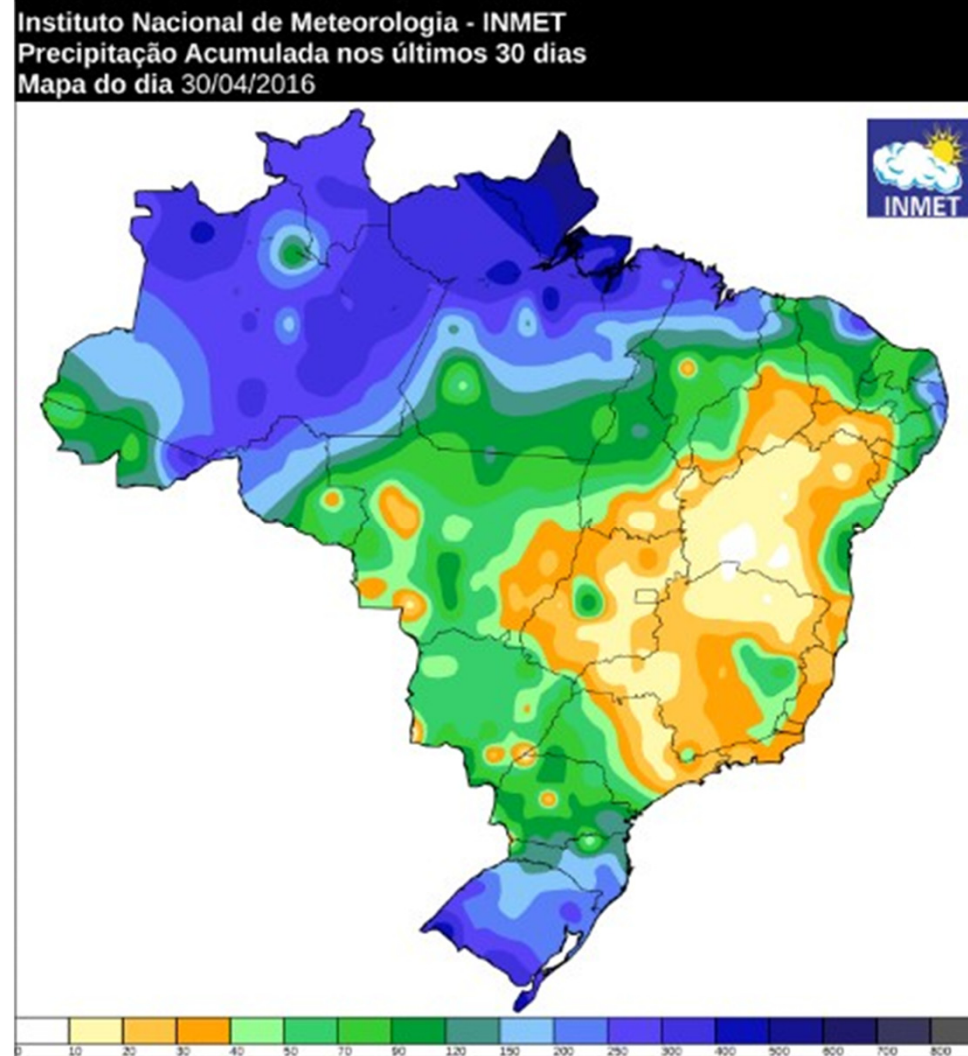
## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- Durante abril, os maiores totais de chuva (acima de 150 mm), estiveram localizados na Região Norte, parte norte e leste da Região Nordeste e Região Sul, exceto o do Paraná.
- No Rio Grande Sul e Santa Catarina, apesar destas chuvas ocorridas no fim do ciclo do milho (1ª safra) e da soja, as condições foram favoráveis às lavouras que estão em estágio de colheita.
- Porém, o excesso de chuva ao longo do plantio e do desenvolvimento do arroz irrigado reduziu a produção em relação à safra anterior no Rio Grande do Sul, bem como, atrasou a colheita em abril.
- Na região do Matopiba, os volumes de chuva foram abaixo da média histórica, principalmente no sul do Tocantins e centro-oeste baiano.
- No município de Santa Rita de Cássia, na Bahia, foi registrado 0,3 mm na estação meteorológica do Inmet, visto que a média histórica corresponde a 80 mm.
- A falta de chuvas ao longo do desenvolvimento da soja e milho (1ª safra) resultou na redução da produção em relação à safra anterior.

## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- No entanto, não afetou significativamente a cultura de arroz no sudoeste do Tocantins (irrigado) e centro do Maranhão, onde as condições, em abril, foram favoráveis às lavouras.
- Já na Região Sudeste e parte do Centro-Oeste, que abrange Goiás, sudeste do Mato Grosso e nordeste do Mato Grosso do Sul as chuvas foram inferiores a 40 mm.
- Durante as três primeiras semanas de abril as chuvas reduzidas aliadas a altas temperaturas foram relacionadas com a intensificação do sistema alta pressão subtropical do Atlântico Sul (ASAS), antecipando o fim da estação chuvosa na maior parte da área central do Brasil.
- Com isso, os produtores de milho 2ª safra destas regiões e do Paraná, estão em estado de atenção, pois haverá aumento na quebra de produtividade caso as chuvas não retornem.
- Esta situação pode ser amenizada devido ao enfraquecimento do bloqueio atmosférico na última semana de abril, que permitiu a entrada de uma frente fria, trazendo chuvas às regiões produtoras.

## PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM ABRIL (mm)

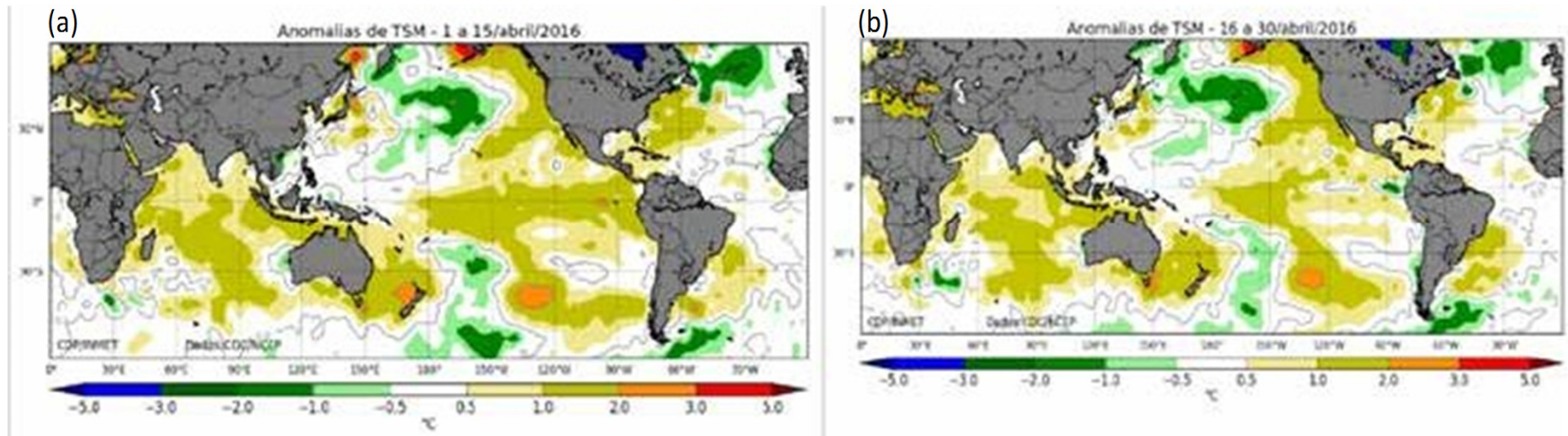


## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- O fenômeno El Niño encontra-se em declínio no Pacífico Equatorial, especialmente na área adjacente à costa da América do Sul (na região conhecida como Niño 1+2), em que ao longo das últimas semanas passou a apresentar uma anomalia de TSM negativa.
- A maioria dos modelos de previsão de TSM, como os do IRI (Research Institute for Climate Society), indicam que condições do El Niño continuarão enfraquecendo durante o resto do outono, com provável término no final do inverno, com chances de haver o desenvolvimento de um La Niña (resfriamento das águas do Pacífico Equatorial).
- Baseado nos impactos conhecidos historicamente do La Niña sobre o Brasil, tem-se chuvas abaixo da média na Região Sul, enquanto que nas regiões Norte e Nordeste são verificados aumentos nas chuvas.
- Os efeitos no regime de chuvas como consequência do La Niña, dependerá do comportamento da temperatura da superfície do mar (TSM), sua intensidade e localização, pois a temperatura do oceano Atlântico também interfere no clima, contribuindo ou não para a atuação dos sistemas meteorológicos locais.

## ANOMALIA DE TSM EM 2016

### 1ª QUINZENA DE ABRIL x 2ª QUINZENA DE ABRIL



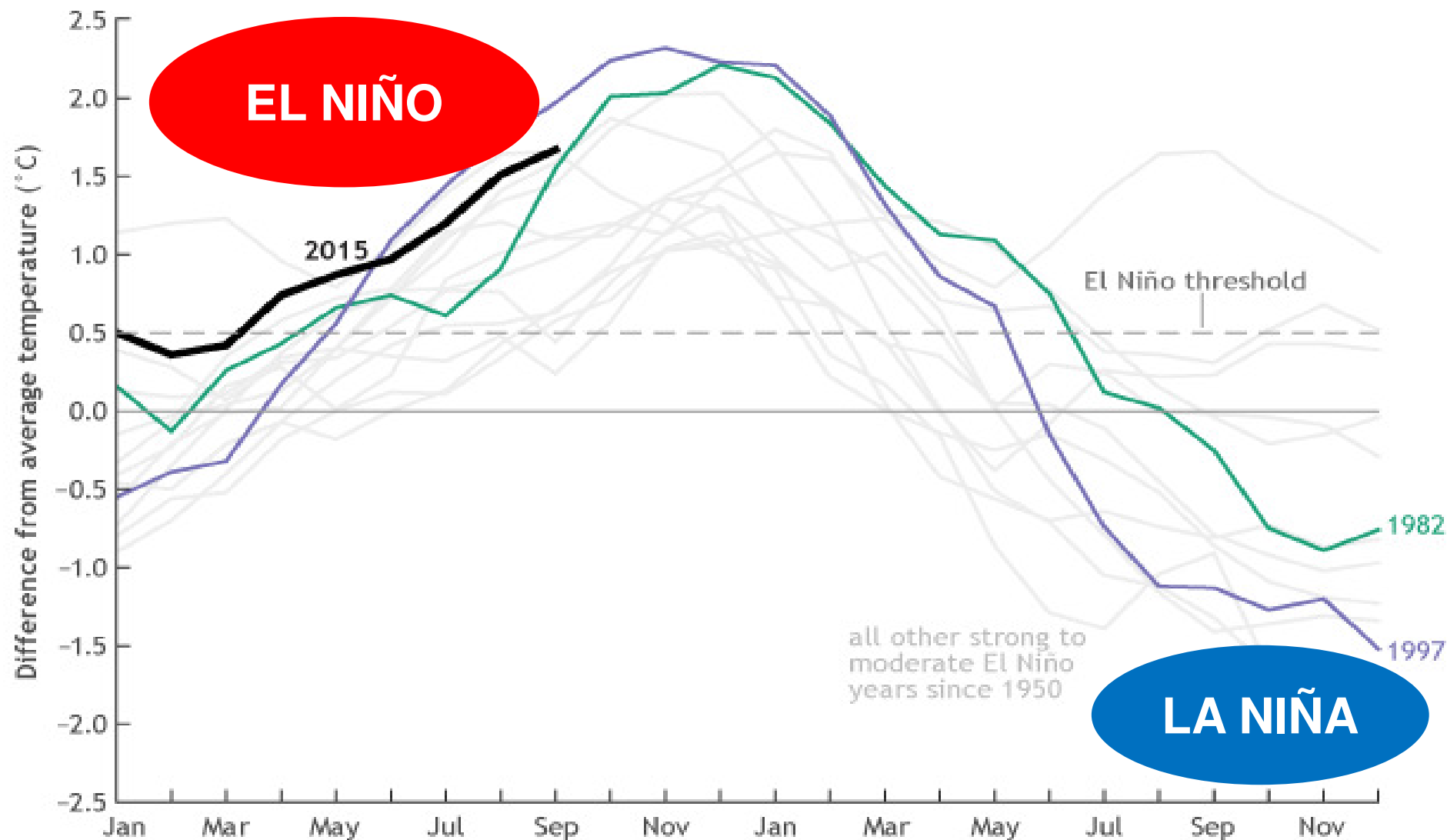
## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- O fenômeno provoca uma reversão no rumo dos ventos a partir do resfriamento das águas no Oceano Pacífico, afetando e provocando alteração no regime climático em todo o mundo.
- Diante do enfraquecimento do fenômeno El Niño, que parte do mesmo princípio (mudança da temperatura no oceano), o Departamento indicou que foram confirmados cinco de oito padrões estudados para determinar a probabilidade de incidência do La Niña.
- As temperaturas abaixo da superfície no Oceano Pacífico, exceto na faixa superior de 50 metros, têm recuado desde o final de 2015, atingindo níveis abaixo do normal, o que reforça a possibilidade do fenômeno ocorrer, segundo o Departamento.
- Ainda assim, as projeções realizadas neste período do ano tendem a ser menos precisas do que as medições em outros períodos.
- Um cenário mais claro deve emergir nos próximos meses.
- O La Niña, historicamente, oferece risco à produção de milho, soja, trigo, açúcar, algodão e café e, nos anos em que o El Niño foi sucedido por La Niña, houve alta nos preços agrícolas globais.

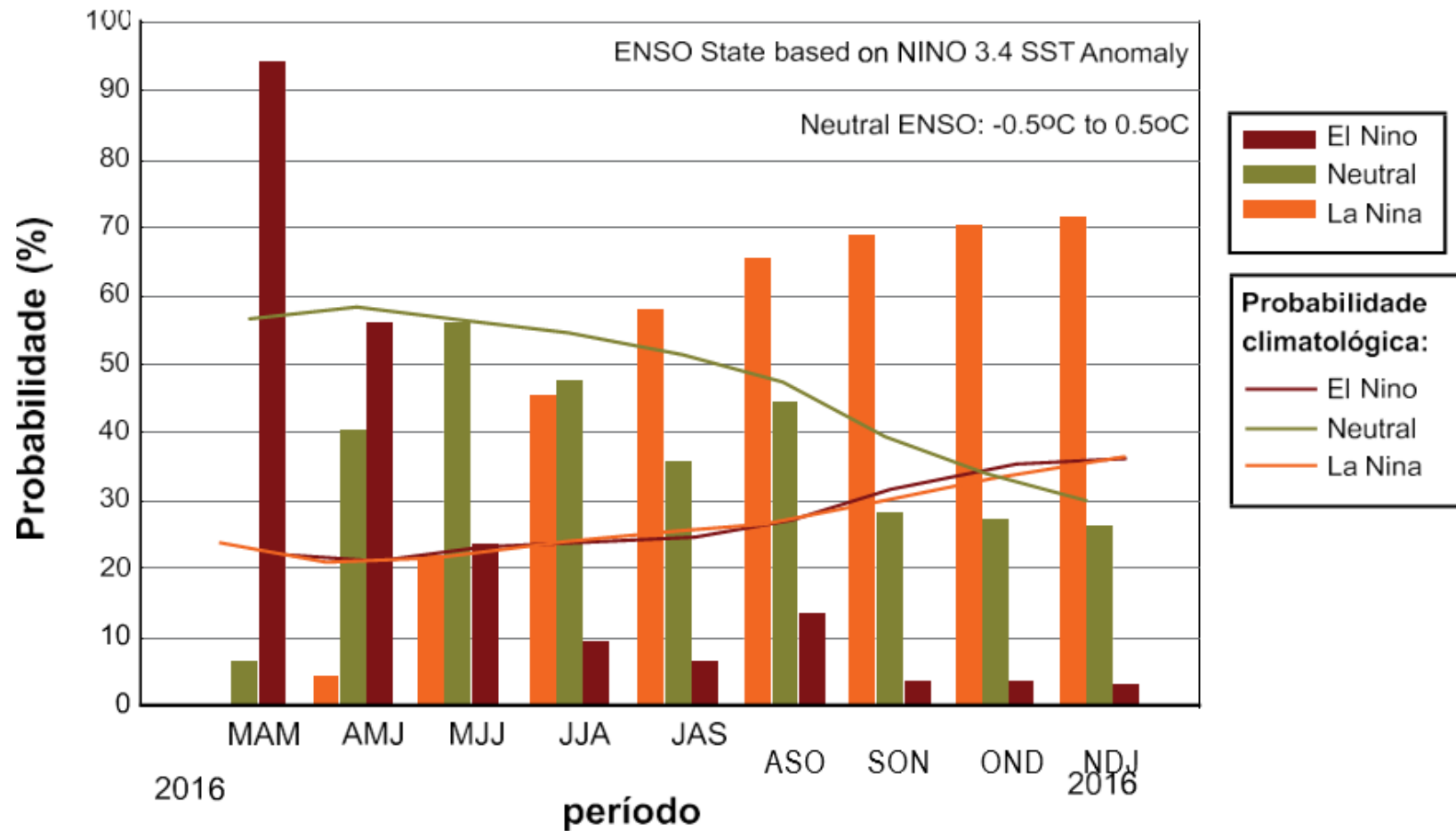


# EL NIÑOS FORTES -> LA NIÑAS

Monthly sea surface temperature Niño 3.4 Index values



## PROBABILIDADE CLIMATOLÓGICA: EL NIÑO x LA NIÑA



Fonte: IRI

## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- O La Niña consiste em uma alteração cíclica das temperaturas médias do Oceano Pacífico, sendo observado principalmente nas águas localizadas na porção central e leste desse oceano.
- Essa transformação é capaz de modificar uma série de outros fenômenos, como a distribuição de calor, concentração de chuvas, formação de secas e a pesca.
- O efeito La Niña está ligado ao resfriamento das temperaturas médias das águas do Oceano Pacífico, representando exatamente o oposto do fenômeno El Niño, que produz aquecimento anormal de temperaturas.
- O fenômeno La Niña ocorre nos intervalos entre o El Niño e a situação de normalidade das temperaturas do Oceano Pacífico.
- Ele diminui a quantidade de chuvas do litoral do Chile, Peru e Equador, pois com o aumento da velocidade dos ventos alísios, a formação de nuvens acaba dispersa em direção à Oceania e Indonésia.
- A Austrália, por exemplo, possui um aumento considerável de suas chuvas durante a ocorrência do La Niña.

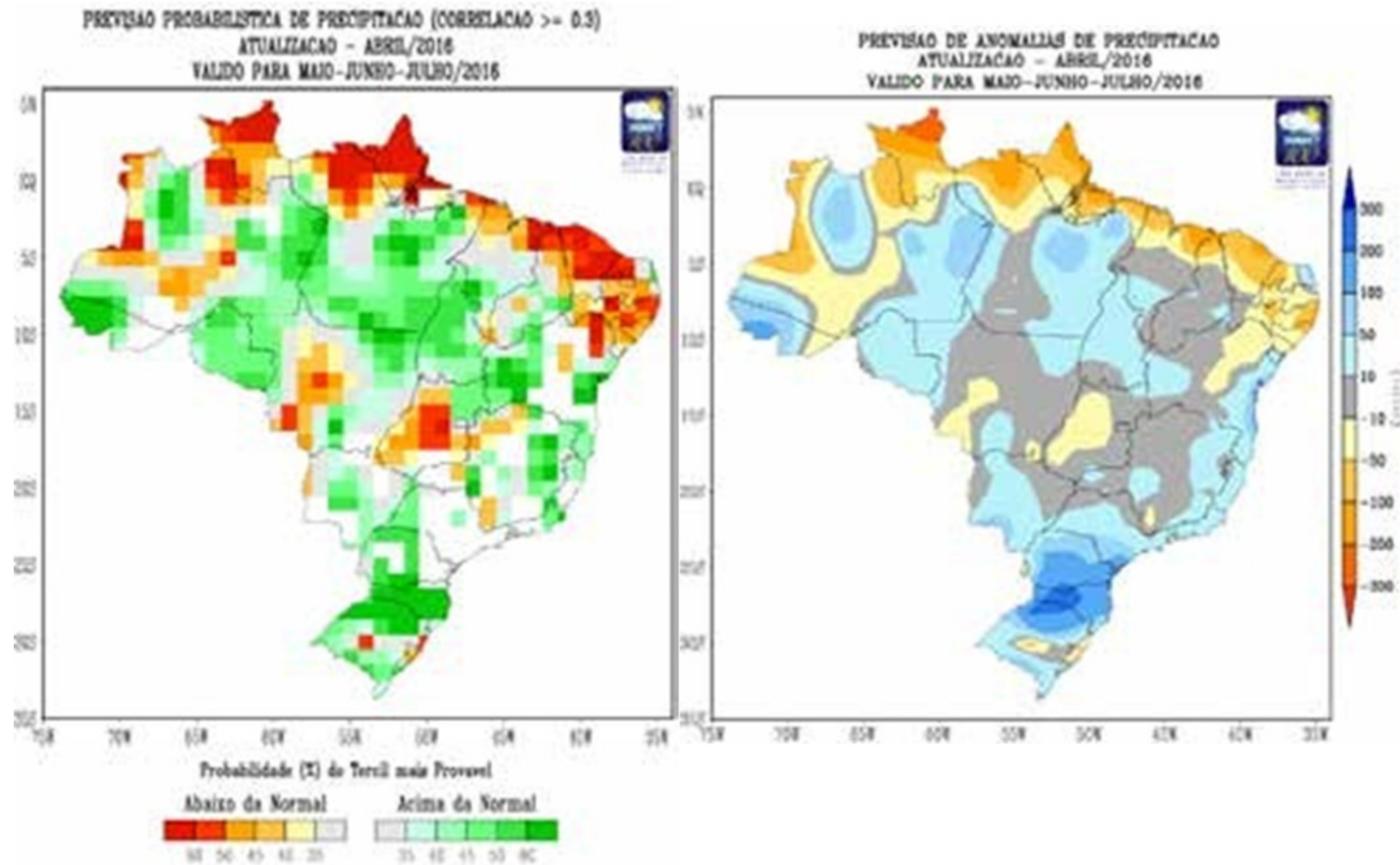
## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- No Brasil, o La Niña provoca estiagem nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e principalmente Sul.
- No Nordeste e na Região Amazônica são verificados aumentos na intensidade das estações chuvosas, podendo até mesmo justificar cheias mais expressivas de alguns rios amazônicos e de enchentes mais vigorosas no litoral nordestino.
- Tomando como referência o último evento La Niña, ocorrido entre os anos de 2010 e 2012, é possível verificar algumas de suas consequências para o clima e a economia, em especial para as atividades agrícolas.
- No caso da produção de cana-de-açúcar, a redução das chuvas no Centro-Sul ajudou a diminuir a safra desse cultivo, o que também pôde ser sentido no aumento dos preços do etanol.
- A formação deste fenômeno está confirmada.
- A neutralidade climática do inverno poderá ser pouco duradoura e o fenômeno La Niña poderá influenciar a atmosfera já a partir da primeira metade da primavera 2016.

## **CLIMA: PROGNÓSTICOS TRIMESTRE MAIO-JULHO**

- Os mapas do modelo climático estatístico do Inmet indicam que nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste predominam as áreas com maior probabilidade de os totais pluviométricos no trimestre maio-junho-julho/2016 ocorrerem na categoria dentro da faixa normal ou acima da média, exceto no oeste de Goiás e sudoeste do Mato Grosso.
- O mapa de anomalias previstas de precipitação não apresenta desvios muito acentuados, tanto nas áreas acima quanto abaixo da média.
- Contudo, no início do trimestre devem predominar chuvas sobre a Região Sudeste, exceto no noroeste de Minas Gerais.
- Na Região Sul, as probabilidades indicam que devem prevalecer as áreas com totais acima da média do trimestre, principalmente no noroeste do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina, onde as chuvas podem exceder entre 200 mm e 300 mm acima da média.
- Na área que compreende o norte e o leste da Região Nordeste, a previsão indica maior probabilidade do total trimestral de chuva ocorrer na categoria abaixo da normal climatológica, alterando a qualidade da estação chuvosa do litoral do Rio Grande do Norte ao nordeste da Bahia.

## Previsão climática probabilística e anomalias de precipitação para o trimestre Maio-Julho/2016



Fonte: Inmet.

## **CLIMA: PROGNÓSTICOS TRIMESTRE MAIO-JULHO**

- Na Região do Matopiba, existe maior probabilidade da ocorrência de precipitação um pouco acima da faixa normal climatológica.
- Para o centro-oeste do Amazonas, norte do Pará, Roraima e Amapá, a previsão indica maior probabilidade dos totais pluviométricos no trimestre ocorrerem na categoria abaixo da normal climatológica.
- Nas demais áreas da Região Norte as chuvas podem exceder entre 50 mm e 100 mm acima da média.
- As previsões de temperatura média indicam uma forte probabilidade de que apresentem desvios positivos em relação à média do período em todo o Brasil, com desvios mais acentuados no centro- norte do país.
- No Rio Grande do Sul, oeste de Mato Grosso do Sul e Paraná e parte de Santa Catarina, a tendência de maio a julho é o predomínio de temperaturas médias dentro do padrão climatológico.
- Nesta época do ano é muito comum ocorrer entrada de massas de ar, porém com o enfraquecimento do El Niño, podem ocorrer dias com declínios significativos de temperatura e ocorrência de geadas mais intensas com relação ao ano passado – que teve inverno atípico.

## **CLIMA: PROGNÓSTICOS PARA O INVERNO-OUTONO**

- O inverno deste ano deve ser mais frio e menos chuvoso que o do ano passado, que teve a influência direta do El Niño.
- O indicativo é que em 2016 tenhamos uma estação mais próxima do padrão normal, ou seja, com ondas de frio e episódios de chuvas mais intercalados.
- Isso se deve ao enfraquecimento do El Niño e, na sequência, possivelmente, ao início de uma fase de resfriamento das águas do Pacífico a partir da parte leste.
- Esse padrão, mesmo sem garantir condições ideais, deve beneficiar as culturas agrícolas de inverno do sul do Brasil, como trigo, cevada e as frutas de clima temperado.
- Vale lembrar que na safra passada as lavouras de inverno foram fortemente castigadas, ora pelo excesso de chuva, ora pelo calor e frio fora de época, ora por tempestades de vento e granizo.
- Sem dúvida, a estação neste ano deve ser mais fresca que a do ano passado, inclusive com maior número de ondas de frio e episódios de geadas, muito embora sem previsão de inverno rigoroso.



## **CLIMA: PROGNÓSTICOS PARA O INVERNO-OUTONO**

- Em contrapartida, o indicativo de um inverno mais frio e com geadas representa uma condição não muito favorável às pastagens no Sul, podendo afetar a pecuária, beneficiada pelo clima nos últimos invernos.
- Para as regiões Sudeste e Centro-Oeste, tanto o outono como o inverno devem apresentar condições climáticas muito próximas das médias climatológicas, ou seja, sem previsões de extremos, o que, em geral, beneficia as culturas de café, cana-de-açúcar e citros.
- Porém, deve se ressaltar que o fato de vir a ter um inverno mais seco neste ano no Sudeste e Centro-Oeste, diferentemente do ano passado, pode prejudicar o desenvolvimento das pastagens, com riscos para os setores de produção de carne, leite e também para hortifrútiis.
- Para o outono, a principal mudança no comportamento do clima que devemos sentir neste ano se refere à redução da temperatura e da chuva.
- No Sul do Brasil, o outono de 2016 deve ter temperaturas mais baixas que no outono passado, que foi anormalmente quente, por causa do El Niño.

## **CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017**

- A falta de chuvas em diferentes regiões brasileiras deverá reduzir a produtividade da 2ª safra de milho 2015/2016.
- Nos principais estados produtores, as perdas são estimadas neste momento em, pelo menos, 12%.
- Isso significaria perdas entre 5,5 e 7,5 milhões de toneladas.
- Cerca de 40% da 2ª safra brasileira estão em níveis diferentes de déficit de umidade e, se esse padrão persistir, provocará uma redução maior na produtividade, principalmente no milho plantado mais tarde.
- Os estados mais afetados até este momento são Mato Grosso do Sul, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Minas Gerais e São Paulo.
- Há alguns municípios, afinal, onde a estiagem se estendeu por 40 dias.
- A seca em abril coincidiu com as fases de florescimento e enchimento de grãos, o que agrava ainda mais a situação.
- As lavouras que já não possuem potencial de recuperação são aquelas que estão nas fases de floração e enchimento de grãos.

## BRASIL: ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE POR CULTURA AGRÍCOLA

ANO-SAFRA			06/07	07/08	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15	15/16	VAR 15-16/14-15 (%)
ANO DA COLHEITA			2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016*	
TOTAL GRÃOS	ÁREA	mil ha	46.213	47.411	47.674	47.416	49.873	50.520	53.476	56.959	58.520	59.037	0,9%
	PRODUÇÃO	mil t	131.751	144.137	135.135	149.255	162.803	164.778	188.642	193.578	213.426	203.422	-4,7%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2,851	3,040	2,835	3,148	3,264	3,262	3,528	3,399	3,647	3,446	-5,5%
ALGODÃO CAROÇO	ÁREA	mil ha	1.097	1.077	843	836	1.400	1.393	894	1.122	976	960	-1,6%
	PRODUÇÃO	mil t	2.384	2.505	1.891	1.843	3.229	3.019	2.019	2.671	2.349	2.165	-7,8%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.173	2.325	2.242	2.205	2.306	2.166	2.257	2.381	2.406	2.255	-6,3%
ARROZ	ÁREA	mil ha	2.967	2.875	2.909	2.765	2.820	2.427	2.400	2.373	2.295	1.988	-13,4%
	PRODUÇÃO	mil t	11.316	12.074	12.603	11.661	13.613	11.599	11.820	12.122	12.436	10.953	-11,9%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.813	4.200	4.332	4.218	4.827	4.779	4.926	5.108	5.419	5.511	1,7%
FEIJÃO TOTAL 3 SAFRAS	ÁREA	mil ha	4.088	3.993	4.148	3.662	3.990	3.261	3.075	3.366	3.040	3.030	-0,3%
	PRODUÇÃO	mil t	3.340	3.521	3.491	3.323	3.733	2.915	2.806	3.454	3.115	3.182	2,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	817	882	842	907	936	894	912	1.026	1.025	1.050	2,5%
MILHO 1ª SAFRA	ÁREA	mil ha	9.494	9.636	9.271	7.724	7.638	7.560	6.783	6.618	6.142	5.489	-10,6%
	PRODUÇÃO	mil t	36.597	39.964	33.655	34.079	34.947	33.869	34.577	31.653	30.082	27.047	-10,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.855	4.148	3.630	4.412	4.576	4.480	5.097	4.783	4.898	4.928	0,6%
MILHO 2ª SAFRA	ÁREA	mil ha	4.561	5.130	4.901	5.270	6.168	7.620	9.046	9.211	10.220	11.108	8,7%
	PRODUÇÃO	mil t	14.773	18.688	17.349	21.939	22.460	39.113	46.929	48.399	60.484	53.367	-11,8%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.239	3.643	3.540	4.163	3.641	5.133	5.188	5.254	5.918	4.804	-18,8%
MILHO TOTAL	ÁREA	mil ha	14.055	14.766	14.172	12.994	13.806	15.180	15.829	15.829	16.362	16.597	1,4%
	PRODUÇÃO	mil t	51.370	58.652	51.004	56.018	57.407	72.982	81.506	80.052	90.566	80.413	-11,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.655	3.972	3.599	4.311	4.158	4.808	5.149	5.057	5.535	4.845	-12,5%
SOJA	ÁREA	mil ha	20.687	21.313	21.743	23.468	24.181	25.042	27.736	30.173	32.093	33.161	3,3%
	PRODUÇÃO	mil t	58.392	60.018	57.166	68.688	75.324	66.383	81.499	86.121	96.228	97.368	1,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.823	2.816	2.629	2.927	3.115	2.651	2.938	2.854	2.998	2.936	-2,1%
TRIGO	ÁREA	mil ha	1.758	1.852	2.396	2.428	2.150	2.166	2.210	2.758	2.451	2.077	-15,3%
	PRODUÇÃO	mil t	2.234	4.097	5.884	5.026	5.882	5.789	5.528	5.971	5.448	6.024	10,6%
	RENDIMENTO	Kg/ha	1.271	2.212	2.456	2.070	2.736	2.672	2.502	2.165	2.222	2.901	30,5%
OUTROS GRÃOS	ÁREA	mil ha	1.561	1.535	1.463	1.264	1.525	1.050	1.331	1.339	1.303	1.225	-5,9%
	PRODUÇÃO	mil t	2.716	3.271	3.097	2.696	3.616	2.092	3.465	3.188	3.284	3.315	0,9%
	RENDIMENTO	Kg/ha	1.740	2.130	2.117	2.134	2.371	1.992	2.603	2.382	2.521	2.706	7,3%

Fontes: CONAB, IBGE e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

\* 2015/2016: PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

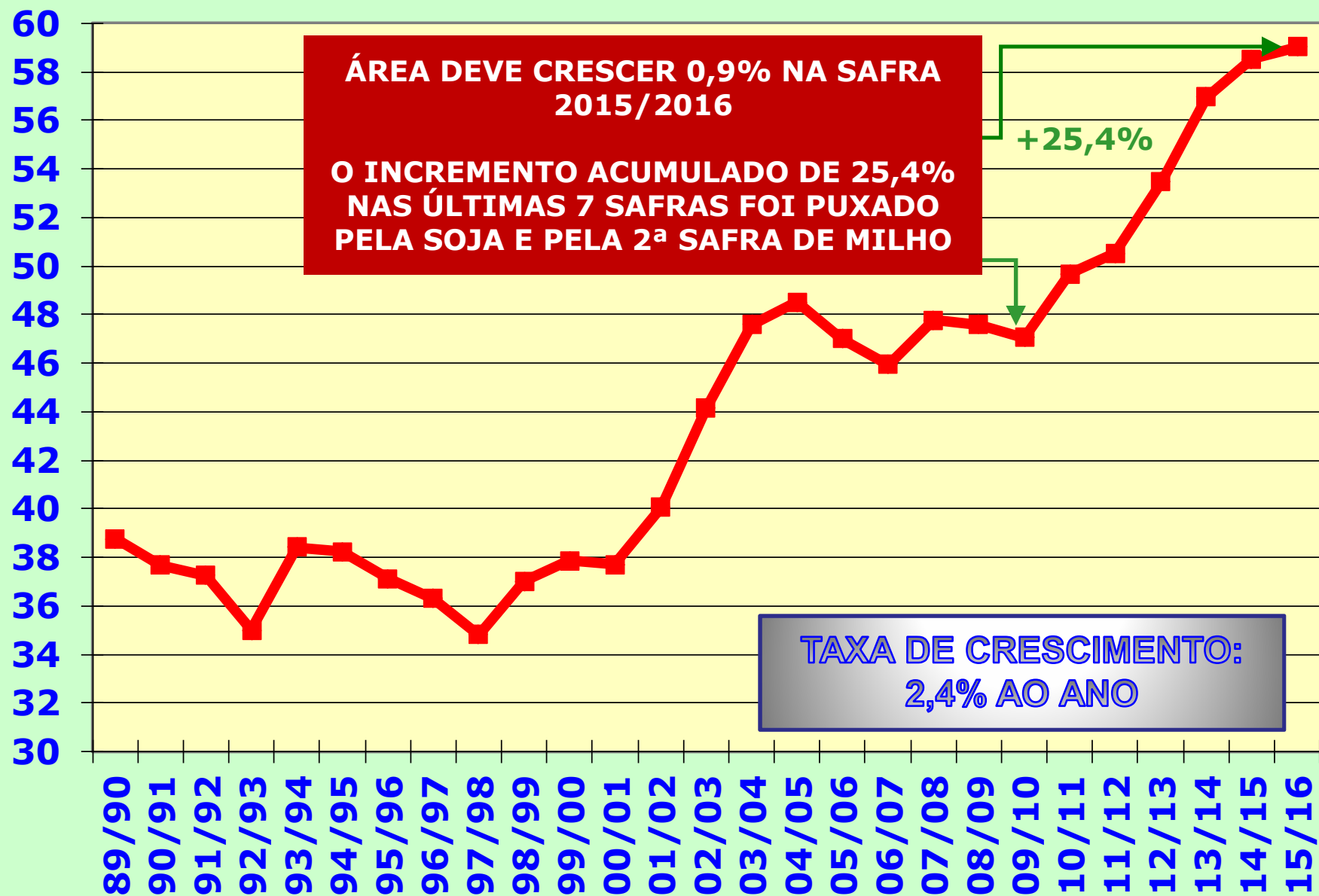
## **BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2015/2016**

- Neste 14º levantamento da nossa Consultoria para a safra de grãos 2015/2016, a projeção é de uma produção de 203,4 milhões de toneladas, 3,5% abaixo das 210,9 milhões de toneladas projetadas em abril e 4,7% abaixo da temporada anterior (2014/2015), que foi de 213,4 milhões de toneladas.
- A redução da projeção decorreu das quebras de safras de soja, milho 1ª safra, milho 2ª safra e arroz.
- As quebras mais acentuadas ocorreram na região do Matopiba e do Centro-Oeste, reduzindo a safra de soja de 99,6 milhões de toneladas previstos em abril, para 97,3 milhões de toneladas.
- Embora tenha ocorrido um expressivo incremento de 8,7% na área de cultivo da 2ª safra de milho, a forte estiagem no mês de abril provocou uma expressiva redução na projeção de produção, para 53,3 milhões de toneladas, contra 58,8 milhões de toneladas previstas em abril.
- Para o arroz, a safra está estimada em 10,9 milhões de toneladas, queda de 11,9% sobre a anterior, com as quebras na Região Sul.

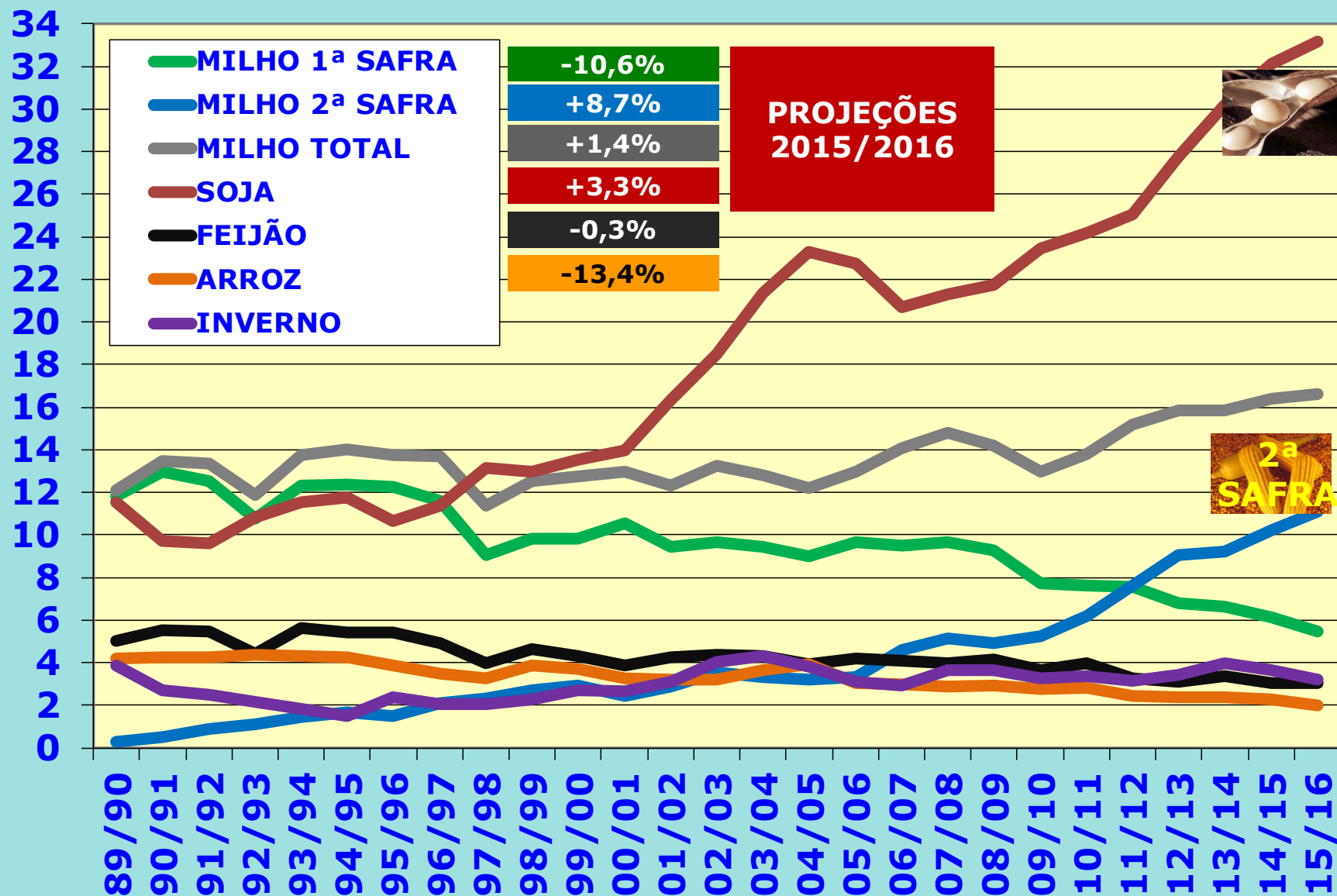
## **BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2015/2016**

- A área de cultivo de grãos deverá crescer 0,9% em 2015/2016, para 59,0 milhões de hectares, uma expansão de 0,5 milhão de hectares em relação aos 58,5 milhões de hectares de 2014/2015.
- Ocorreu redução de área em praticamente todos os cultivos de verão (1ª safra), com a expansão concentrada na soja, cuja área cresceu 3,3% em 2015/2016, para 33,1 milhões de hectares (acrécimo de 1,06 milhão de hectares sobre 2014/2015).
- O avanço da área de soja e a forte expansão da área de cultivo de milho na 2ª safra (inverno) compensaram os recuos na 1ª safra (verão) nas culturas de milho, feijão, arroz e algodão, bem como da projeção de retração da área de trigo a ser plantada em 2016.
- A área de cultivo de trigo deve recuar 15,3% em 2016, com quedas previstas em 13,6% no Paraná e 20,0% no Rio Grande do Sul.
- As duas últimas safras de trigo foram afetadas por adversidades climáticas e o retorno da Argentina como grande produtor e exportador global também pesa sobre a decisão dos produtores brasileiros.

# BRASIL: ÁREA DE CULTIVO DE GRÃOS MILHÕES DE HECTARES

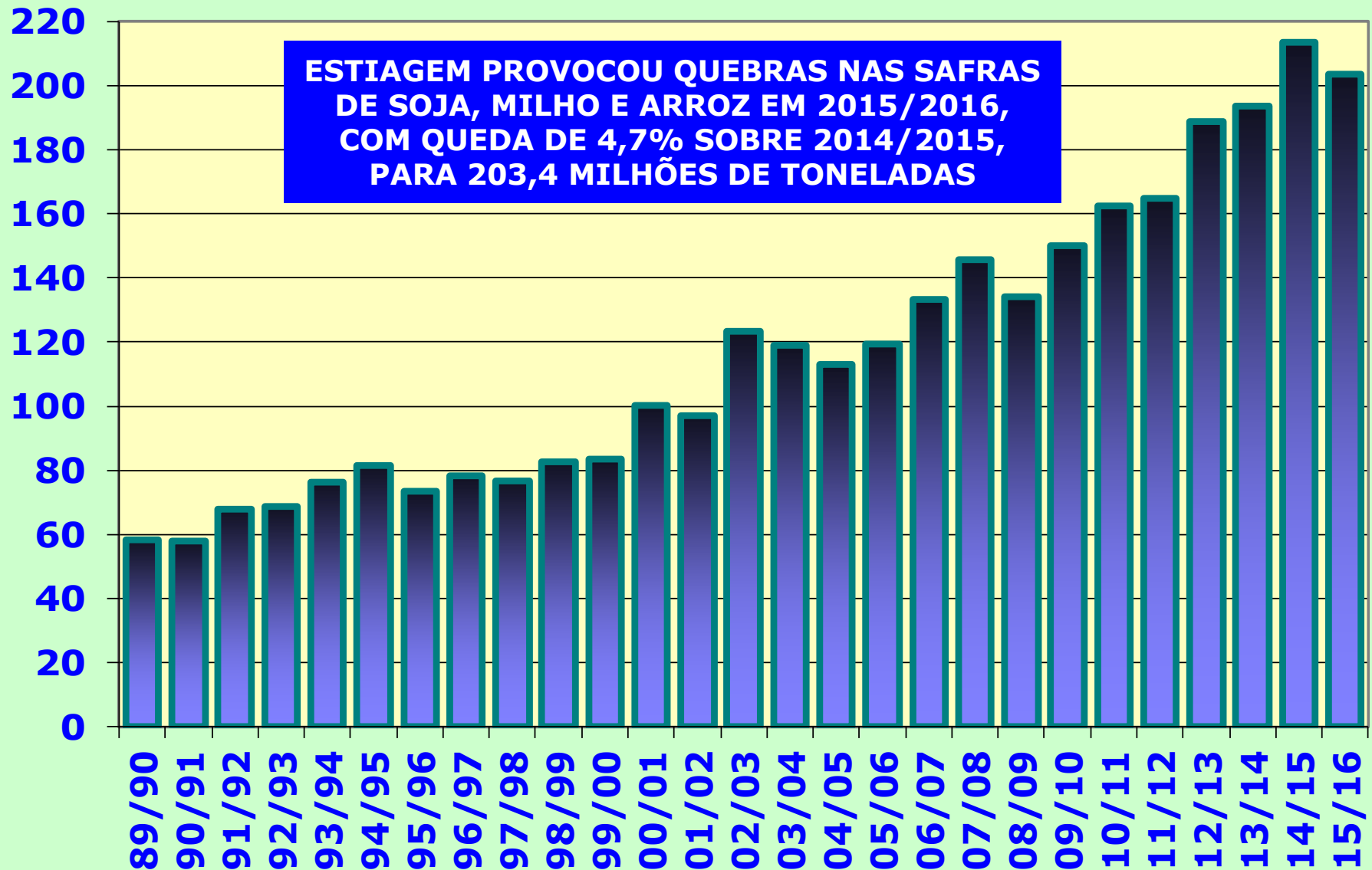


# GRÃOS: EVOLUÇÃO DA ÁREA POR CULTURAS - MILHÕES DE HECTARES



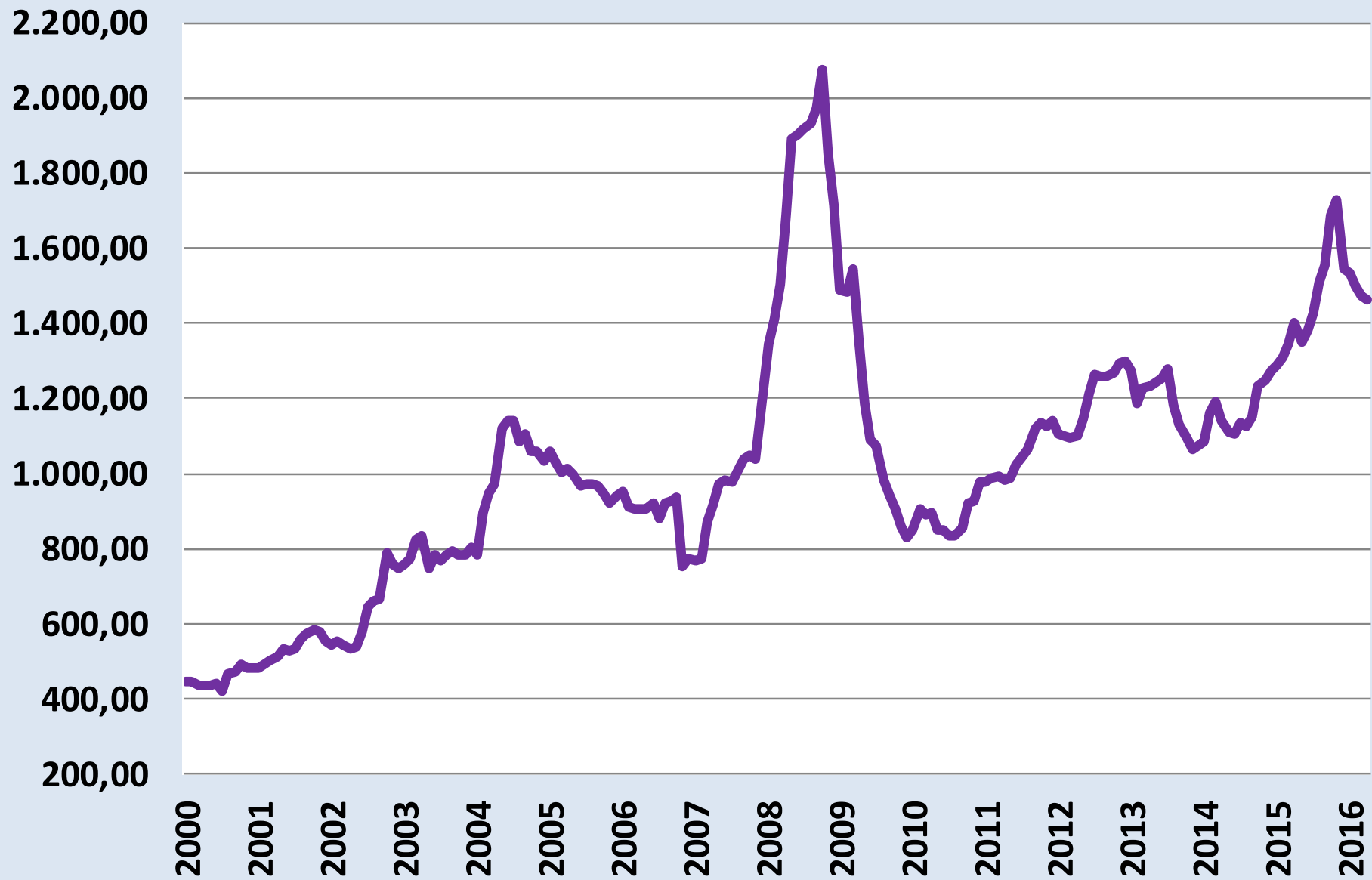
# BRASIL: PRODUÇÃO DE GRÃOS

## MILHÕES DE TONELADAS

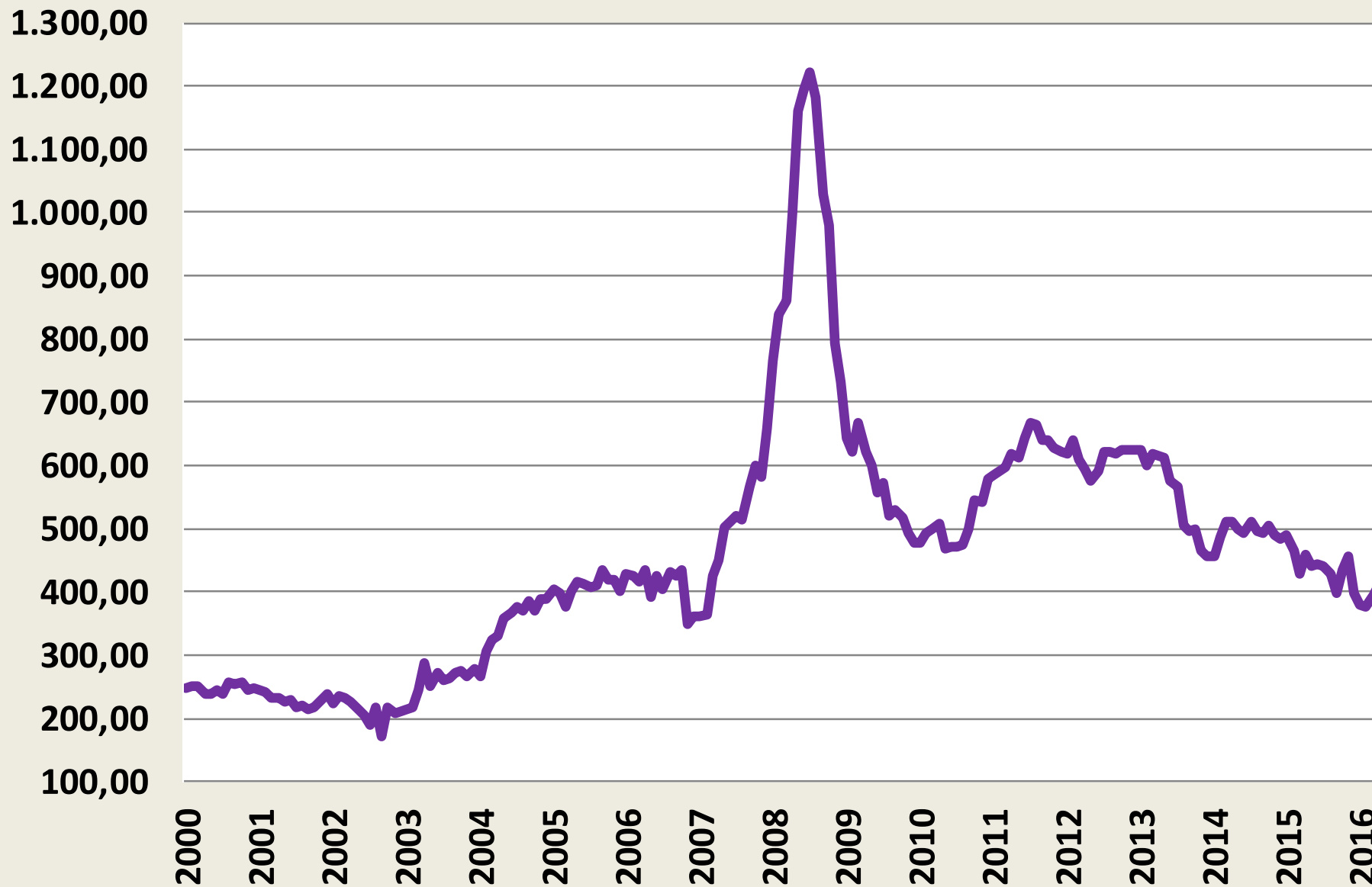




# ADUBO 4-20-20: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



## ADUBO 4-20-20: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



## CLORETO DE POTÁSSIO: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



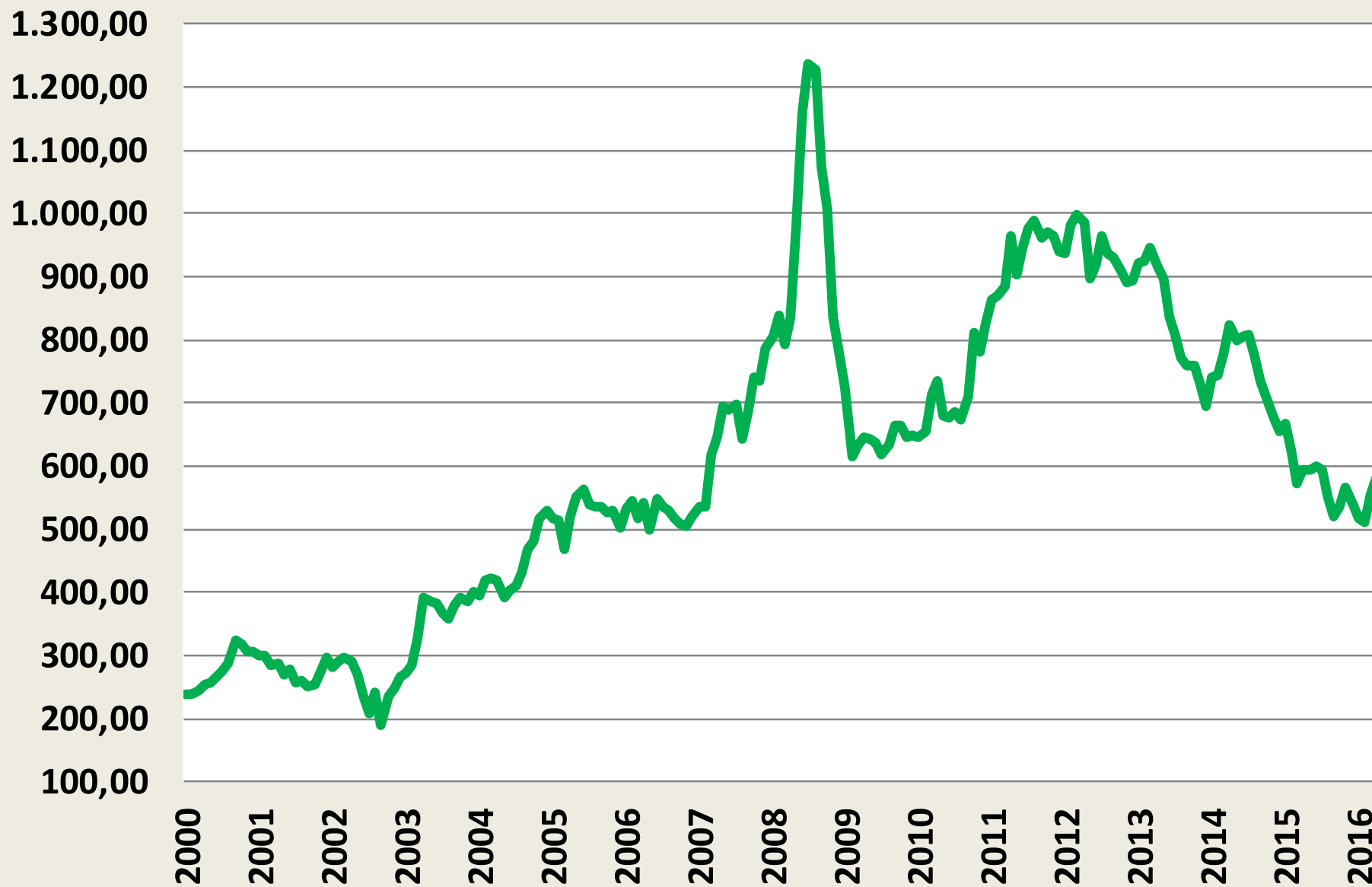
## CLORETO DE POTÁSSIO: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



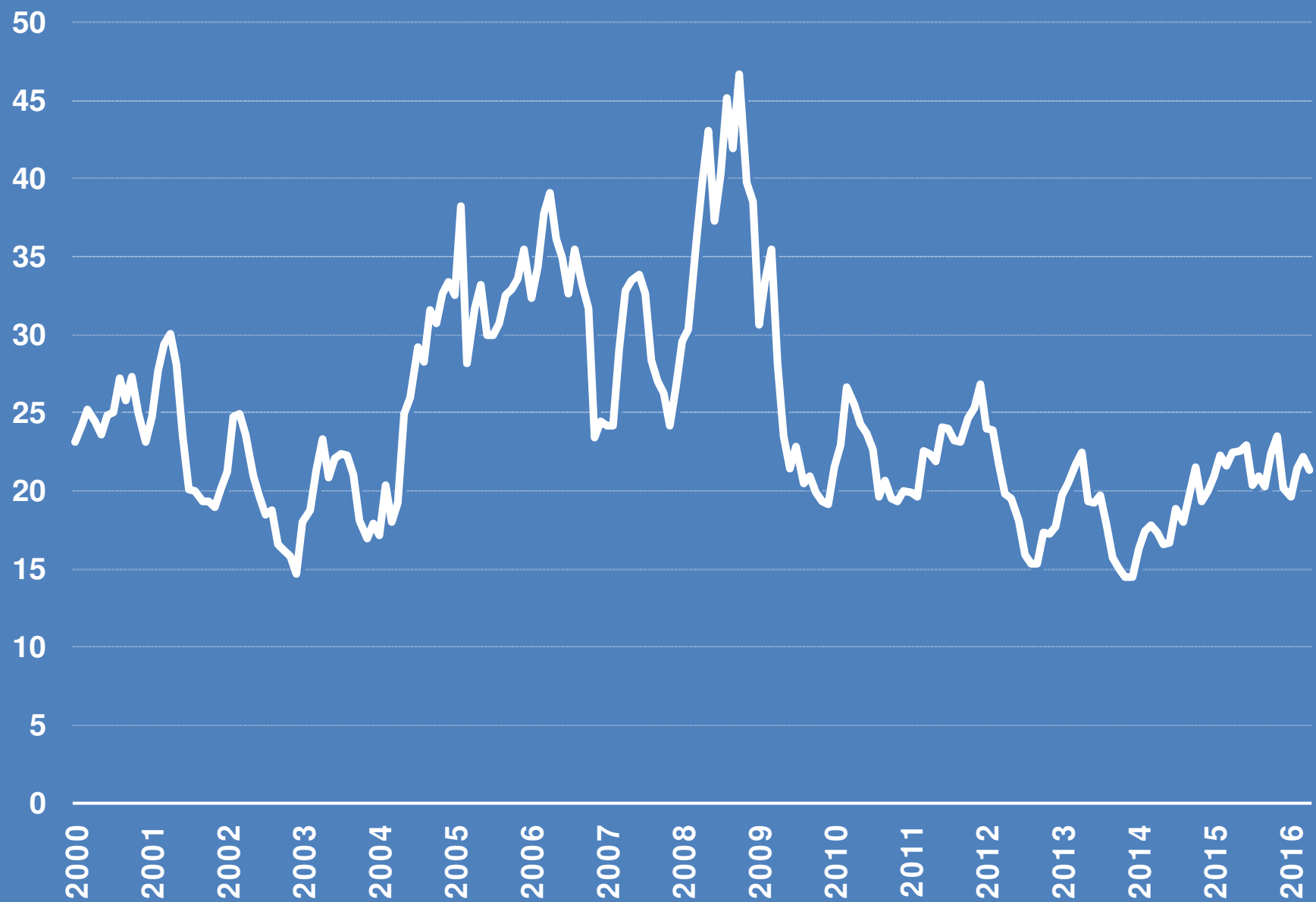
# UREIA: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



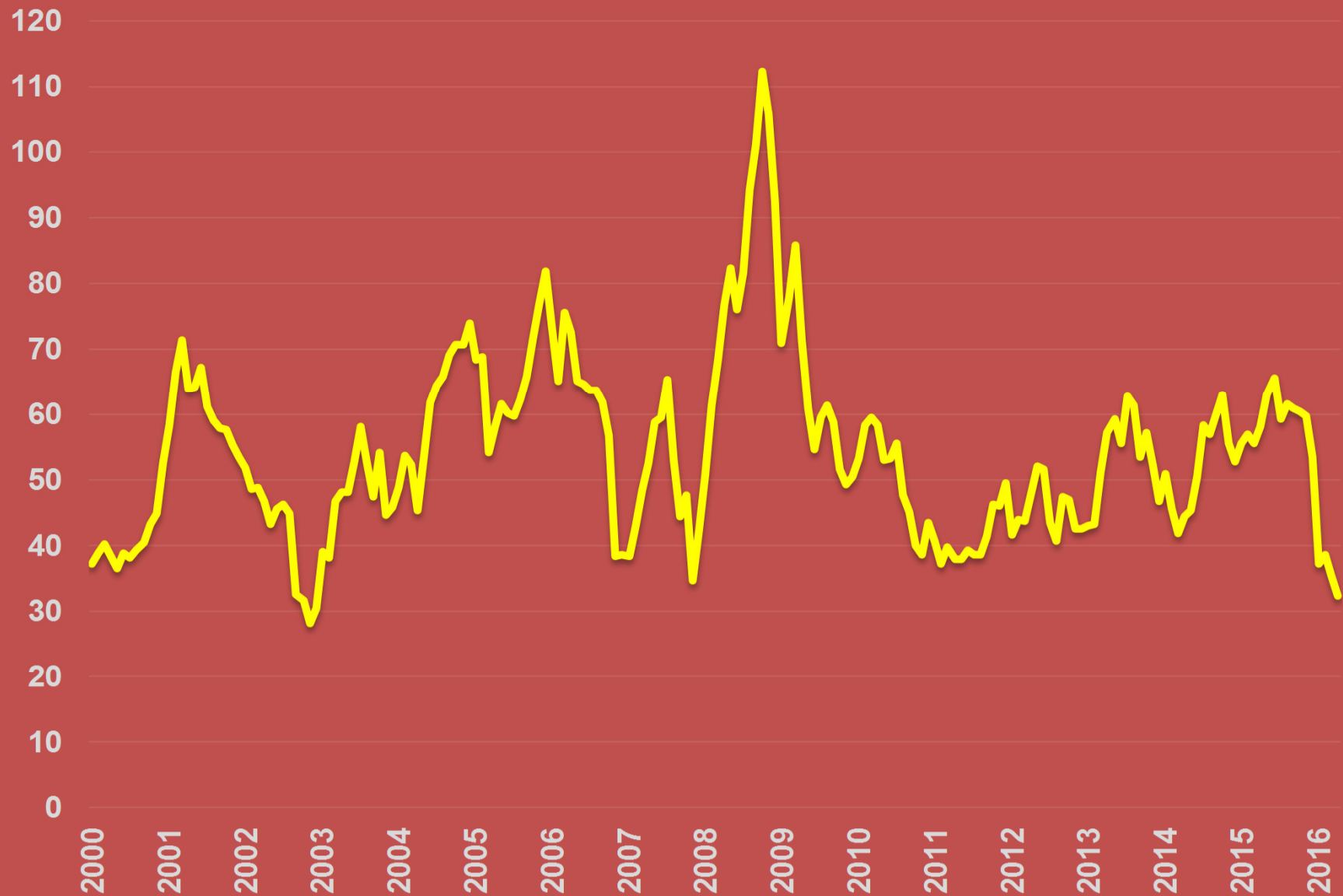
# UREIA: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



## SACAS DE SOJA PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FERTILIZANTES - MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL



## SACAS DE MILHO PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FERTILIZANTES - MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL







## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A tendência é altista para os preços da soja no mercado brasileiro, com a alta dos futuros em Chicago, exportações aquecidas, demanda interna firme por farelo e óleo e quebras confirmadas na safra da Argentina.
- Os preços da soja em grão seguem em alta no Brasil, impulsionados pelas maiores demandas doméstica e internacional e também pela retração vendedora.
- Na Argentina, a avaliação preliminar é que a safra deve cair de 60 milhões de toneladas para 55 milhões de toneladas.
- Como o país é o maior exportador global de farelo e óleo de soja, poderá haver desvio de demanda para Estados Unidos e Brasil.
- No Brasil, as quebras de safra no Matopiba (MA, PI, TO e BA) e algumas áreas do Centro-Oeste devem reduzir a safra de 102,6 milhões de toneladas previstos em março para 97,3 milhões de toneladas.
- As perdas mais acentuadas ocorreram no PI, MA, TO, BA e MT.
- Nos Estados Unidos, os produtores estão receosos com o possível fenômeno La Niña, acelerando o plantio, para cultivar no período ideal.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Segundo o relatório de Maio/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção de soja do país em 2016/2017 foi estimada em 103,43 milhões de toneladas, um volume 3,3% inferior ao estimado para o ciclo 2015/2016.
- O relatório mensal de oferta e demanda de maio é o primeiro a apresentar números para a safra 2016/2017.
- O USDA projetou área plantada em 33,28 milhões de hectares, a mesma do relatório de intenções de plantio de 31 de março.
- O número representa queda de 0,5% ante a temporada 2015/2016.
- Já o rendimento foi estimado em 3,10 toneladas por hectare, 2,7% menor do que o obtido há um ano.
- Em termos de consumo, o USDA estimou a exportação dos Estados Unidos em 2016/2017 em 51,31 milhões de toneladas, enquanto o esmagamento foi projetado em 52,12 milhões de toneladas.
- Com isso, o USDA previu que o estoque final norte-americano em 2016/2017 cairá para 8,30 milhões de toneladas, 23,7% abaixo do volume estimado para o ciclo anterior.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O USDA projetou preços ao produtor dos Estados Unidos de US\$ 8,35 a US\$ 9,85 por bushel em 2016/2017.
- Para 2015/2016, o USDA ajustou de US\$ 8,50 a US\$ 9,00 por bushel para US\$ 8,85 por bushel a sua estimativa.
- Segundo o relatório de Maio/2016 do USDA, a safra mundial de soja está estimada em 324,2 milhões de toneladas em 2016/2017, abaixo da demanda, que está projetada em 328,0 milhões de toneladas.
- Com isso, os estoques finais mundiais de soja devem recuar 8,1% em 2016/2017, para 68,2 milhões de toneladas – menor nível desde 2013/2014.
- Para a safra 2015/2016, a estimativa do USDA para a produção de soja no Brasil foi reduzida de 100 milhões de toneladas, para 99 milhões de toneladas, mas a projeção de exportação do Brasil foi mantida em 59,5 milhões de toneladas.
- A previsão para a safra da Argentina 2015/2016 foi reduzida para 56,5 milhões de toneladas, contra 59,0 milhões de toneladas em abril.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A estimativa de exportação da Argentina em 2015/2016 foi mantida em 11,4 milhões de toneladas.
- Para a China, a projeção da produção em 2015/2016 foi mantida em 11,8 milhões de toneladas.
- A projeção de consumo de soja na China em 2015/2016 foi mantida em 95,2 milhões de toneladas e a projeção de importações também foi mantida, em 83 milhões de toneladas.
- A projeção da produção de soja da China em 2016/2017 é de 12,2 milhões de toneladas, 3,4% acima das 11,8 milhões de toneladas em 2015/2016.
- A projeção de consumo de soja na China em 2016/2017 é de um recorde de 100,8 milhões de toneladas, 5,8% acima das 95,25 milhões de toneladas em 2015/2016.
- A projeção de importações da China em 2016/2017 é de 87,0 milhões de toneladas, 4,8% acima das 83,0 milhões de toneladas em 2015/2016.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- As cotações da soja iniciaram 2016 em alta, influenciadas pelo clima desfavorável às lavouras naquele momento e pelo elevado volume de grão negociado até então, cenário que afastou vendedores do spot.
- Já entre meados de janeiro e de abril, os preços caíram, devido à entrada da safra e à confirmação de produção recorde.
- Na segunda quinzena de abril, no entanto, preocupações com o clima na Argentina e a firme demanda por farelo de soja brasileiro resultaram no início da recuperação dos preços.
- Agora, os vendedores estão cautelosos para novos negócios no spot, mas, nos portos, volumes expressivos têm sido efetivados, diante da demanda aquecida.
- As negociações envolvendo o grão da safra 2016/2017 também estão mais movimentadas, porque os contratos futuros na Bolsa de Chicago estão em patamares mais altos em maio.
- As vendas antecipadas da safra 2016/2017 no Brasil estão aquecidas e já atingem 17% da produção esperada, com cotações 7% a 10% em Reais superiores ao mesmo mês do ano passado.

## **SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- No Brasil, os produtores devem aguardar valores ainda maiores para negociar, fundamentados nos possíveis menores estoques dos Estados Unidos entre julho e agosto.
- Caso a demanda internacional siga aquecida, o Brasil poderá, mais uma vez, embarcar volume recorde e liderar as exportações mundiais.
- Em abril, os embarques da soja em grão atingiram volume recorde, sendo exportadas 10,85 milhões de toneladas, 20% acima do volume de março e 54% superior ao de abril/2015.
- No mercado interno de soja, na média das principais regiões produtoras do País, o preço no disponível de lotes acumula uma alta de 2,6% em uma semana e de 15,3% nos últimos 30 dias.
- No segmento de derivados, na média das regiões, os preços de farelo de soja subiram expressivos 6,4% em sete dias.
- Já para o óleo de soja, houve recuo de 1,6%, nos últimos sete dias, com a tonelada cotada a R\$ 2.831,28 (posto em São Paulo com 12% de ICMS).

## SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

EM MILHÕES DE TONELADAS

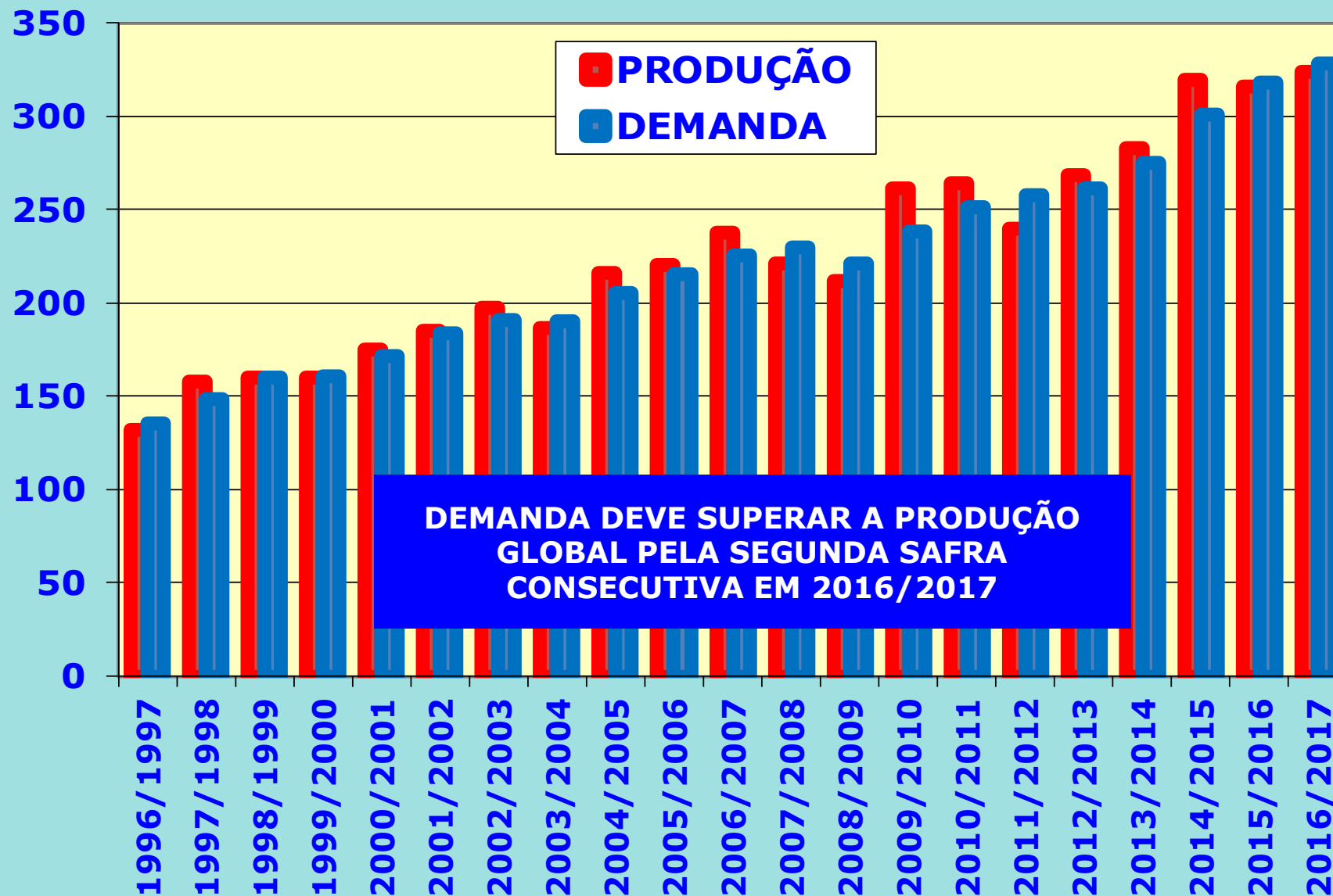
ANO SAFRA	PRODUÇÃO MUNDIAL	DEMANDA MUNDIAL	VARIAÇÃO DEMANDA	COMÉRCIO MUNDIAL	ESMAGAMENTO MUNDIAL	ESTOQUES FINAIS	ESTOQUES/ CONSUMO	PREÇO MÉDIO US\$/bushel
1989/1990	95,6	105,0		27,3	81,1	20,2	19,2%	3,97
1990/1991	107,4	103,8	-1,1%	25,4	88,0	20,6	19,8%	5,68
1991/1992	104,1	109,6	5,6%	28,1	87,3	18,4	16,8%	5,67
1992/1993	107,4	115,3	5,2%	29,3	92,3	20,2	17,5%	6,26
1993/1994	117,3	120,6	4,6%	27,7	96,7	17,2	14,3%	6,24
1994/1995	117,5	132,2	9,6%	32,0	102,0	23,7	17,9%	6,12
1995/1996	137,5	131,6	-0,5%	31,6	109,8	17,5	13,3%	7,53
1996/1997	132,2	135,7	3,1%	36,8	112,1	13,5	9,9%	7,52
1997/1998	158,0	148,6	9,5%	39,3	115,5	21,6	14,5%	6,58
1998/1999	159,8	160,0	7,6%	37,9	135,7	26,6	16,7%	6,45
1999/2000	159,9	160,7	0,5%	45,6	136,2	26,9	16,7%	4,63
2000/2001	175,1	171,8	6,9%	53,8	146,8	30,6	17,8%	4,54
2001/2002	184,9	184,0	7,1%	53,0	158,0	32,2	17,5%	4,38
2002/2003	197,0	190,7	3,7%	61,3	165,0	40,8	21,4%	5,53
2003/2004	186,8	190,0	-0,4%	56,0	163,6	37,6	19,8%	7,34
2004/2005	215,8	205,2	8,0%	64,8	175,7	48,5	23,6%	6,40
2005/2006	220,5	215,3	4,9%	63,9	185,1	52,9	24,6%	6,03
2006/2007	237,4	225,5	4,8%	71,1	195,9	62,7	27,8%	7,80
2007/2008	221,2	229,7	1,9%	78,3	201,9	53,0	23,1%	13,50
2008/2009	212,0	221,3	-3,7%	77,2	193,2	42,6	19,2%	10,50
2009/2010	261,1	238,0	7,5%	91,4	209,3	60,0	25,2%	10,10
2010/2011	263,9	251,6	5,7%	91,7	221,4	70,1	27,9%	13,40
2011/2012	239,6	257,7	2,4%	92,2	228,2	53,6	20,8%	15,50
2012/2013	268,8	261,2	1,4%	100,5	230,2	57,4	22,0%	14,50
2013/2014	282,6	275,3	5,4%	112,7	241,3	61,8	22,4%	13,50
2014/2015	319,7	300,9	9,3%	126,2	263,3	78,1	25,9%	9,80
2015/2016	315,9	318,2	5,7%	132,6	279,4	74,3	23,3%	9,50
2016/2017	324,2	328,0	3,1%	138,3	288,3	68,2	20,8%	10,50
VAR 2015-2016/ 2014-2015	-1,2%	5,7%		5,1%	6,1%	-4,9%	-10,1%	-3,1%
VAR 2016-2017/ 2015-2016	2,6%	3,1%		4,3%	3,2%	-8,1%	-10,9%	10,5%

Fonte: USDA MAIO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

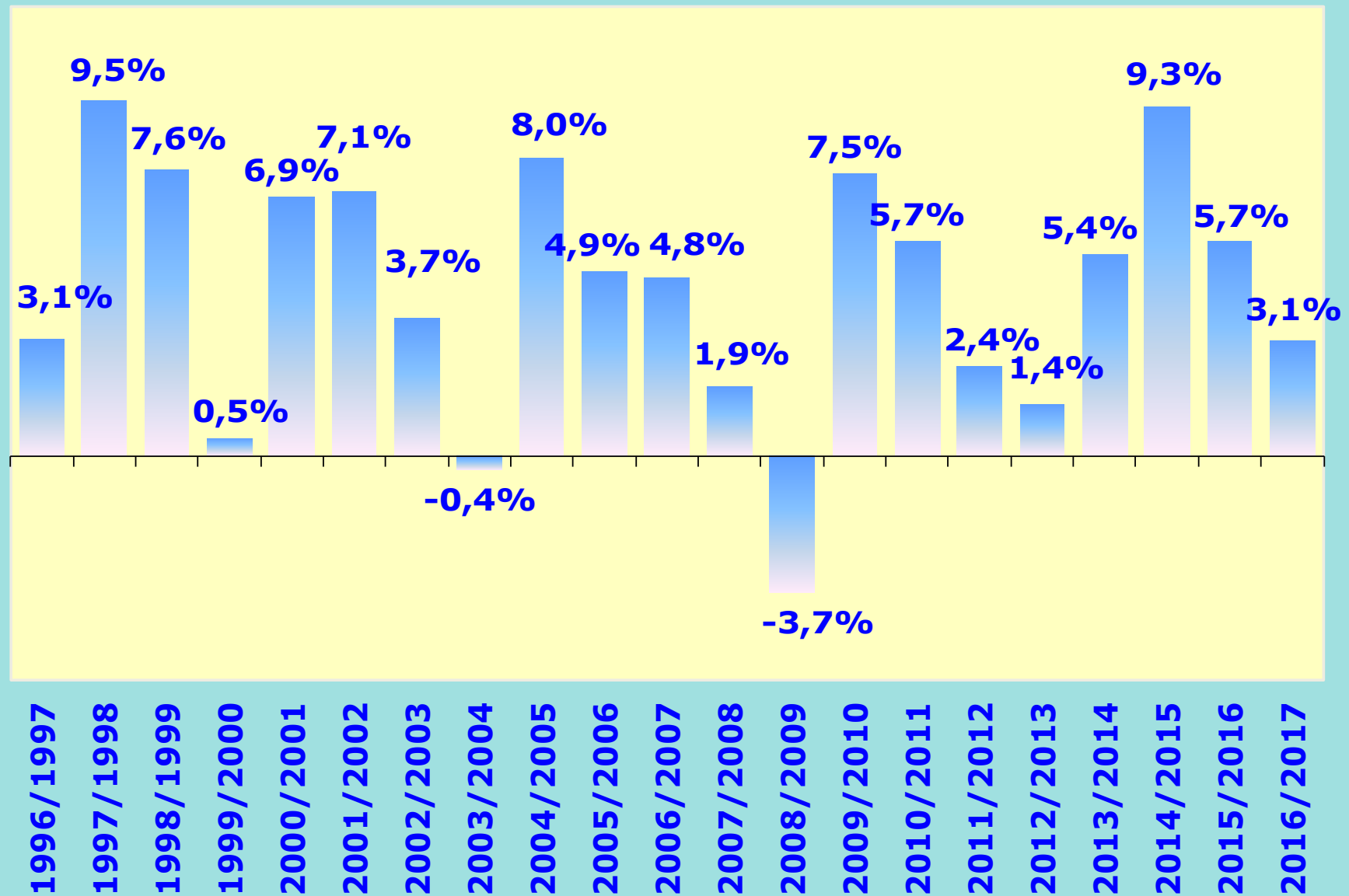


# SOJA: OFERTA x DEMANDA MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS

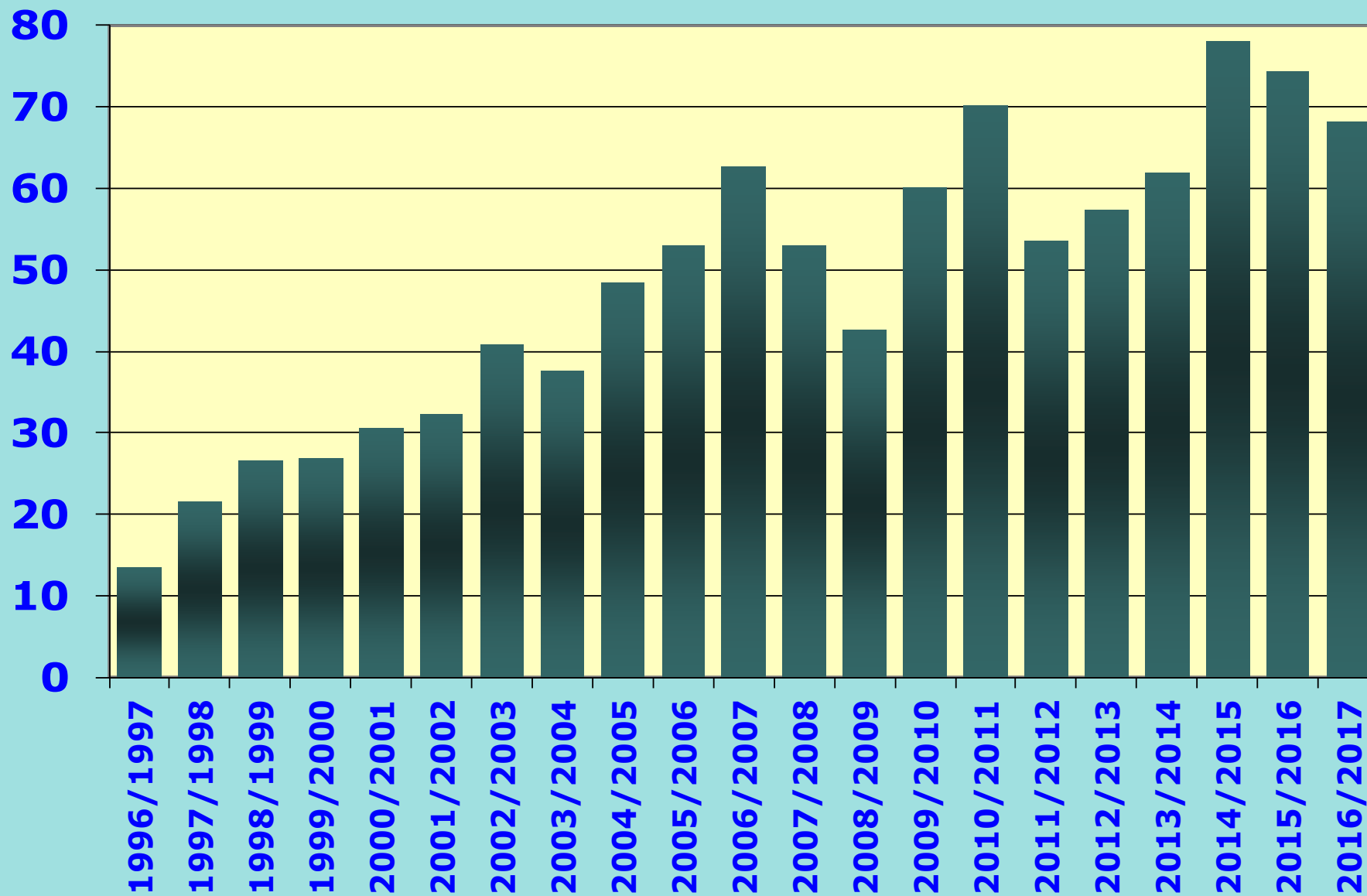


**DEMANDA DEVE SUPERAR A PRODUÇÃO  
GLOBAL PELA SEGUNDA SAFRA  
CONSECUTIVA EM 2016/2017**

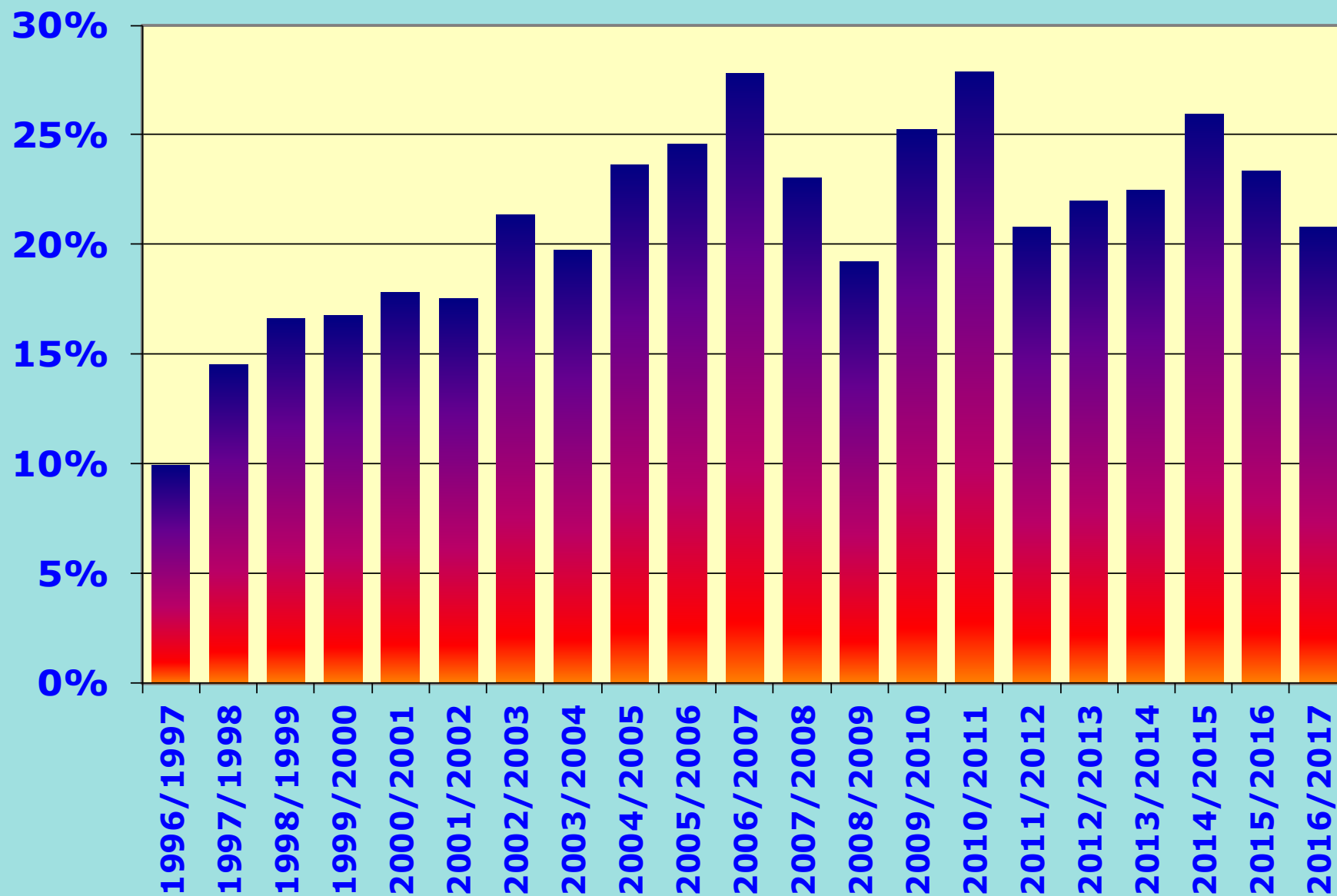
# SOJA: TAXA ANUAL DE EXPANSÃO DA DEMANDA MUNDIAL (%)



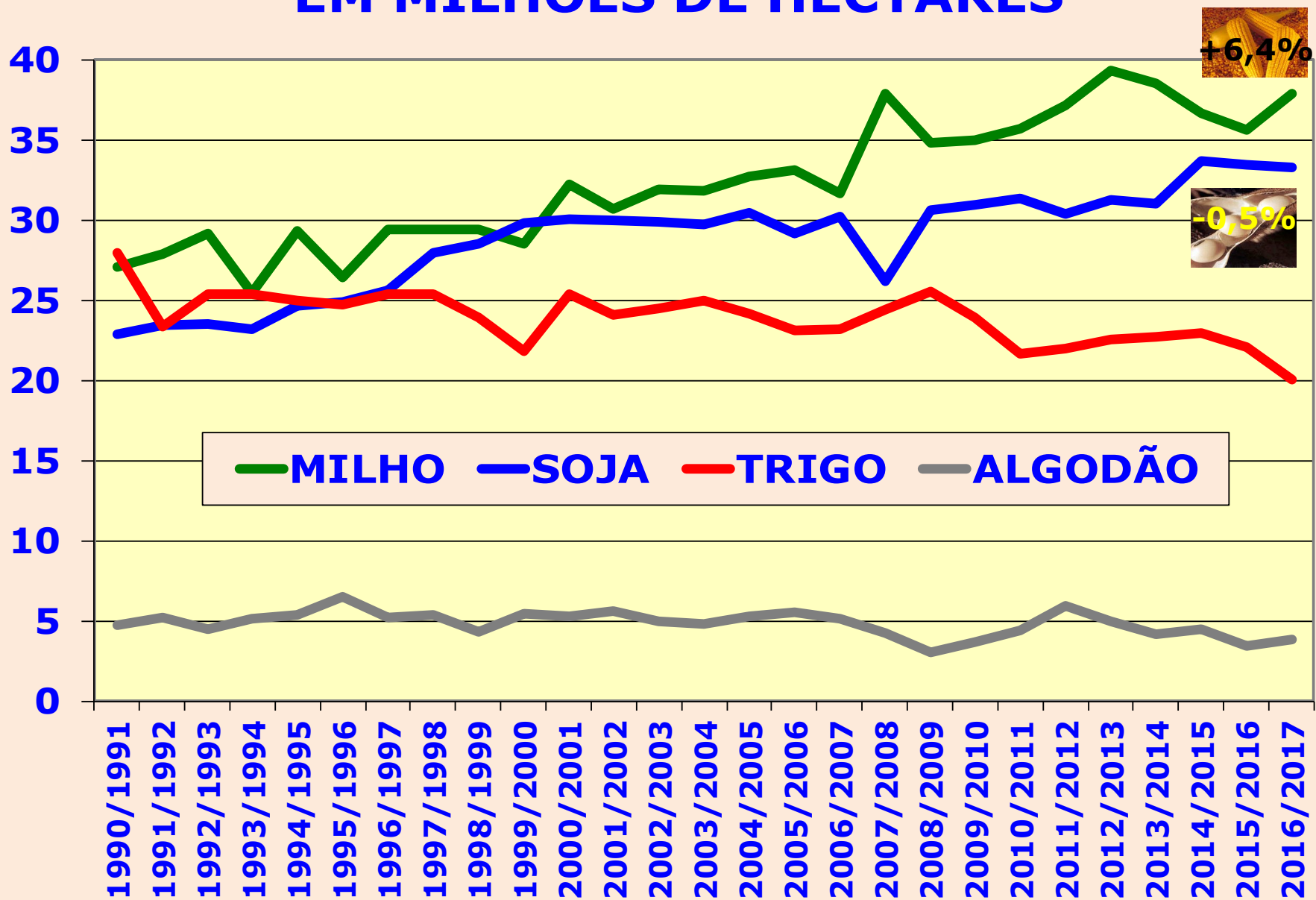
# SOJA: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



# SOJA: RELAÇÃO ESTOQUES FINAIS/DEMANDA MUNDIAL



# EUA: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE GRÃOS EM MILHÕES DE HECTARES



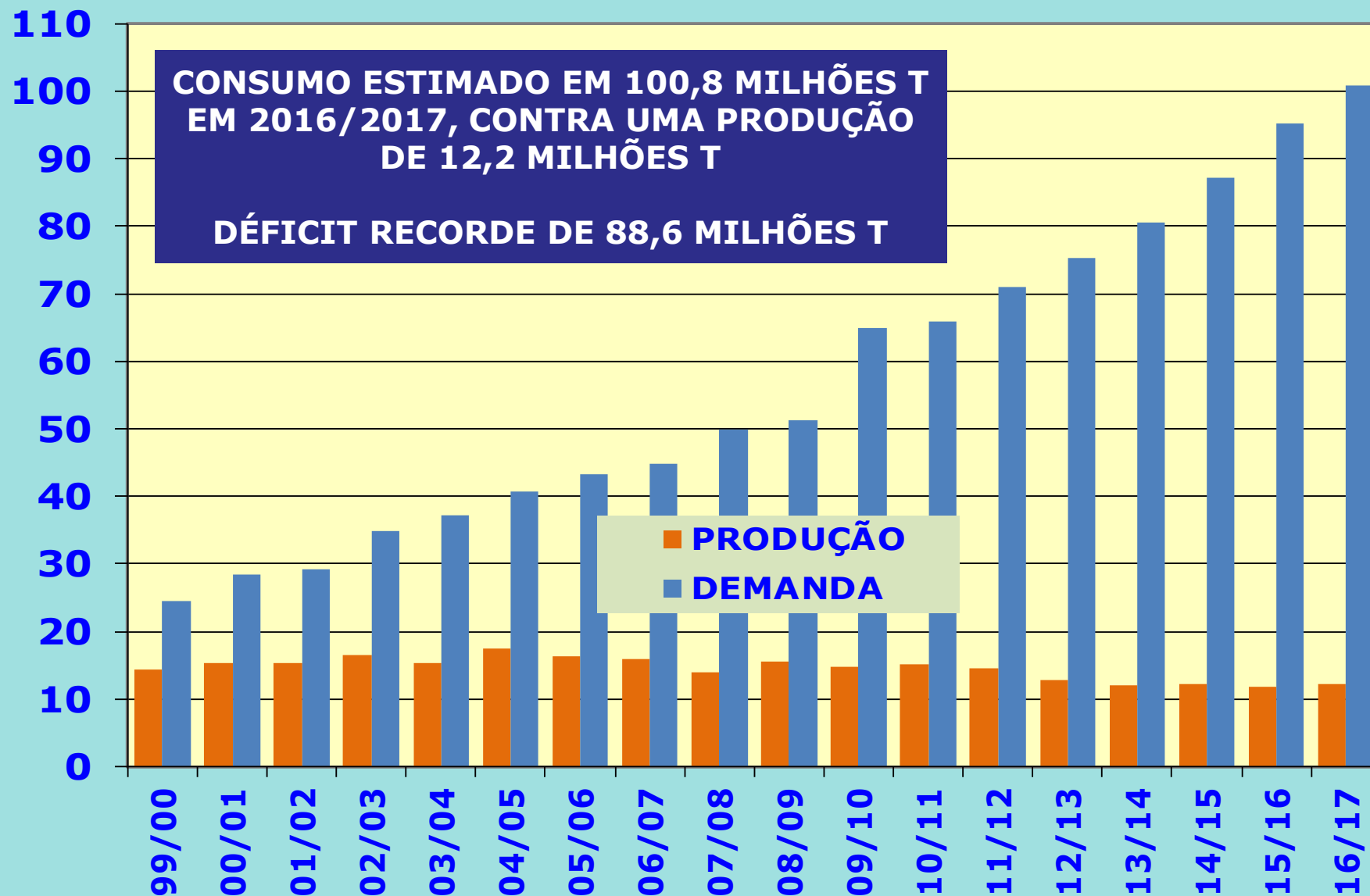
# EUA: PRODUÇÃO DE SOJA MILHÕES DE TONELADAS



**CHINA: OFERTA E DEMANDA DE SOJA**

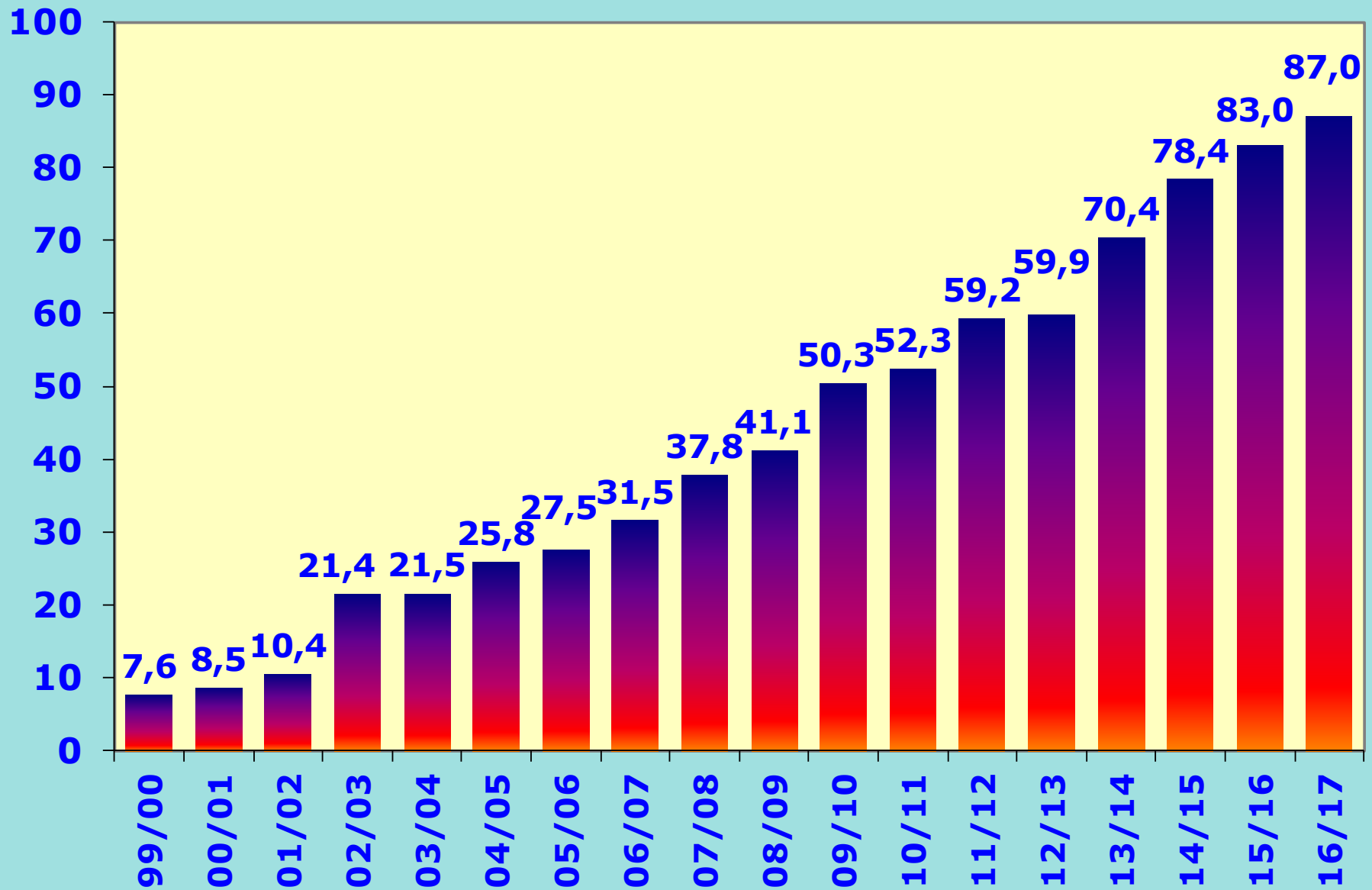
<b>SAFRA</b>	<b>PRODUÇÃO</b>	<b>CONSUMO</b>	<b>ESMAGAMENTO</b>	<b>IMPORTAÇÕES</b>
99/00	14,29	24,60	15,07	7,60
00/01	15,40	28,36	18,90	8,50
01/02	15,41	29,19	20,31	10,39
02/03	16,51	34,81	22,95	21,42
03/04	15,39	37,26	25,44	21,50
04/05	17,40	40,78	30,27	25,80
05/06	16,35	43,35	34,50	27,50
06/07	15,97	44,74	35,48	31,50
07/08	14,00	49,82	39,52	37,82
08/09	15,54	51,34	41,04	41,10
09/10	14,70	65,01	48,83	50,34
10/11	15,10	65,95	55,00	52,34
11/12	14,48	71,07	60,97	59,23
12/13	12,80	75,32	64,95	59,87
13/14	11,95	80,60	68,85	70,36
14/15	12,15	87,20	74,50	78,35
15/16	11,80	95,25	81,80	83,00
16/17	12,20	100,80	87,00	87,00
17/16	3,4%	5,8%	6,4%	4,8%
17/00	-15%	310%	477%	1045%

# CHINA: PRODUÇÃO E DEMANDA DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS

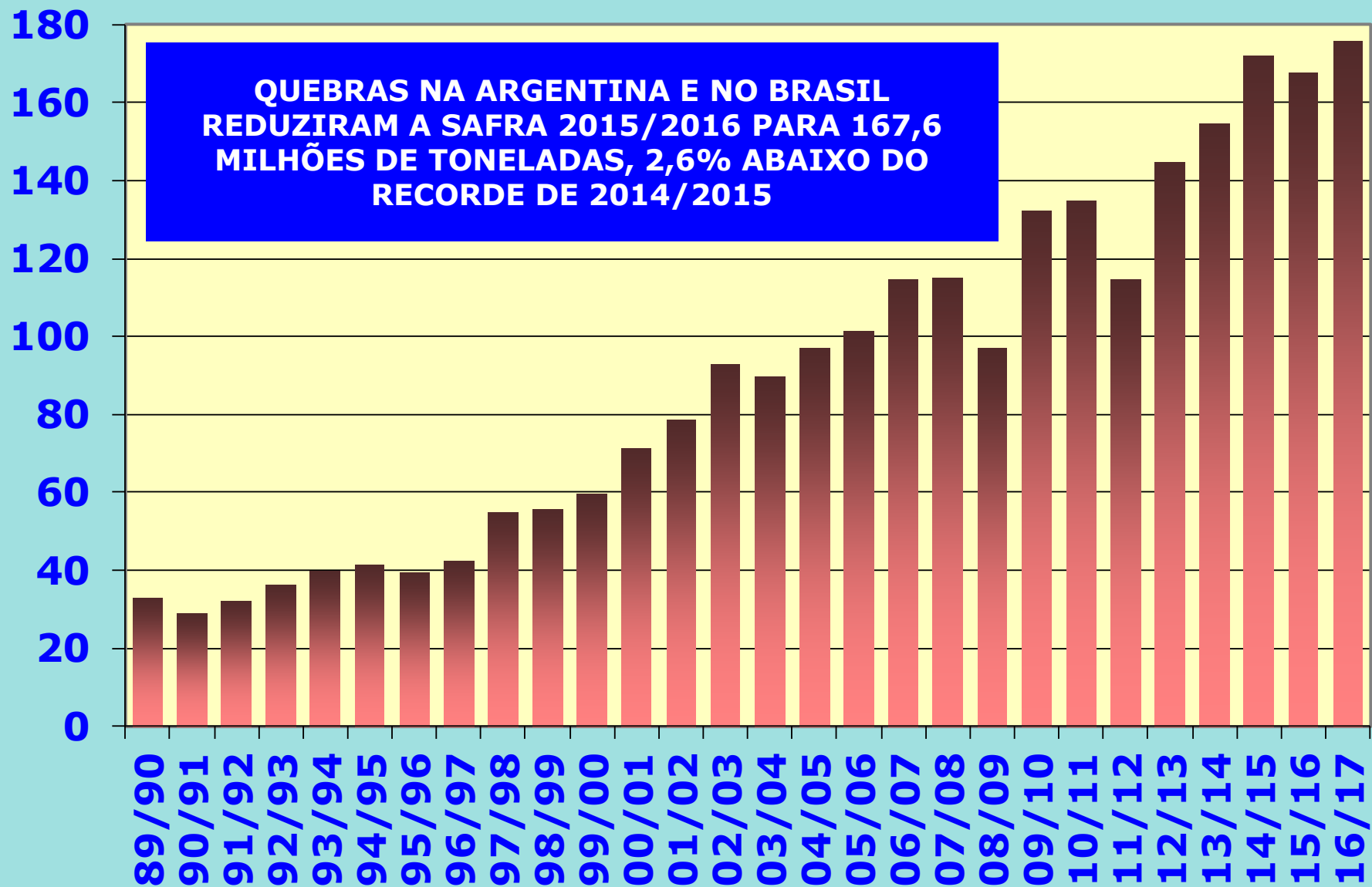




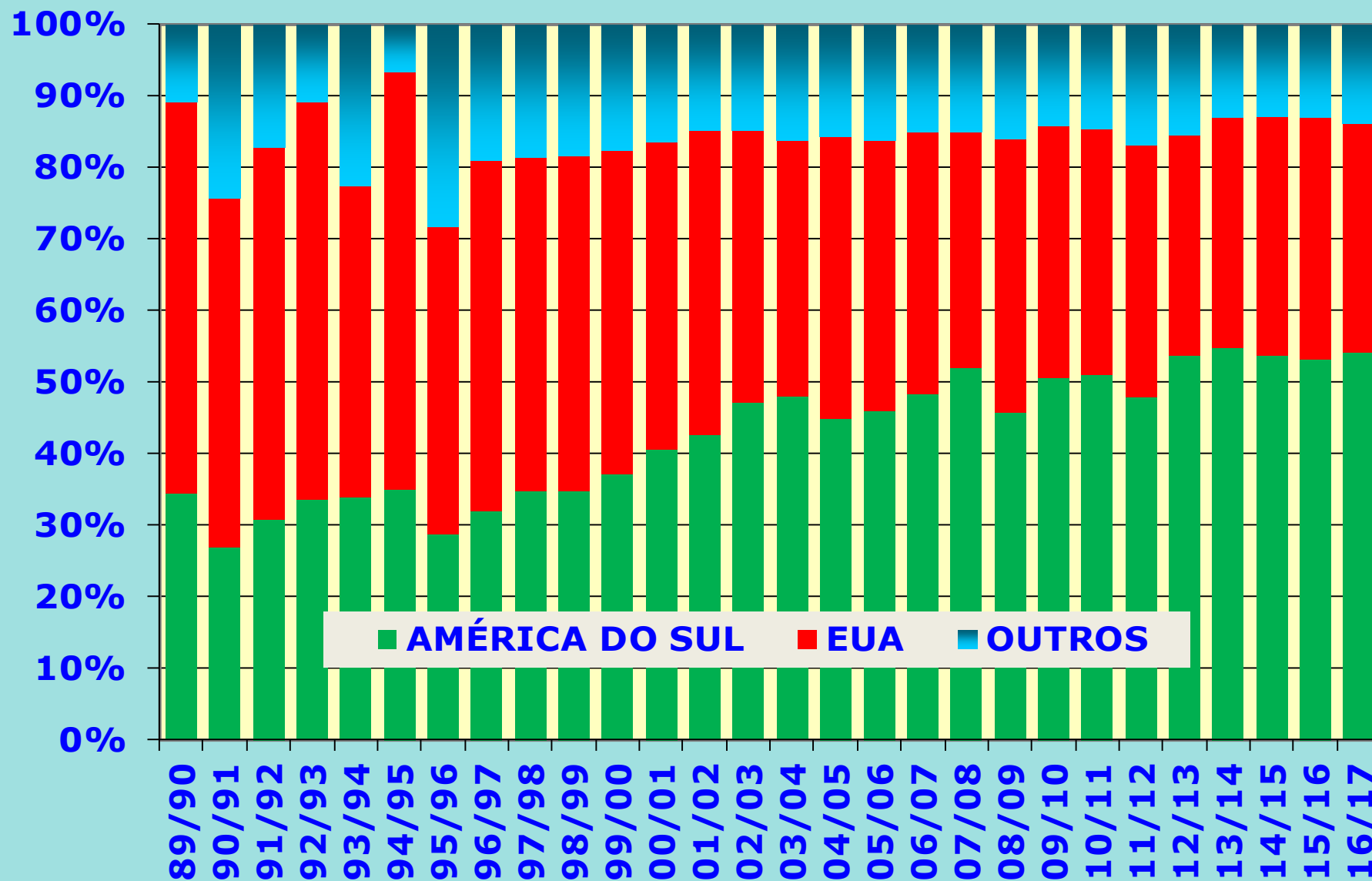
# CHINA: IMPORTAÇÕES DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



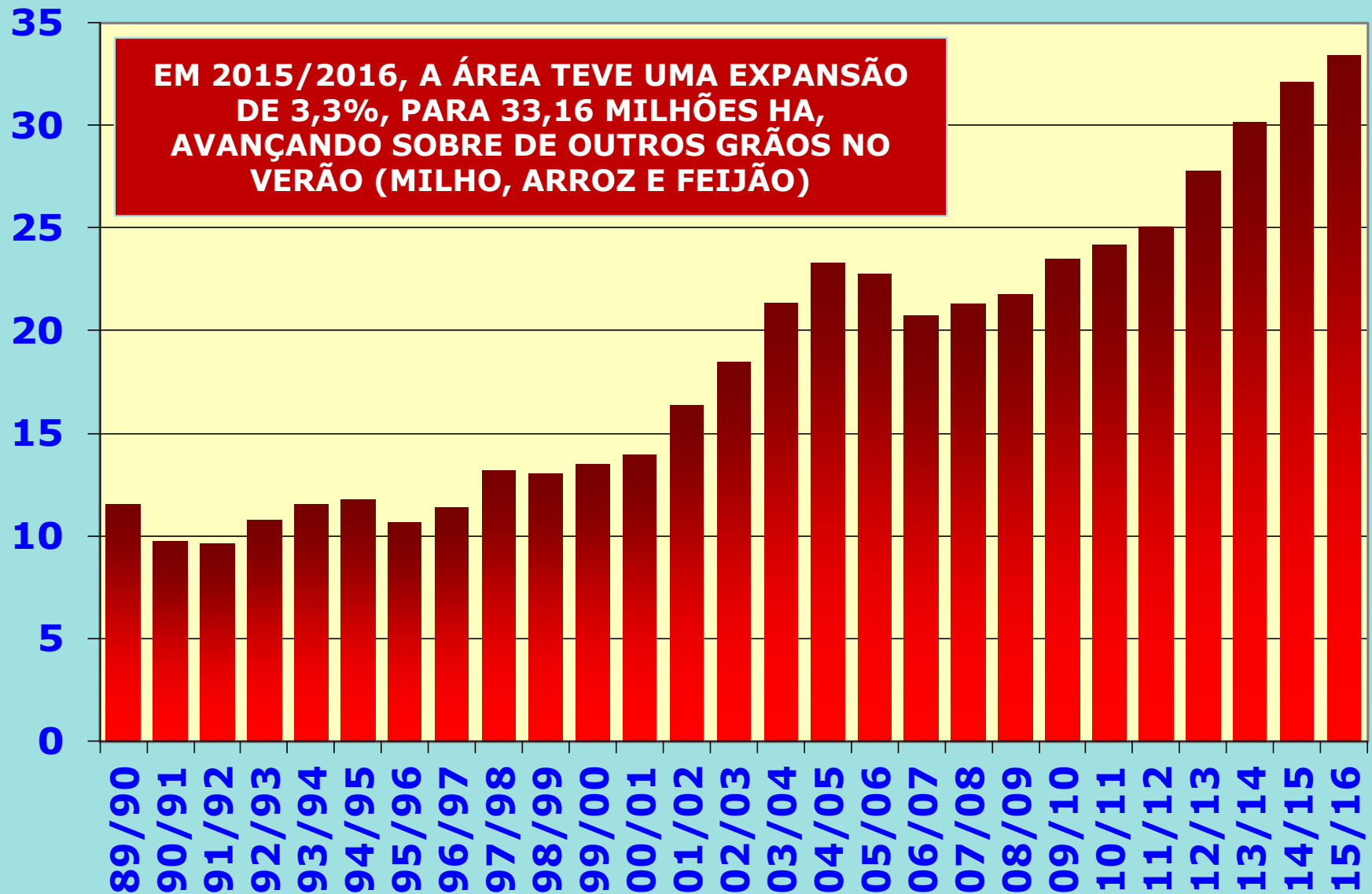
# AMÉRICA DO SUL: PRODUÇÃO DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



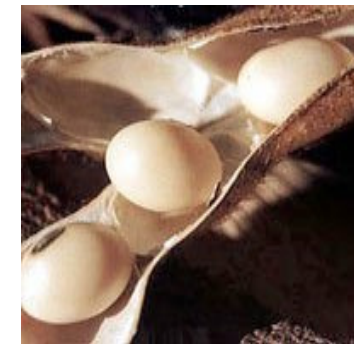
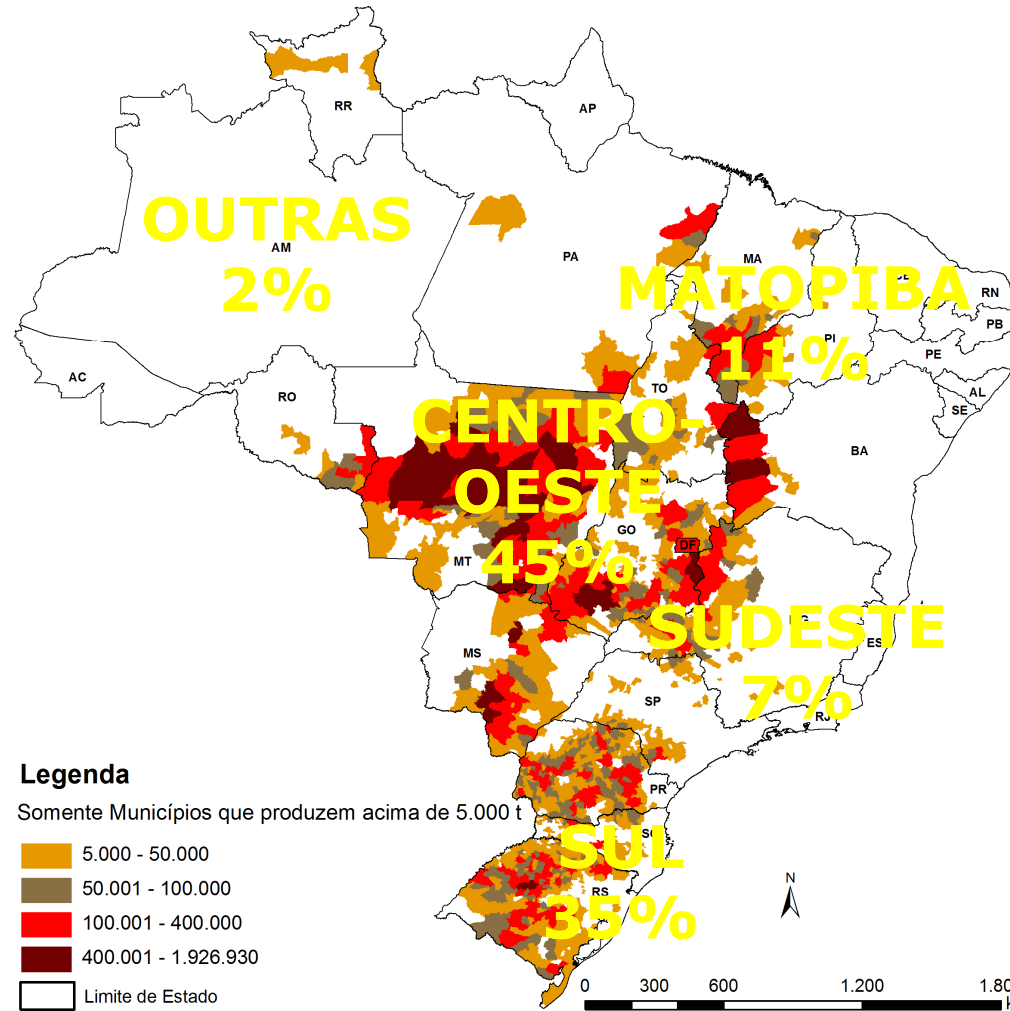
# SOJA: COMPOSIÇÃO DA OFERTA MUNDIAL (%)



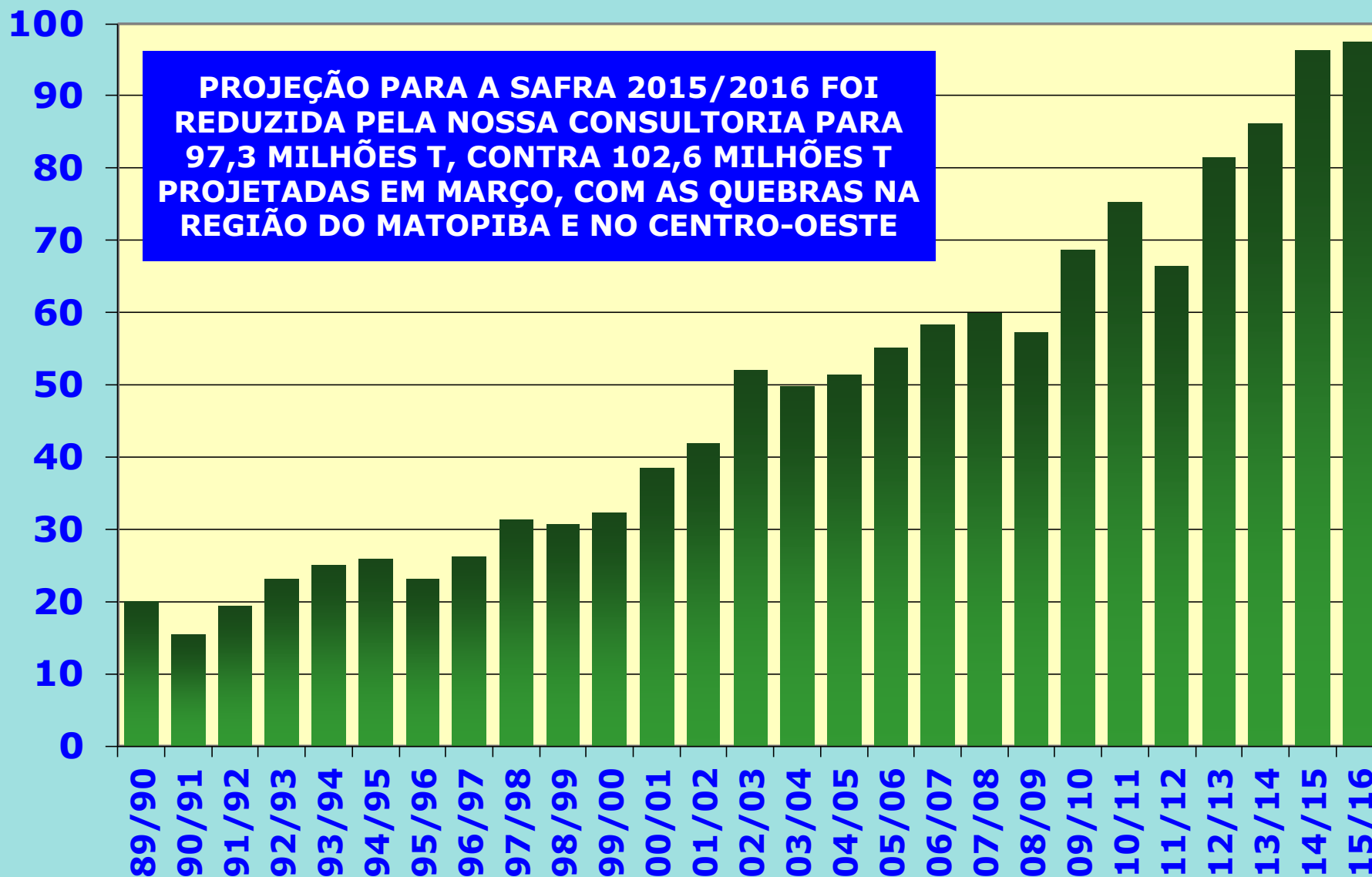
# SOJA: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA



## SOJA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



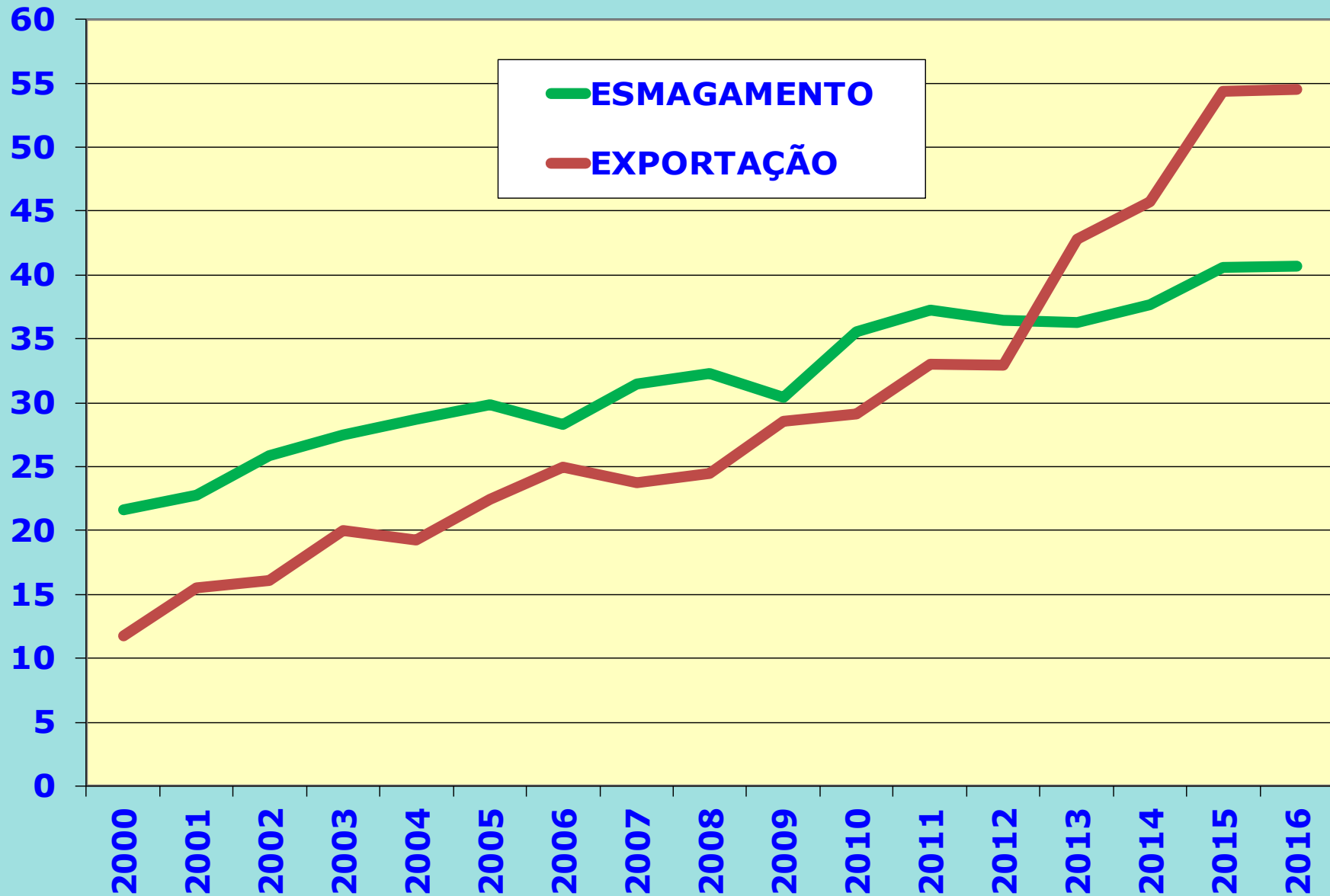
# SOJA: PRODUÇÃO NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



**SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS**

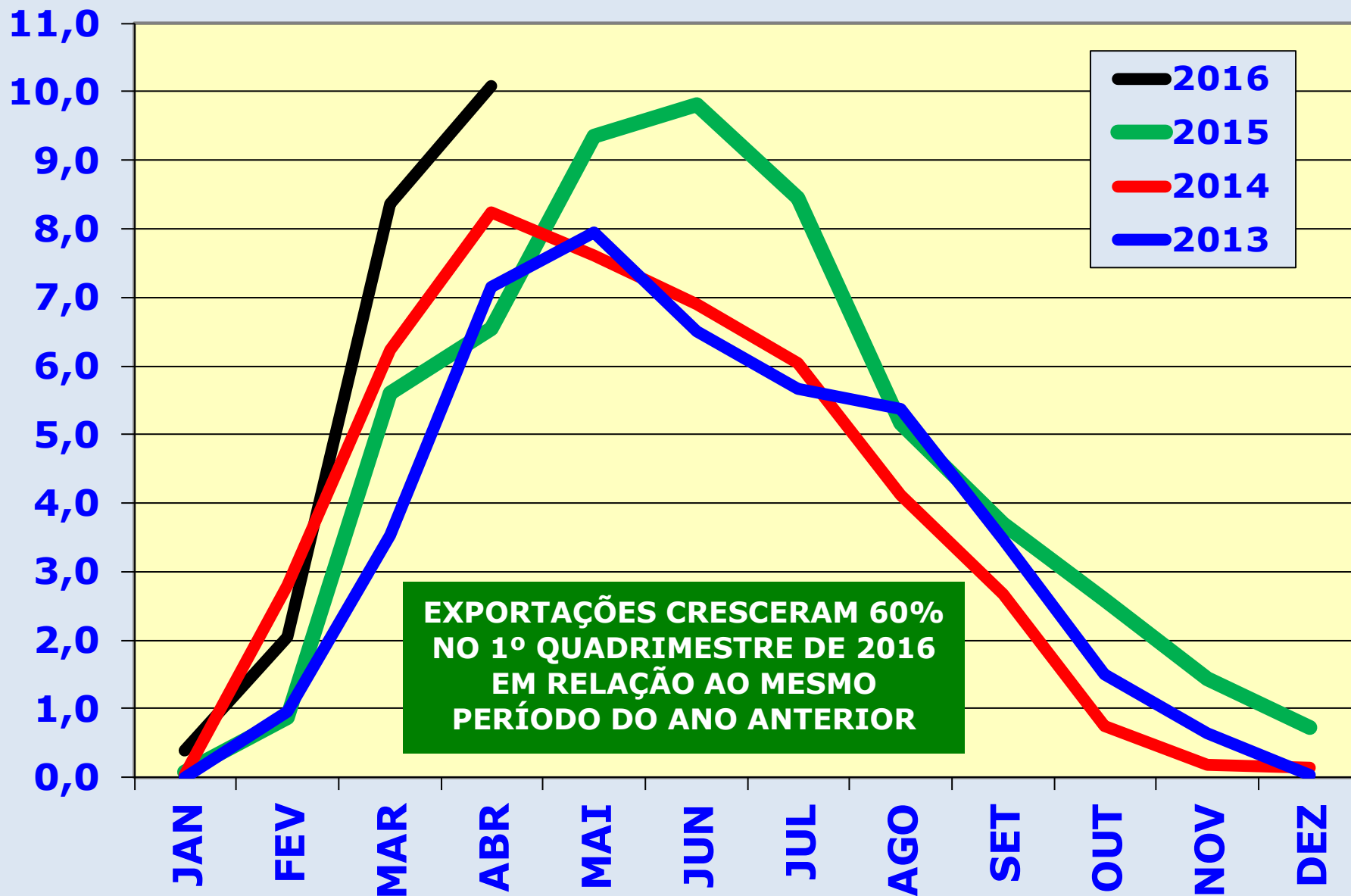
ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO GRÃOS	IMPORTAÇÕES GRÃOS	CONSUMO ESMAGAMENTO	SEMENTES E OUTROS	EXPORTAÇÕES GRÃOS	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	685,0	15.484,0	932,0	13.796,0	1.100,0	1.450,0	755,0
81/82	82/83	755,0	12.891,0	1.251,0	12.728,0	850,0	496,0	823,0
82/83	83/84	823,0	14.533,0	34,0	12.872,0	931,0	1.115,0	472,0
83/84	84/85	472,0	15.340,0	154,0	12.517,0	1.080,0	1.579,0	790,0
84/85	85/86	790,0	18.211,0	378,0	13.774,0	1.069,6	3.486,4	1.049,0
85/86	86/87	1.049,0	13.997,0	340,0	12.332,0	870,9	1.200,1	983,0
86/87	87/88	983,0	17.072,0	450,0	13.820,0	1.015,4	3.027,6	642,0
87/88	88/89	642,0	18.157,0	62,0	13.676,0	1.881,7	2.598,3	705,0
88/89	89/90	705,0	23.579,0	63,0	16.189,0	2.100,0	4.618,0	1.440,0
89/90	90/91	1.440,0	20.444,0	10,0	15.435,0	1.300,0	4.139,0	1.020,0
90/91	91/92	1.020,0	15.757,0	350,0	13.057,0	1.200,0	1.900,0	970,0
91/92	92/93	970,0	19.456,0	507,0	14.756,0	1.427,0	3.900,0	850,0
92/93	93/94	850,0	22.780,0	10,0	16.771,0	1.700,0	4.159,0	1.010,0
93/94	94/95	1.010,0	24.813,0	890,0	18.736,0	1.700,0	5.367,0	910,0
94/95	95/96	910,0	26.068,0	791,0	21.599,0	1.600,0	3.520,0	1.050,0
95/96	96/97	1.050,0	23.872,0	1.044,0	20.083,0	1.600,0	3.633,0	650,0
96/97	97/98	650,0	27.327,0	1.453,0	18.944,0	1.600,0	8.326,0	560,0
97/98	98/99	560,0	32.665,0	355,0	21.832,0	1.600,0	9.324,0	824,0
98/99	99/00	824,0	31.377,0	615,0	21.645,0	1.600,0	8.912,0	659,0
99/00	00/01	659,0	34.127,0	799,0	21.578,0	1.600,0	11.778,0	629,0
00/01	01/02	629,0	39.058,0	849,0	22.773,0	1.700,0	15.522,0	541,0
01/02	02/03	541,0	42.769,0	1.100,0	25.842,0	2.000,0	16.074,0	494,0
02/03	03/04	2.182,0	51.875,0	1.189,0	27.447,0	2.500,0	19.962,0	5.337,0
03/04	04/05	5.337,0	50.085,0	349,0	28.706,0	2.650,0	19.248,0	5.167,0
04/05	05/06	5.167,0	53.053,0	369,0	29.860,0	2.700,0	22.434,0	3.595,0
05/06	06/07	3.595,0	56.942,0	50,0	28.332,0	2.500,0	24.956,0	4.799,0
06/07	07/08	4.799,0	58.726,0	100,0	31.485,0	2.700,0	23.734,0	5.706,0
07/08	08/09	5.706,0	59.936,0	97,0	32.325,0	2.700,0	24.499,0	6.215,0
08/09	09/10	6.215,0	57.383,0	100,0	30.426,0	2.700,0	28.561,0	2.011,0
09/10	10/11	2.011,0	68.919,0	119,0	35.506,0	2.800,0	29.073,0	3.670,0
10/11	11/12	3.670,0	75.248,0	40,0	37.270,0	2.850,0	32.986,0	5.852,0
11/12	12/13	5.852,0	66.383,0	268,0	36.434,0	2.900,0	32.916,0	1.790,0
12/13	13/14	1.790,0	81.499,4	283,0	36.238,0	2.950,0	42.796,4	1.682,0
13/14	14/15	1.682,0	86.120,8	578,0	37.622,0	2.950,0	45.691,9	2.393,0
14/15	15/16	2.393,0	96.228,0	324,1	40.556,0	3.000,0	54.324,0	1.065,1
15/16	16/17	1.065,1	97.368,0	300,0	40.700,0	3.000,0	54.500,0	533,1

# SOJA: ESMAGAMENTO E EXPORTAÇÕES NO BRASIL - MILHÕES T





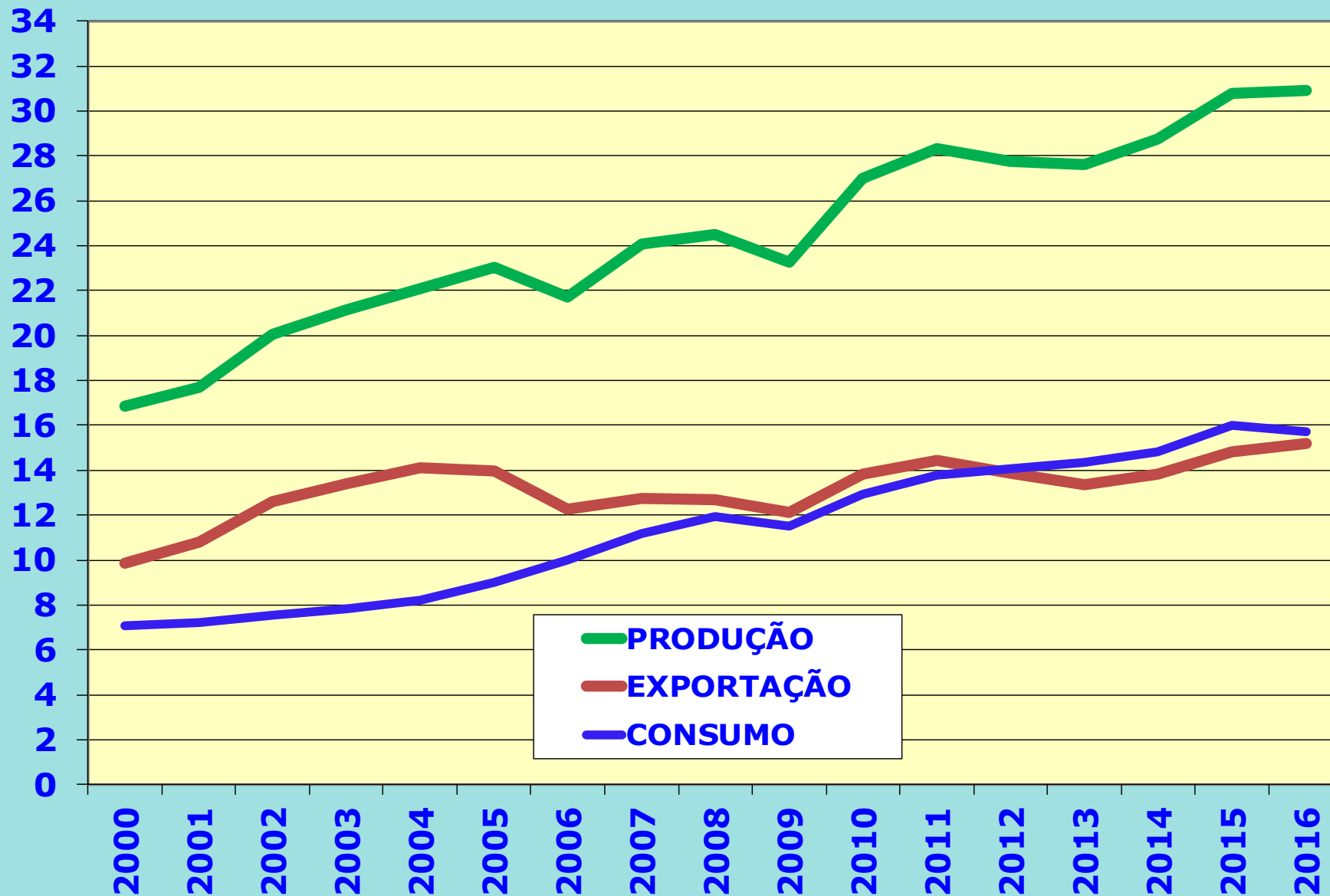
## SOJA: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS 2013 A 2016 - MILHÕES T/MÊS



**FARELO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS**

ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO FARELO	IMPORTAÇÕES FARELO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES FARELO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	537,1	10.898,8	0,0	2.168,8	-	8.828,0	439,1
81/82	82/83	439,1	10.055,1	0,0	2.329,2	7,4%	7.653,0	512,0
82/83	83/84	512,0	10.168,9	0,0	2.377,8	2,1%	7.994,0	309,1
83/84	84/85	309,1	9.888,4	0,0	2.099,5	-11,7%	7.687,0	411,0
84/85	85/86	411,0	10.881,5	0,0	2.285,4	8,9%	8.523,0	484,1
85/86	86/87	484,1	9.742,3	0,0	2.937,3	28,5%	6.932,0	357,1
86/87	87/88	357,1	10.917,8	0,0	2.922,8	-0,5%	8.056,0	296,1
87/88	88/89	296,1	10.804,0	0,0	2.387,1	-18,3%	8.416,0	297,0
88/89	89/90	297,0	12.666,0	0,0	2.779,0	16,4%	9.748,0	436,0
89/90	90/91	436,0	12.109,0	0,0	2.968,0	6,8%	8.892,0	685,0
90/91	91/92	685,0	10.267,0	0,0	3.276,0	10,4%	7.347,0	329,0
91/92	92/93	329,0	11.581,0	0,0	3.406,0	4,0%	8.178,0	326,0
92/93	93/94	326,0	13.150,0	0,0	3.740,0	9,8%	9.286,0	450,0
93/94	94/95	450,0	14.666,0	0,0	4.293,0	14,8%	10.356,0	467,0
94/95	95/96	467,0	16.946,0	0,0	5.329,0	24,1%	11.538,0	546,0
95/96	96/97	546,0	15.790,0	108,0	5.242,0	-1,6%	10.795,0	407,0
96/97	97/98	407,0	14.786,0	308,0	5.387,0	2,8%	9.754,0	360,0
97/98	98/99	360,0	17.135,0	135,0	6.434,0	19,4%	10.780,0	416,0
98/99	99/00	416,0	16.868,0	75,0	6.945,0	7,9%	9.977,0	437,0
99/00	00/01	437,0	16.831,0	119,0	7.066,0	1,7%	9.861,0	460,0
00/01	01/02	460,0	17.699,0	213,0	7.211,0	2,1%	10.803,0	358,0
01/02	02/03	970,0	20.040,0	372,0	7.569,0	5,0%	12.579,0	1.234,0
02/03	03/04	1.234,0	21.140,0	305,4	7.845,8	3,7%	13.386,6	1.447,1
03/04	04/05	1.183,3	22.065,4	187,8	8.228,0	4,9%	14.112,7	1.095,9
04/05	05/06	1.095,9	23.011,3	188,7	9.031,4	9,8%	13.980,3	1.284,1
05/06	06/07	1.284,1	21.695,9	180,9	9.986,8	10,6%	12.274,8	899,3
06/07	07/08	899,3	24.089,5	114,0	11.176,4	11,9%	12.726,6	1.199,7
07/08	08/09	1.199,7	24.501,7	126,8	11.930,3	6,7%	12.698,9	1.199,2
08/09	09/10	1.199,2	23.286,6	43,4	11.533,3	-3,3%	12.124,5	871,4
09/10	10/11	871,4	26.998,3	39,5	12.944,0	12,2%	13.849,2	1.115,9
10/11	11/12	1.115,9	28.321,9	25,3	13.758,4	6,3%	14.450,8	1.253,8
11/12	12/13	1.253,8	27.766,7	4,7	14.051,1	2,1%	13.884,9	1.089,2
12/13	13/14	1.089,2	27.621,0	4,0	14.350,0	2,1%	13.376,0	988,2
13/14	14/15	988,2	28.752,0	1,0	14.799,0	3,1%	13.817,0	1.125,2
14/15	15/16	1.125,2	30.765,0	1,0	16.017,0	8,2%	14.796,0	1.078,2
15/16	16/17	1.078,2	30.900,0	0,0	15.700,0	6,1%	15.200,0	1.078,1

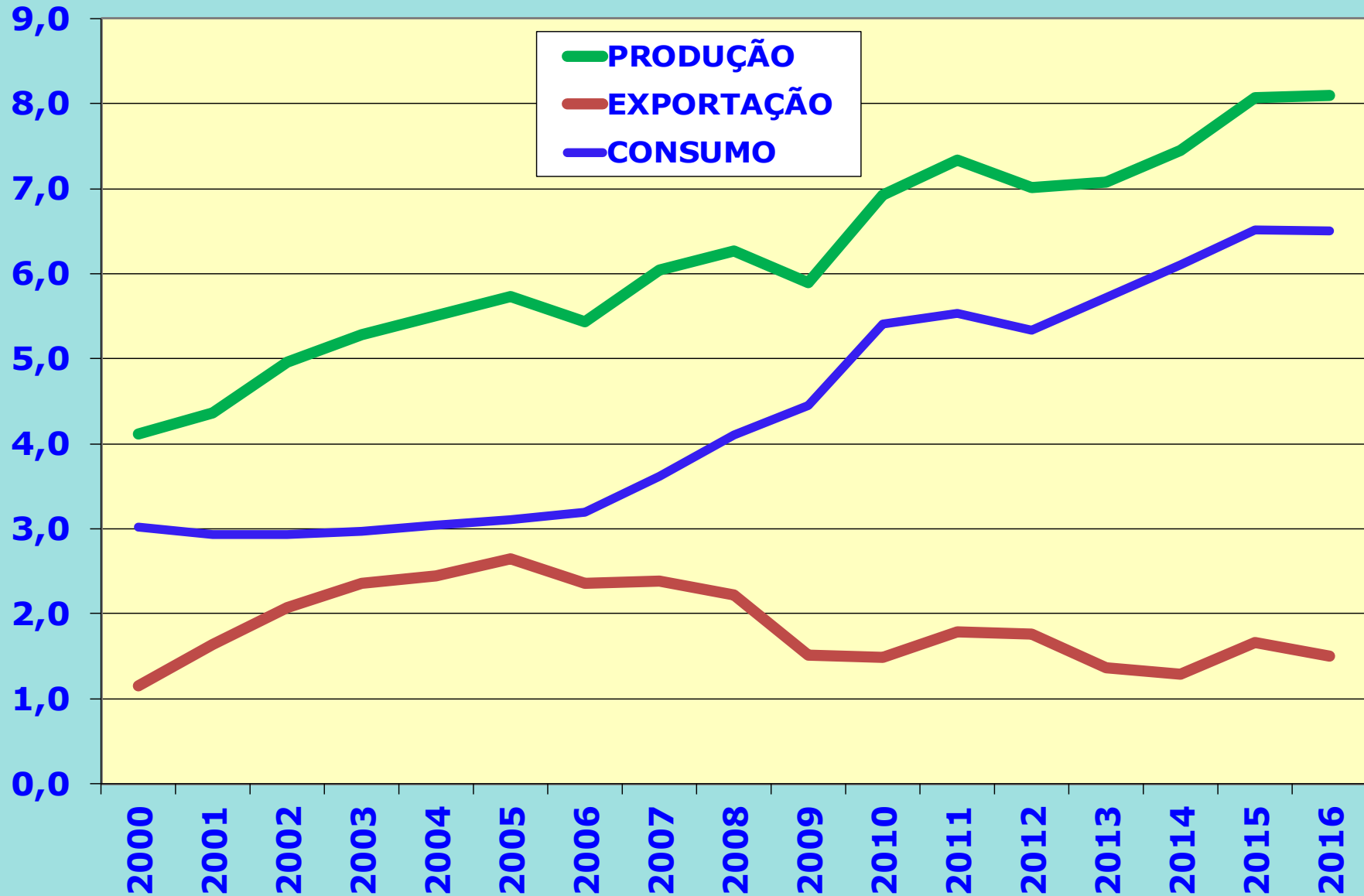
# FARELO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



**ÓLEO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS**

ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO ÓLEO	IMPORTAÇÕES ÓLEO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES ÓLEO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	280,1	2.621,2	0,0	1.428,2		1.274,0	199,1
81/82	82/83	199,1	2.418,3	0,0	1.551,4	8,6%	846,0	220,0
82/83	83/84	220,0	2.446,0	34,0	1.579,9	1,8%	960,0	160,1
83/84	84/85	160,1	2.378,2	141,0	1.608,3	1,8%	914,0	157,0
84/85	85/86	157,0	2.617,1	46,0	1.704,0	6,0%	924,0	192,1
85/86	86/87	192,1	2.343,1	156,0	2.022,1	18,7%	439,0	230,1
86/87	87/88	230,1	2.625,8	59,0	1.839,8	-9,0%	986,0	89,1
87/88	88/89	89,1	2.598,4	55,0	1.955,5	6,3%	653,0	134,0
88/89	89/90	134,0	3.028,0	20,0	2.147,0	9,8%	920,0	115,0
89/90	90/91	115,0	2.917,0	9,0	2.021,0	-5,9%	883,0	137,0
90/91	91/92	137,0	2.464,0	46,0	2.102,0	4,0%	403,0	142,0
91/92	92/93	142,0	2.777,0	80,0	2.158,0	2,7%	703,0	138,0
92/93	93/94	138,0	3.174,0	93,0	2.315,0	7,3%	761,0	329,0
93/94	94/95	329,0	3.530,0	270,0	2.425,0	4,8%	1.538,0	166,0
94/95	95/96	166,0	4.074,0	218,0	2.579,0	6,4%	1.684,0	195,0
95/96	96/97	195,0	3.785,0	185,0	2.664,0	3,3%	1.337,0	164,0
96/97	97/98	164,0	3.559,0	154,0	2.682,0	0,7%	1.064,0	131,0
97/98	98/99	131,0	4.157,0	190,0	2.826,0	5,4%	1.444,0	208,0
98/99	99/00	208,0	4.142,0	133,0	2.820,0	-0,2%	1.468,0	195,0
99/00	00/01	195,0	4.111,0	111,0	3.015,0	6,9%	1.148,0	254,0
00/01	01/02	254,0	4.369,0	66,0	2.935,0	-2,7%	1.639,0	115,0
01/02	02/03	115,0	4.959,0	110,0	2.936,0	0,0%	2.076,0	172,0
02/03	03/04	345,0	5.286,0	36,4	2.971,4	1,2%	2.356,6	339,4
03/04	04/05	339,4	5.507,3	27,2	3.043,7	2,4%	2.448,0	382,2
04/05	05/06	382,2	5.735,6	3,2	3.110,6	2,2%	2.645,4	364,9
05/06	06/07	364,9	5.428,7	25,4	3.198,2	2,8%	2.359,8	261,0
06/07	07/08	261,0	6.044,8	83,5	3.617,0	13,1%	2.384,3	388,0
07/08	08/09	388,0	6.267,3	26,7	4.102,2	13,4%	2.221,7	358,1
08/09	09/10	358,1	5.896,0	27,4	4.454,1	8,6%	1.516,6	310,8
09/10	10/11	310,8	6.927,5	16,3	5.403,6	21,3%	1.490,2	360,8
10/11	11/12	360,8	7.340,5	0,0	5.528,0	2,3%	1.782,1	342,0
11/12	12/13	391,2	7.013,1	1,2	5.327,6	-3,6%	1.763,6	314,4
12/13	13/14	314,4	7.075,0	5,0	5.723,0	7,4%	1.362,5	308,9
13/14	14/15	308,9	7.443,0	0,0	6.109,0	6,7%	1.295,0	347,9
14/15	15/16	347,9	8.074,0	25,2	6.521,0	6,7%	1.665,0	261,1
15/16	16/17	261,1	8.100,0	20,0	6.500,0	6,4%	1.500,0	381,0

# ÓLEO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



## BIODIESEL: PRODUÇÃO BRASILEIRA ANUAL POR MATÉRIAS-PRIMAS

### Produção de biodiesel por matéria-prima (m³)

Matéria-prima	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Óleo de soja	801.320	1.250.577	1.960.822	2.152.298	2.041.667	2.142.990	2.551.813	3.038.835
Gorduras animais	206.966	258.035	330.574	367.578	481.231	611.215	731.935	755.075
Óleo de algodão	18.353	59.631	57.458	84.711	123.247	65.960	81.666	78.786
Óleo de fritura usado	0	0	4.751	13.044	17.827	30.667	25.949	16.772
Outras	140.489	40.206	32.835	55.130	53.511	66.664	28.475	41.035
<b>Total</b>	<b>1.167.128</b>	<b>1.608.448</b>	<b>2.386.438</b>	<b>2.672.760</b>	<b>2.717.483</b>	<b>2.917.495</b>	<b>3.419.838</b>	<b>3.930.503</b>

Fonte/Elaboração: ANP/ABIOVE - Coordenadoria de Economia e Estatística

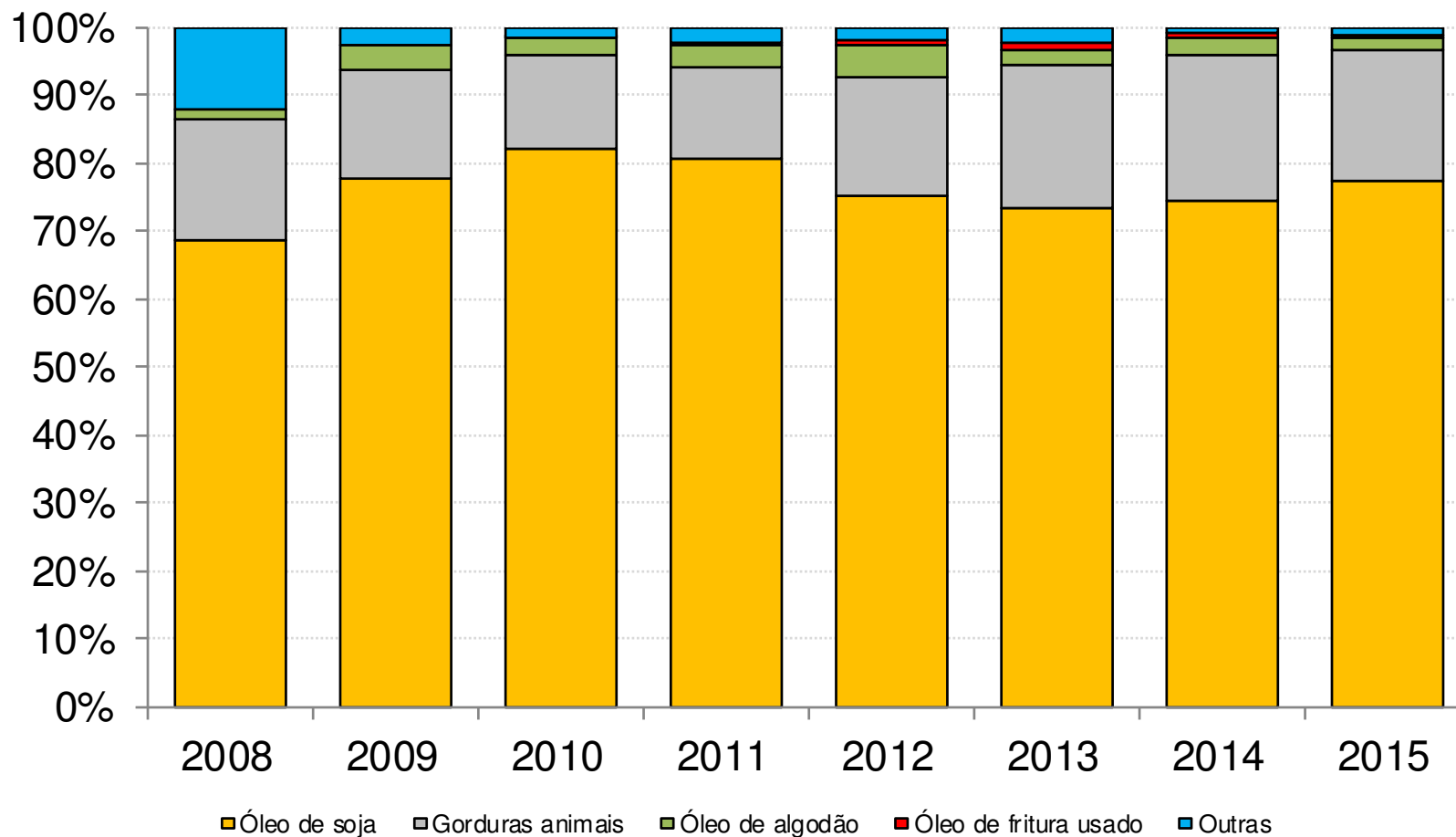
### Produção de biodiesel por matéria-prima (%)

Matéria-prima	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Óleo de soja	69%	78%	82%	81%	75%	73%	75%	77%
Gorduras animais	18%	16%	14%	14%	18%	21%	21%	19%
Óleo de algodão	2%	4%	2%	3%	5%	2%	2%	2%
Óleo de fritura usado	0%	0%	0%	0%	1%	1%	1%	0%
Outras	12%	2%	1%	2%	2%	2%	1%	1%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

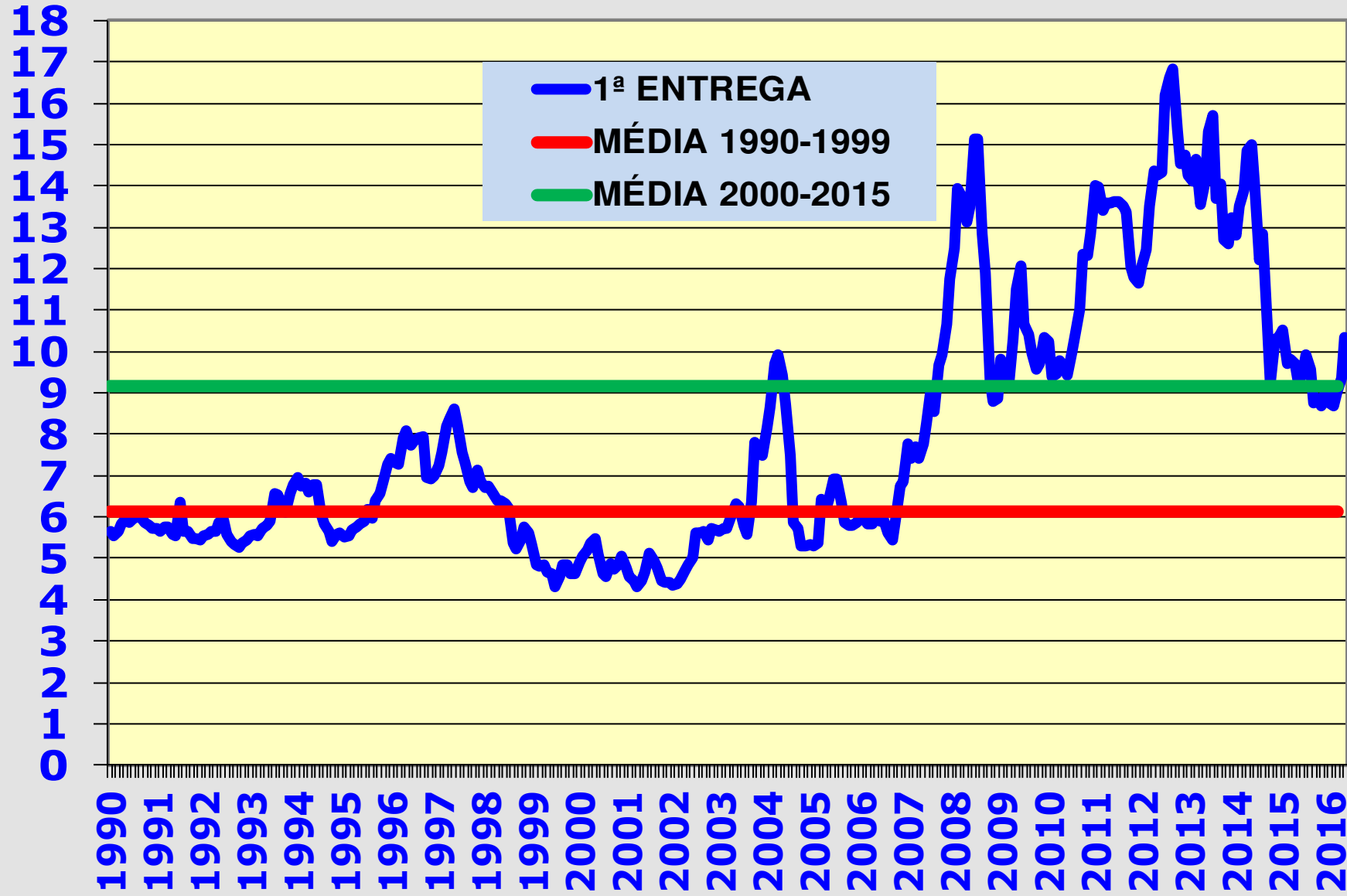
Fonte/Elaboração: ANP/ABIOVE - Coordenadoria de Economia e Estatística

Nota: Dados disponíveis até dezembro de 2015.

**BIODIESEL: PRODUÇÃO BRASILEIRA ANUAL POR MATÉRIAS-PRIMAS**

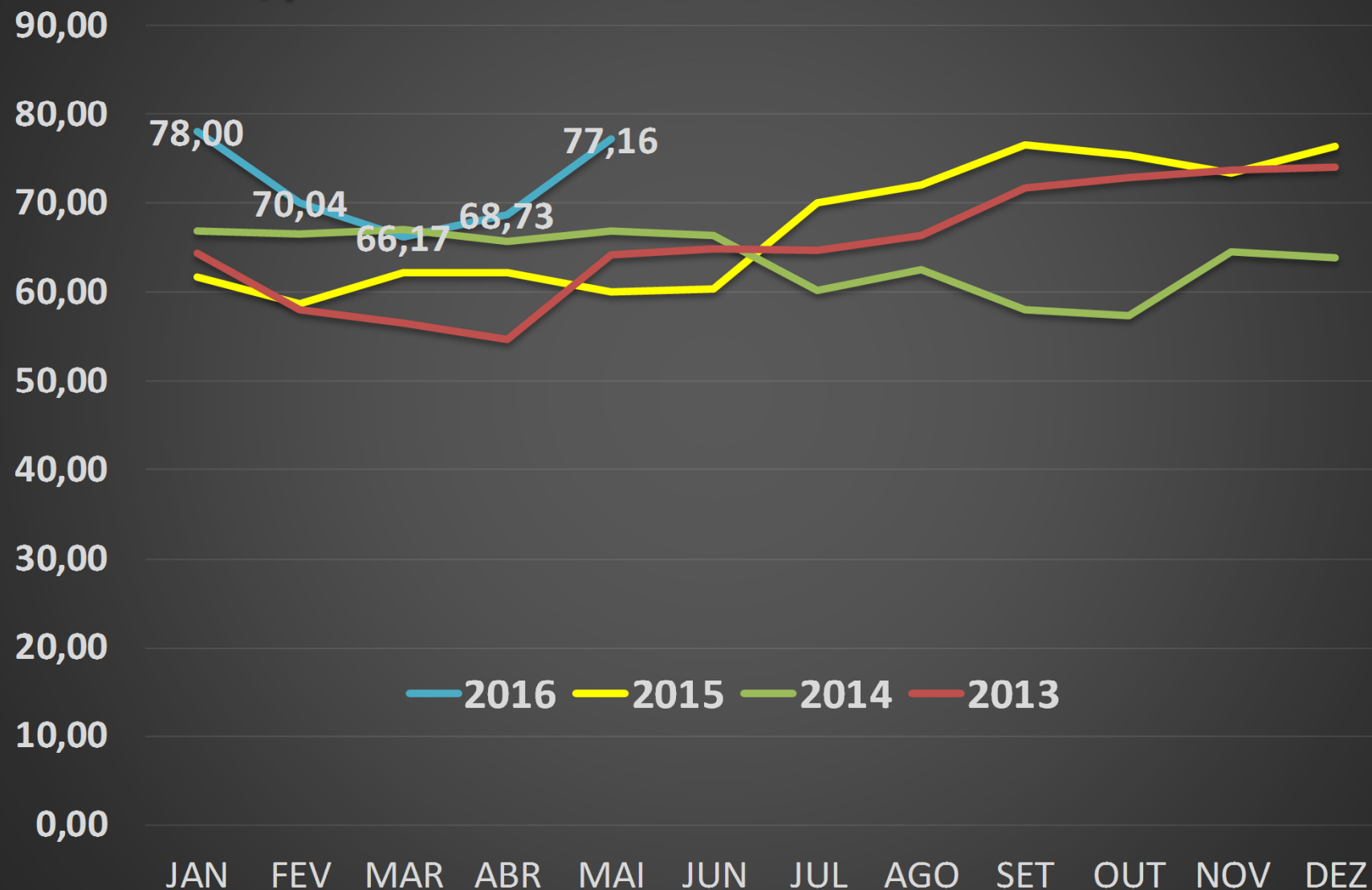


# SOJA GRÃO: COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO - 1990 A 2016 - US\$/BUSHEL

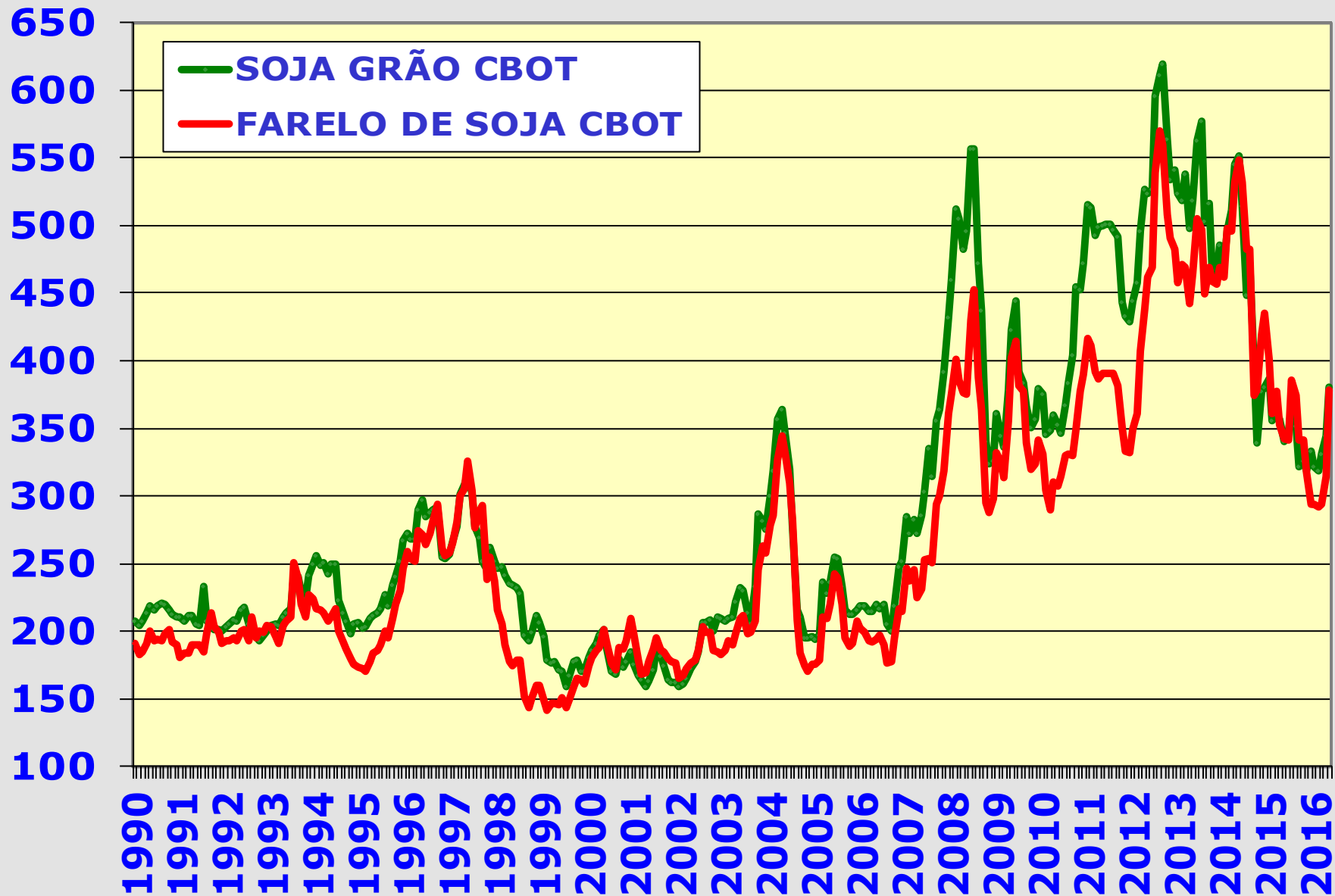




# SOJA GRÃOS: PREÇO PRODUTOR PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



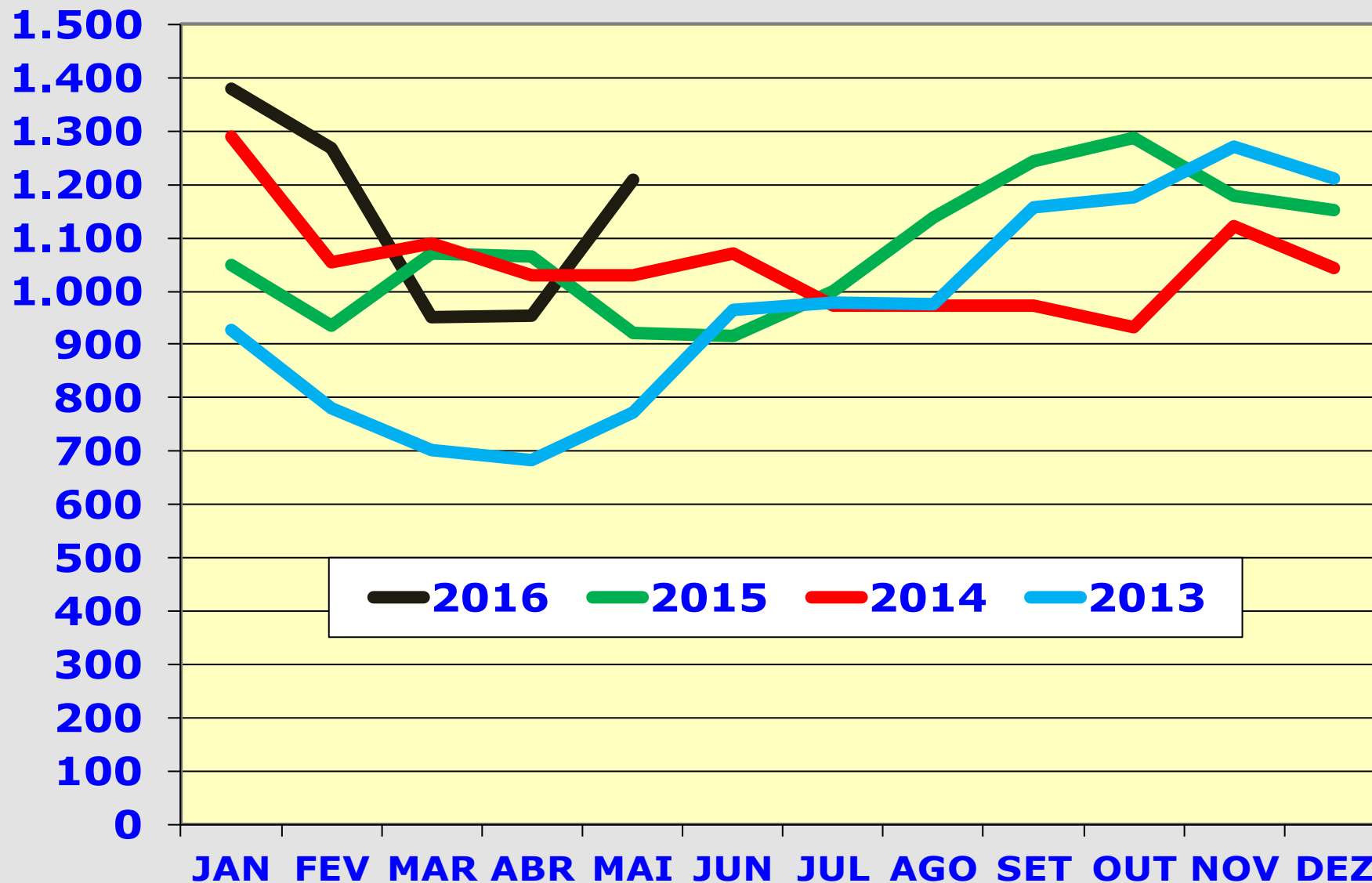
# SOJA GRÃO x FARELO DE SOJA CBOT - US\$/TONELADA



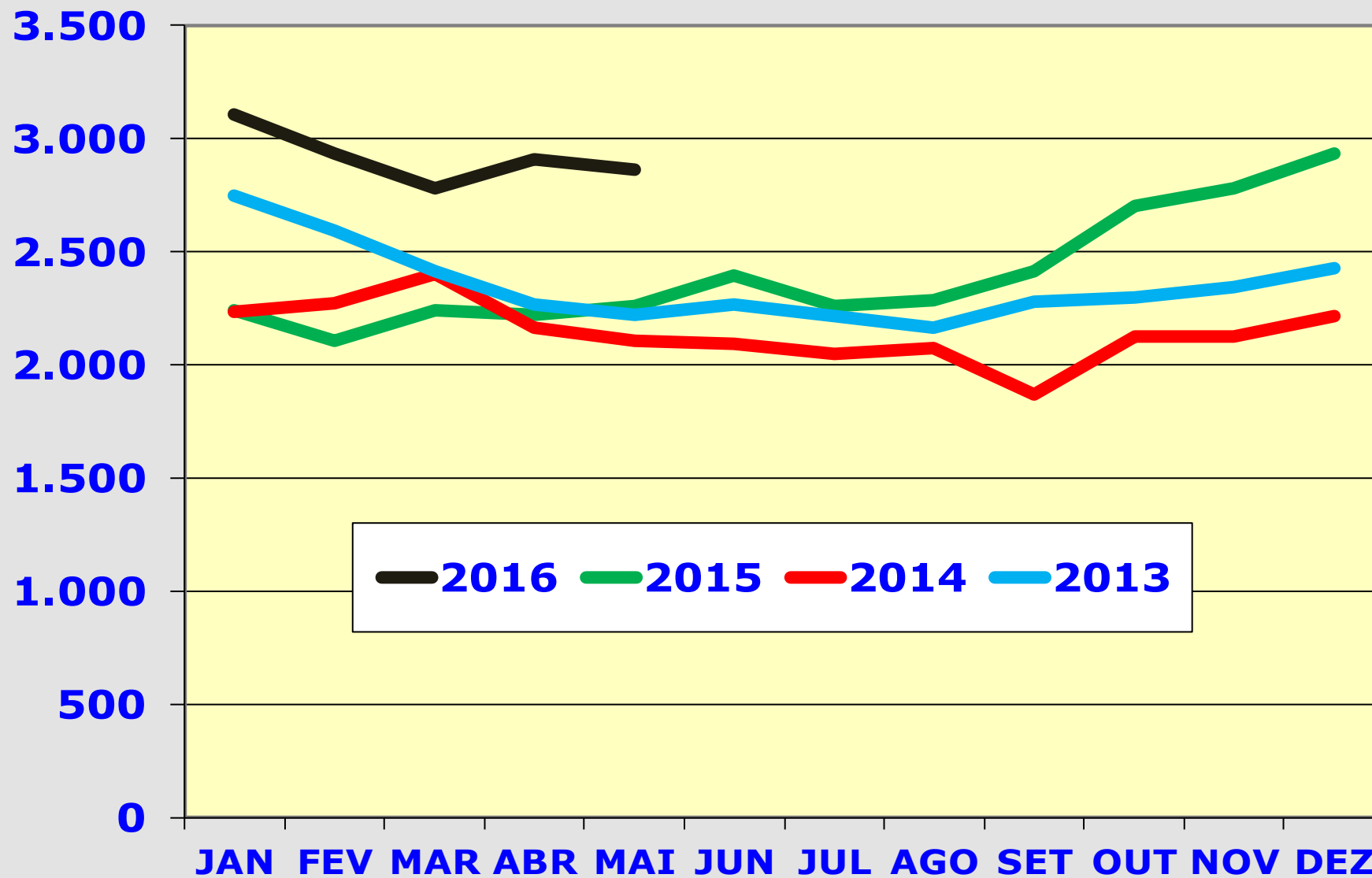
# FARELO DE SOJA CBOT x FARELO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA



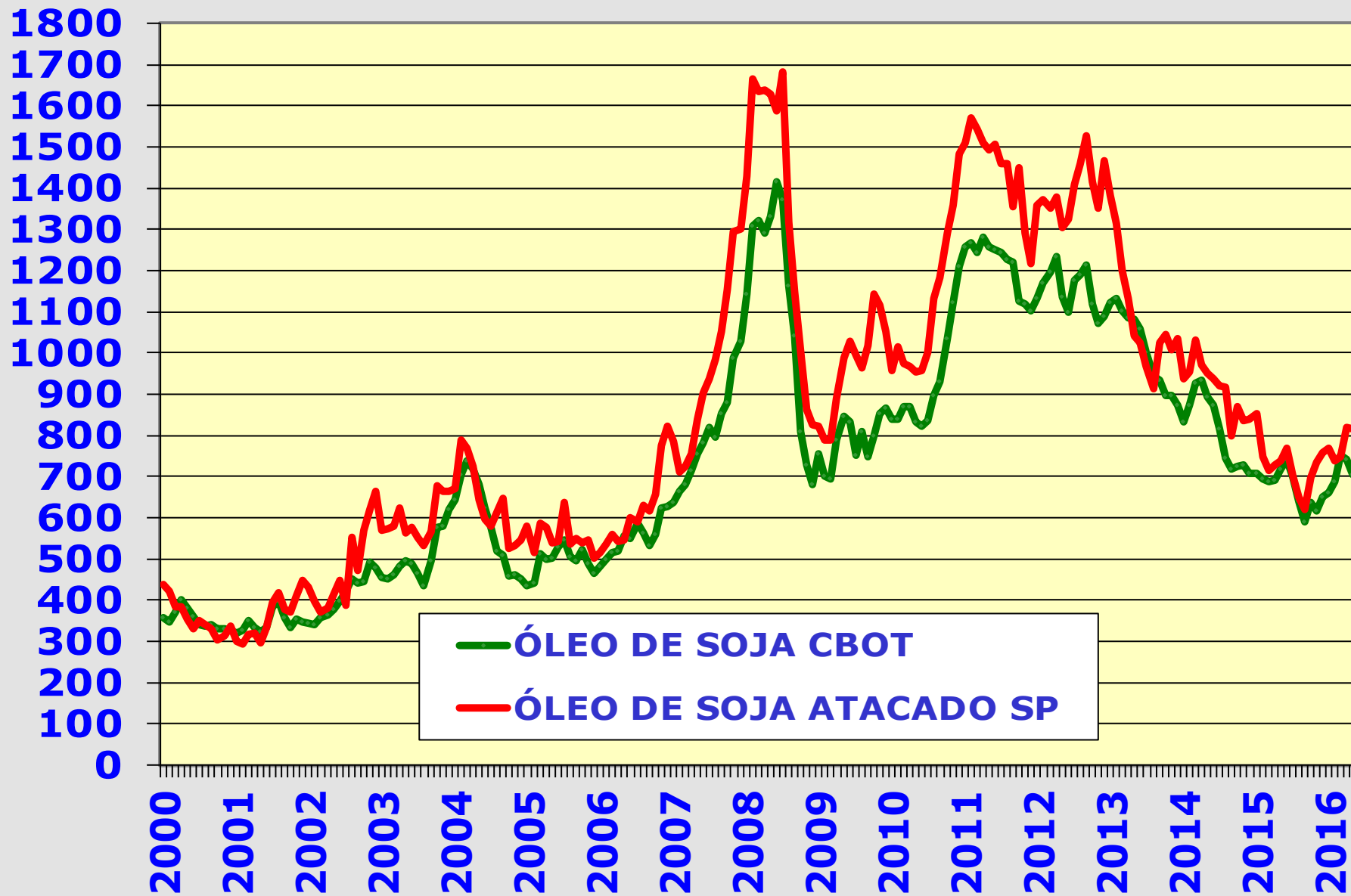
# FARELO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA



# ÓLEO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA



# ÓLEO DE SOJA CBOT x ÓLEO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA



## SOJA: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS
ITEM	UNIDADE	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,66	3,66
SEMENTES GM + ROYALTIES	USD/HA	113,44	101,30	107,70	96,17	76,22	59,06
FERTILIZANTES	USD/HA	126,52	282,85	95,19	212,80	80,74	195,99
DEFENSIVOS	USD/HA	123,47	271,90	112,65	248,06	111,76	252,64
OUTROS	USD/HA	153,96	78,73	100,30	33,53	52,75	50,74
CUSTEIO DA LAVOURA	USD/HA	517,39	734,78	415,84	590,56	321,47	558,43
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	151,30	202,60	136,68	183,97	229,62	162,30
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	USD/HA	668,69	937,38	552,52	774,53	551,09	720,73
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	R\$/HA	1.524,61	2.137,23	1.779,11	2.493,99	2.016,99	2.637,87
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIações	USD/HA	106,96	32,44	88,98	27,56	97,50	22,70
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	775,65	969,82	641,50	802,09	648,59	743,43
RENDIA DE FATORES	USD/HA	103,48	117,56	95,20	109,12	89,56	100,47
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)	USD/HA	879,13	1.087,38	736,70	911,21	738,15	843,90
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	51,1	52,9	50,8	49,9	52,0	52,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	3.067	3.173	3.050	2.994	3.120	3.120
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	USD/60 KG	17,20	20,56	14,49	18,26	14,20	16,23
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	R\$/HA	2.004,42	2.479,23	2.372,17	2.934,10	2.701,63	3.088,67
PONTO DE EQUILÍBRIO	USD/BUSHEL	7,80	9,33	6,57	8,28	6,44	7,36
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	22,45	19,33	19,64	16,61	21,67	17,90
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	5,25	-1,23	5,15	-1,65	7,47	1,67
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	10,00	10,00	9,00	9,00	10,20	10,20
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	22,05	22,05	19,84	19,84	22,49	22,49
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	1.147,57	1.022,36	998,37	828,84	1.126,84	930,80
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,90	3,90
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	3.442,71	3.067,09	3.823,74	3.174,45	4.394,68	3.630,12
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	USD/HA	268,44	-65,02	261,67	-82,37	388,69	86,90
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	R\$/HA	1.438,29	587,86	1.451,57	240,36	1.693,05	541,45
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	71,8%	23,7%	61,2%	8,2%	62,7%	17,5%
MARGEM SOBRE O CUSTO	SACAS/HA	36,7	12,5	31,1	4,1	32,6	9,1
RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)	USD/HA	478,88	84,98	445,85	54,31	575,75	210,07
EBITDA	R\$/HA	1.918,09	929,86	2.044,63	680,47	2.377,69	992,25
MARGEM EBITDA	%	55,7%	30,3%	53,5%	21,4%	54,1%	27,3%



**MILHO**



## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A tendência é de preços firmes no mercado físico brasileiro, com a confirmação das quebras na 2ª safra, baixa oferta disponível da 1ª safra e cotações futuras mais elevadas em Chicago.
- Os valores internos do milho continuam em alta e o Indicador ESALQ/BM&F (Campinas-SP) volta a beirar os R\$ 50 por saca de 60 Kg.
- No Paraná, onde a disputa pelo grão está mais acirrada, alguns negócios são realizados acima de R\$ 52,00 por saca de 60 Kg.
- A projeção da nossa Consultoria é de uma produção de milho na 2ª safra no Brasil de 53,3 milhões de toneladas, 10% abaixo da projeção de abril, de 58,8 milhões de toneladas, devido à estiagem e o calor de abril que atingiram as fases vegetativa e reprodutiva do Centro-Sul.
- O governo zerou a alíquota de importação (TEC) de 8% por 6 meses, para até 1 milhão de toneladas – o governo pode estender o prazo e a cota e ainda zerar o Pis/Cofins de 9,25% para esfriar o mercado.
- Com exportações aquecidas, o Brasil precisará importar milho da Argentina, Paraguai e EUA para complementar o suprimento interno.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Segundo o relatório de Maio/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a safra 2016/2017 de milho no país deverá totalizar 366,54 milhões de toneladas.
- Se confirmado, o volume será 6,1% maior em relação ao colhido na temporada 2015/2016, estimado em 345,49 milhões de toneladas.
- Este foi o primeiro relatório do USDA a apresentar projeções para a próxima safra.
- O USDA projetou o rendimento das lavouras em 10,54 toneladas por hectare em 2016/2017.
- A área plantada foi estimada em 37,88 milhões de hectares, aumento de 6,4% em relação à safra anterior.
- O estoque final para a temporada 2016/2017 foi projetado em 54,68 milhões de toneladas, incremento de 19,4% ante as 45,79 milhões de toneladas estimadas para a safra 2015/2016.
- Do lado da demanda, as exportações no ciclo 2016/2017 foram estimadas em 48,26 milhões de toneladas, um incremento de 10,1% na comparação com o projetado para a temporada anterior.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O uso do cereal para ração nos Estados Unidos foi projetado em 140,97 milhões de toneladas, 5,7% acima do projetado para o ciclo 2015/2016, enquanto a utilização para alimentação e sementes foi estimada em 169,41 milhões de toneladas, 1,0% acima do ciclo anterior.
- O uso do milho para a fabricação de etanol foi projetado pelo USDA em 134,62 milhões de toneladas, aumento de 1,0% ante 2015/2016.
- Segundo o relatório de Maio/2016 do USDA, a safra mundial de milho está estimada em 1,011 bilhão de toneladas em 2016/2017, alinhada à demanda, que está projetada em 1,011 bilhão de toneladas.
- Com isso, os estoques finais mundiais de milho devem permanecer estáveis em 2016/2017, estimados em 207 milhões de toneladas.
- No Brasil, a colheita da safra de verão (1ª safra) está na reta final, mas muitos produtores estão retraídos, negociando apenas lotes pontuais, já que estão apreensivos quanto ao desenvolvimento da 2ª safra.
- A produtividade pode ser uma das menores das últimas temporadas na 2ª safra de 2015/2016.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Nesse cenário, os contratos na BM&F estão em alta e já são negociados, pela primeira vez, acima dos R\$ 50,00 por saca de 60 Kg.
- No acumulado de maio, o vencimento Maio/2016 subiu 2,6%, para R\$ 50,94 por saca de 60 Kg; enquanto o contrato Julho/2016 subiu 3,3%, para R\$ 46,00 por saca de 60 Kg.
- Os contratos com vencimento no segundo semestre também subiram: Setembro/2016 se valorizou 1,3%, para R\$ 42,03 por saca de 60 Kg, e Novembro/2016 subiu 2,7%, para R\$ 43,26 por saca de 60 Kg.
- Ainda que de forma menos intensa, os valores dos negócios antecipados para exportação por Paranaguá (PR) também estão em alta.
- Os negócios realizados e/ou ofertas de compra e de venda de abril, para entrega do milho em agosto e setembro em Paranaguá, tiveram média de R\$ 35,73 por saca de 60 Kg, 0,8% acima da média de março.
- O Brasil já vem importando milho, especialmente de países vizinhos.
- Em abril, foram importadas 105,9 mil toneladas, ao preço médio de US\$ 155,40/tonelada, equivalente a R\$ 33,13 por saca de 60 Kg, bem abaixo das atuais cotações no físico nacional.

## **MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A relação entre os preços no Brasil (BM&F) e nos Estados Unidos (Bolsa de Chicago) mostra uma redução expressiva na competitividade do milho brasileiro.
- Em abril, o valor médio do primeiro contrato em aberto na BM&F foi 52% superior ao primeiro contrato em aberto na Bolsa de Chicago.
- A média de abril do milho no porto de Paranaguá (PR) esteve 37% acima do primeiro contrato de Chicago e 17% superior ao de exportação da Argentina.
- Diante disso, apesar do grande receio quanto ao desenvolvimento das lavouras do milho 2ª safra, a menor competitividade do cereal brasileiro pode resultar em quedas internas e/ou, pelo menos, limitar novas altas.
- Como exemplo, em Mato Grosso, na região de Campo Verde, a cotação no disponível é de R\$ 42,00 por saca de 60 Kg, mesmo valor para entregas até o dia 25 de maio.
- Para retirada em junho, a indicação de compra cai para R\$ 30,00 por saca de 60 Kg e, para julho, recua para R\$ 28,00 por saca de 60 Kg.

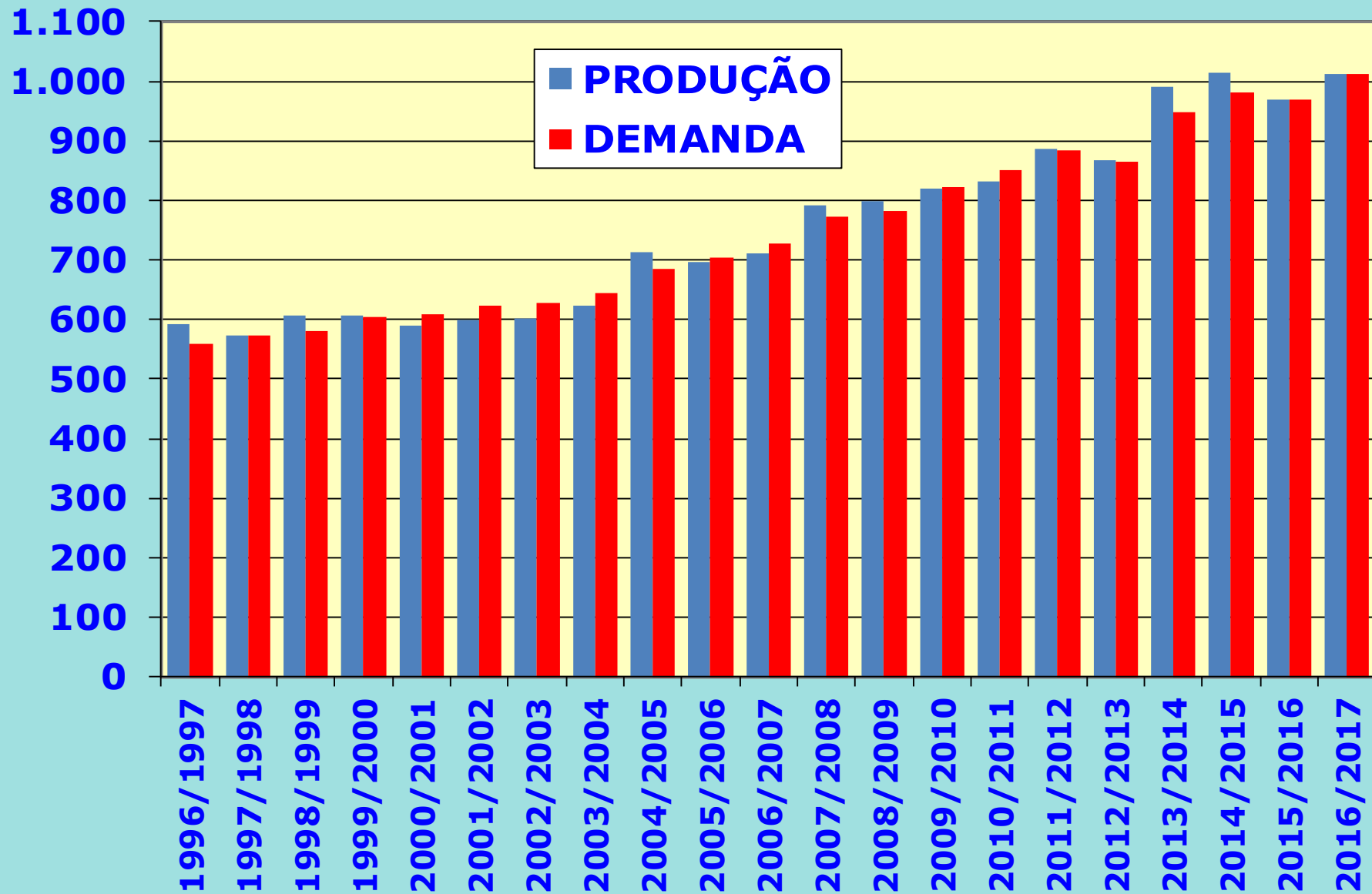
## MILHO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - EM MILHÕES DE TONELADAS

ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO MUNDIAL	COMÉRCIO MUNDIAL	OFERTA TOTAL	DEMANDA MUNDIAL	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ CONSUMO
1989/1990	151,0	459,1	74,4	610,1	475,8	134,3	28,2%
1990/1991	134,3	476,4	58,8	610,7	468,7	142,0	30,3%
1991/1992	142,0	487,5	63,5	629,6	486,5	143,0	29,4%
1992/1993	143,0	538,8	62,2	681,8	513,1	168,7	32,9%
1993/1994	168,7	476,1	58,8	644,8	509,6	135,2	26,5%
1994/1995	135,2	559,0	66,1	694,2	535,5	158,7	29,6%
1995/1996	158,7	515,9	70,3	674,6	536,3	138,2	25,8%
1996/1997	138,2	592,7	65,5	730,9	560,1	170,8	30,5%
1997/1998	170,8	574,1	63,3	744,9	573,7	171,2	29,8%
1998/1999	171,2	605,4	66,9	776,6	581,5	195,2	33,6%
1999/2000	195,2	606,8	76,9	802,0	604,6	197,4	32,7%
2000/2001	197,4	589,5	77,2	786,9	609,3	177,6	29,2%
2001/2002	177,6	598,9	76,3	776,5	622,4	154,1	24,8%
2002/2003	154,1	601,9	78,2	756,0	627,4	128,6	20,5%
2003/2004	128,6	623,0	77,3	751,7	645,0	106,7	16,5%
2004/2005	106,7	712,2	78,2	818,9	685,1	133,8	19,5%
2005/2006	133,8	696,9	80,9	830,7	703,9	126,8	18,0%
2006/2007	126,8	711,1	93,8	837,9	727,0	110,9	15,3%
2007/2008	110,9	792,4	98,6	903,3	772,0	131,4	17,0%
2008/2009	131,4	798,8	84,5	930,2	782,0	148,2	18,9%
2009/2010	148,2	819,4	96,8	967,5	822,8	144,7	17,6%
2010/2011	144,7	832,5	91,5	977,2	850,3	126,9	14,9%
2011/2012	126,9	886,6	117,0	1.013,5	883,2	130,4	14,8%
2012/2013	130,4	868,0	95,2	998,3	864,7	133,6	15,4%
2013/2014	133,6	990,5	131,1	1.124,1	948,9	175,2	18,5%
2014/2015	175,2	1.013,5	141,7	1.188,7	980,8	207,9	21,2%
2015/2016	207,9	968,9	121,3	1.176,7	968,9	207,9	21,5%
2016/2017	207,9	1.011,1	132,9	1.218,9	1.011,9	207,0	20,5%
VAR. 2015-2016/2014-2015	18,6%	-4,4%	-14,4%	-1,0%	-1,2%	0,0%	
VAR. 2016-2017/2015-2016	0,0%	4,4%	9,5%	3,6%	4,4%	-0,4%	

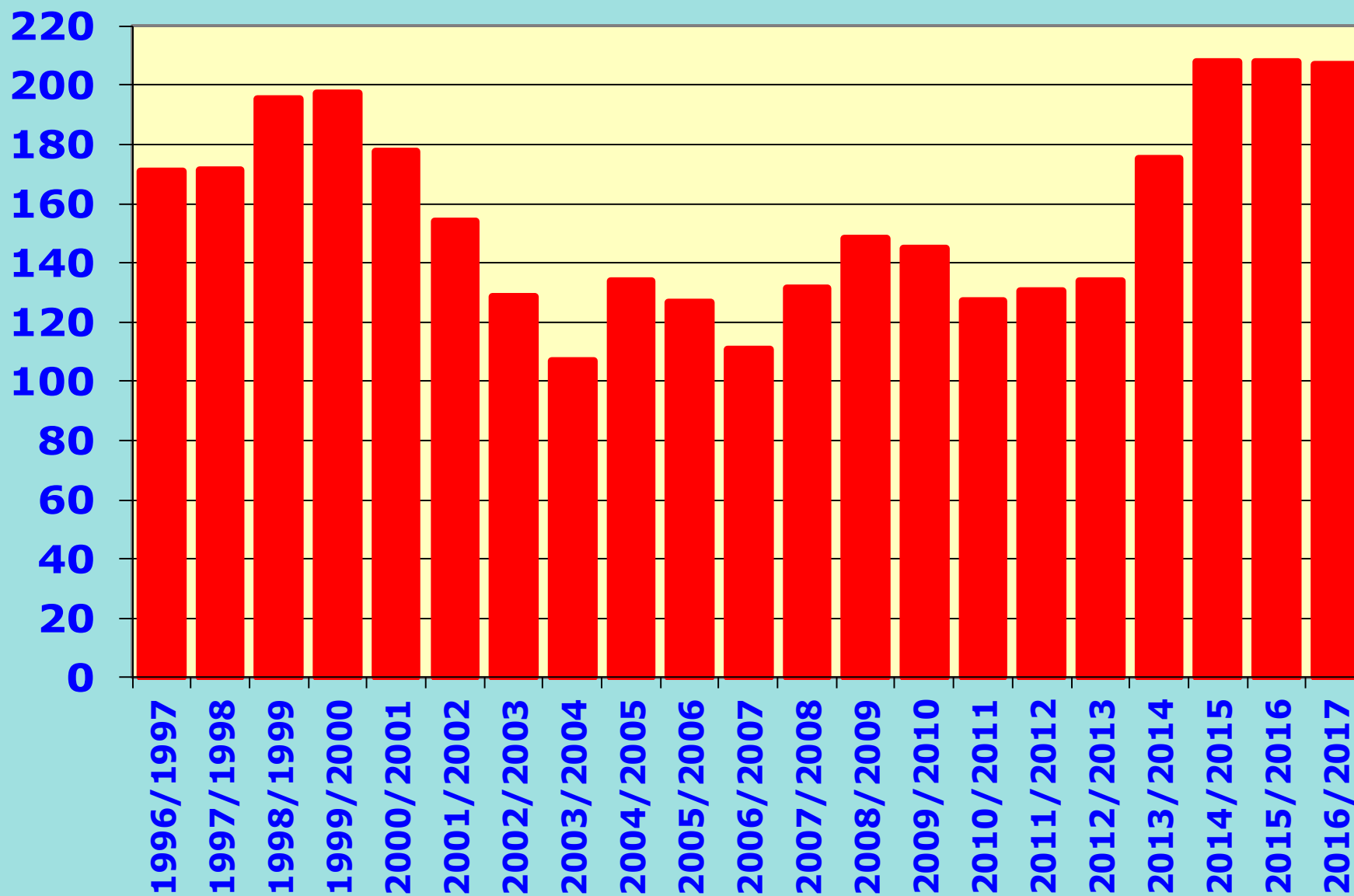
Fonte: USDA MAIO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

# MILHO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS

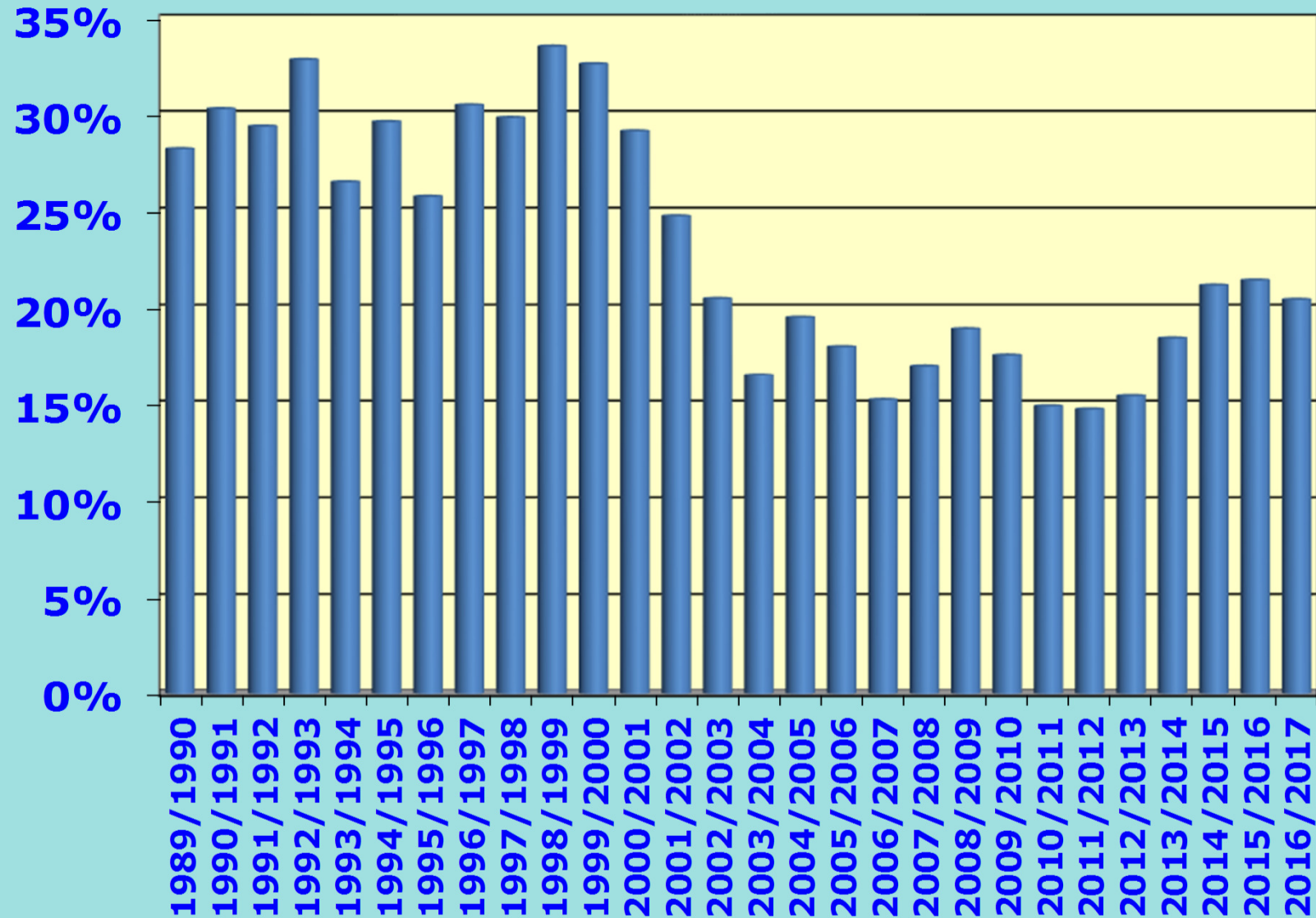


## MILHO: ESTOQUES DE PASSAGEM MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS

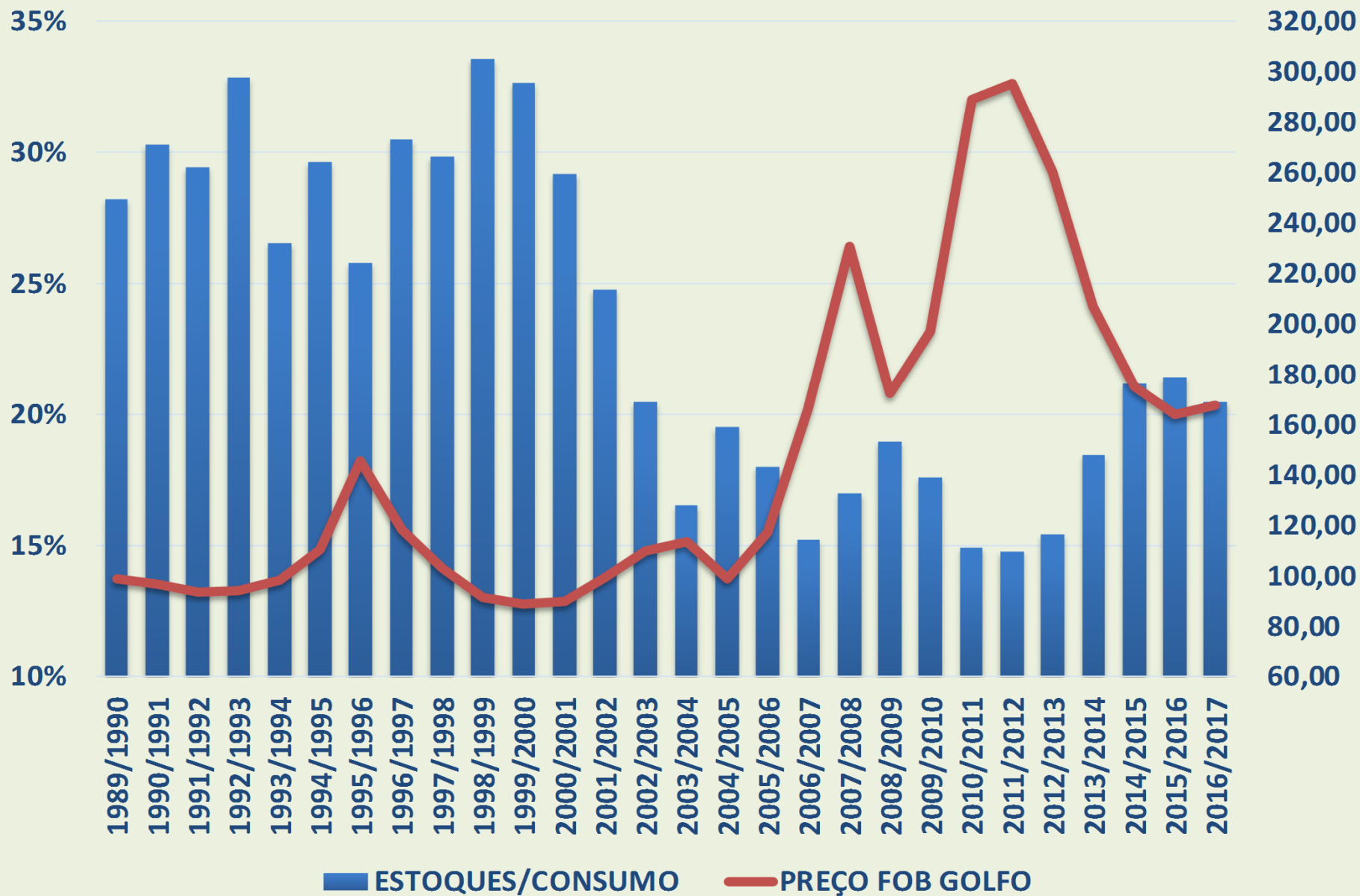




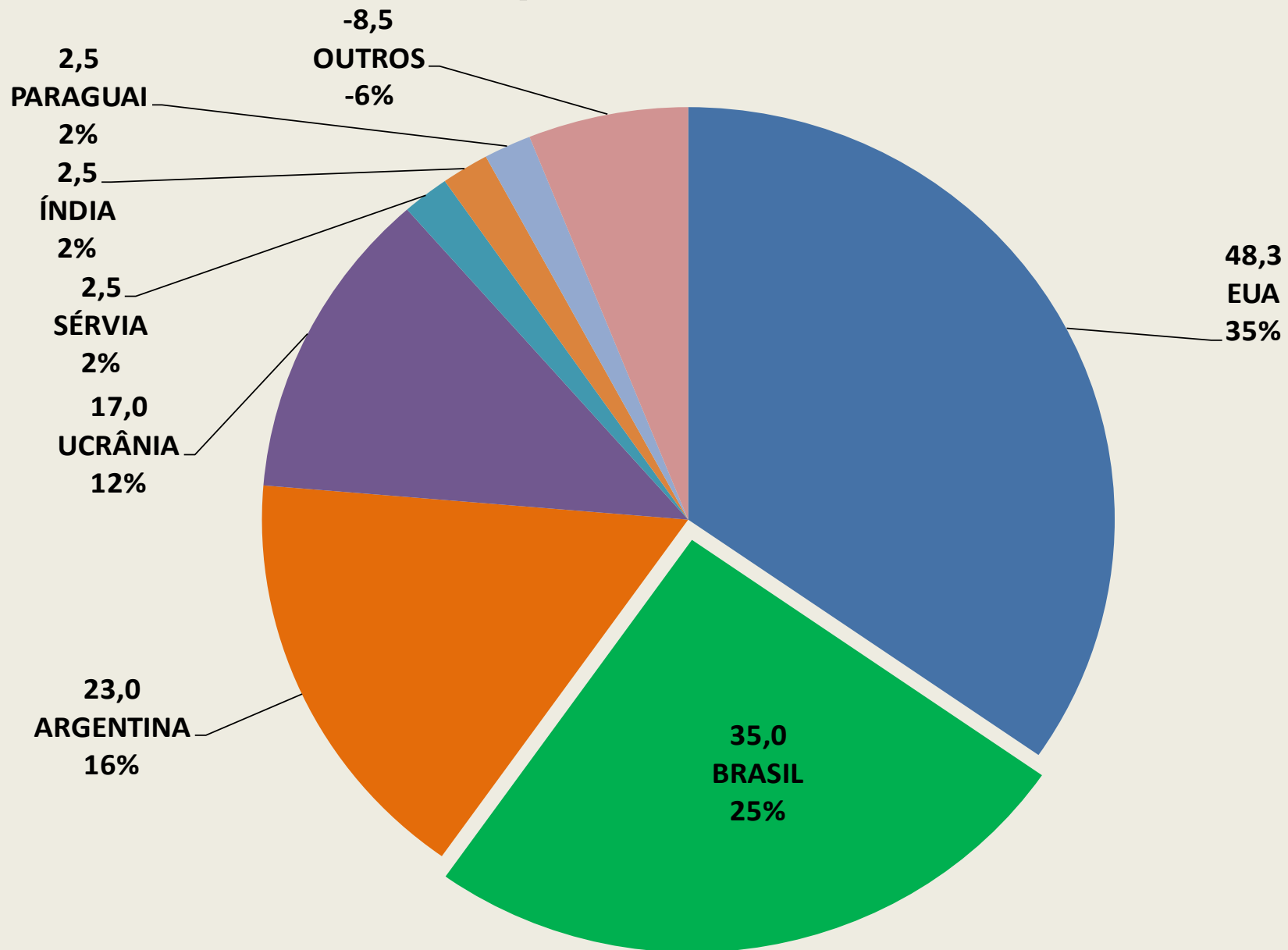
## MILHO: RELAÇÃO ESTOQUES DE PASSAGEM/DEMANDA MUNDIAL



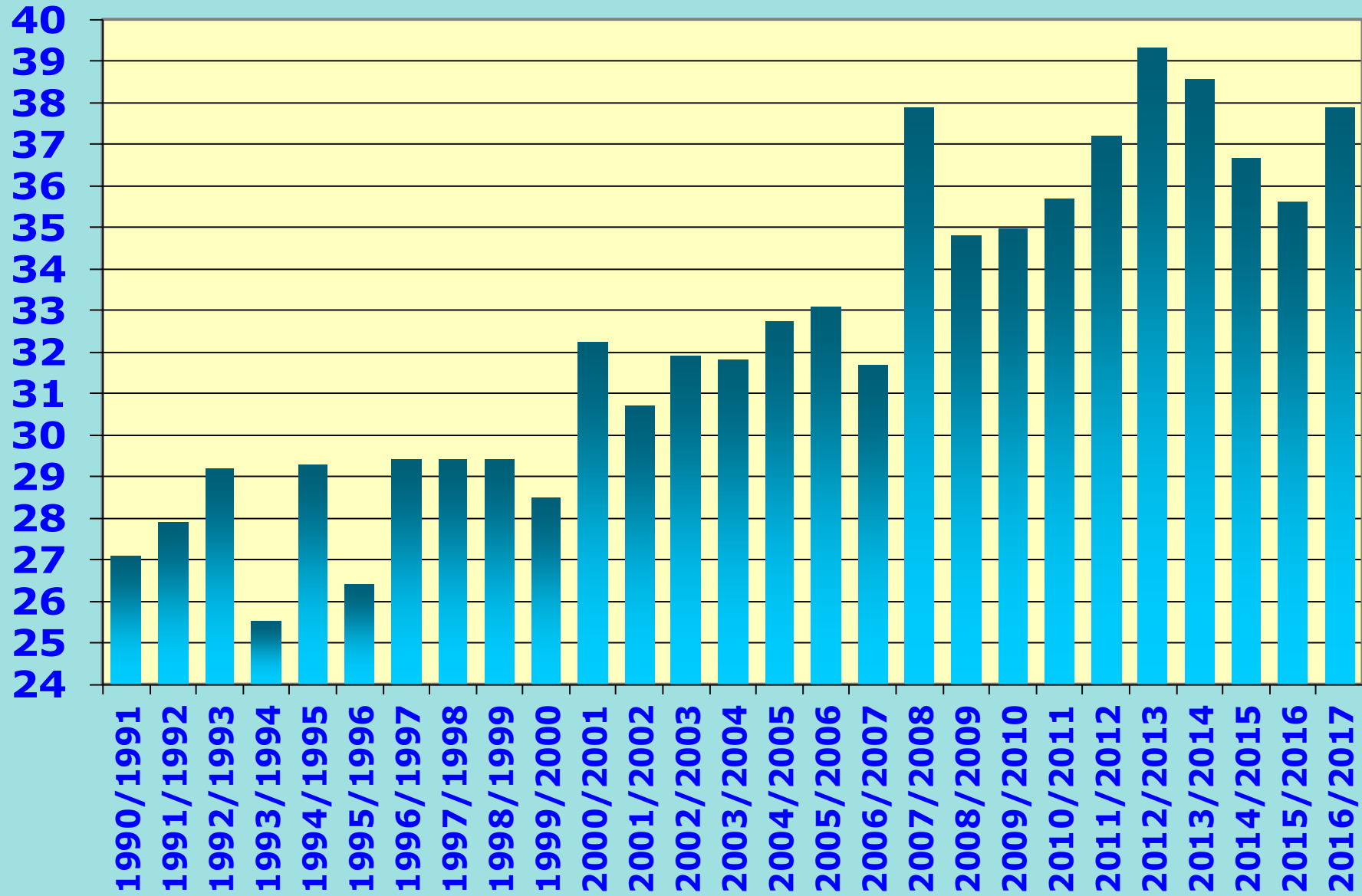
# MILHO: RELAÇÃO ESTOQUES FINAIS/DEMANDA MUNDIAL (%) x PREÇOS FOB GOLFO DOS EUA (US\$/T)



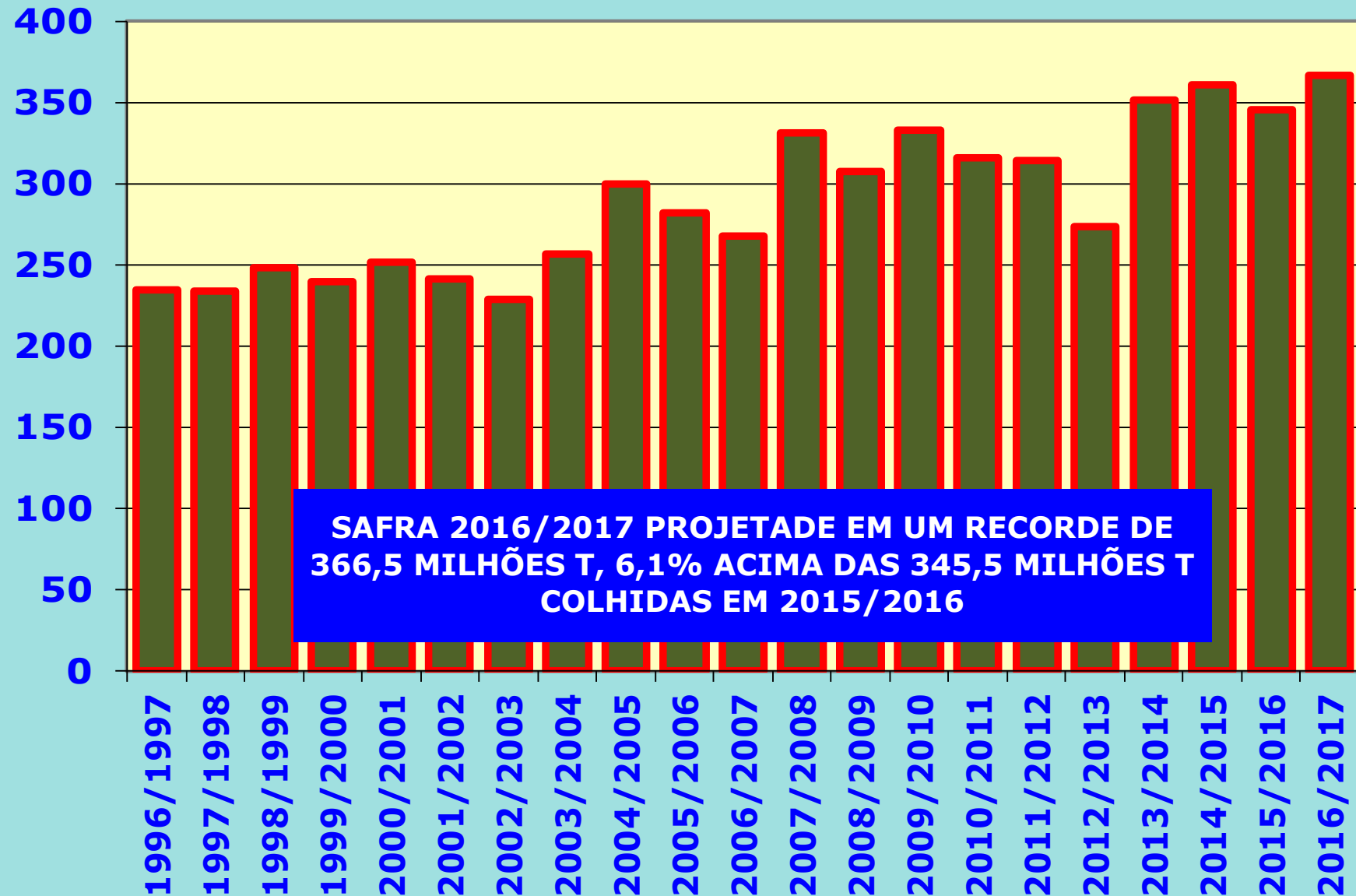
# MILHO: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS 2016/2017 - MILHÕES T E %



# EUA: ÁREA DE CULTIVO DE MILHO MILHÕES DE HECTARES

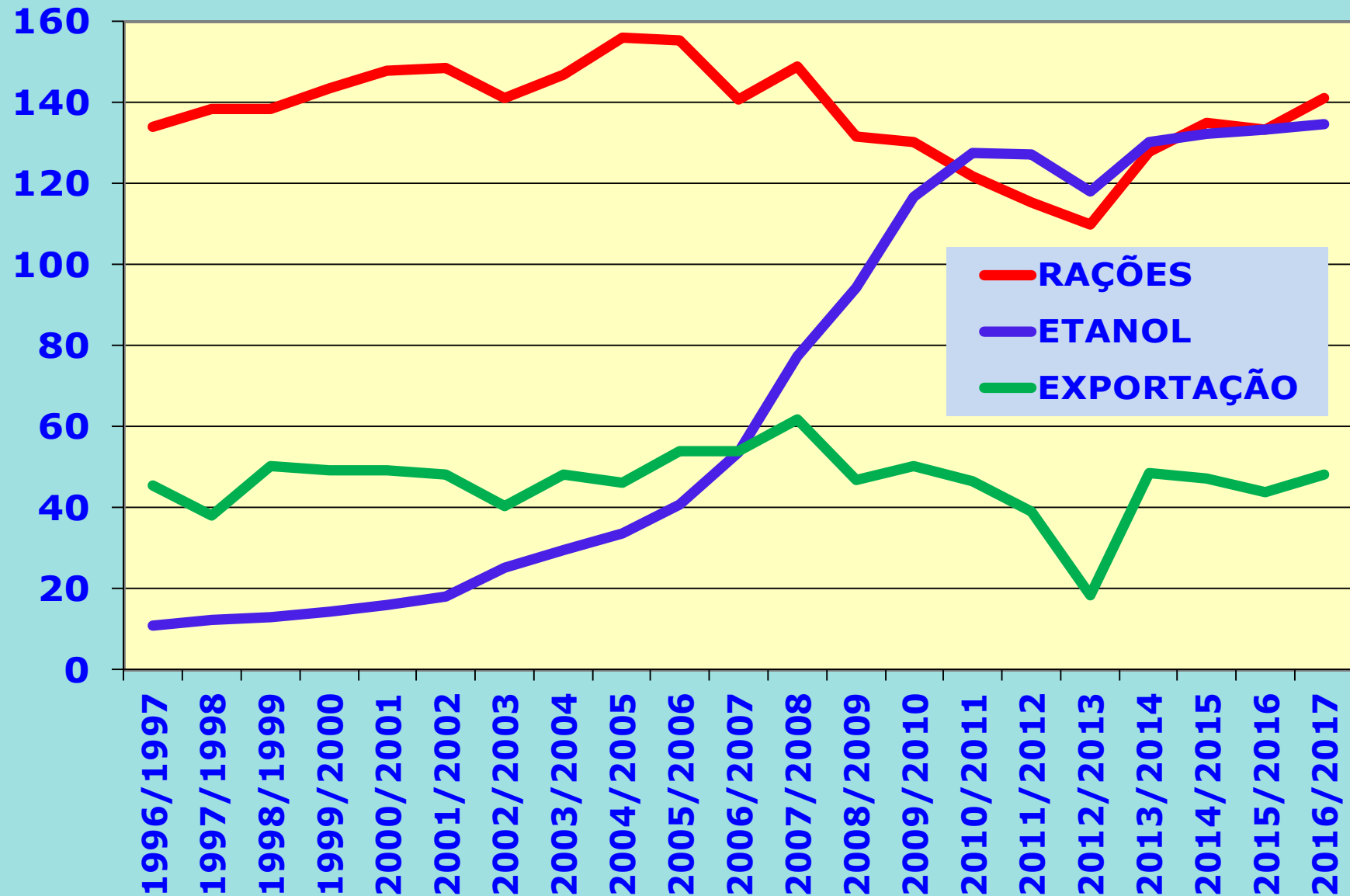


# EUA: PRODUÇÃO DE MILHO EM MILHÕES DE TONELADAS

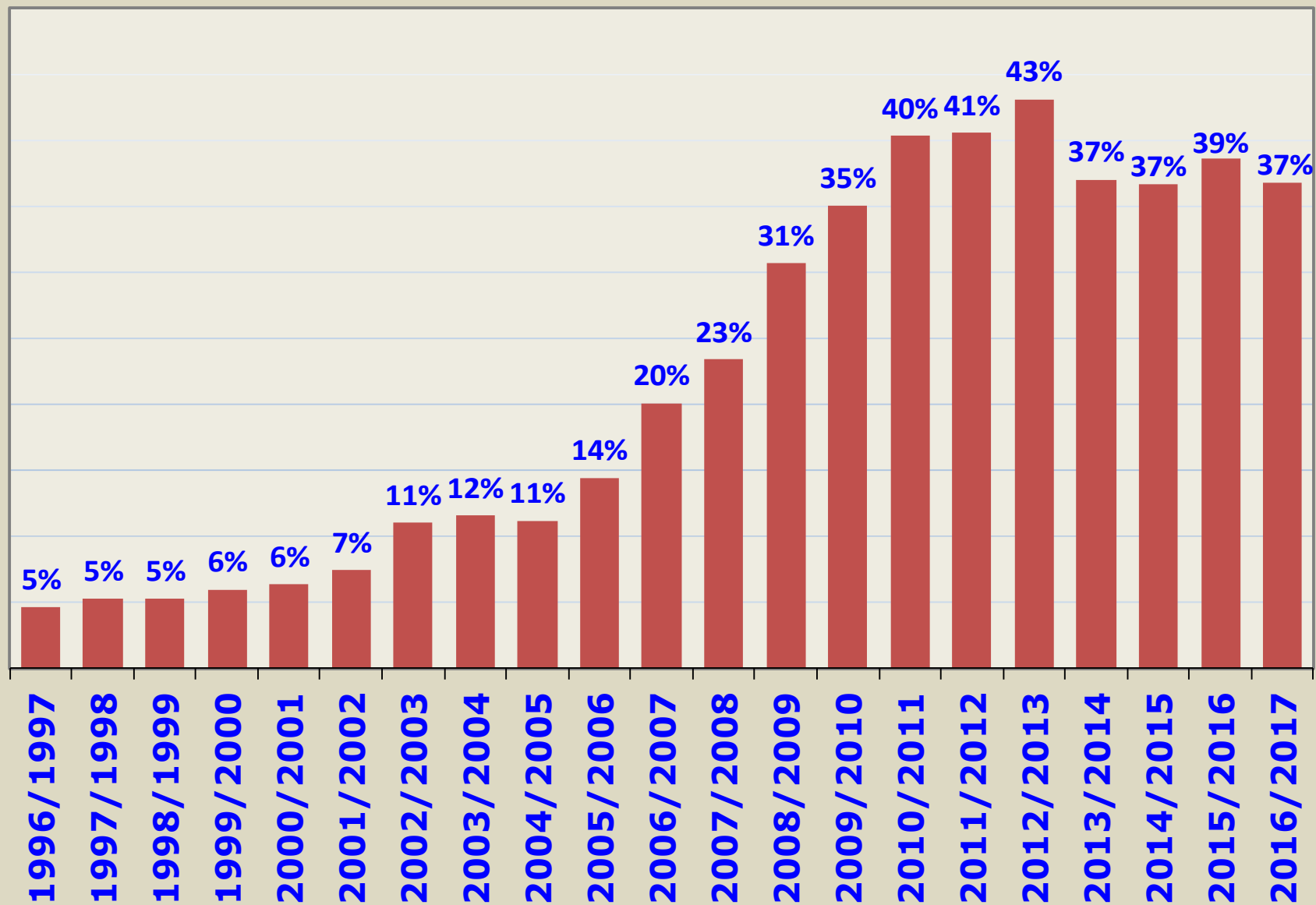


**SAFRA 2016/2017 PROJETADA EM UM RECORDE DE 366,5 MILHÕES T, 6,1% ACIMA DAS 345,5 MILHÕES T COLHIDAS EM 2015/2016**

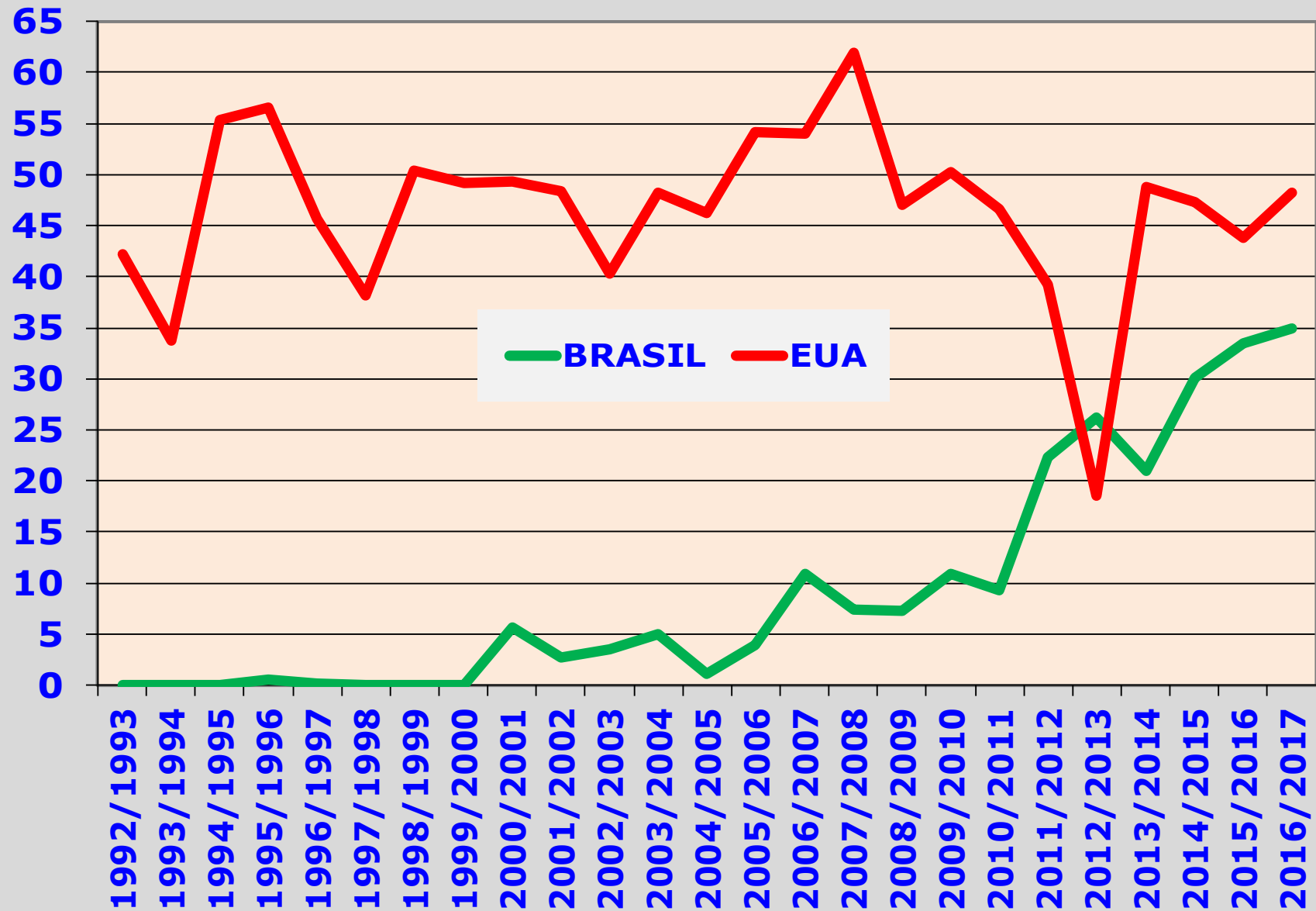
# EUA: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO DE MILHO - MILHÕES DE TONELADAS



## EUA: PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA DE ETANOL NA PRODUÇÃO DE MILHO (%)

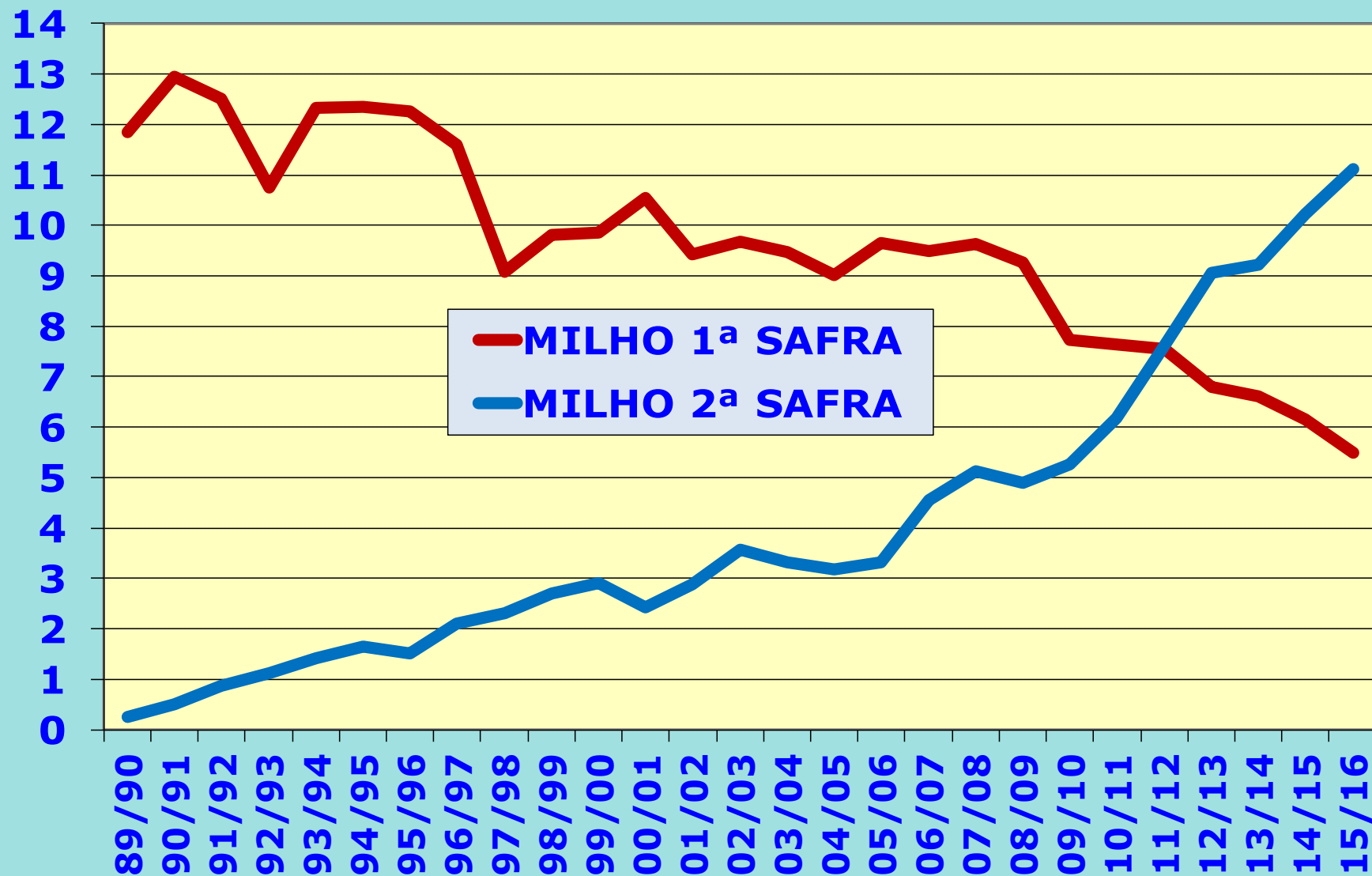


# EXPORTAÇÕES DE MILHO EUA x BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS



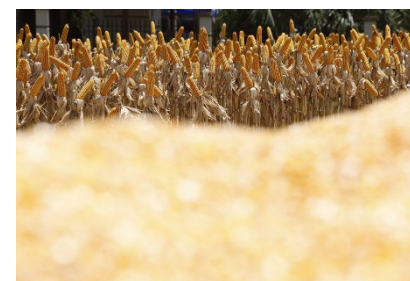


# MILHO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL NA 1ª SAFRA (VERÃO) x 2ª SAFRA (INVERNO) - MILHÕES DE HA



# MILHO 1ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
<b>Nordeste</b>												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
<b>Sudeste</b>												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
<b>Sul</b>												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

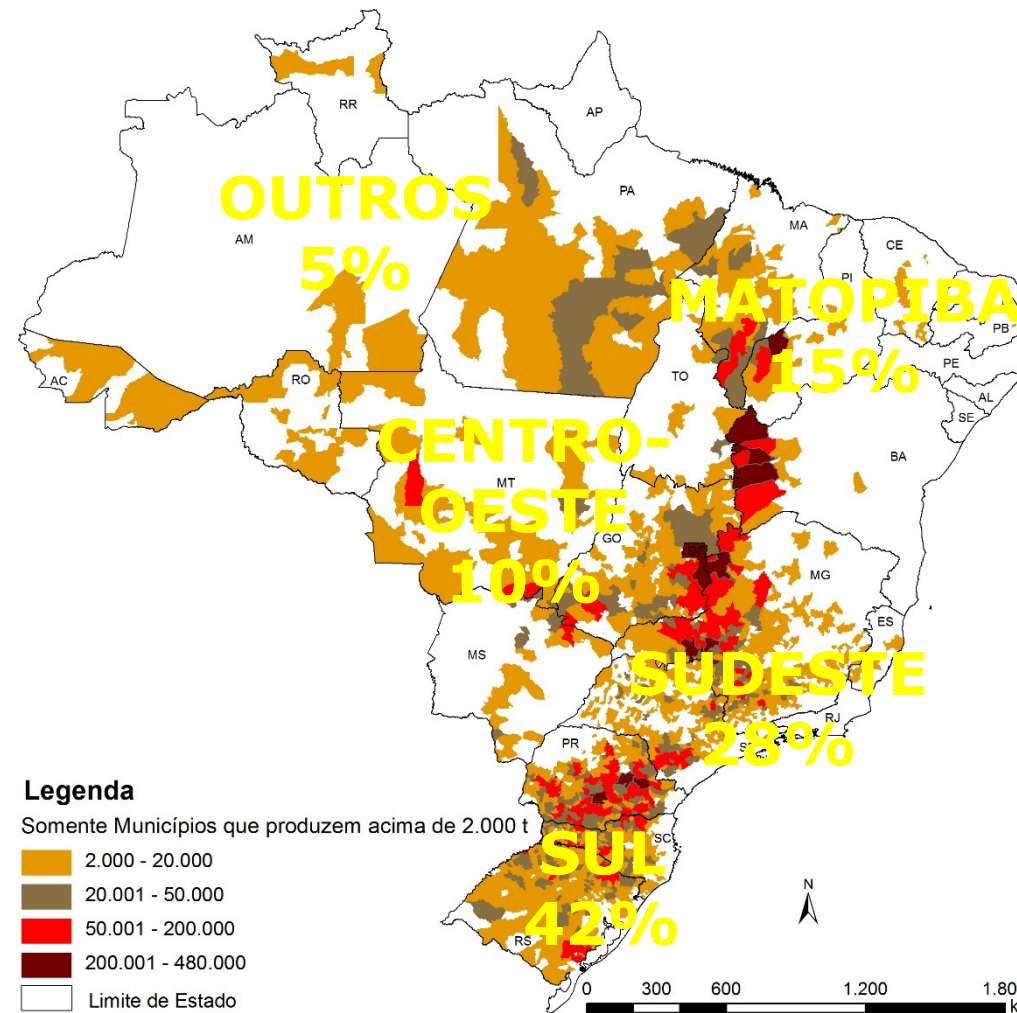


**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

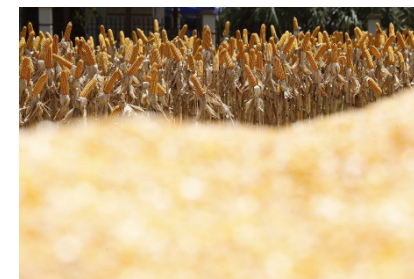
**P/C = PLANTIO E COLHEITA**

## MILHO: PRODUÇÃO 1ª SAFRA 2015/2016



# MILHO 2ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
<b>Nordeste</b>												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
<b>Sudeste</b>												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
<b>Sul</b>												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C



**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

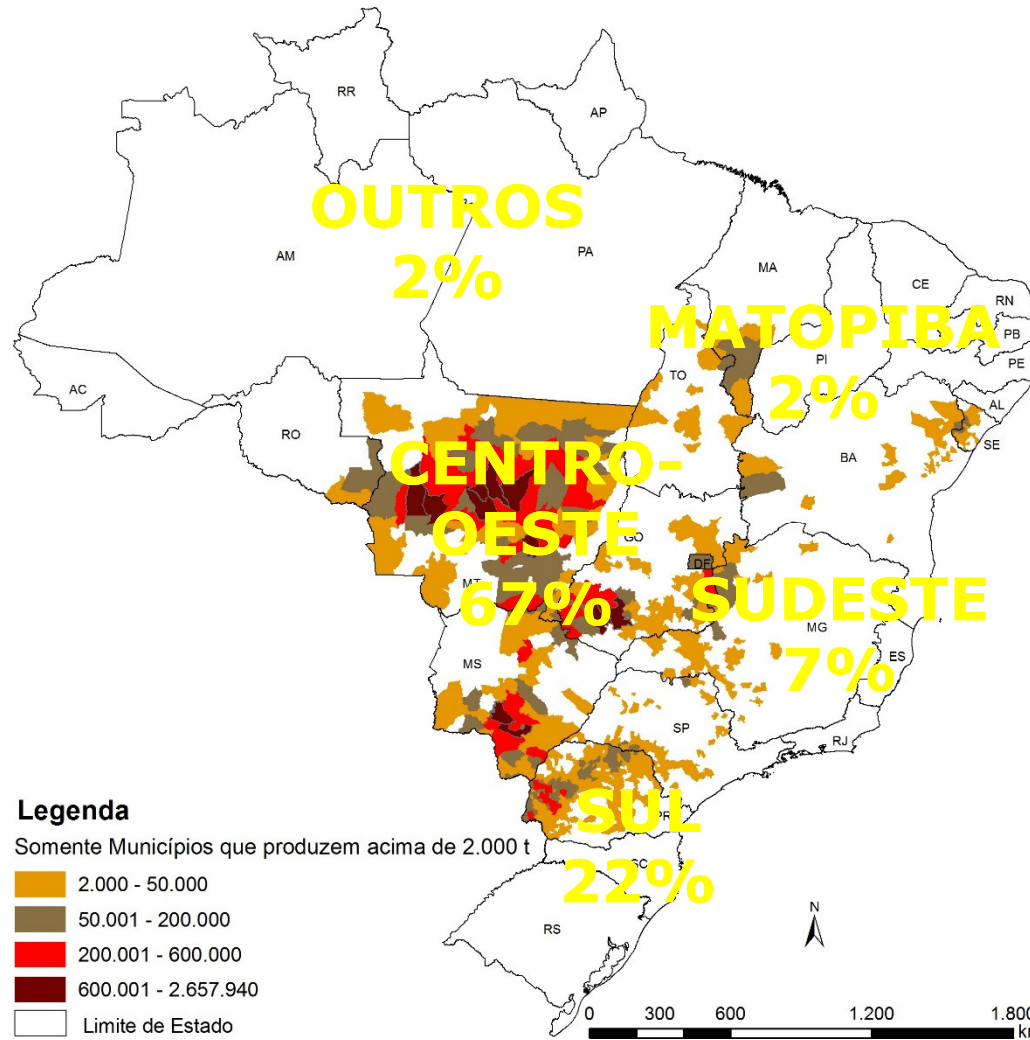
**P/C = PLANTIO E  
COLHEITA**

# MILHO 2ª SAFRA

## ÁREA DE CULTIVO - MILHÕES HA



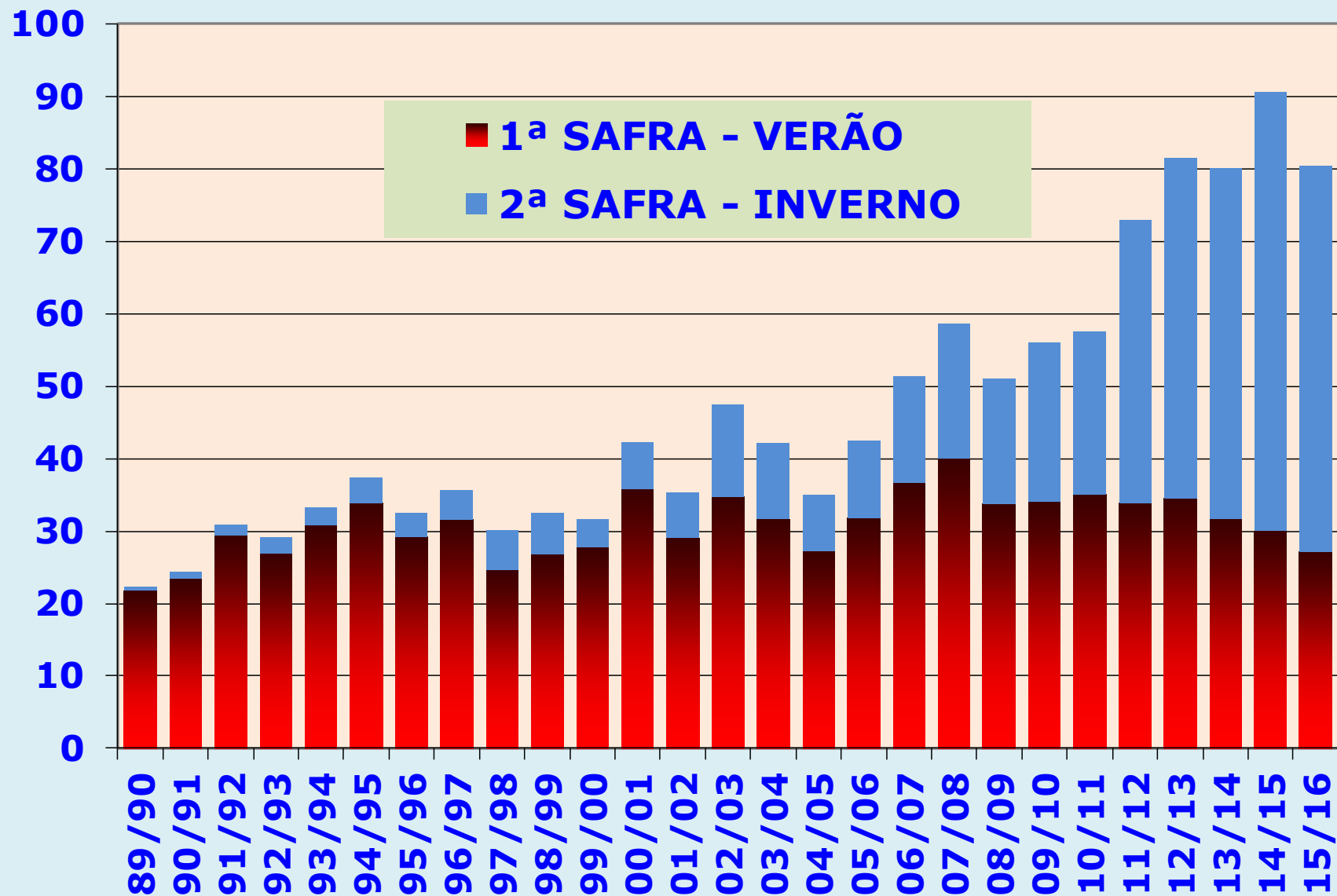
## MILHO: PRODUÇÃO 2ª SAFRA 2015/2016



# MILHO 2ª SAFRA: PRODUÇÃO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



# MILHO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS





## MILHO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL - MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	EXPORTAÇÕES	OFERTA TOTAL	CONSUMO INTERNO	EXCEDENTES	EXPORTAÇÕES/ PRODUÇÃO	ESTOQUE FINAL	ESTOQUES/ DEMANDA
1979/1980	2.082,6	19.434,8	1.593,9	5,9	23.111,3	20.177,0	2.934,3	0,0%	2.928,4	14,5%
1980/1981	2.928,4	21.282,7	901,9	7,1	25.113,0	21.994,8	3.118,2	0,0%	3.111,1	14,1%
1981/1982	3.111,1	21.603,7	9,6	543,4	24.724,4	20.609,2	4.115,2	2,5%	3.571,8	17,3%
1982/1983	3.571,8	19.014,1	213,1	765,9	22.799,0	19.461,2	3.337,8	4,0%	2.571,9	13,2%
1983/1984	2.571,9	21.177,5	253,6	178,2	24.003,0	19.955,4	4.047,6	0,8%	3.869,4	19,4%
1984/1985	3.869,4	21.173,9	262,1	0,0	25.305,4	22.957,0	2.348,4	0,0%	2.348,4	10,2%
1985/1986	2.348,4	20.264,1	2.423,6	0,0	25.036,1	21.687,6	3.348,5	0,0%	3.348,5	15,4%
1986/1987	3.348,5	26.758,3	871,2	0,0	30.978,0	26.350,2	4.627,8	0,0%	4.627,8	17,6%
1987/1988	4.627,8	25.223,6	15,0	0,0	29.866,4	25.320,0	4.546,4	0,0%	4.546,4	18,0%
1988/1989	4.546,4	26.266,8	154,9	0,0	30.968,1	26.140,0	4.828,1	0,0%	4.828,1	18,5%
1989/1990	4.828,1	22.257,4	700,0	0,0	27.785,5	24.800,0	2.985,5	0,0%	2.985,5	12,0%
1990/1991	2.985,5	24.096,1	832,2	0,0	27.913,8	25.288,0	2.625,8	0,0%	2.625,8	10,4%
1991/1992	2.625,8	30.771,2	340,0	0,0	33.737,0	28.500,0	5.237,0	0,0%	5.237,0	18,4%
1992/1993	5.237,0	29.207,4	1.497,9	0,0	35.942,3	30.775,0	5.167,3	0,0%	5.167,3	16,8%
1993/1994	5.167,3	33.173,5	1.568,6	0,0	39.909,4	32.732,0	7.177,4	0,0%	7.177,4	21,9%
1994/1995	7.177,4	37.441,9	1.263,6	8,6	45.882,9	34.860,0	11.022,9	0,0%	11.014,3	31,6%
1995/1996	11.014,3	32.404,7	280,0	521,1	43.699,0	35.000,0	8.699,0	1,6%	8.177,9	23,4%
1996/1997	8.177,9	35.715,6	604,4	188,0	44.497,9	35.400,0	9.097,9	0,5%	8.909,9	25,2%
1997/1998	8.909,9	30.187,8	1.728,9	7,2	40.826,6	35.000,0	5.826,6	0,0%	5.819,4	16,6%
1998/1999	5.819,4	32.393,4	822,1	7,5	39.034,9	35.000,0	4.034,9	0,0%	4.027,4	11,5%
1999/2000	4.027,4	31.640,9	1.770,5	6,7	37.438,8	34.480,0	2.958,8	0,0%	2.952,1	8,6%
2000/2001	2.952,1	42.289,3	624,0	5.629,0	45.865,4	36.135,5	9.729,9	13,3%	4.100,9	11,3%
2001/2002	4.100,9	35.280,7	345,0	2.747,0	39.726,6	36.410,0	3.316,6	7,8%	569,6	1,6%
2002/2003	569,6	47.410,9	800,6	3.566,2	48.781,1	37.300,0	11.481,1	7,5%	7.914,9	21,2%
2003/2004	7.914,9	42.128,5	330,5	5.030,9	50.373,9	38.180,0	12.193,9	11,9%	7.163,0	18,8%
2004/2005	7.163,0	35.006,7	597,0	1.070,0	42.766,7	39.222,9	3.543,8	3,1%	2.473,8	6,3%
2005/2006	2.473,8	42.514,9	956,0	3.938,0	45.944,7	39.829,5	6.115,2	9,3%	2.177,2	5,5%
2006/2007	2.177,2	51.369,9	1.095,5	10.933,5	54.642,6	41.885,0	12.757,6	21,3%	1.824,1	4,4%
2007/2008	1.824,1	58.652,3	652,0	7.368,9	61.128,4	46.084,1	15.044,3	12,6%	7.675,4	16,7%
2008/2009	7.675,4	51.003,8	1.181,6	7.333,9	59.860,8	45.414,1	14.446,7	14,4%	7.112,8	15,7%
2009/2010	7.112,8	56.018,1	391,9	10.966,1	63.522,8	46.967,6	16.555,2	19,6%	5.589,1	11,9%
2010/2011	5.589,1	57.406,9	764,4	9.311,9	63.760,4	49.029,3	14.731,1	16,2%	5.419,2	11,1%
2011/2012	5.419,2	72.979,5	774,0	22.313,7	79.172,7	52.425,2	26.747,5	30,6%	4.433,8	8,5%
2012/2013	4.433,8	81.505,7	911,4	26.174,1	86.850,9	54.113,8	32.737,1	32,1%	6.563,0	12,1%
2013/2014	6.563,0	80.051,7	790,7	20.924,8	87.405,4	54.645,1	32.760,3	26,1%	11.835,5	21,7%
2014/2015	11.835,5	84.672,5	316,1	30.172,3	96.824,1	56.145,0	40.679,1	35,6%	10.506,8	18,7%
2015/2016	10.506,8	80.414,0	5.000,0	33.500,0	95.920,8	58.391,0	37.529,8	41,7%	4.029,8	6,9%

Fontes: CONAB, SECEX e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA [www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)

**MILHO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL**

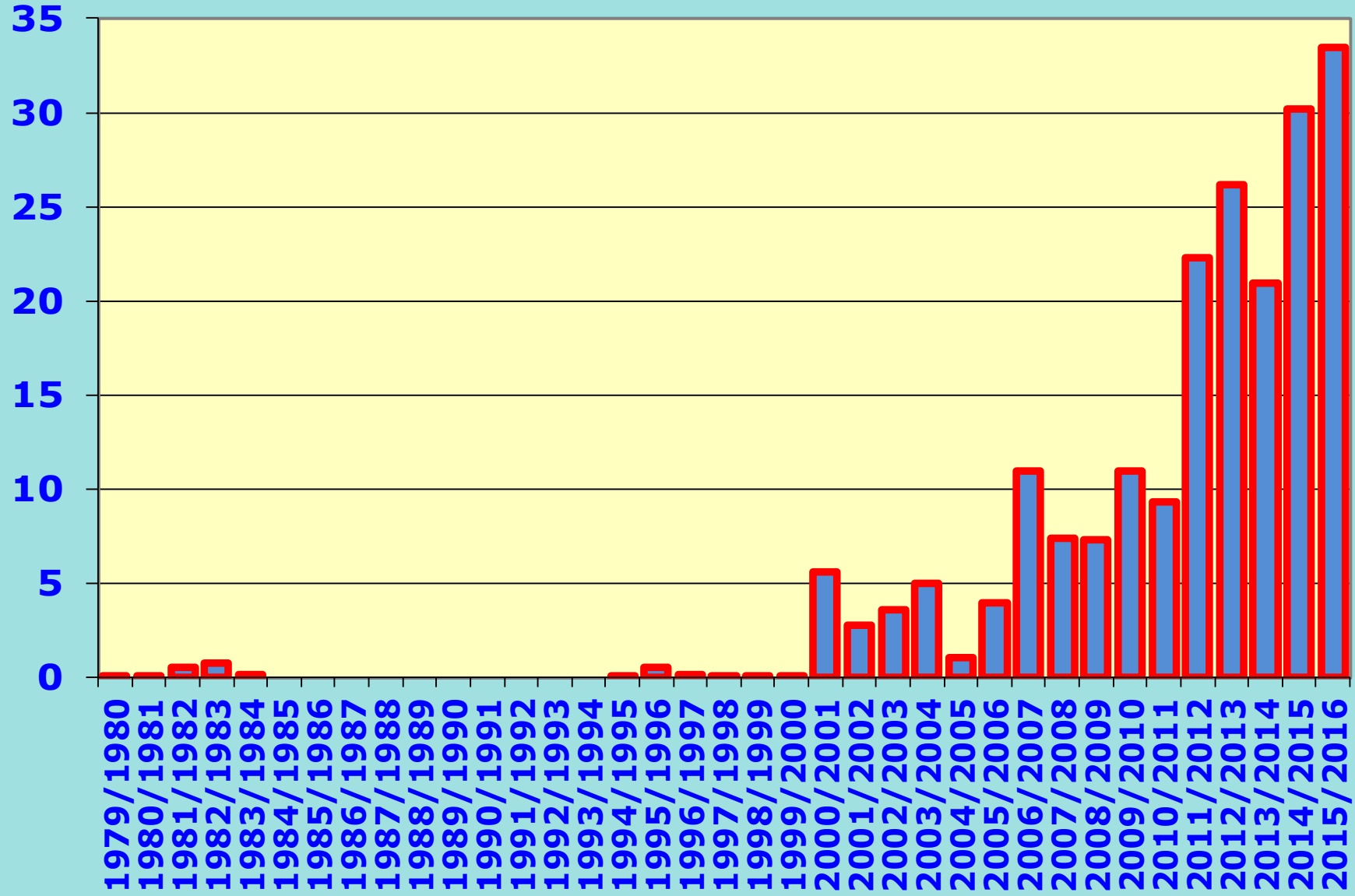
**SAFRAS 2009/2010 A 2015/2016**

**EM MIL TONELADAS**

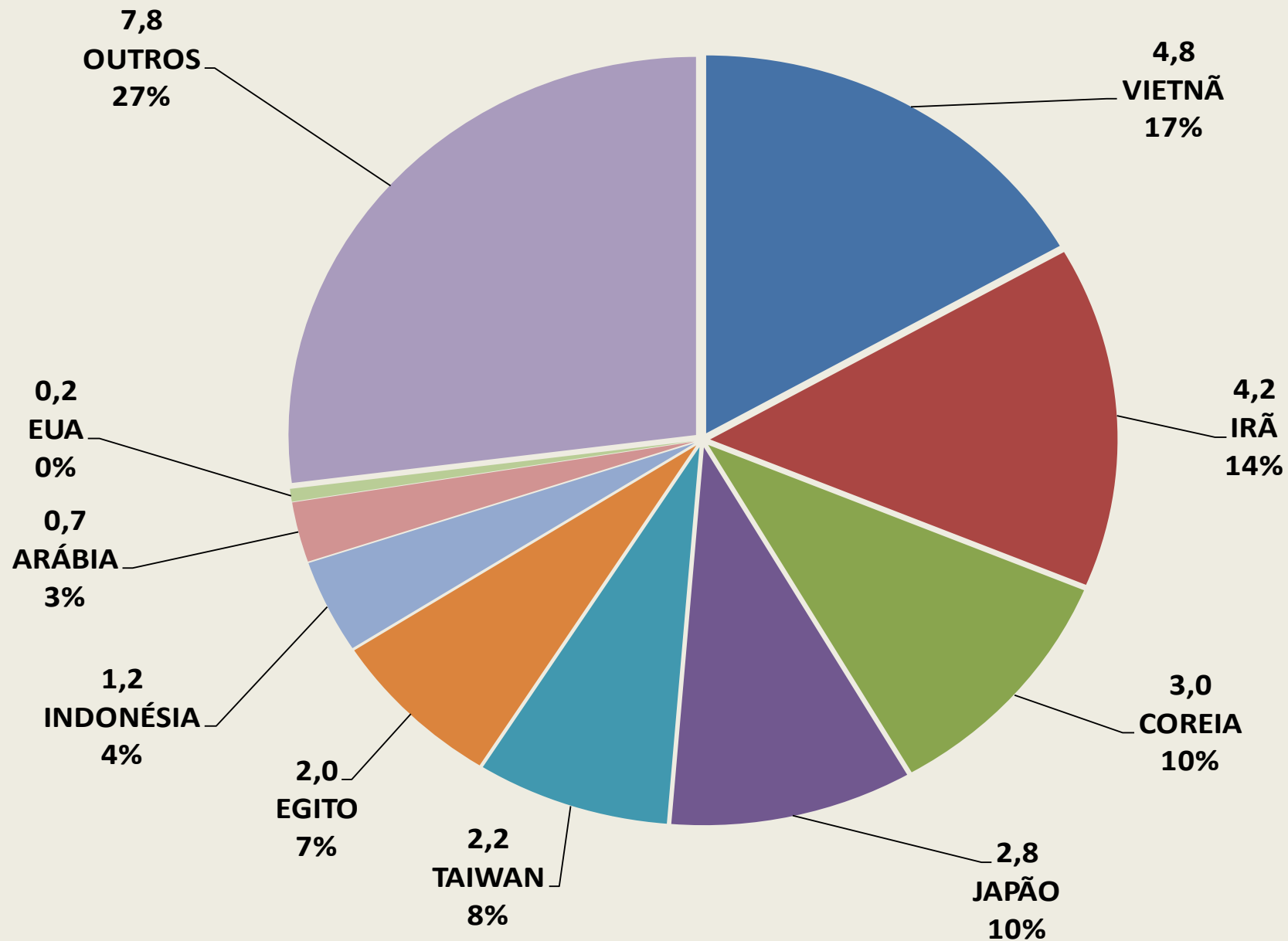
**ANO-SAFRA (FEVEREIRO-JANEIRO)**

ITEM	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016*	VAR. 2015-2016/ 2014-2015 (%)
ESTOQUE INICIAL	7.112,7	5.589,0	5.419,2	4.433,8	6.563,0	11.835,5	10.506,8	-11,2%
PRODUÇÃO	56.018,1	57.407,0	72.979,5	81.505,7	80.051,7	84.672,5	80.414,0	-5,0%
PRIMEIRA SAFRA	34.079,3	34.946,7	33.867,1	34.576,8	31.652,6	30.082,0	27.047,0	-10,1%
SEGUNDA SAFRA	21.938,8	22.460,3	39.112,4	46.928,9	48.399,1	54.590,5	53.367,0	-2,2%
IMPORTAÇÕES	391,9	764,4	774,0	911,4	790,7	316,1	5.000,0	1481,8%
OFERTA TOTAL	63.522,7	63.760,4	79.172,7	86.850,9	87.405,4	96.824,1	95.920,8	-0,9%
EXPORTAÇÕES	10.966,1	9.311,9	22.313,7	26.174,1	20.924,8	30.172,3	33.500,0	11,0%
CONSUMO INTERNO	46.967,6	49.029,3	52.425,2	54.113,8	54.645,1	56.145,0	58.391,0	4,0%
DEMANDA TOTAL	57.933,7	58.341,2	74.738,9	80.287,9	75.569,9	86.317,3	91.891,0	6,5%
ESTOQUE FINAL	5.589,0	5.419,2	4.433,8	6.563,0	11.835,5	10.506,8	4.029,8	-61,6%
DIAS DE CONSUMO	43	40	31	44	79	68	25	

# MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T

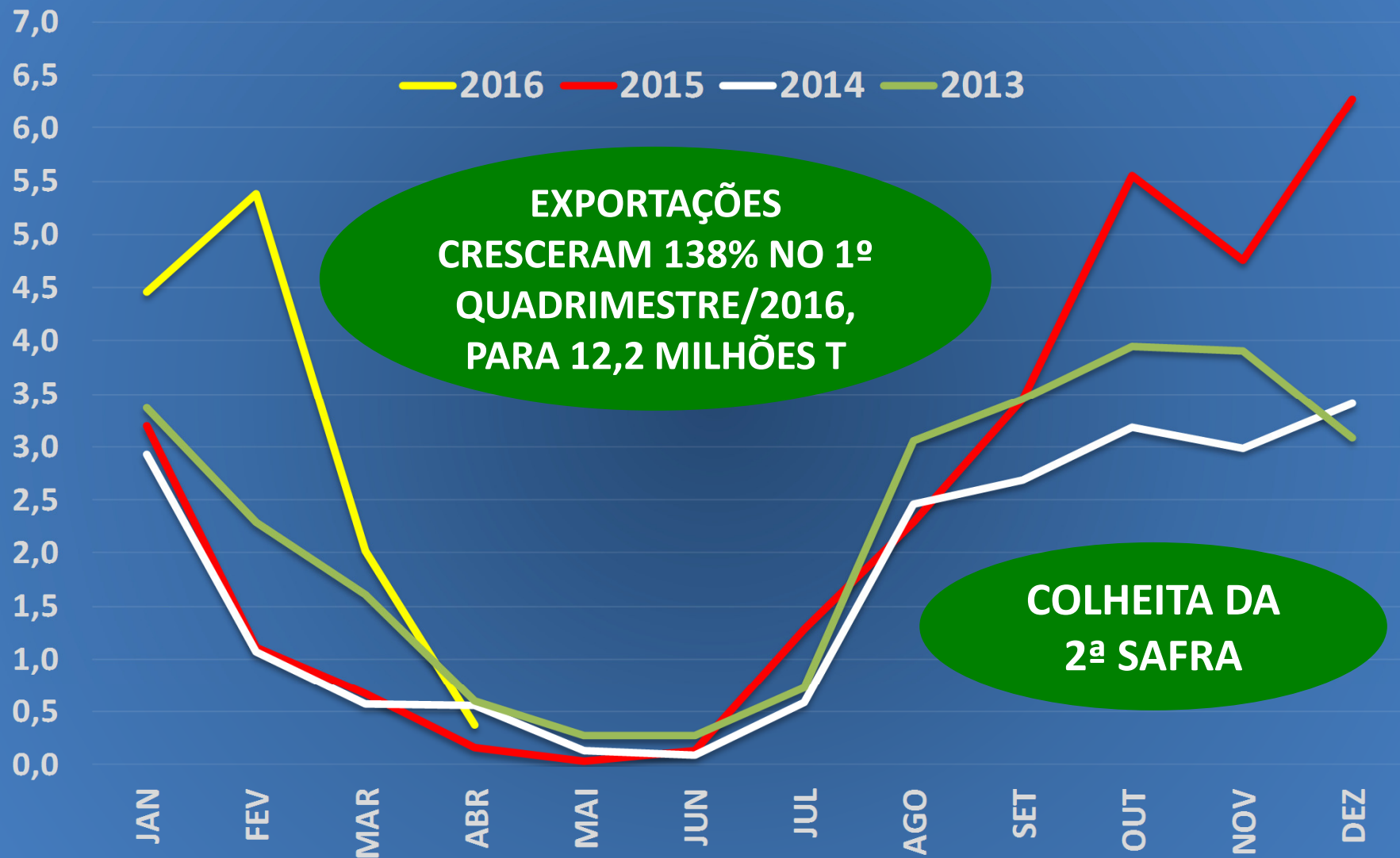


# MILHO: DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM 2015 - MILHÕES T E %



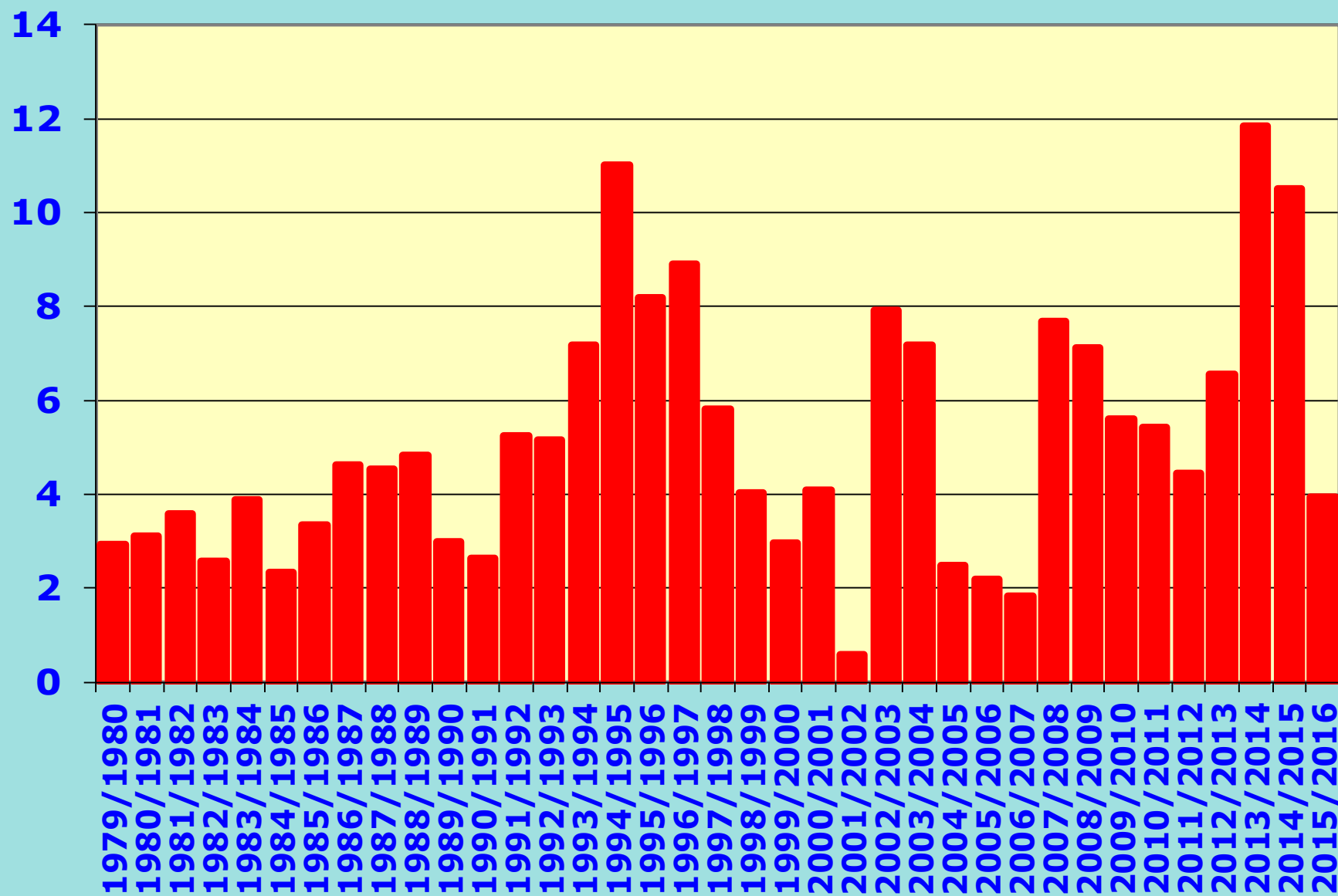
# MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 2013 A 2016

## MILHÕES T/MÊS

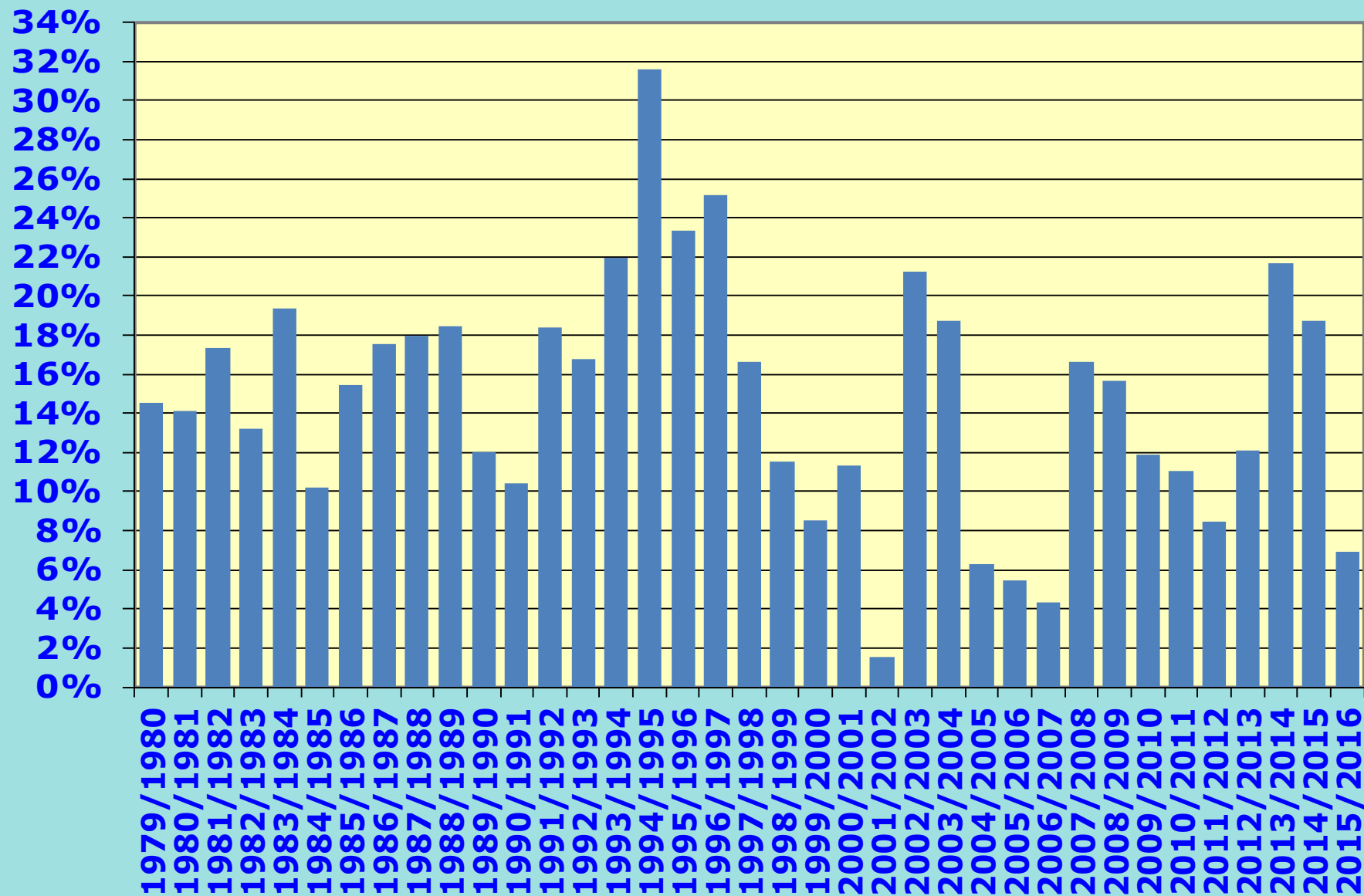


ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

# MILHO: ESTOQUES FINAIS NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS

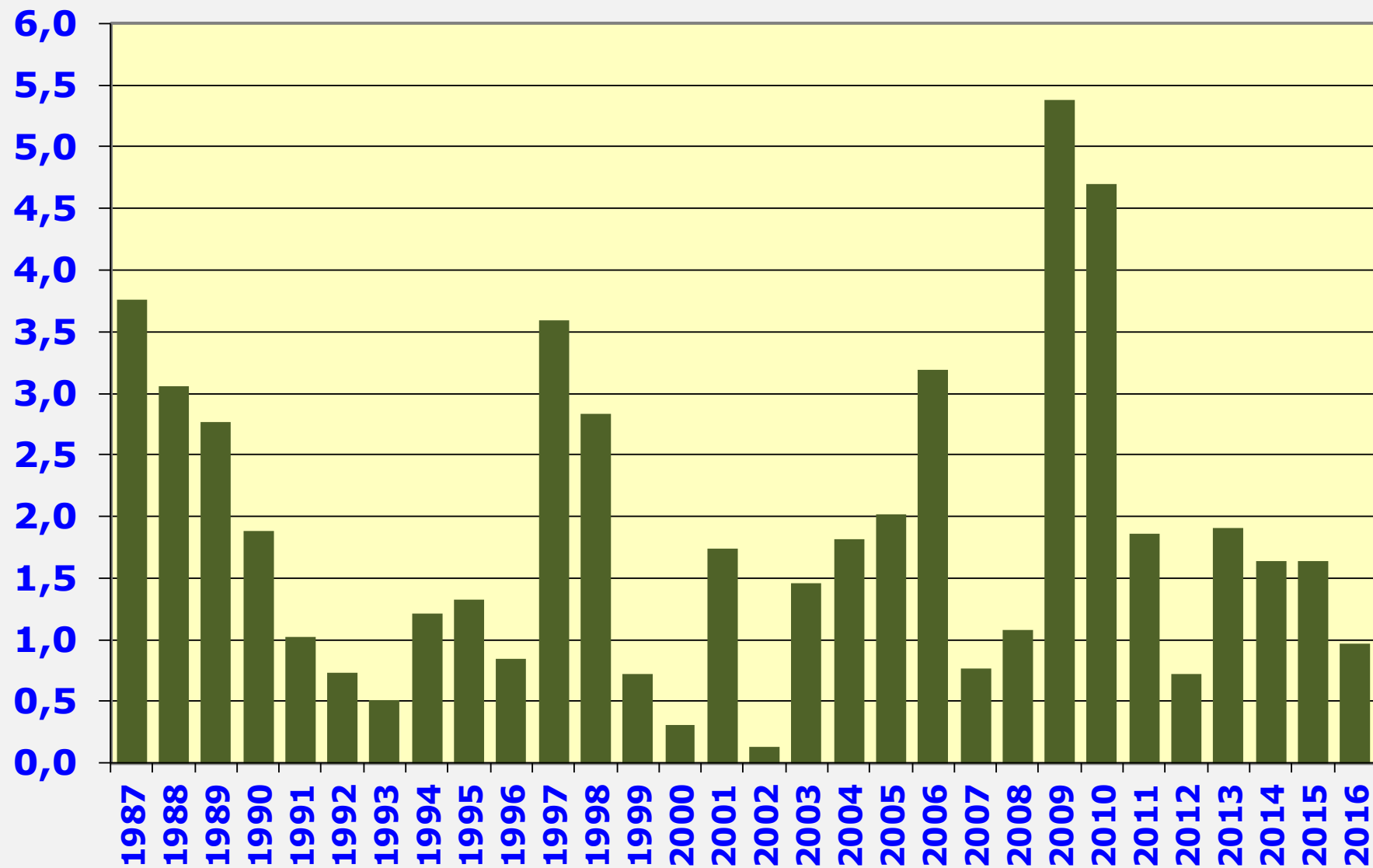


# MILHO: RELAÇÃO ESTOQUES DE PASSAGEM/DEMANDA NO BRASIL



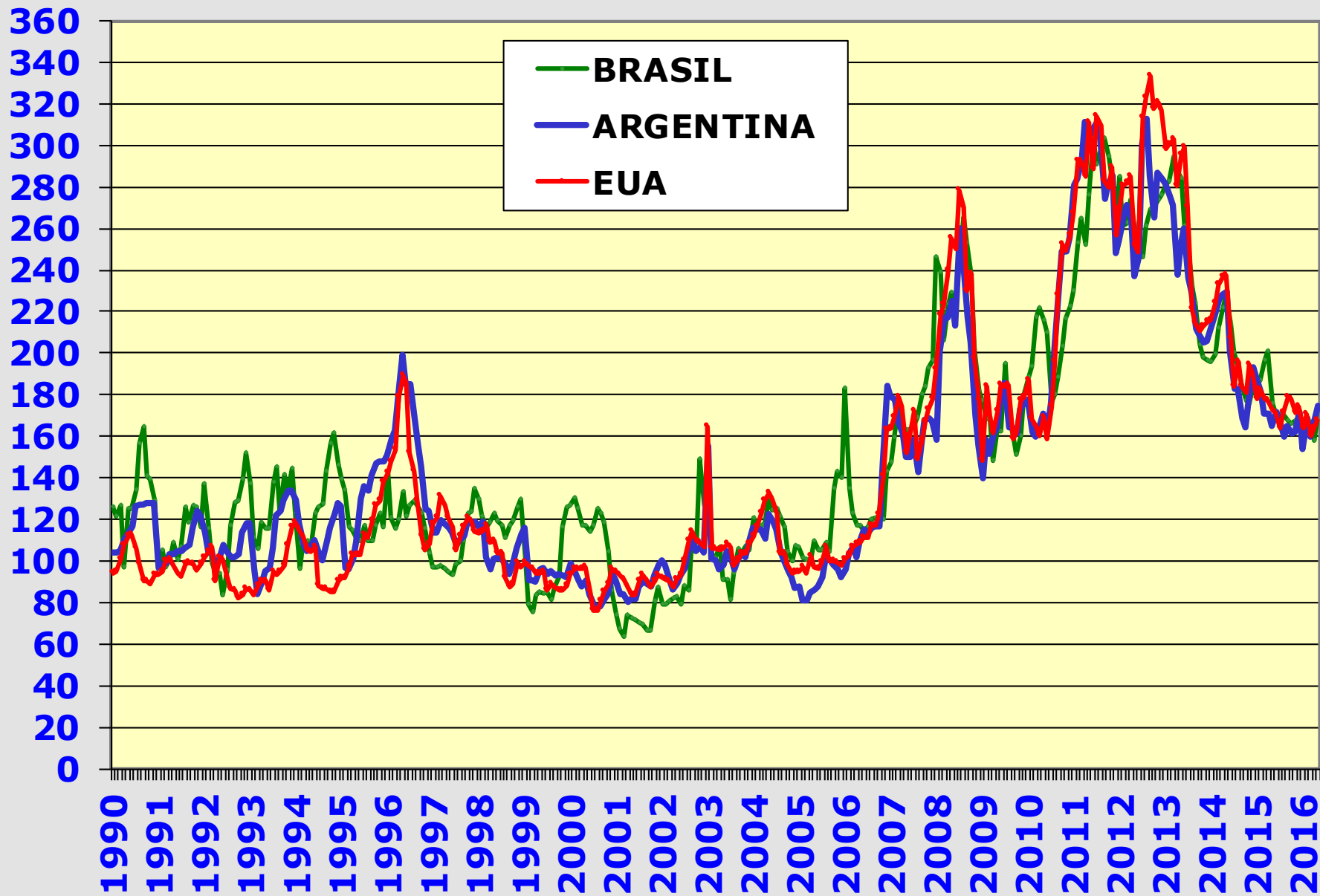
# MILHO: ESTOQUES PÚBLICOS NO BRASIL

## MILHÕES DE TONELADAS

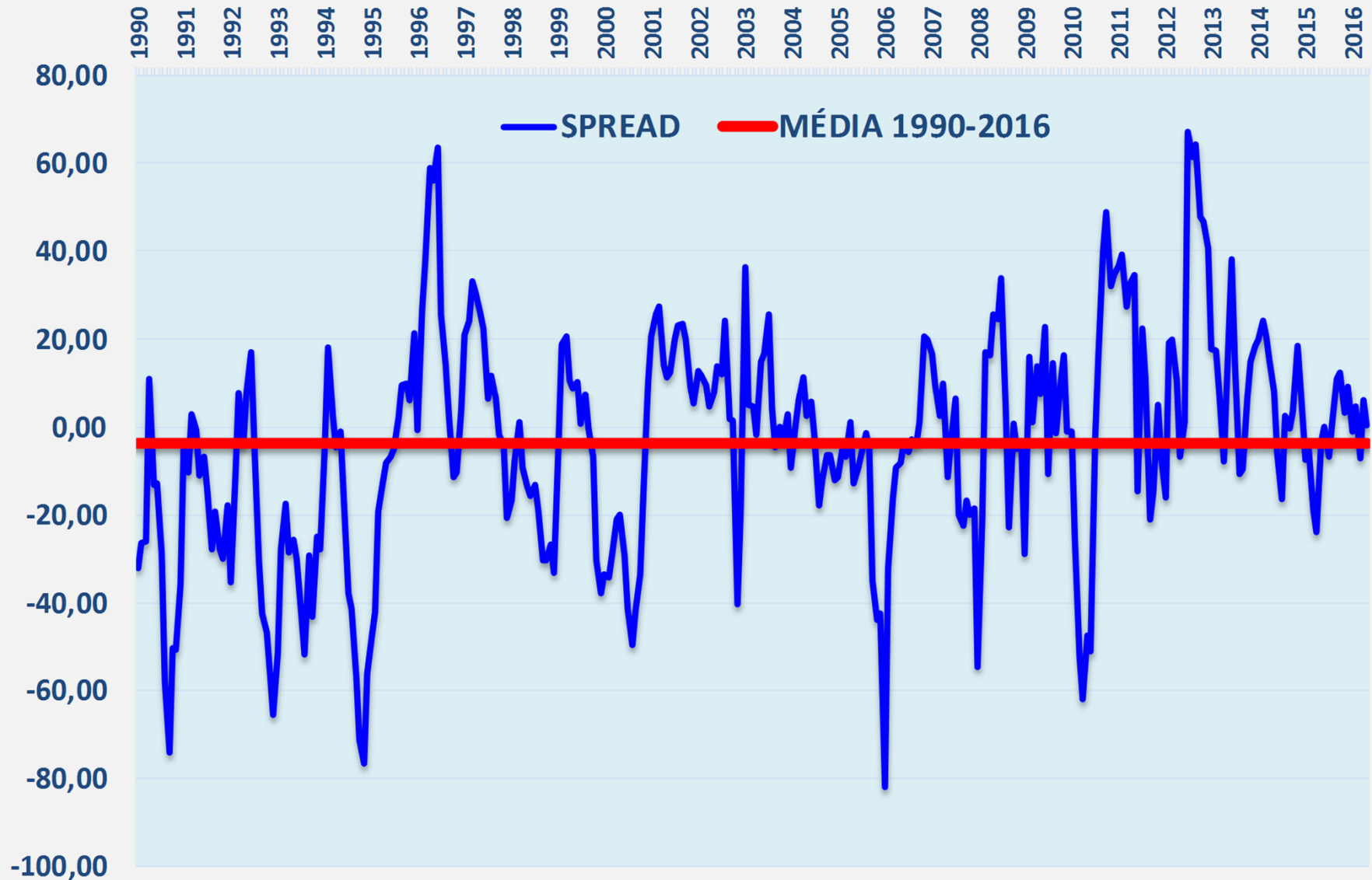




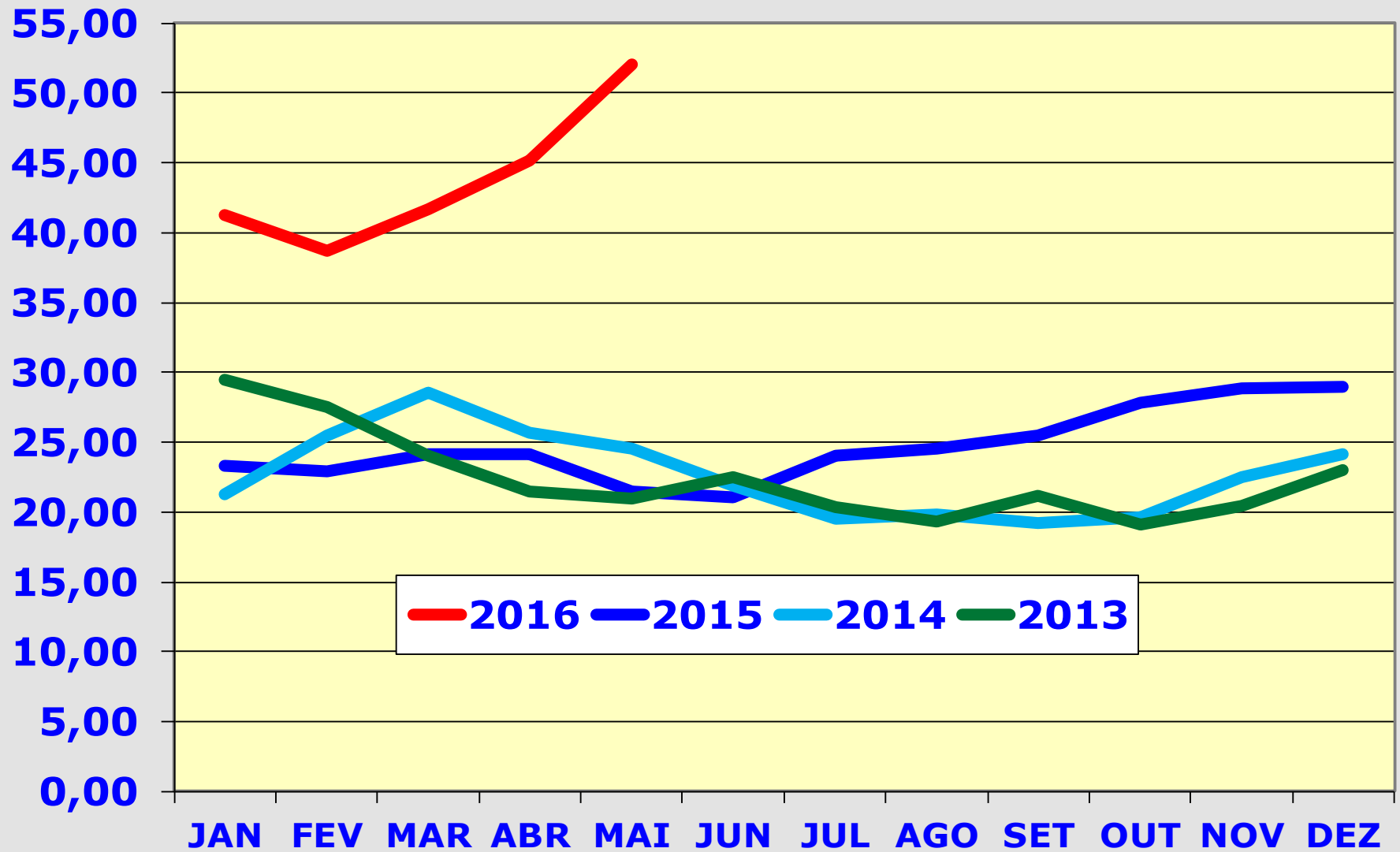
# MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS FOB PORTOS BRASIL x ARGENTINA x EUA - US\$/T FOB



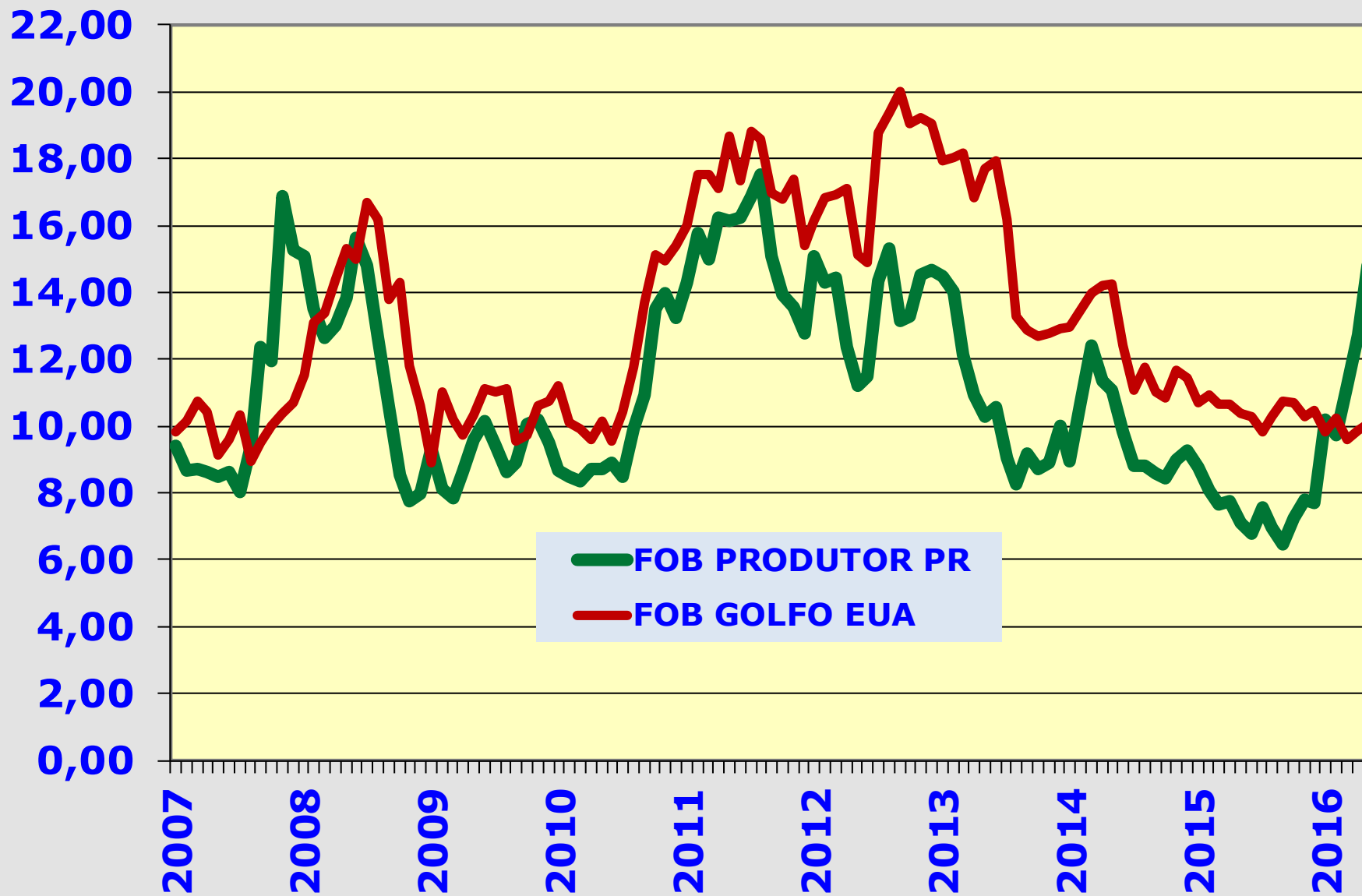
# MILHO: SPREAD EXPORTAÇÃO FOB GOLFO (EUA)/ (PARANAGUÁ)/BRASIL - US\$/TONELADA



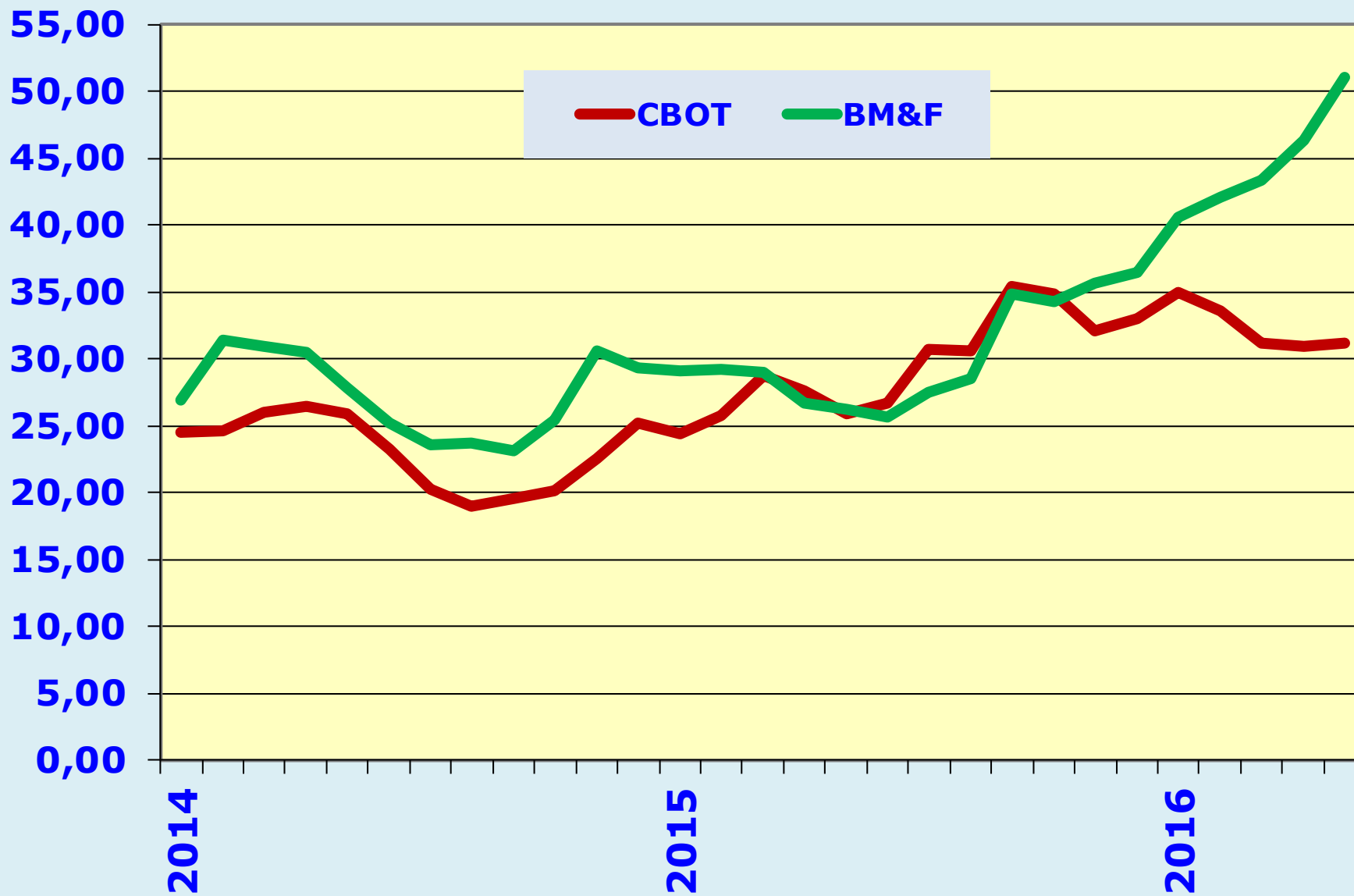
# MILHO: PREÇO FOB PRODUTOR PR R\$/SACA 60 KG



# MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS PRODUTOR PR x FOB GOLFO EUA US\$/60 KG - 2007 A 2016



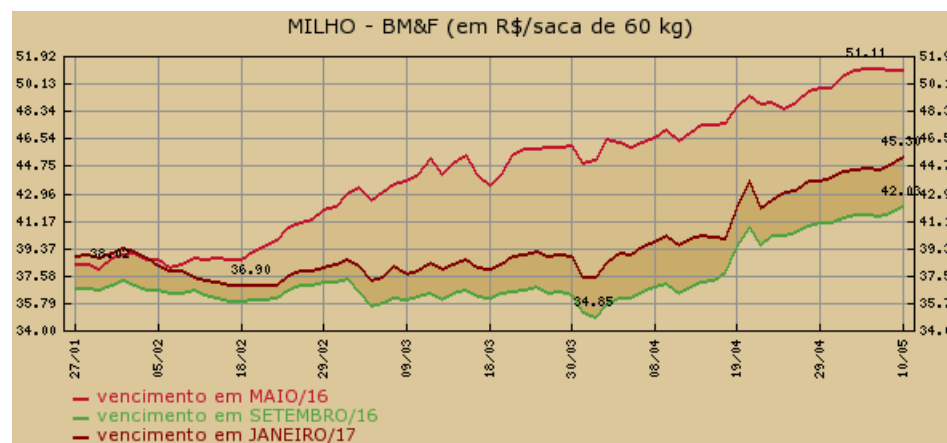
# MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS CBOT x BM&F - 1ª ENTREGA - R\$/60 KG



## Milho - BM&F (US\$ / saca 60 Kg,)

Data: 10/05/2016 **MAI\_16 JUL\_16 SET\_16 NOV\_16 JAN\_17 MAR\_17 MAI\_17 SET\_17**

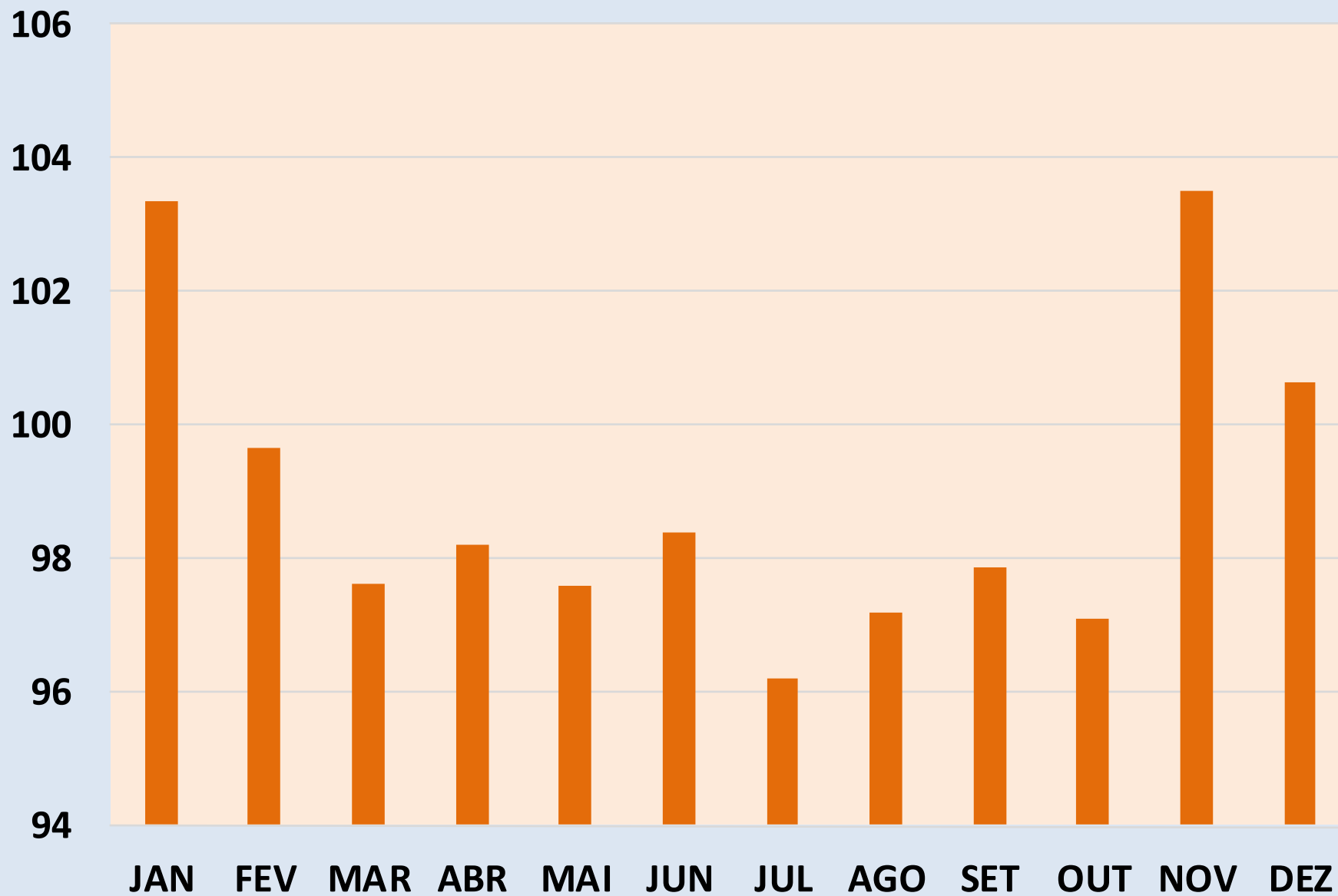
<b>Ajuste</b>	50,94	46,00	42,03	43,26	45,30	43,00	41,17	41,09
<b>Máxima</b>	51,10	46,19	42,10	43,60	45,60	43,00	40,80	0,00
<b>Mínima</b>	50,50	45,45	41,55	43,26	45,05	43,00	40,60	0,00
<b>Contr Abertos</b>	6.733	1.111	17.976	208	754	374	102	25
<b>Contr Negociados</b>	303	147	2.375	14	102	35	30	0
<b>Fec Anterior</b>	51,01	45,75	41,65	42,80	44,80	42,50	40,70	40,60
<b>Variação</b>	-0,07	0,25	0,38	0,46	0,50	0,50	0,47	0,49
<b>Var. Semana</b>	0,24	1,20	0,67	0,96	0,90	0,01	-1,46	0,13



**MILHO: PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES  
PARANÁ - MERCADO DE LOTES  
PERÍODO ANALISADO: 2006 A 2015  
PREÇOS EM REAIS POR SACCA DE 60 KG  
DEFLACIONADOS PELO IGP-DI DEZEMBRO/2015  
**ANÁLISE DE SAZONALIDADE****

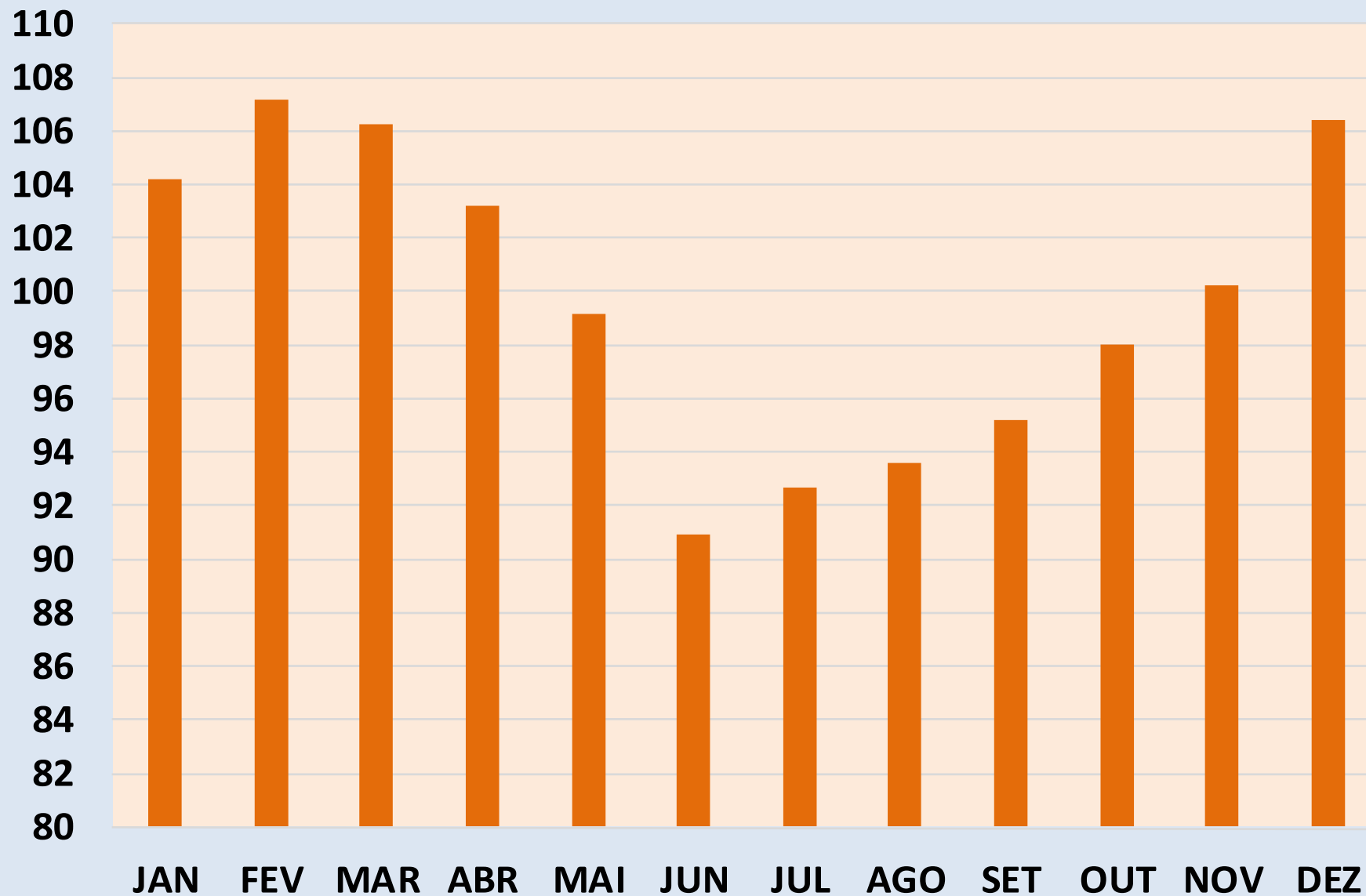
	<b>MÉDIAS ÍNDICES ESTACIONAIS</b>	<b>MÉDIAS DOS ÍNDICES SAZONAIS</b>
<b>JAN</b>	103,34	104,45
<b>FEV</b>	99,65	100,72
<b>MAR</b>	97,60	98,65
<b>ABR</b>	98,19	99,25
<b>MAI</b>	97,59	98,63
<b>JUN</b>	98,38	99,44
<b>JUL</b>	96,19	97,23
<b>AGO</b>	97,20	98,24
<b>SET</b>	97,87	98,92
<b>OUT</b>	97,10	98,14
<b>NOV</b>	103,51	104,62
<b>DEZ</b>	100,64	101,72
<b>MÉDIA</b>	98,94	100,00

# MILHO: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS NO PARANÁ - 2006 A 2015

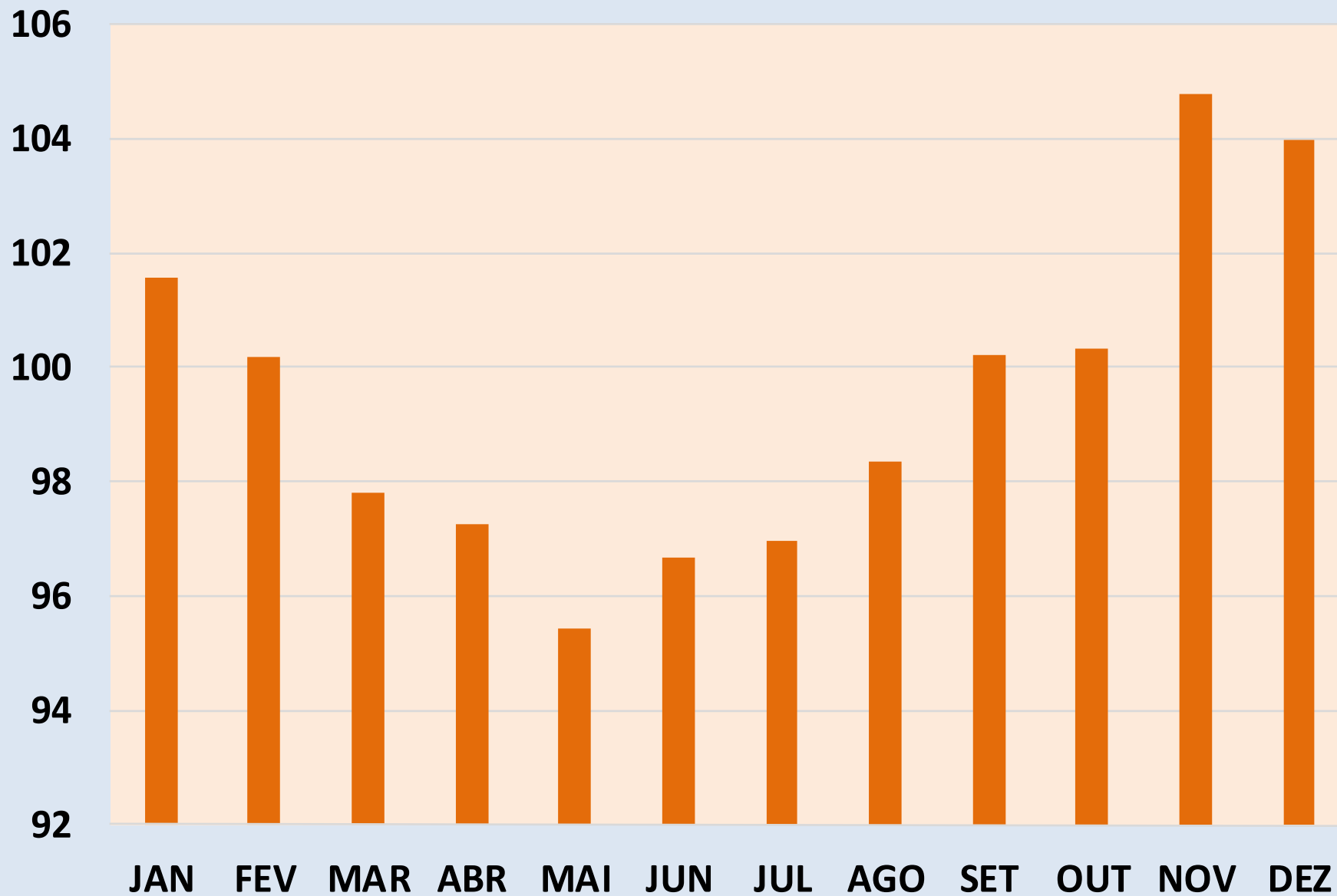




## MILHO: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS EM MATO GROSSO - 2006 A 2015



# MILHO: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS NO RIO GRANDE DO SUL - 2006 A 2015



**MILHO: CUSTO DE IMPORTAÇÃO E PARIDADE DE PREÇOS NO BRASIL**

ORIGEM	ARGENTINA	PARAGUAI	EUA
ESPECIFICAÇÃO	FOB B. AIRES	FOB FOZ IGUAÇU	FOB GOLFO
VIA	MARÍTIMA	TERRESTRE	MARÍTIMA
DESTINO	SUL/SUDESTE	SUL/SUDESTE	NORDESTE
	US\$/T	US\$/T	US\$/T
01. COTAÇÃO FOB	175,00	129,00	167,60
02. FRETE ORIGEM-PORTO BRASILEIRO	16,00	60,00	14,00
03. CUSTO E FRETE PORTO BRASIL	191,00	189,00	181,60
04. SEGURO INTERNACIONAL (0,6% S/ITEM 03)	1,15	1,13	1,09
05. CUSTO CIF	192,15	190,13	182,69
06. IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO (TEC DE 8%)	0,00	0,00	0,00
07. DESPACHANTE	2,00	2,00	2,00
08. ICMS NO INGRESSO	0,00	0,00	0,00
09. TAXA DECEX (180 UFIR S/GUIA 15 MIL T)	0,02	0,02	0,02
10. CORRETAGEM CÂMBIO (0,1875% S/ITEM 05)	0,36	0,36	0,34
11. CARTA DE CRÉDITO (1,5% S/ITEM 03)	2,87	2,84	2,72
12. AFRMM (25% S/ITEM 02)	4,00	0,00	3,50
13. DESPESAS PORTUÁRIAS TOTAIS	10,65	10,65	10,65
14. SUB-TOTAL EM US\$/t	212,04	206,00	201,93
15. TAXA CAMBIAL	3,55	3,55	3,55
16. SUB-TOTAL R\$/TONELADA	752,75	731,28	716,84
17. ICMS	0,00	0,00	0,00
18. PIS/COFINS (9,25%)	69,63	67,64	66,31
19. SUB-TOTAL R\$/T COM TRIBUTOS	822,38	798,93	783,15
20. FRETE PORTO-INTERIOR SP	25,00	0,00	25,00
21. CUSTO R\$/TONELADA CIF INDÚSTRIA	847,38	798,93	808,15
22. CUSTO R\$/SACA 60 KG CIF INDÚSTRIA	50,84	47,94	48,49
23. PREÇO MÉDIO MERCADO INTERNO R\$/60 KG	50,00	50,00	55,00
24. PARIDADE IMPORTADO/NACIONAL EM R\$/60 KG	0,84	-2,06	-6,51

**MILHO EM GRÃO**  
**Importações Brasileiras por Países de Origem**

Países de Origem	2013			2014			2015			Jan-Abr/2016		
	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t
Argentina	56.026	34.480	615,44	2.828	1.215	429,62	1.976	442	223,85	119.907	19.844	165,49
Estados Unidos				305	124	406,26	245	191	776,98	20	7	360,56
Paraguai	827.298	113.436	137,12	768.142	102.436	133,36				123.744	15.731	127,13
Uruguai	27.499	7.743	281,59				367.316	40.679	110,75			
Outros												
<b>TOTAL</b>	<b>910.823</b>	<b>155.660</b>	<b>170,90</b>	<b>771.276</b>	<b>103.775</b>	<b>134,55</b>	<b>369.538</b>	<b>41.312</b>	<b>111,79</b>	<b>243.670</b>	<b>35.582</b>	<b>146,03</b>

Fonte: SECEX

NCM: 1005.90.10

## MILHO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO
ESTADOS		PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA	PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA	PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA
ITEM	UNIDADE	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,66	3,66
SEMENTES	USD/HA	165,11	118,06	130,31	117,93	128,96	101,27
FERTILIZANTES	USD/HA	316,30	192,65	225,95	188,24	215,84	159,23
DEFENSIVOS	USD/HA	104,13	123,57	94,19	107,45	109,83	95,13
OUTROS	USD/HA	237,50	56,26	197,22	47,87	81,98	41,03
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>823,04</b>	<b>490,54</b>	<b>647,67</b>	<b>461,49</b>	<b>536,61</b>	<b>396,66</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	201,31	195,04	182,46	238,82	166,12	205,13
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.024,35</b>	<b>685,58</b>	<b>830,13</b>	<b>700,31</b>	<b>702,73</b>	<b>601,79</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.335,52</b>	<b>1.563,12</b>	<b>2.673,02</b>	<b>2.255,00</b>	<b>2.571,99</b>	<b>2.202,55</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIACIONES	USD/HA	113,05	24,78	94,27	23,60	40,98	20,00
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.137,40</b>	<b>710,36</b>	<b>924,40</b>	<b>723,91</b>	<b>743,71</b>	<b>621,79</b>
RENTA DE FATORES	USD/HA	129,99	71,17	118,61	68,94	204,65	64,36
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.267,39</b>	<b>781,53</b>	<b>1.043,01</b>	<b>792,85</b>	<b>948,36</b>	<b>686,15</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	144,1	108,6	134,2	90,7	143,3	107,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	8.645	6.516	8.050	5.442	8.600	6.420
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/60 KG</b>	<b>8,80</b>	<b>7,20</b>	<b>7,77</b>	<b>8,74</b>	<b>6,62</b>	<b>6,41</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.889,65</b>	<b>1.781,89</b>	<b>3.358,49</b>	<b>2.552,98</b>	<b>3.471,00</b>	<b>2.511,31</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,19	6,61	9,92	7,83	9,23	7,02
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	0,39	-0,59	2,15	-0,91	2,61	0,61
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	3,65	3,65	3,60	3,60	3,90	3,90
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	8,62	8,62	8,50	8,50	9,21	9,21
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.324,13</b>	<b>717,85</b>	<b>1.330,93</b>	<b>710,18</b>	<b>1.322,97</b>	<b>751,14</b>
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,90	3,90
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.972,38</b>	<b>2.153,54</b>	<b>5.097,47</b>	<b>2.719,99</b>	<b>5.159,57</b>	<b>2.929,45</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.194,14</b>	<b>646,68</b>	<b>1.212,32</b>	<b>641,24</b>	<b>1.118,32</b>	<b>686,78</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.082,73</b>	<b>371,65</b>	<b>1.738,98</b>	<b>167,02</b>	<b>1.688,57</b>	<b>418,14</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	37,5%	20,9%	51,8%	6,5%	48,6%	16,7%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>54,0</b>	<b>22,7</b>	<b>69,5</b>	<b>5,9</b>	<b>69,7</b>	<b>17,8</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>299,78</b>	<b>32,27</b>	<b>500,80</b>	<b>9,87</b>	<b>620,24</b>	<b>149,35</b>
EBITDA	R\$/HA	1.636,86	590,42	2.424,46	465,00	2.587,58	726,89
MARGEM EBITDA	%	41,2%	27,4%	47,6%	17,1%	50,2%	24,8%

**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



[WWW.CARLOSCOGO.COM.BR](http://WWW.CARLOSCOGO.COM.BR)

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Segundo o relatório de Maio/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foi elevada a projeção para a produção mundial da safra 2015/2016 para 734,1 milhões de toneladas, ante 733,1 milhões de toneladas previstas em abril.
- A previsão de estoque mundial de trigo no ciclo 2015/2016 foi igualmente elevada para 242,9 milhões de toneladas, acima das 239,3 milhões de toneladas no mês passado.
- O USDA divulgou também, pela primeira vez, estimativas para a temporada 2016/2017 do cereal.
- Em relação à produção mundial da safra 2016/2017, o USDA projeta 727,0 milhões de toneladas.
- Já para o estoque mundial do cereal na mesma temporada, a estimativa do USDA é de 257,3 milhões de toneladas – um recorde.
- A Argentina – o principal supridor do mercado brasileiro – deverá produzir 15,5 milhões de toneladas na safra 2016/2017, com um saldo exportável de 8,5 milhões de toneladas.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- As importações brasileiras de trigo em abril totalizaram 455,9 mil toneladas, 12,2% acima do apurado em igual mês de 2015.
- Na comparação com março, porém, as importações recuaram 28,2%.
- Naquele mês os desembarques somaram 634,9 mil toneladas.
- Do trigo importado, 66,2% vieram da Argentina, 20,7%, do Uruguai, 10,5%, do Paraguai e 2,6%, dos Estados Unidos.
- Em valor, as importações de trigo alcançaram os US\$ 86,9 milhões em abril, 14,1% abaixo dos US\$ 101,1 milhões gastos por moinhos brasileiros em abril de 2015 e 30,2% menos que os US\$ 124,4 milhões registrados em março.
- A Argentina continuou sendo o principal fornecedor do cereal para os moinhos brasileiros, com 301,9 mil toneladas, ou 66% do total.
- O volume, contudo, ficou 2,9% abaixo do adquirido do país vizinho em abril do ano passado (310,9 mil toneladas) e 35,3% menor que março.
- Em abril, o Uruguai foi o segundo colocado no ranking de maior exportador ao Brasil, com 94,4 mil toneladas.



## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Na sequência aparece o Paraguai, com 47,8 mil toneladas vendidas ao País, 77,2% acima das 26,9 mil toneladas de igual mês de 2015, mas 57,5% abaixo das 112,421 mil toneladas de março deste ano.
- Dos Estados Unidos vieram 11,8 mil toneladas, 82,7% menos que as 68,5 mil toneladas de abril de 2015 e 73% menos que as 44 mil toneladas importadas pela indústria brasileira em março.
- As importações brasileiras de farinha de trigo em abril se mantiveram em patamar semelhante ao verificado em igual mês de 2015.
- Foram 29,9 mil toneladas adquiridas no mês passado, 2,03% abaixo das 30,5 mil toneladas de abril de 2015.
- A queda nos valores pagos pelo produto no mês passado, entretanto, foi bem maior: foram gastos US\$ 9,3 milhões em abril, ante US\$ 10,6 milhões em igual mês de 2015 - recuo de 12,3%.
- A Argentina foi a principal origem do produto adquirido por moinhos brasileiros, com 26,9 mil toneladas exportadas ao Brasil, redução de 1,5% ante igual período de 2015.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- As indústrias também adquiriram em abril farinha do Paraguai, que enviou 1,9 mil toneladas do produto e foi o segundo maior exportador do derivado ao País.
- O volume foi 46,2% maior que o exportado pelo Paraguai em abril do ano passado, 1,3 mil toneladas, quando o país ficou em terceiro lugar na lista de maiores exportadores do produto ao Brasil.
- O Uruguai embarcou 589,4 toneladas, recuo de 62% ante as 1,6 mil toneladas registradas em igual período de 2015.
- Em abril, o Brasil também importou farinha de trigo da Alemanha, Bélgica, China, Estados Unidos, França e Itália, porém em volumes menos expressivos.
- Quanto às exportações brasileiras de trigo em grãos, houve diminuição de 66,4% de março para abril, somando apenas 95,416 mil toneladas.
- No mercado internacional, os contratos futuros de trigo caíram com força na semana passada, pressionados pela melhora da qualidade da safra de inverno daquele país, após as chuvas.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Nos últimos sete dias, o contrato Julho/2016 do trigo Soft Red Winter da Bolsa de Chicago caiu 5,2%, para US\$ 4,53/bushel.
- Na Bolsa de Kansas, o contrato Julho/2016 do trigo Hard Red Winter também teve queda de 5,2%, para US\$ 4,41/bushel.
- No mercado brasileiro de trigo em grão, as negociações seguem lentas, com compras sendo realizadas de forma pontual por parte de moinhos.
- Mesmo com a baixa demanda pelo cereal, os produtores que ainda detêm trigo de boa qualidade estão firmes em seus pedidos de preços.
- Por outro lado, verificam maior demanda pelo trigo de menor qualidade, com a finalidade de substituir parte do milho usado na formulação de ração animal.
- Nos últimos sete dias, no mercado de balcão (preço pago ao produtor), houve alta de 1,2% no Rio Grande do Sul e estabilidade no Paraná.
- No mercado de lotes (negociações entre empresas), a alta foi de 0,5% no Paraná. Já no Rio Grande do Sul e em São Paulo, os preços caíram 1,3% e 0,4%, respectivamente.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- No mercado de derivados, a demanda por farelo de trigo tem crescido nas últimas semanas, impulsionando as negociações em todas regiões.
- Esse cenário está atrelado ao elevado preço do milho, concorrente no uso para ração animal.
- Parte da procura se desloca ao farelo de trigo, que apresenta preços mais competitivos frente ao outro cereal.
- Os moinhos, contudo, vêm trabalhando em ritmo mais lento, o que resulta em menor oferta do farelo.
- A disponibilidade de farelo no mercado interno não tem sido suficiente para atender toda demanda.
- Considerando-se as regiões acompanhadas – PR, RS, SP, SC –, o valor médio do farelo de trigo ensacado em abril superou em 7,64% o do mês anterior e o a granel, 5,48%.
- Na mesma comparação, o preço do milho no mercado de lotes (negociações entre empresas) teve alta de 11,3% e no de balcão (preço pago ao produtor), de expressivos 10,1%.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- No segmento de farinhas, o mercado segue lento, com baixa demanda.
- Os compradores só adquirem lotes para necessidade imediata, com poucas programações para as semanas seguintes.
- Especificamente em São Paulo, verifica-se a entrada de farinhas do Sul do Brasil e também da Argentina, o que limita os negócios envolvendo o produto paulista.
- O volume de farinha importada caiu 3,7% de março para abril, somando 27,491 mil toneladas, com 24,675 mil toneladas oriundas da Argentina.
- No Brasil, enquanto parte dos moinhos tenta repassar as altas do grão, outros recuam os valores, na tentativa de escoar a produção.
- Nos últimos sete dias, nas regiões acompanhadas – PR, RS, SP, SC –, a farinha para panificação se valorizou ligeiro 0,23% e a para bolacha doce, 0,19%.
- Já o preço da farinha para massas frescas caiu 0,64%; para pré-mistura, cotadas em sacas de 25 kg, 0,25% e, para massa em geral, 0,24%; e a cotação da farinha para bolacha salgada está estável.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O Ministério da Agricultura divulgou, no dia 10/05, os Preços Mínimos do trigo para a safra 2016, que está sendo cultivada.
- Para a Região Sul, maior produtora do cereal, o Preço Mínimo do trigo pão tipo 1 sobe de R\$ 34,98 por saca de 60 Kg (R\$ 583,00 a tonelada) para R\$ 38,65 por saca de 60 Kg (R\$ 644,16 a tonelada).
- No Sudeste, o valor, que na temporada passada era de R\$ 38,40 por saca de 60 Kg (R\$ 640,00 a tonelada), passa para R\$ 42,53 por saca de 60 Kg (R\$ 708,83 a tonelada).
- No Centro-Oeste e na Bahia, o reajuste foi de R\$ 38,49 por saca de 60 Kg (R\$ 641,50 a tonelada), para R\$ 44,26 por saca de 60 Kg (R\$ 737,66 a tonelada).
- O reajuste do Preço Mínimo, referência para políticas públicas de apoio à produção, é uma sinalização para os produtores.
- Para o trigo, o aumento reflete basicamente os maiores custos.
- Esses são preços mínimos que garantem uma renda para o produtor no cenário de custo variável atual, segundo o Ministério da Agricultura.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Em relação ao cultivo da nova safra, no Paraná, o plantio de trigo havia atingido 15% da área esperada no Paraná até o dia 03/05.
- Das lavouras semeadas, 100% estão em boas condições, com 84% em fase de germinação e 16% em desenvolvimento vegetativo.
- O clima deve favorecer um avanço significativo das atividades no Paraná nos próximos dias.
- No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, o plantio ainda não iniciou.
- Os produtores gaúchos devem começar os preparativos de cultivo do trigo assim que a colheita de soja for encerrada.
- As primeiras áreas devem ser cultivadas nas regiões das Missões e da Fronteira Noroeste na segunda quinzena de maio.
- No Paraná, a área deve recuar 13,4% na safra 2016, mas a projeção é de aumento de 7,0% na produção, com recuperação da produtividade.
- No Rio Grande do Sul, a área deve recuar 20,0% na safra 2016, mas a projeção também é de aumento de 27,1% na produção, com recuperação da produtividade.

## **TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A produção brasileira da safra 2016 está estimada em 6,02 milhões de toneladas, 10,6% acima de 2015 (que sofreu quebras expressivas).
- A pressão baixista deve persistir sobre os preços globais, com estoques mundiais recordes e excedentes nos maiores exportadores.
- A queda do dólar vai favorecer as importações por parte dos moinhos, que sinalizam interesse de adquirir maiores volumes a partir de maio.
- A partir do segundo semestre de 2016, a tendência é de pressão baixista sobre os preços domésticos, diante da projeção de aumento de área e produção na Argentina, com maiores excedentes de exportação.
- O trigo desta safra 2015/2016 da Argentina teve qualidade abaixo da exigida por indústrias de panificação e a expectativa é de que produtores aumentem os investimentos na próxima temporada, no intuito de exportar o cereal e obter maior remuneração.
- O aumento dos excedentes exportáveis na Argentina, a redução do custo de importação, com dólar mais baixo, juntamente com a oferta da nova safra brasileira a partir de agosto, deve intensificar a pressão baixista sobre as cotações do trigo e derivados no mercado interno.



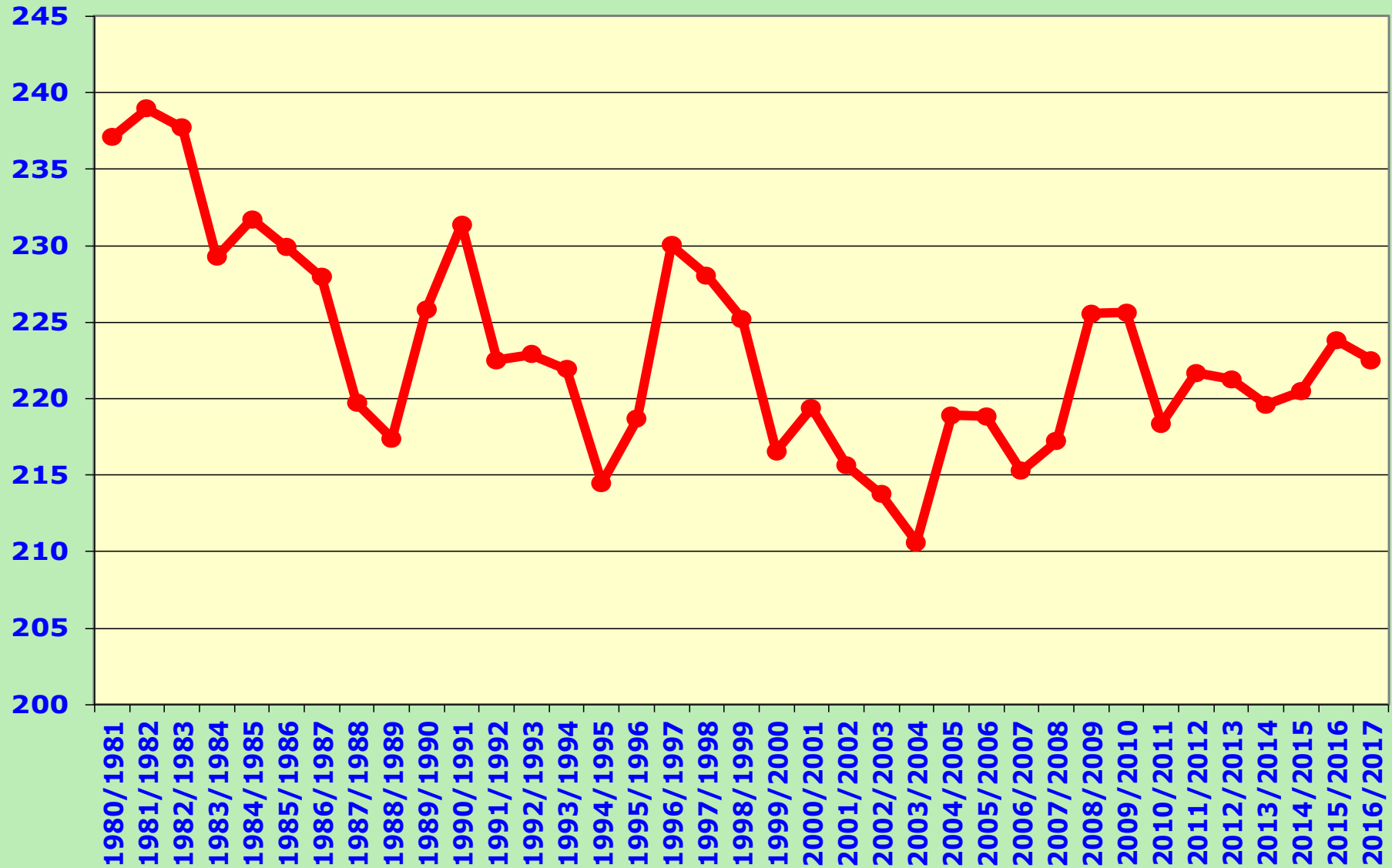
## TRIGO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

SAFRA	ÁREA DE	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO	COMÉRCIO	CONSUMO	CONSUMO	ESTOQUES
	CULTIVO	MÉDIA	MUNDIAL	GLOBAL	RAÇÕES	TOTAL	FINAIS
	milhões ha	Kg/hectare	milhões t	milhões t	milhões t	milhões t	milhões t
1980/1981	237,1	1.840	436,3	93,2	91,2	444,1	113,8
1981/1982	239,0	1.862	445,1	100,5	90,6	445,1	113,7
1982/1983	237,7	1.989	472,8	97,7	92,8	455,6	131,1
1983/1984	229,3	2.113	484,4	101,2	95,6	469,0	146,4
1984/1985	231,7	2.196	509,0	104,7	99,9	486,3	169,1
1985/1986	229,9	2.153	494,9	83,6	97,2	485,0	179,0
1986/1987	227,9	2.299	524,1	89,7	113,2	511,4	191,7
1987/1988	219,7	2.257	496,0	114,1	113,6	530,1	157,6
1988/1989	217,4	2.277	495,0	104,3	104,0	518,6	134,0
1989/1990	225,8	2.361	533,2	103,8	103,7	531,0	136,1
1990/1991	231,4	2.542	588,1	101,1	130,1	553,7	170,5
1991/1992	222,5	2.440	542,9	111,2	113,8	550,9	162,5
1992/1993	222,9	2.522	562,1	113,1	110,9	549,2	175,6
1993/1994	221,9	2.517	558,6	101,7	108,3	553,8	180,5
1994/1995	214,5	2.443	524,0	101,5	99,6	544,3	160,2
1995/1996	218,7	2.462	538,4	99,1	90,7	545,5	153,0
1996/1997	230,0	2.530	582,0	100,2	97,7	570,2	164,8
1997/1998	228,1	2.675	610,1	104,3	101,8	579,4	195,5
1998/1999	225,2	2.618	589,7	102,0	103,5	579,1	206,1
1999/2000	216,6	2.706	586,0	112,8	99,3	585,2	207,0
2000/2001	219,4	2.660	583,7	102,8	106,4	585,7	205,0
2001/2002	215,6	2.697	581,6	108,1	107,9	586,3	201,0
2002/2003	213,7	2.656	567,7	110,1	112,6	604,1	166,1
2003/2004	210,6	2.633	554,6	104,5	96,7	588,8	132,7
2004/2005	218,9	2.872	628,6	111,1	106,6	610,0	151,2
2005/2006	218,8	2.840	621,5	116,2	111,3	624,4	147,7
2006/2007	215,3	2.767	595,6	111,6	106,2	615,2	128,2
2007/2008	217,2	2.810	610,4	117,2	96,3	616,9	123,3
2008/2009	225,6	3.024	682,2	143,7	117,9	641,5	166,7
2009/2010	225,6	3,039	685,6	135,8	117,7	650,2	200,8
2010/2011	218,3	3,192	652,2	132,9	116,1	654,7	198,9
2011/2012	221,7	2,942	697,0	157,8	146,9	697,1	198,9
2012/2013	221,3	2,977	658,7	137,4	137,0	680,0	175,6
2013/2014	219,6	3,255	714,9	165,9	126,5	697,9	193,9
2014/2015	220,5	3,297	726,9	164,1	130,8	704,6	216,5
2015/2016	223,8	3,280	734,1	166,9	133,9	707,7	242,9
2016/2017	222,5	3,267	727,0	163,9	131,1	712,6	257,3
% 16/15	1,5%	-0,5%	1,0%	1,7%	2,3%	0,4%	12,2%
% 17/16	-0,6%	-0,4%	-1,0%	-1,8%	-2,1%	0,7%	5,9%

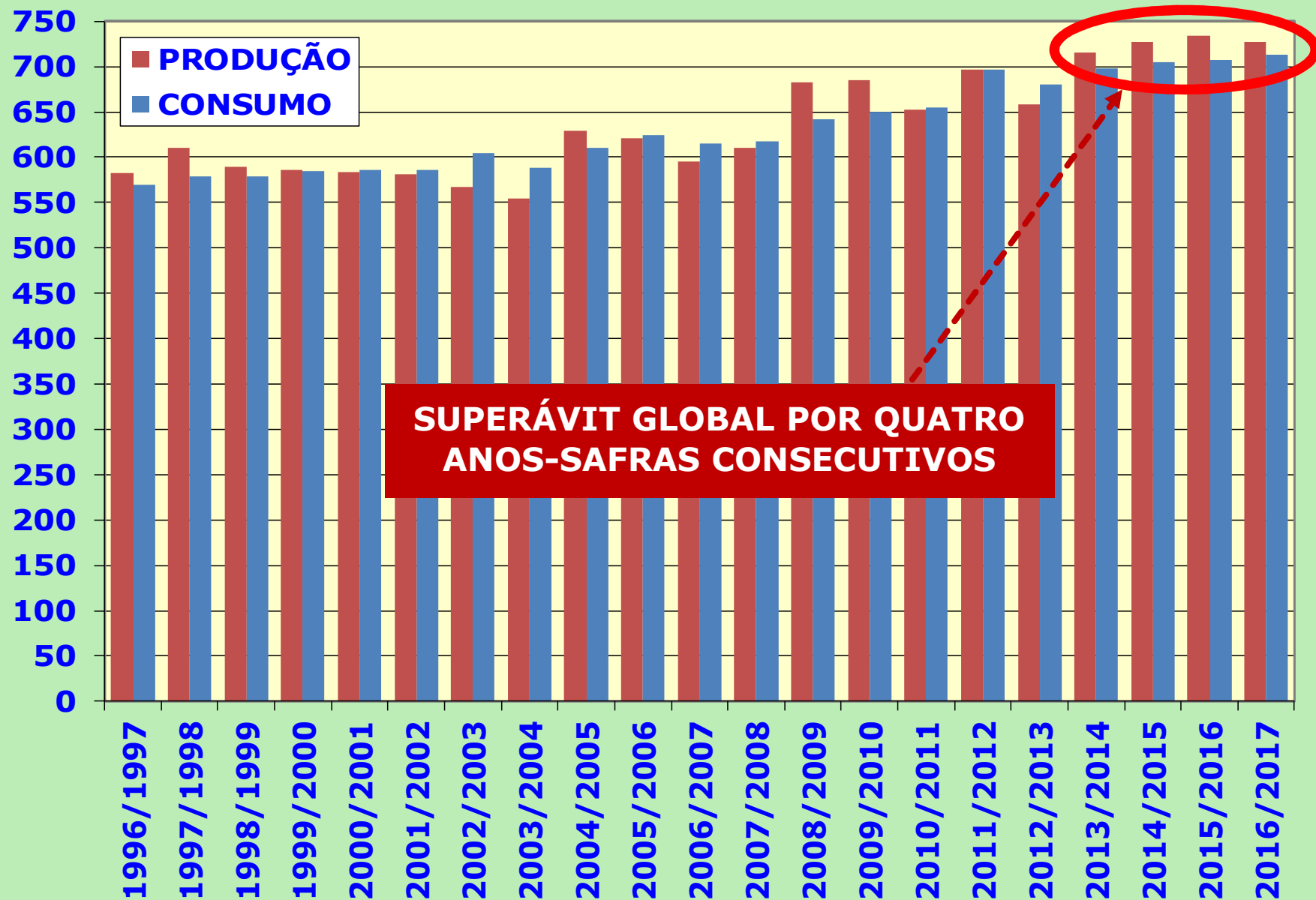
Fonte: USDA MAIO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

## TRIGO: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL EM MILHÕES DE HECTARES

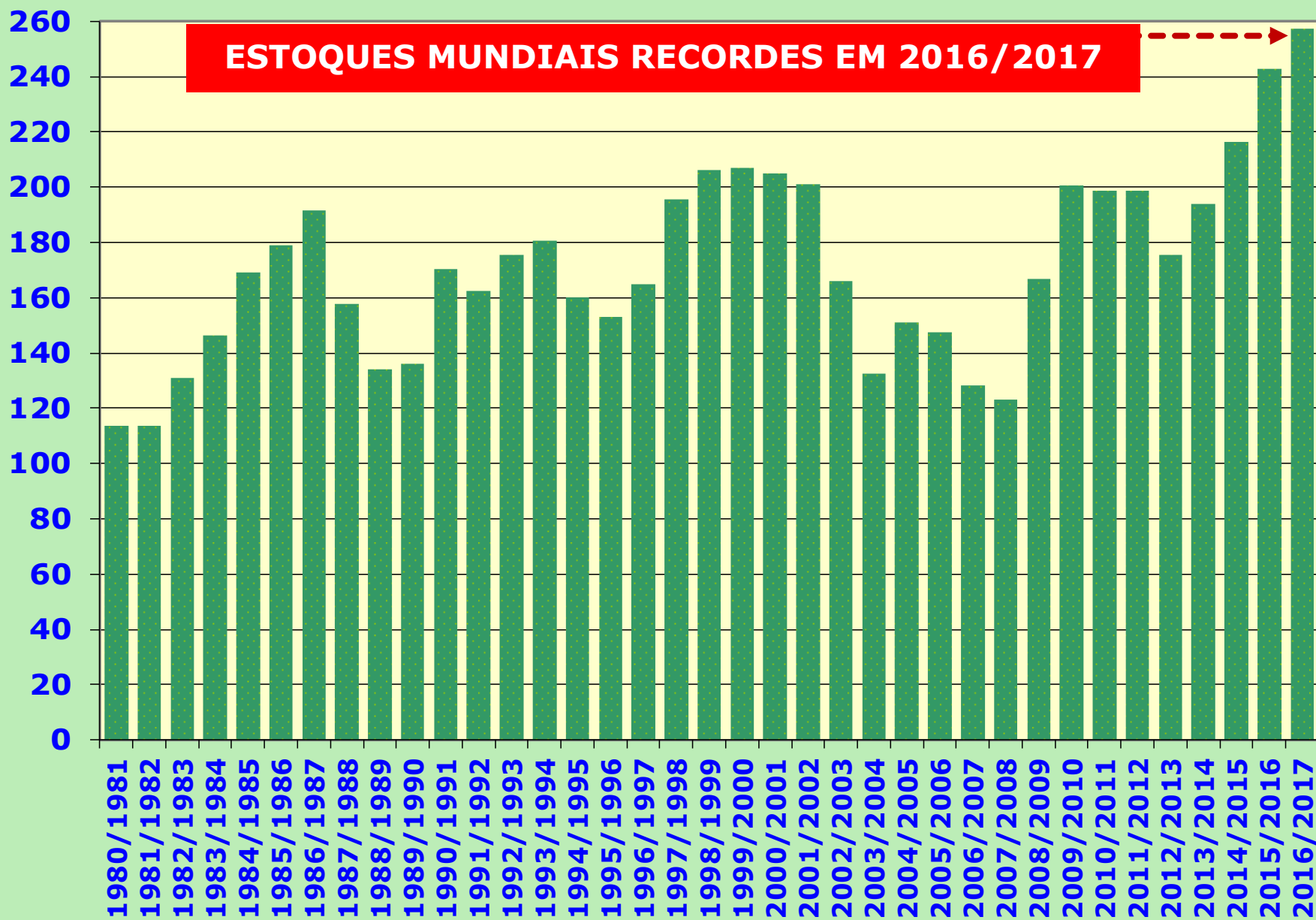


## TRIGO: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS

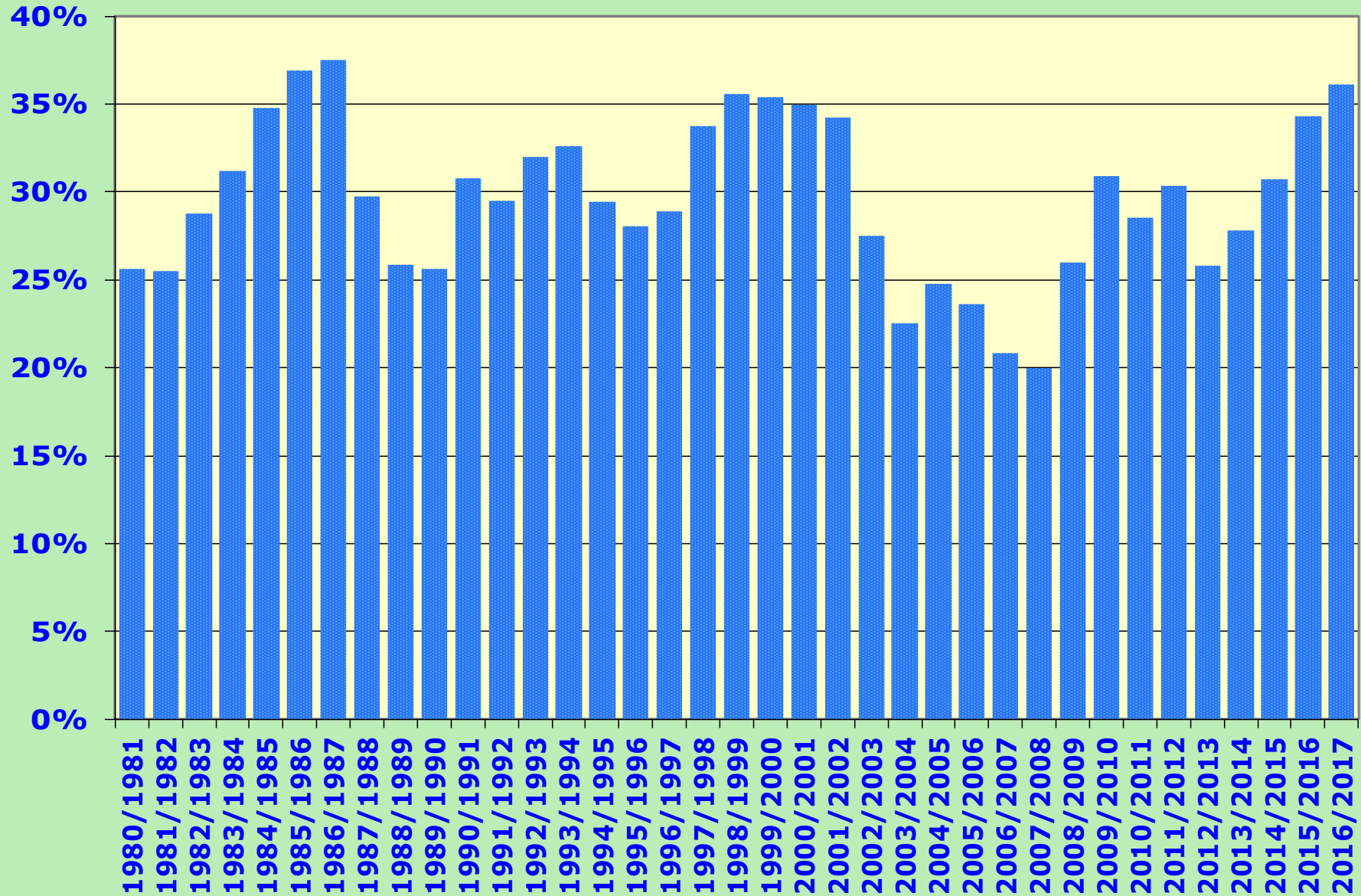


**SUPERÁVIT GLOBAL POR QUATRO ANOS-SAFRAS CONSECUTIVOS**

# TRIGO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



## TRIGO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL (%)



# ARGENTINA: OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

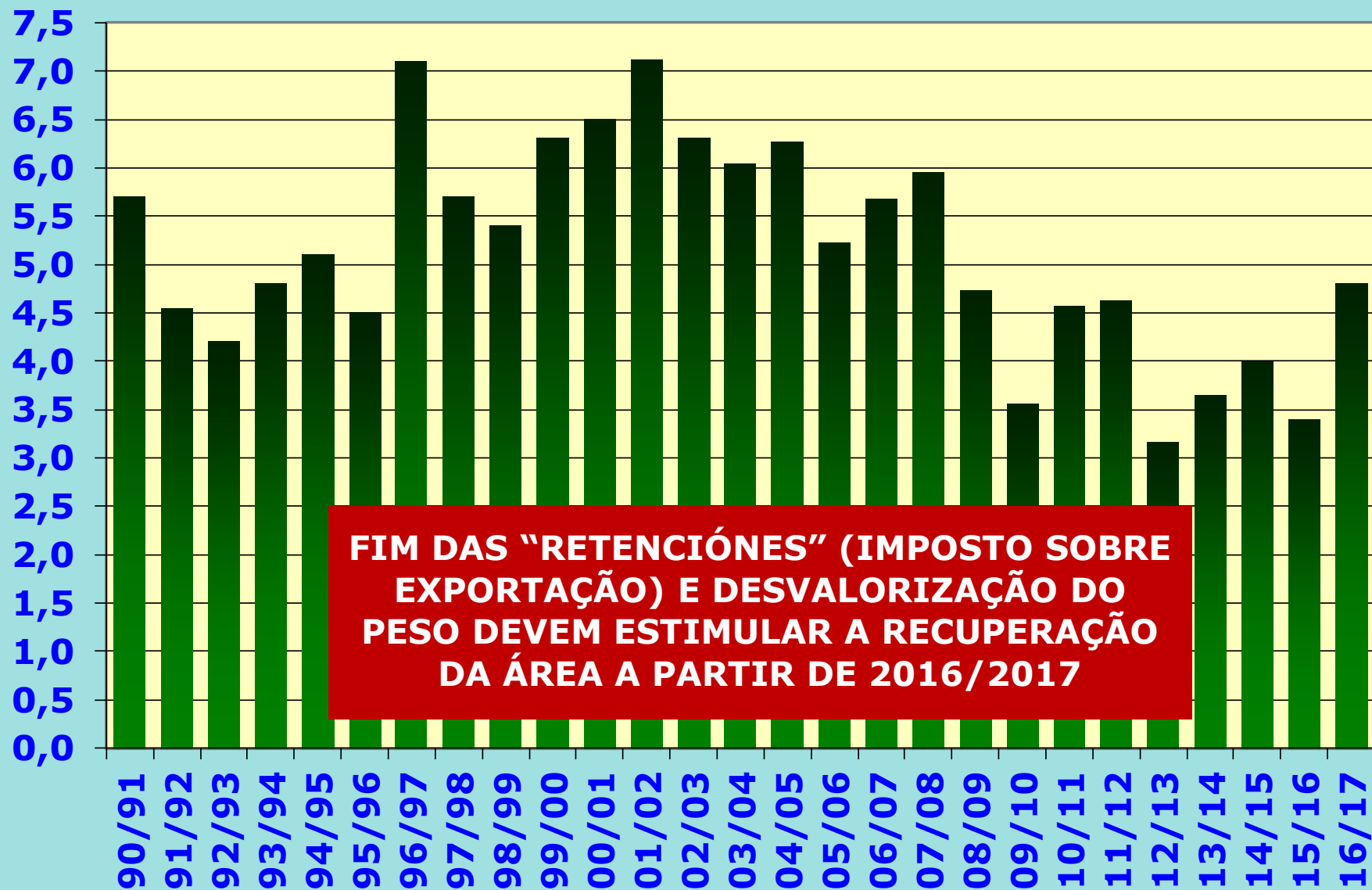
## DEZEMBRO A NOVEMBRO

ANO SAFRA	ESTOQUES INICIAIS MILHÕES T	ÁREA DE CULTIVO MILHÕES HA	RENDIMENTO MÉDIO EM KG/HA	PRODUÇÃO EM MILHÕES T	OFERTA TOTAL MILHÕES T	DEMANDA EM MILHÕES T			EXPORTAÇÕES EM MILHÕES T	ESTOQUES FINAIS MILHÕES T
						SEMENTES/RAÇÕES	MOAGEM	TOTAL		
90/91	4,63	5,700	2.000	11,40	16,03	0,20	4,30	5,00	5,60	5,43
91/92	5,43	4,550	2.154	9,80	15,23	0,10	4,00	4,50	5,80	4,93
92/93	4,93	4,200	2.405	10,10	15,03	0,10	4,00	4,60	5,90	4,53
93/94	4,53	4,800	2.167	10,40	14,93	0,30	4,20	5,00	5,00	4,93
94/95	4,93	5,100	2.216	11,30	16,23	0,15	4,30	4,31	7,32	4,60
95/96	4,60	4,500	1.911	8,60	13,20	0,15	4,50	4,17	4,48	4,55
96/97	4,55	7,100	2.239	15,90	20,45	0,01	4,40	4,90	10,20	5,36
97/98	5,36	5,702	2.760	15,74	21,10	0,01	4,70	4,80	11,15	5,15
98/99	5,15	5,399	2.463	13,30	18,45	0,02	4,60	4,87	8,56	5,03
99/00	5,03	6,300	2.603	16,40	21,43	0,08	4,50	4,93	11,59	4,91
00/01	4,91	6,497	2.457	15,96	20,87	0,08	4,50	4,99	11,27	4,61
01/02	4,61	7,109	2.152	15,30	19,91	0,05	4,50	4,75	10,80	4,36
02/03	4,36	6,300	1.953	12,30	16,66	0,05	4,60	5,16	6,76	4,74
03/04	4,74	6,040	2.411	14,56	19,30	0,05	4,80	5,23	9,41	4,67
04/05	4,67	6,260	2.549	15,96	20,62	0,08	4,93	5,01	11,83	3,78
05/06	3,78	5,222	2.408	12,57	16,36	0,08	4,80	5,00	8,50	2,86
06/07	2,86	5,676	2.572	14,60	17,46	0,08	4,80	4,90	9,51	3,05
07/08	3,05	5,948	2.749	16,35	19,40	0,08	5,05	5,13	8,91	5,36
08/09	5,36	4,732	1.769	8,37	13,73	0,08	5,00	5,08	3,10	5,55
09/10	5,55	3,552	2.534	9,00	14,55	0,53	6,28	6,81	3,73	4,01
10/11	4,01	4,577	3.474	15,90	19,91	0,46	6,60	7,06	7,75	5,10
11/12	5,10	4,628	3.133	14,50	19,60	0,40	6,30	6,70	11,40	1,50
12/13	1,50	3,160	2.532	8,00	9,50	0,40	5,50	5,90	3,10	0,50
13/14	0,50	3,650	2.603	9,50	10,00	0,40	6,00	6,40	1,75	1,85
14/15	1,85	4,000	3.000	12,00	13,85	0,40	5,81	6,21	4,71	2,93
15/16	2,93	3,400	3.324	11,30	14,23	0,50	5,52	6,02	7,50	0,71
16/17	0,71	4,800	3.229	15,50	16,21	0,55	5,85	6,40	8,50	1,31
VAR. 16/15	58%	-15%	11%	-6%	3%	25%	-5%	-3%	59%	-76%
VAR. 17/16	-76%	41%	-3%	37%	14%	10%	6%	6%	13%	84%

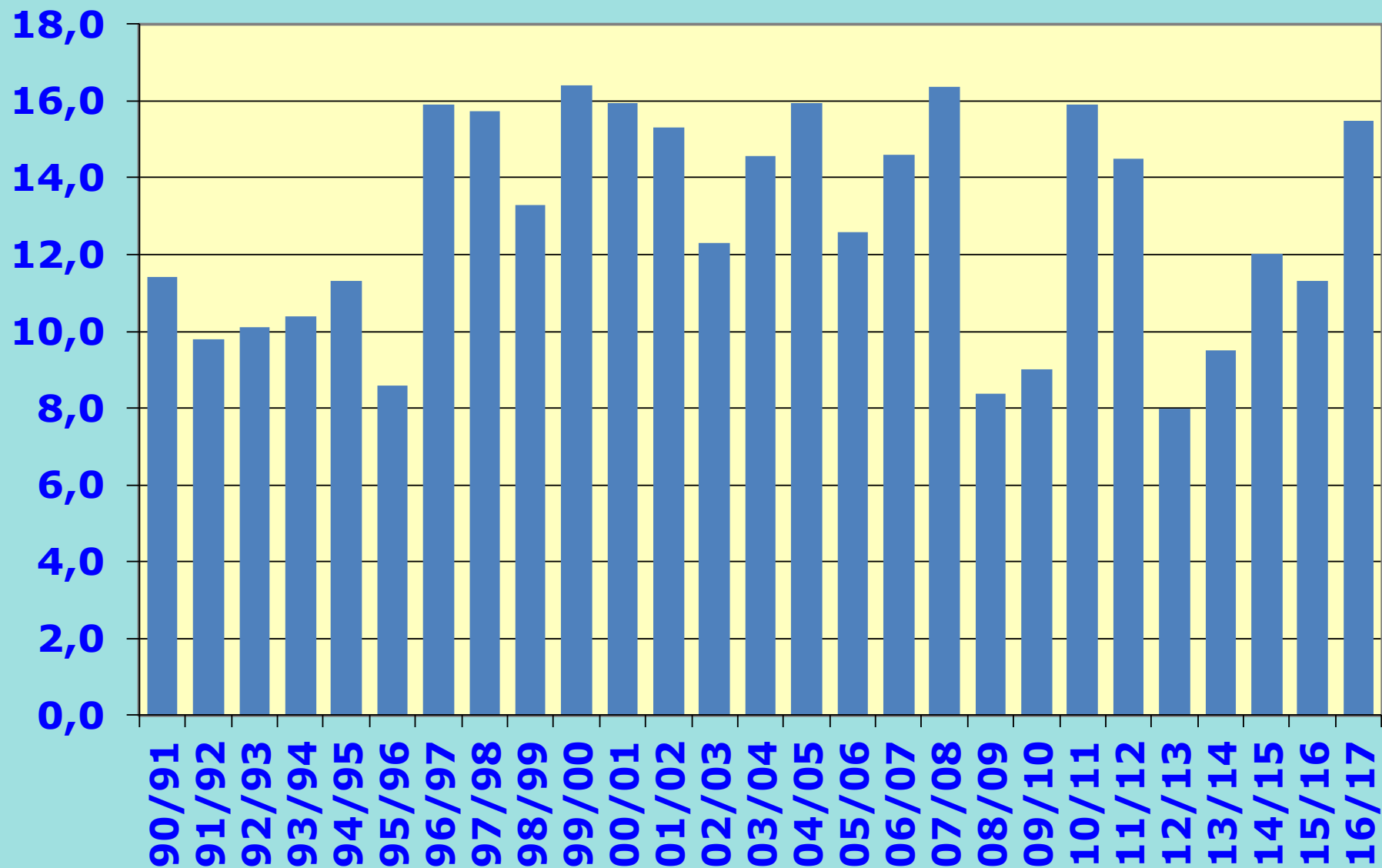
Fontes: Consultoria Agritrend e Bolsa Cereais de Buenos Aires

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA [www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)

## TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NA ARGENTINA EM MILHÕES DE HECTARES

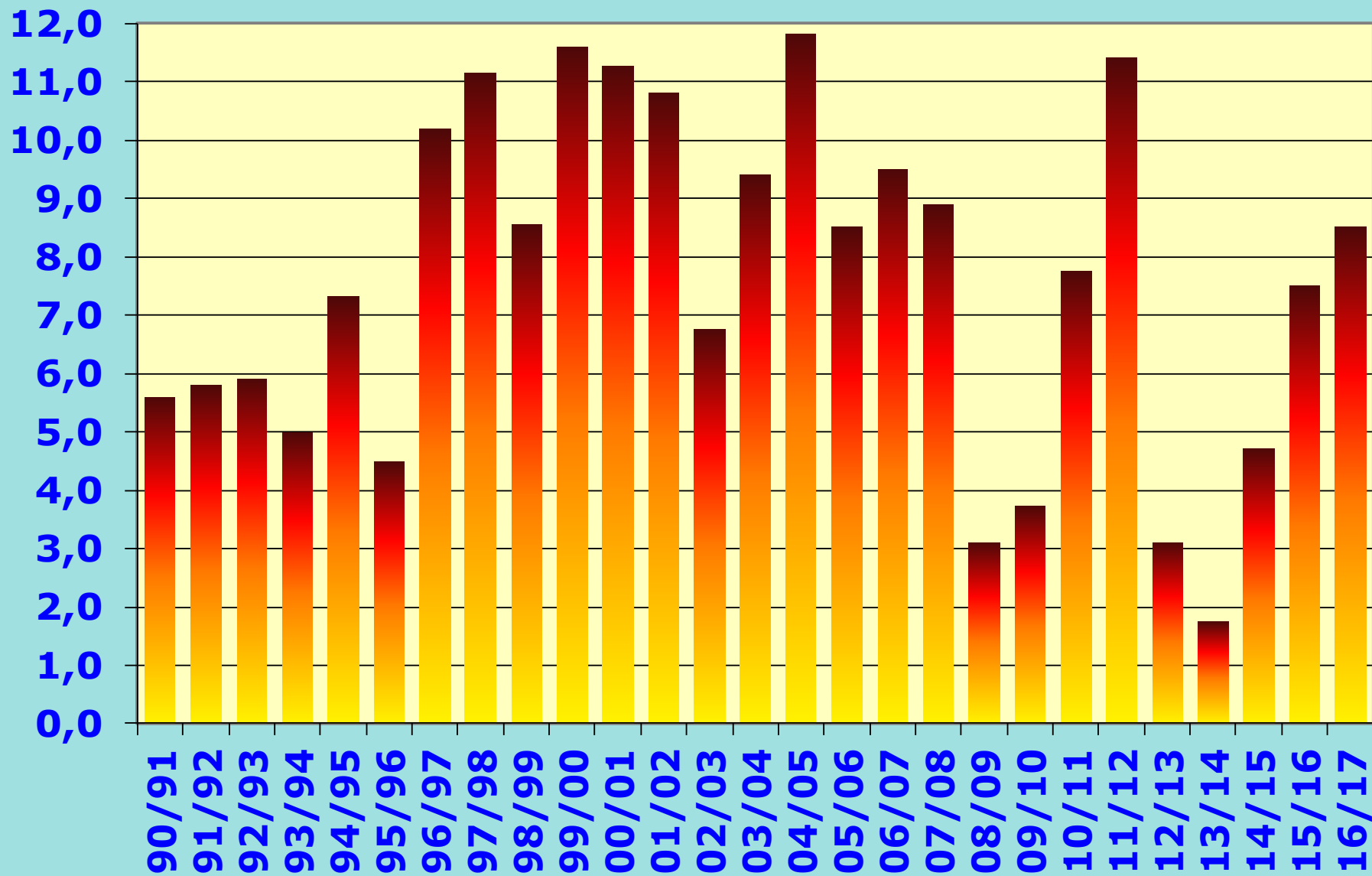


## ARGENTINA: PRODUÇÃO DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS

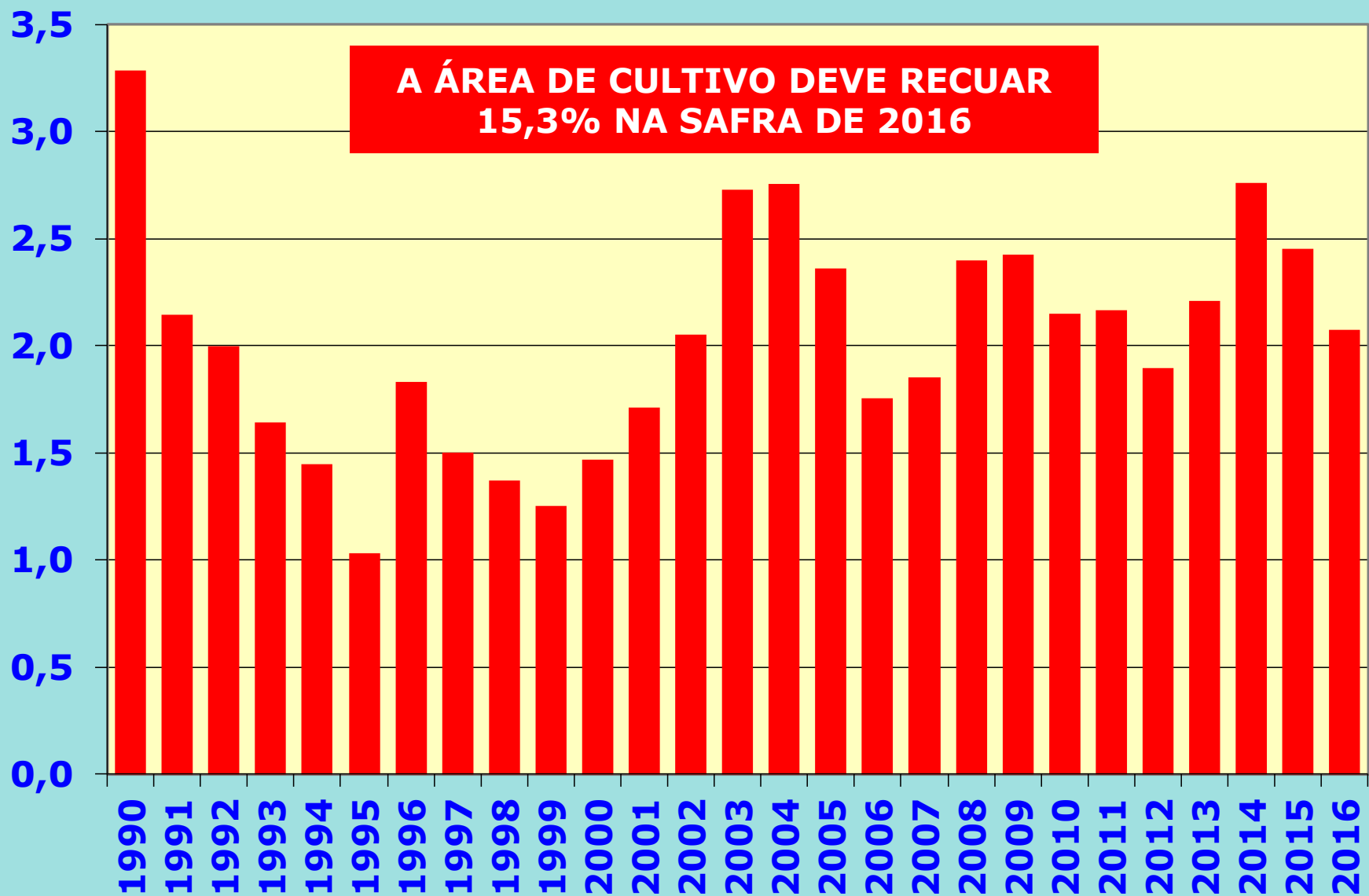




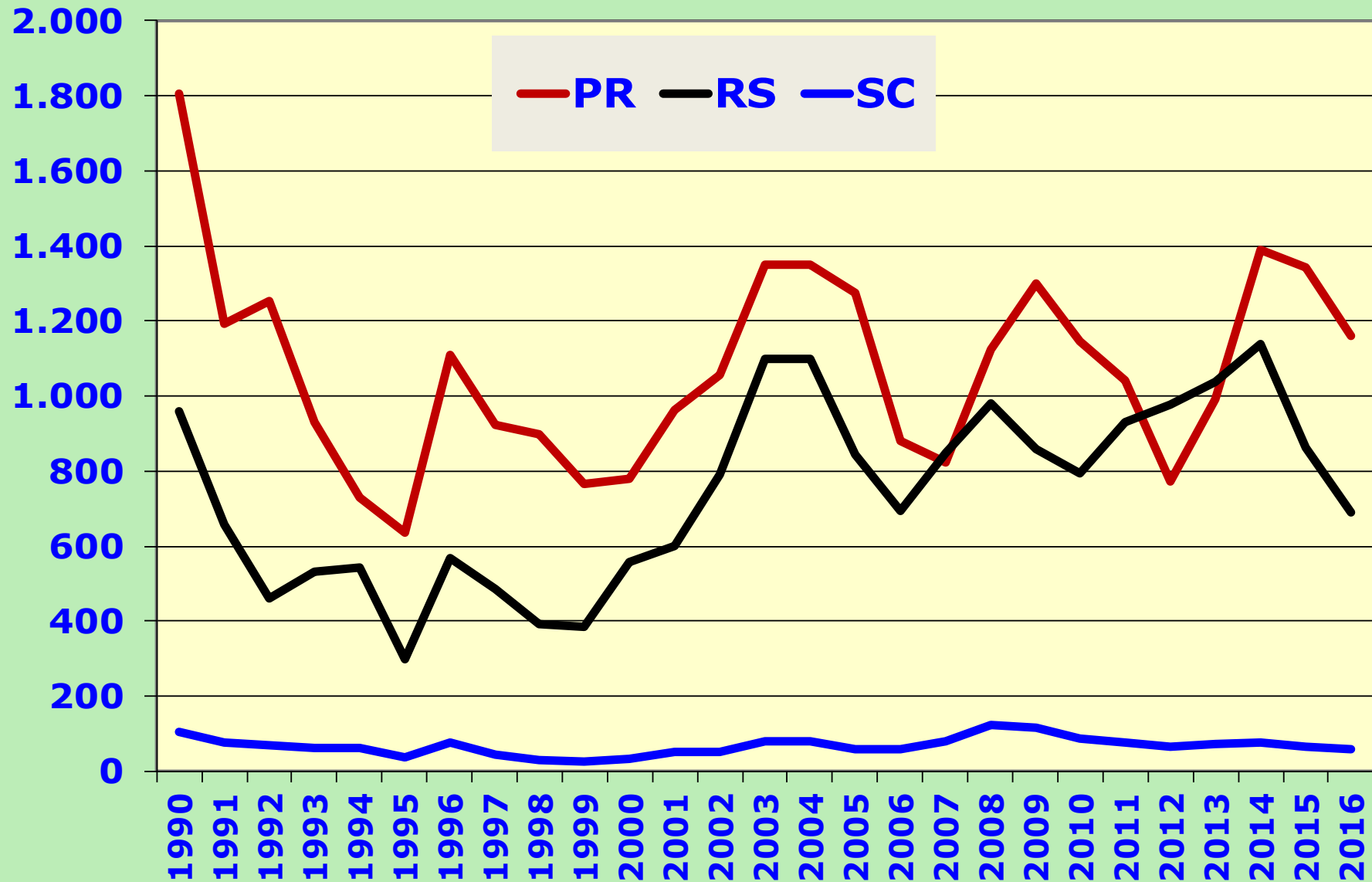
## ARGENTINA: EXPORTAÇÕES DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



## TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



# TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NOS ESTADOS DA REGIÃO SUL - MIL HA

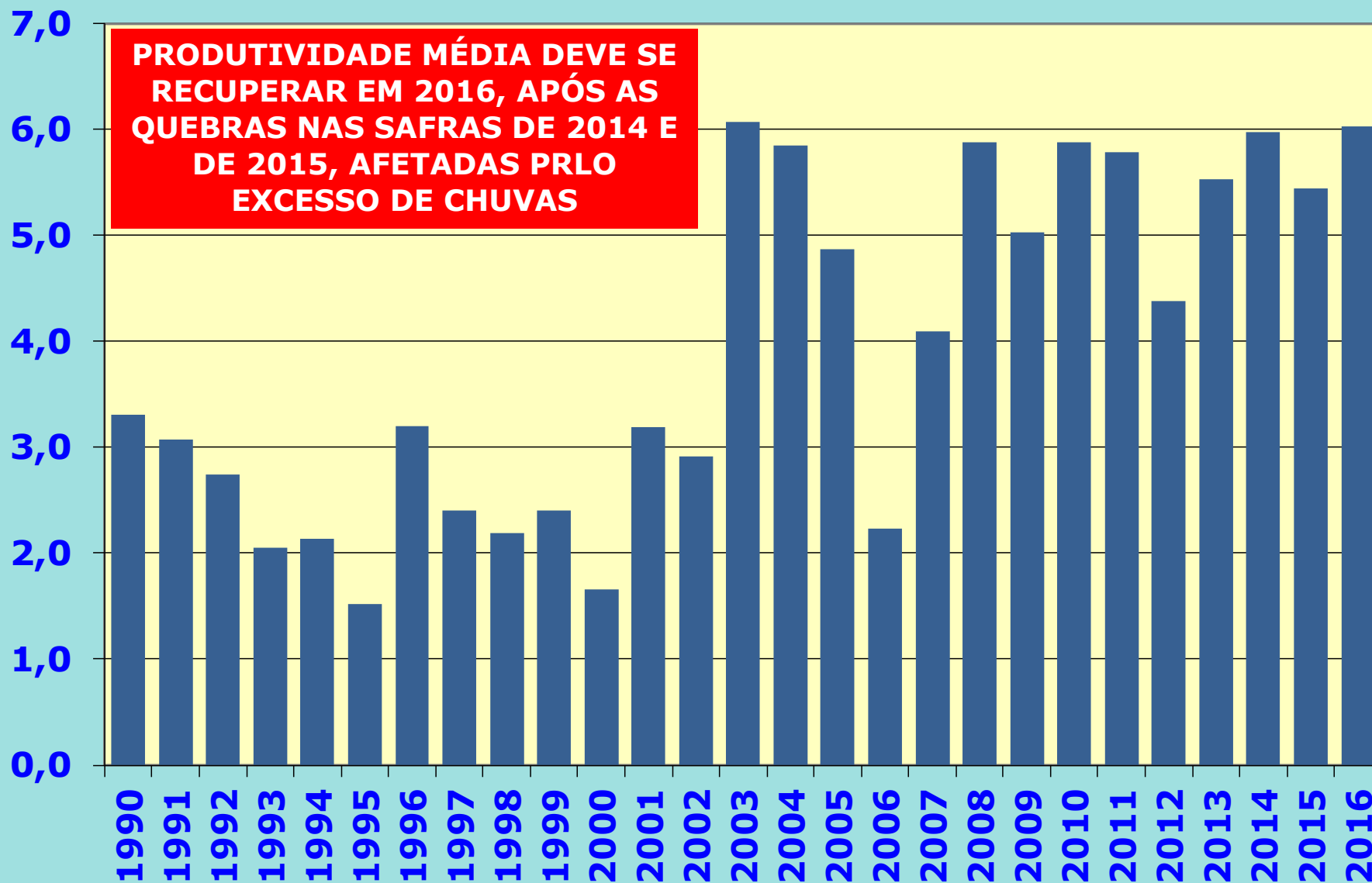


## TRIGO: CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

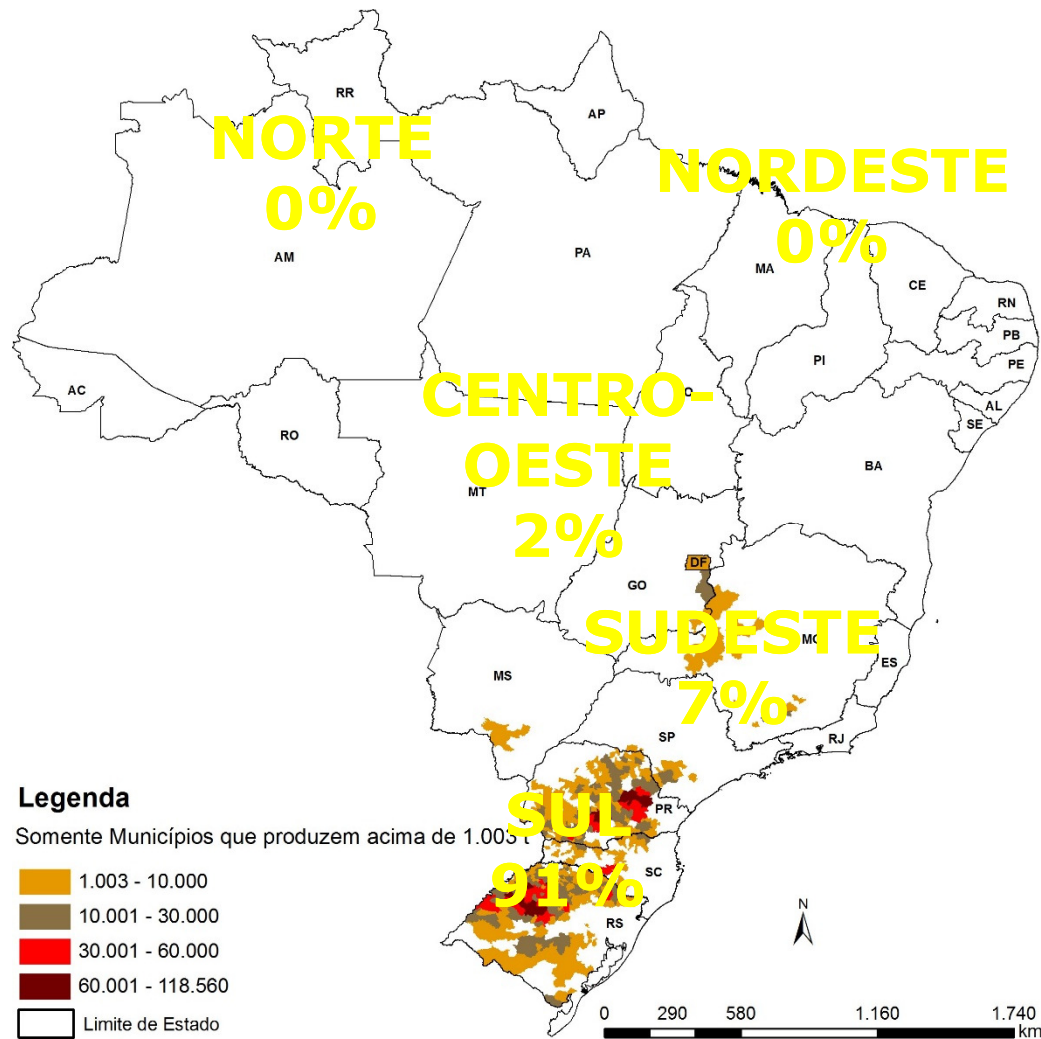
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Centro-Oeste</b>												
MS							P	P			C	C
GO	C						P	P	P		C	C
DF	C						P	P	P			
<b>Sudeste</b>												
MG	C				P	P	P	P	P	C	C	C
SP	C						P	P	P		C	C
<b>Sul</b>												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

# TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA EM MILHÕES DE TONELADAS



## TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA NA SAFRA 2016



# TRIGO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

EM MIL TONELADAS ANO COMERCIAL AGOSTO-JULHO

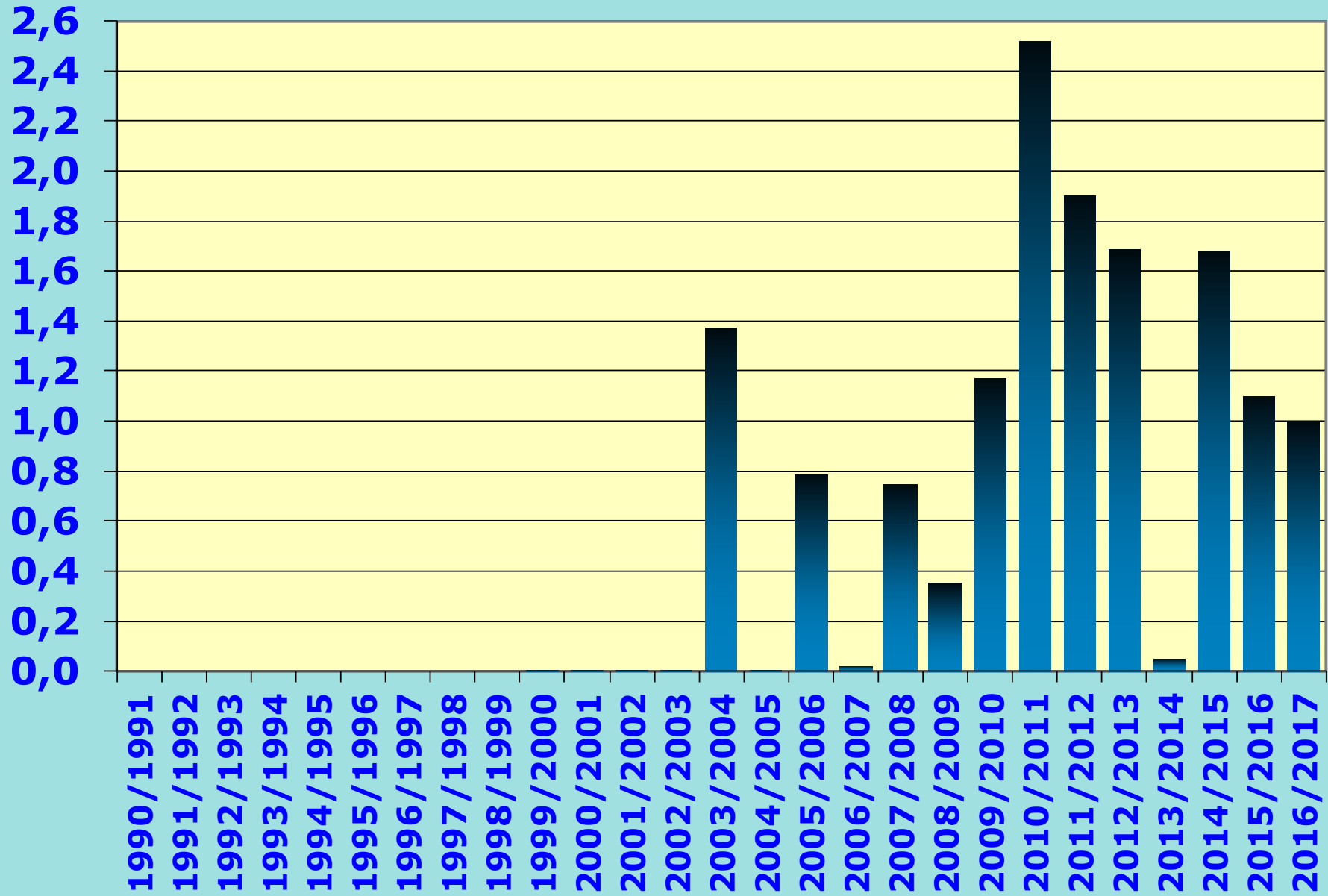
ANO PLANTIO	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	OFERTA TOTAL	EXPORTAÇÕES	DEMANDA INTERNA	ESTOQUES FINAIS
1990	1990/1991	1.444,8	3.304,0	2.522,0	7.270,8	0,0	6.660,0	610,8
1991	1991/1992	610,8	3.077,8	3.549,0	7.237,6	0,0	6.765,0	472,6
1992	1992/1993	472,6	2.739,2	4.000,0	7.211,8	0,0	7.017,0	194,8
1993	1993/1994	194,8	2.051,8	5.300,0	7.546,6	0,0	7.432,0	114,6
1994	1994/1995	114,6	2.137,8	6.512,0	8.764,4	0,0	7.848,0	916,4
1995	1995/1996	916,4	1.524,3	5.700,0	8.140,7	0,0	8.000,0	140,7
1996	1996/1997	140,7	3.197,5	5.542,0	8.880,2	0,0	8.205,0	675,2
1997	1997/1998	675,2	2.406,9	6.190,3	9.272,4	0,0	8.821,5	450,9
1998	1998/1999	450,9	2.187,7	7.139,3	9.777,9	0,0	9.340,0	437,9
1999	1999/2000	437,9	2.402,8	7.718,1	10.558,8	2,3	9.988,8	567,7
2000	2000/2001	567,7	1.658,4	7.632,4	9.858,5	1,3	9.338,7	518,5
2001	2001/2002	518,5	3.194,2	7.055,4	10.768,1	4,7	10.059,2	704,2
2002	2002/2003	704,2	2.913,9	6.853,2	10.471,3	5,0	9.851,5	614,8
2003	2003/2004	614,8	6.073,5	5.373,8	12.062,1	1.373,3	9.642,0	1.046,8
2004	2004/2005	1.046,8	5.845,9	4.971,2	11.863,9	3,5	9.803,0	2.057,4
2005	2005/2006	2.057,4	4.873,1	5.844,2	12.774,7	784,9	10.231,0	1.758,8
2006	2006/2007	1.758,8	2.233,7	7.164,1	11.156,6	19,7	9.600,0	1.536,9
2007	2007/2008	1.536,9	4.097,1	5.926,4	11.560,4	746,7	9.618,0	1.195,7
2008	2008/2009	1.195,7	5.884,0	5.676,4	12.756,1	351,4	9.398,0	3.006,7
2009	2009/2010	3.006,7	5.026,2	5.922,2	13.955,1	1.170,4	9.614,2	3.170,5
2010	2010/2011	2.879,7	5.881,6	5.798,4	14.559,7	2.515,9	9.842,4	2.201,4
2011	2011/2012	2.201,4	5.788,6	6.011,8	14.001,8	1.901,0	10.144,9	1.955,9
2012	2012/2013	1.955,9	4.379,5	7.010,2	13.345,6	1.683,8	10.134,3	1.527,5
2013	2013/2014	1.527,5	5.527,9	6.642,4	13.697,8	47,4	11.381,5	2.268,9
2014	2014/2015	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.713,7	1.174,6
2015	2015/2016	1.174,6	5.447,6	5.500,0	12.122,2	1.100,0	10.217,3	804,9
2016	2016/2017	804,9	6.023,9	5.400,0	12.228,8	1.000,0	10.268,4	960,4
VAR. 2015/2014		-48,2%	-8,8%	3,2%	-10,7%	-34,5%	-4,6%	-31,5%
VAR. 2016/2015		-31,5%	10,6%	-1,8%	0,9%	-9,1%	0,5%	19,3%

\* ANO COMERCIAL 2015/2016: AGOSTO DE 2015 A JULHO DE 2016

Fontes: Conab, Ibge, Abitrigo, Secex e Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

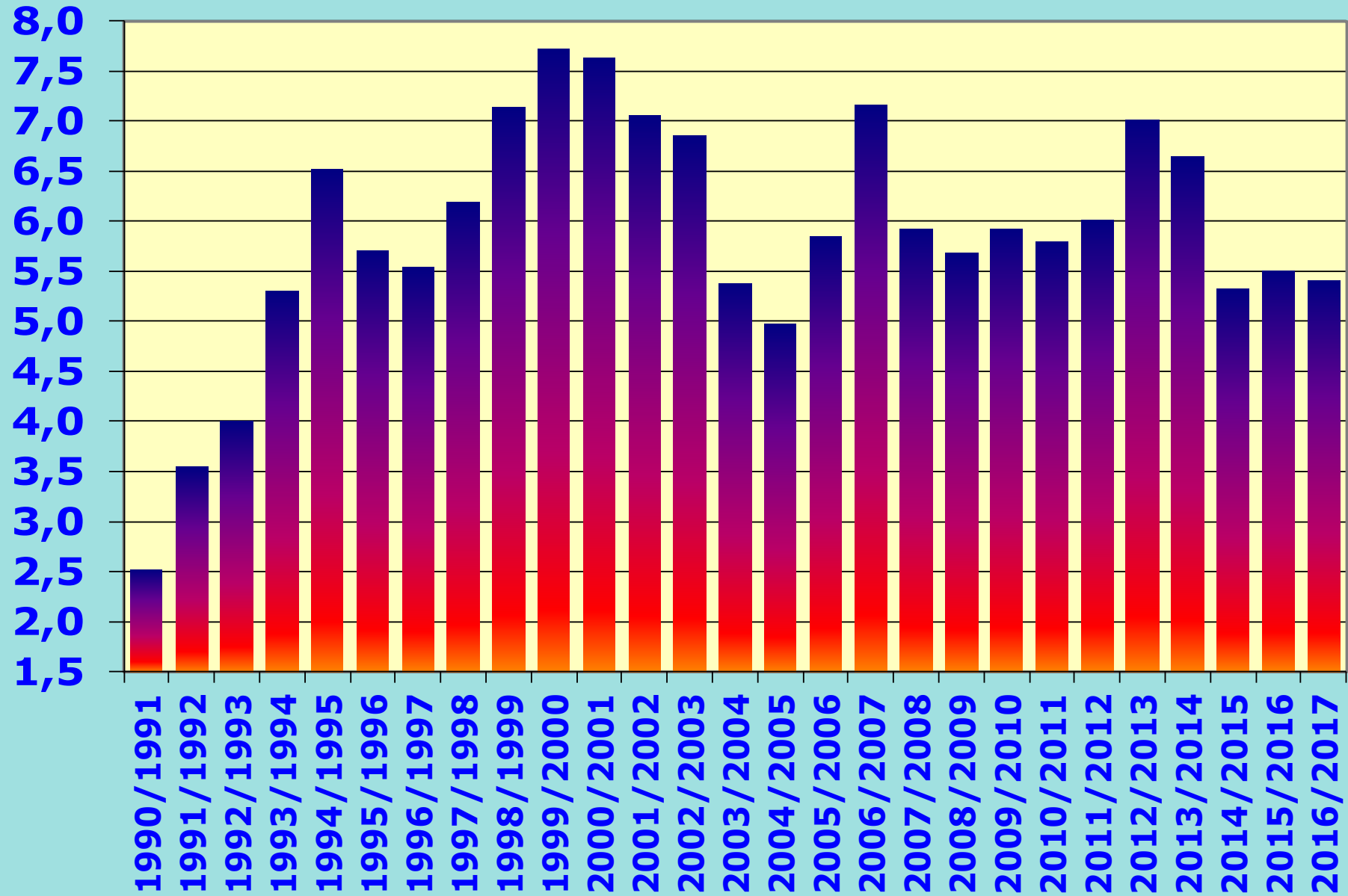
Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

## TRIGO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS

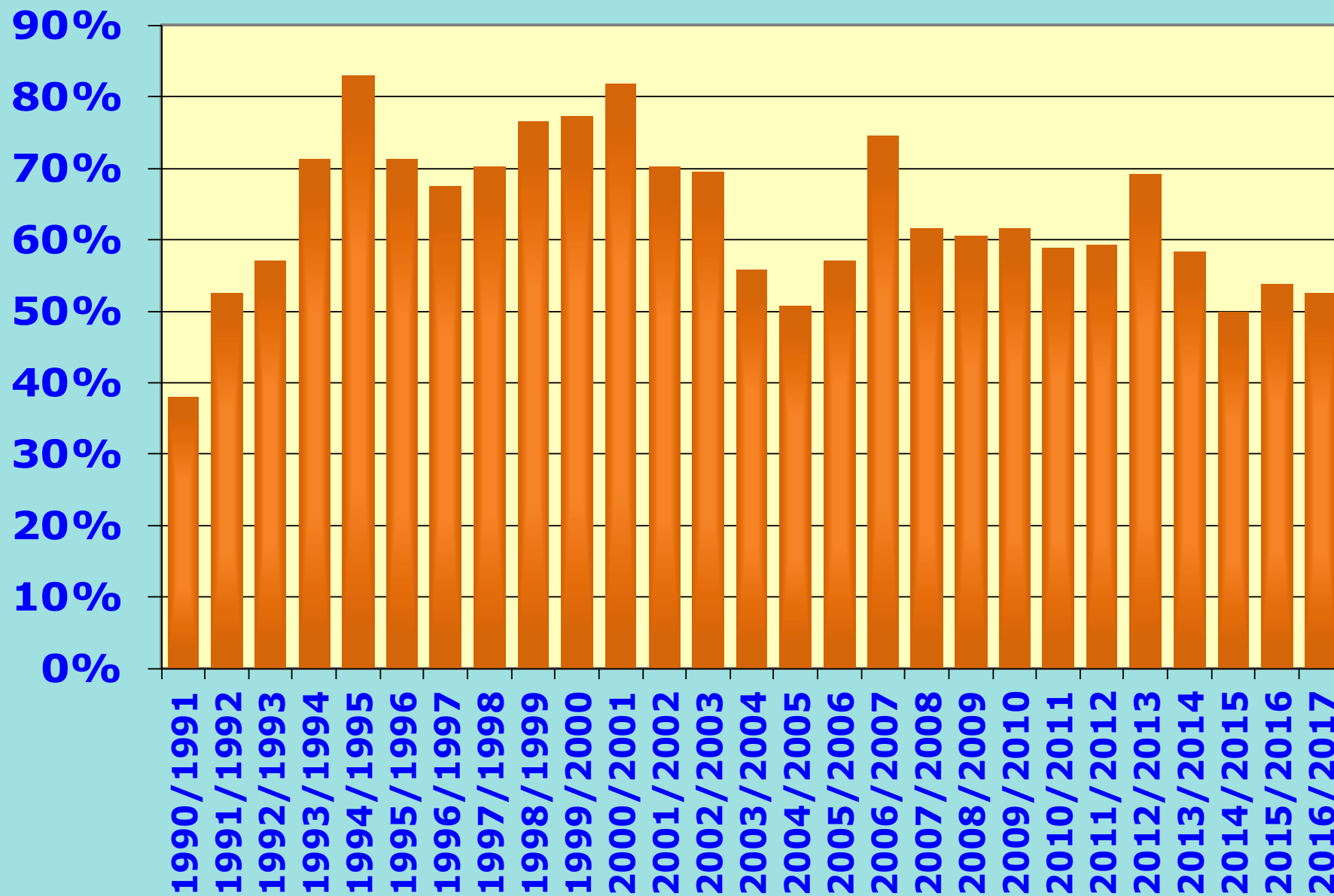




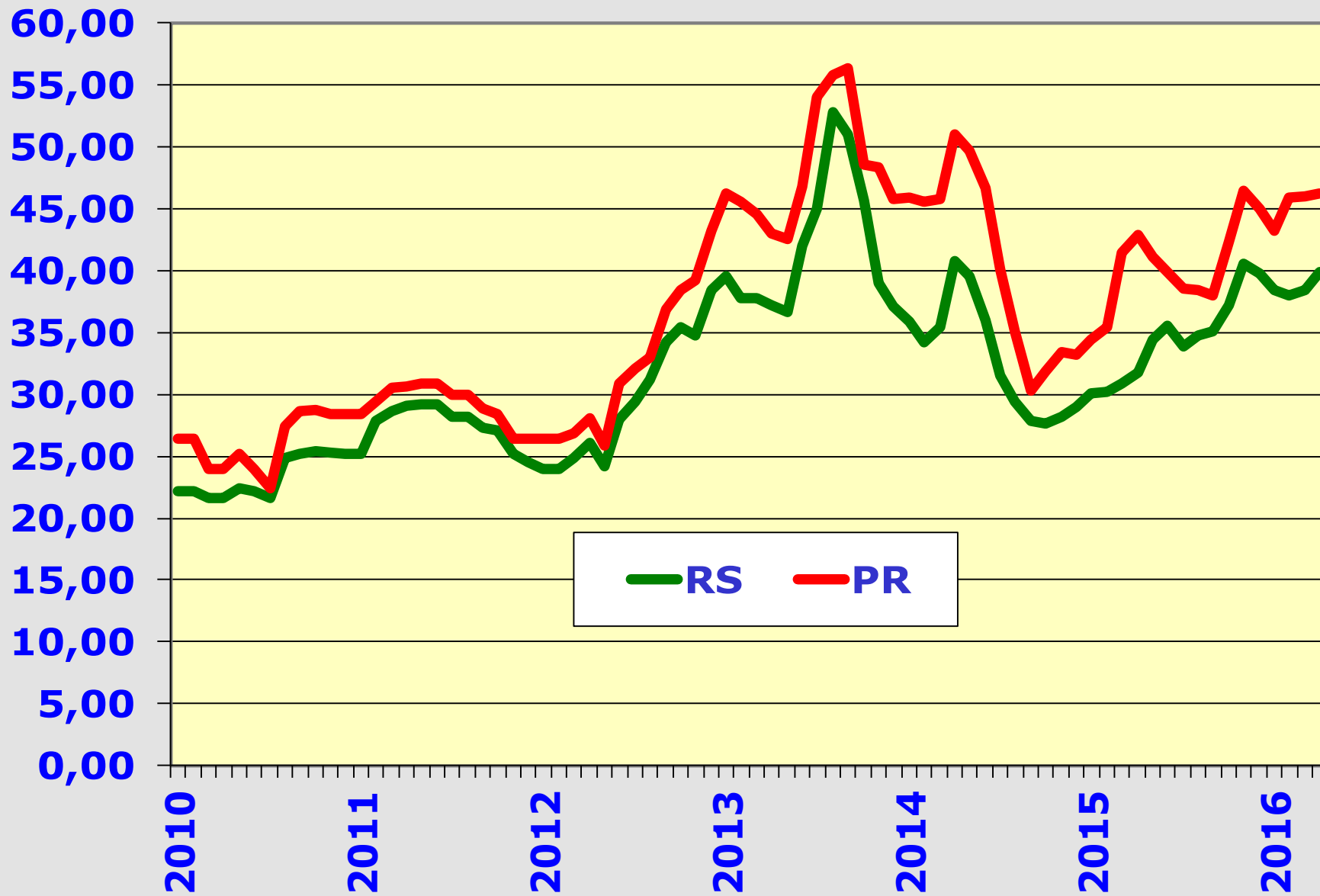
## TRIGO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



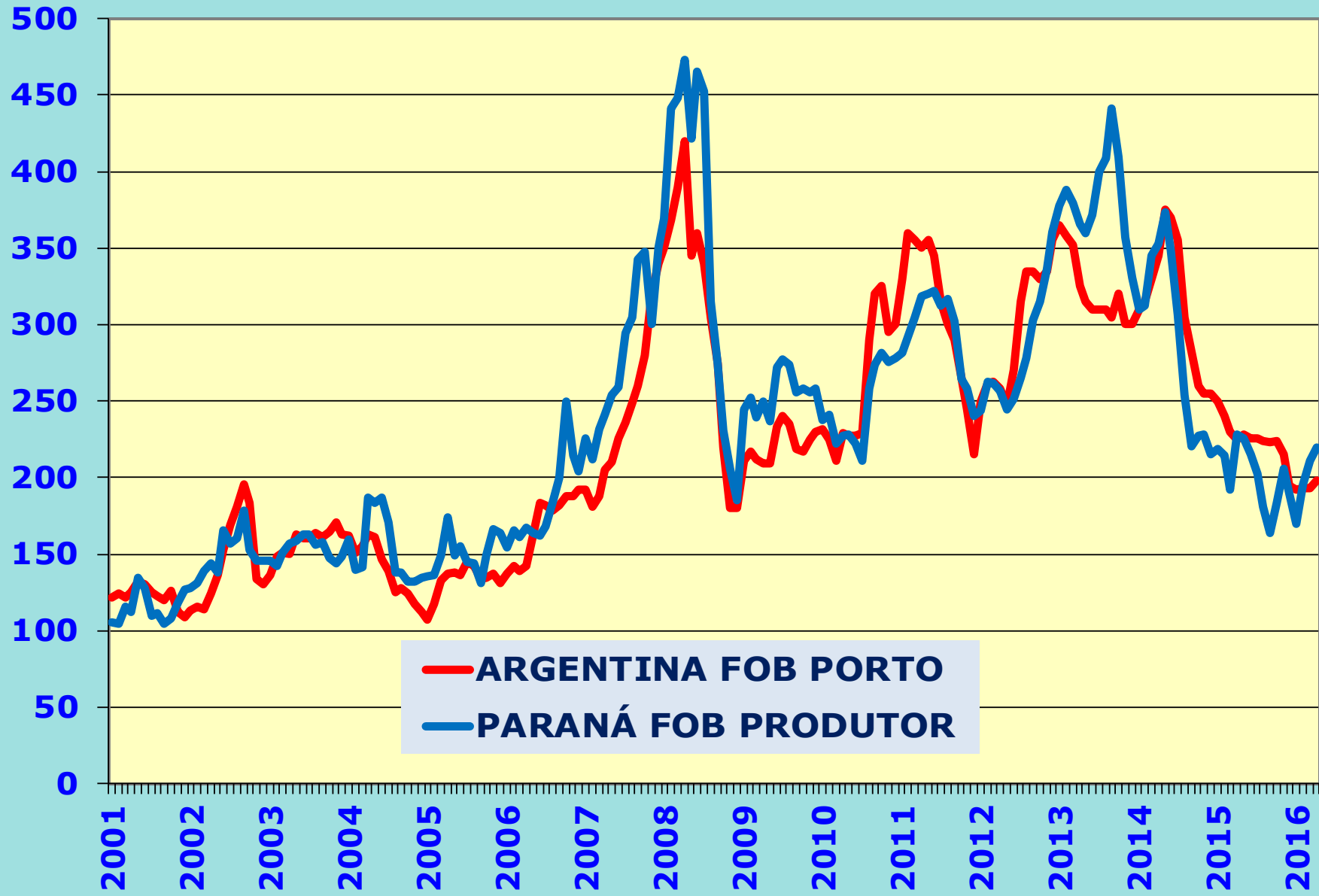
## TRIGO: PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NA DEMANDA BRASILEIRA (%)



# TRIGO GRÃO: PREÇOS PRODUTOR (LOTES) PR x RS - R\$/SACA 60 Kg



# TRIGO PANIFICAÇÃO: COMPARATIVO ENTRE OS PREÇOS FOB ARGENTINA E PARANÁ



## TRIGO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016

ANO-SAFRA		2014		2015		2016	
ANO COMERCIAL		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		RS	PR	RS	PR	RS	PR
ITEM	UNIDADE	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,66	3,66
SEMENTES	USD/HA	111,36	121,50	88,86	96,96	57,38	69,95
FERTILIZANTES	USD/HA	252,67	213,39	192,03	162,18	163,25	173,33
DEFENSIVOS	USD/HA	75,61	73,58	77,12	75,05	106,19	69,41
OUTROS	USD/HA	144,89	131,96	179,75	163,01	98,86	94,96
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>584,52</b>	<b>540,43</b>	<b>537,76</b>	<b>497,20</b>	<b>425,68</b>	<b>407,65</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	58,75	114,18	54,05	105,05	86,07	108,74
<b>CUSTO VARIÁVEL DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>643,27</b>	<b>654,61</b>	<b>591,81</b>	<b>602,24</b>	<b>511,75</b>	<b>516,39</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.466,66</b>	<b>1.219,05</b>	<b>1.905,63</b>	<b>1.219,05</b>	<b>1.873,01</b>	<b>1.382,86</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	83,21	88,25	76,55	81,19	102,18	112,03
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>726,48</b>	<b>742,86</b>	<b>668,37</b>	<b>683,43</b>	<b>613,93</b>	<b>628,42</b>
RENTA DE FATORES	USD/HA	200,43	55,22	184,40	50,80	161,75	70,48
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>926,91</b>	<b>798,08</b>	<b>852,76</b>	<b>734,23</b>	<b>775,68</b>	<b>698,90</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SC 60 KG/HA	22,2	45,6	28,3	40,6	45,0	50,3
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	1.330	2.737	1.700	2.436	2.700	3.017
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/60 KG</b>	<b>41,82</b>	<b>17,50</b>	<b>30,10</b>	<b>18,08</b>	<b>17,24</b>	<b>13,90</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.113,36</b>	<b>1.819,61</b>	<b>2.745,89</b>	<b>2.364,22</b>	<b>2.838,99</b>	<b>2.557,97</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,97	14,95	10,13	11,61	10,50	12,50
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	-31,85	-2,55	-19,97	-6,47	-6,74	-1,40
PREÇO MÉDIO ANUAL FOB ARGENTINA	USD/T	246,00	246,00	205,10	205,10	219,00	219,00
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>221,00</b>	<b>681,97</b>	<b>287,02</b>	<b>471,37</b>	<b>472,50</b>	<b>628,54</b>
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,90	3,90
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>663,01</b>	<b>2.045,91</b>	<b>1.099,27</b>	<b>1.805,33</b>	<b>1.842,75</b>	<b>2.451,31</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-705,91</b>	<b>-116,11</b>	<b>-565,74</b>	<b>-262,86</b>	<b>-303,18</b>	<b>-70,36</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>-1.450,36</b>	<b>226,29</b>	<b>-1.646,61</b>	<b>-558,89</b>	<b>-996,24</b>	<b>-106,66</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	-68,6%	12,4%	-60,0%	-23,6%	-35,1%	-4,2%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>-15,2</b>	<b>5,7</b>	<b>-17,0</b>	<b>-9,6</b>	<b>-15,8</b>	<b>-2,1</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. VARIÁVEL (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-422,27</b>	<b>27,36</b>	<b>-304,79</b>	<b>-130,88</b>	<b>-39,25</b>	<b>112,15</b>
EBITDA	R\$/HA	-803,66	826,86	-806,36	586,28	-30,26	1.068,45
MARGEM EBITDA	%	-121,2%	40,4%	-73,4%	32,5%	-1,6%	43,6%

OBS.: PARA A SAFRA DE INVERNO, CONSIDERAR RENTABILIDADE A PARTIR DA RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)

**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

**ARROZ**



## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A tendência é de maior sustentação dos preços globais, com expressiva queda dos estoques mundiais e quebras na safra global 2015/2016.
- Em 2016/2017, a produção deve voltar a se alinhar à demanda.
- Os estoques mundiais e as disponibilidades exportáveis começam a diminuir, influenciando também a tendência altista dos preços mundiais.
- Neste início de maio 2016, os preços de exportação do arroz asiático estão mais altos do que os praticados no primeiro trimestre do ano e também no primeiro semestre do ano passado.
- Em maio, há elevação das cotações nos principais exportadores do Sudeste Asiático, mas recuos nos Estados Unidos e nos países exportadores do Mercosul.
- Nos Estados Unidos, neste início de maio, os preços do arroz beneficiado 2/4 (com 4% de quebrados) estão cotados entre US\$ 435 a US\$ 445 por tonelada, contra US\$ 465 a US\$ 475 por tonelada em janeiro/2016, e também abaixo dos US\$ 450 a US\$ 460 por tonelada no primeiro semestre do ano passado.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- No Mercosul, neste início de maio, o produto beneficiado do Uruguai com 5% de quebrados está cotado entre US\$ 425 a US\$ 435 por tonelada, bem abaixo das US\$ 480 a US\$ 490 em janeiro/2016.
- Os preços uruguaios estão bem abaixo dos US\$ 565 e US\$ 575 por tonelada do primeiro semestre de 2015.
- O arroz beneficiado da Argentina com 5% de quebrados está cotado entre US\$ 415 a US\$ 425 por tonelada neste início de maio, bem abaixo dos US\$ 475 a US\$ 485 por tonelada em janeiro/2016.
- Os preços argentinos estão mais distantes dos US\$ 555 a US\$ 565 por tonelada registrados no primeiro semestre de 2015.
- No caso específico da Argentina, a forte desvalorização do peso e a retirada dos impostos sobre o produto, melhorou a competitividade do país, permitindo uma redução das cotações FOB, em dólares.
- Na Tailândia – o maior exportador mundial de arroz – o Thai 100%B está cotado entre US\$ 400 a US\$ 410 por tonelada, bem acima do US\$ 365 a US\$ 375 por tonelada em janeiro/2016 e também acima da faixa entre US\$ 365 a US\$ 375 do primeiro semestre do ano passado.



## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- No Vietnã, o Viet com 5% de quebrados está cotado entre US\$ 370 a US\$ 380 por tonelada neste início de maio, acima dos US\$ 350 a US\$ 360 por tonelada de janeiro e fevereiro/2016, ficando também acima dos patamares registrados no primeiro semestre do ano passado, quando estavam entre US\$ 355 e US\$ 365 por tonelada.
- O arroz paquistanês Pak 5% está cotado entre US\$ 380 a US\$ 390 por tonelada neste início de maio, bem acima dos US\$ 335 a US\$ 345 por tonelada em janeiro/2016, mas ainda abaixo dos US\$ 405 a US\$ 415 por tonelada no primeiro semestre do ano passado.
- Na Índia, o arroz com 5% de quebrados está cotado entre US\$ 375 a US\$ 385 por tonelada neste início de maio, acima da faixa entre US\$ 355 a US\$ 365 por tonelada em janeiro/2016, e também superiores aos patamares de US\$ 365 a US\$ 375 por tonelada vistos no primeiro semestre do ano passado.
- A tendência é de preços globais sustentados para o arroz, com a queda dos estoques nos maiores exportadores, demanda global firme e cotações de outros cereais (como o milho) em alta.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A área plantada com arroz no Brasil em 2015/2016 está estimada em 1,987 milhão de hectares, recuo de 13,4% sobre a safra anterior.
- Essa é a menor área plantada no Brasil desde a temporada 2004/2005, quando foram cultivados 3,937 milhões de hectares.
- Entre 2004/2005 e 2015/2016, a área de cultivo de arroz no Brasil acumula uma retração de 49,5%.
- A produção brasileira de arroz deve recuar 11,9% nesta safra 2015/2016, em virtude de uma área menor de plantio e a adversidades climáticas no Sul do País, em especial no Rio Grande do Sul.
- A produção está estimada pela nossa Consultoria em 10,953 milhões de toneladas, contra 12,436 milhões de toneladas em 2014/2015.
- O quadro de oferta e demanda de arroz no Brasil estará bem ajustado nesta temporada 2015/2016, com baixos estoques de passagem e produção interna abaixo da demanda doméstica.
- Os estoques iniciais desta safra 2015/2016, em 1º de março de 2016, estão estimados pela nossa Consultoria em apenas 760,6 mil toneladas (base casca), o menor patamar desde a safra 1984/1985.

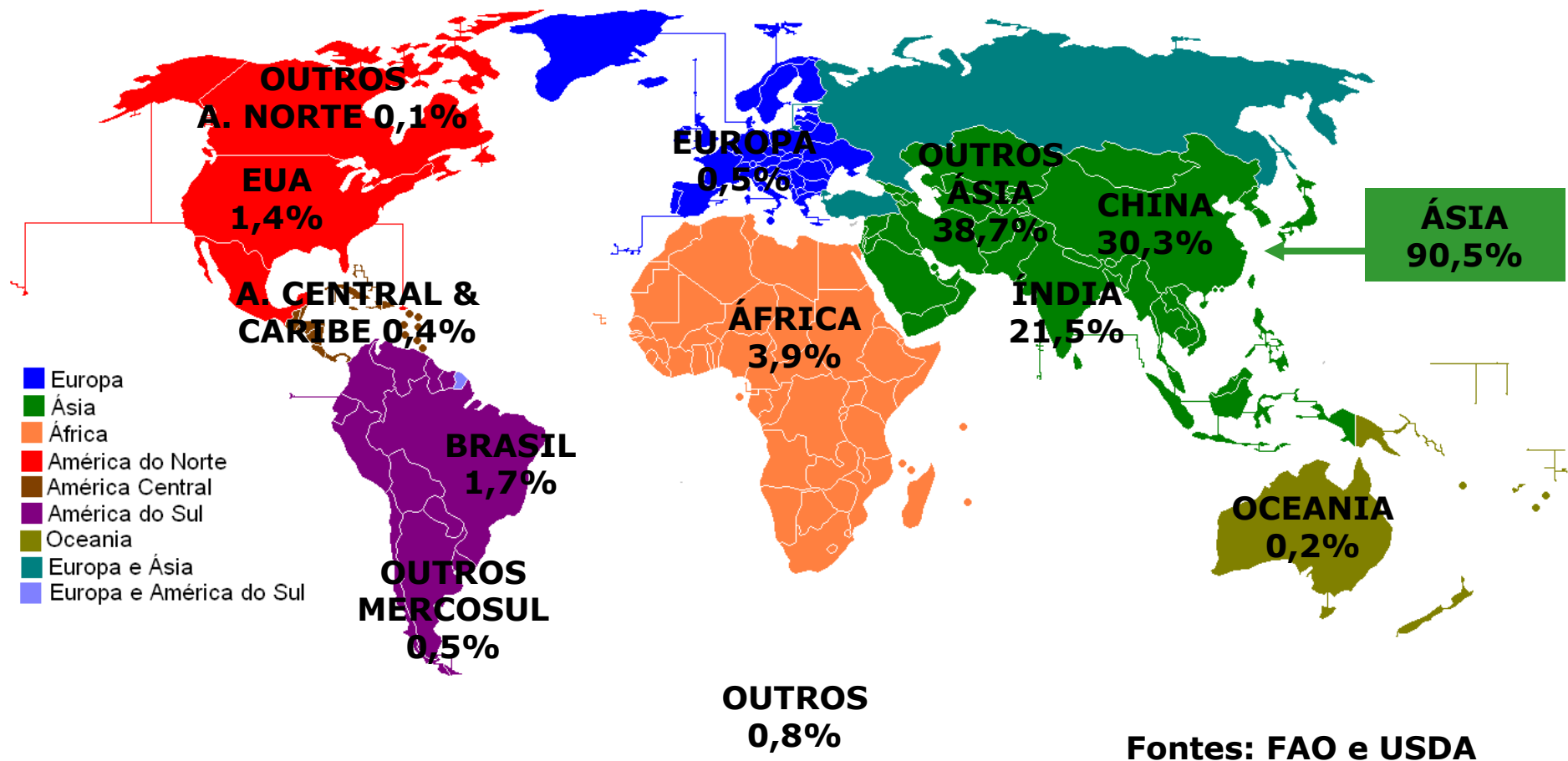
## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Os estoques iniciais, somados à produção, estimada em 10,953 milhões de toneladas, formam uma oferta de apenas 11,714 milhões de toneladas, com consumo interno de 11,6 milhões de toneladas.
- Portanto, se as exportações brasileiras caírem para 1,1 milhão de toneladas (base casca), 19,2% abaixo do volume registrado em 2014/2015 (que foi de 1,362 milhão de toneladas), serão necessárias importações de, pelo menos, 1,4 milhão de toneladas (base casca), 178% acima das 503,3 mil toneladas importadas na safra passada.
- Esse seria o volume mínimo a ser importado para que o País finalize o ano com estoques de passagem equivalentes a duas semanas de consumo (414 mil toneladas).
- Quanto maior for o volume de exportações, maior será a necessidade de importações, já que os estoques existentes no país são muito baixos.
- Diante da maior necessidade de importações em 2015/2016, o câmbio será o fator mais importante na formação dos preços internos, uma vez que o Brasil assumiu uma posição de exportador líquido nos últimos cinco anos, ao exportar volumes acima dos que importa.

## **ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Uma maior valorização do Real pode reduzir o custo do arroz importado e, simultaneamente, pressionar para baixo a paridade de exportação, afetando os preços domésticos, mesmo diante de um cenário de baixa oferta interna.
- Por outro lado, os preços internacionais do arroz estão mais estáveis em 2016, mas há pouco espaço para uma recuperação mais expressiva das cotações globais em dólares.
- Isso torna a taxa de câmbio no Brasil decisiva para definir o limite de alta para os preços domésticos na atual safra.
- A recente queda do dólar pode conter os preços no curto prazo, ao reduzir a paridade de exportação e elevar a atratividade das importações, mas a tendência é de alta do dólar no médio/longo prazo.
- No segundo semestre, o câmbio deve mostrar maior estabilidade no Brasil, dando melhor direcionamento aos preços internos do arroz.
- A tendência é de alta dos preços do arroz em casca no segundo semestre de 2016, com a baixa oferta interna, exportações ativas e necessidade de elevar os volumes importados.

# ARROZ: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL NA SAFRA 2016/2017



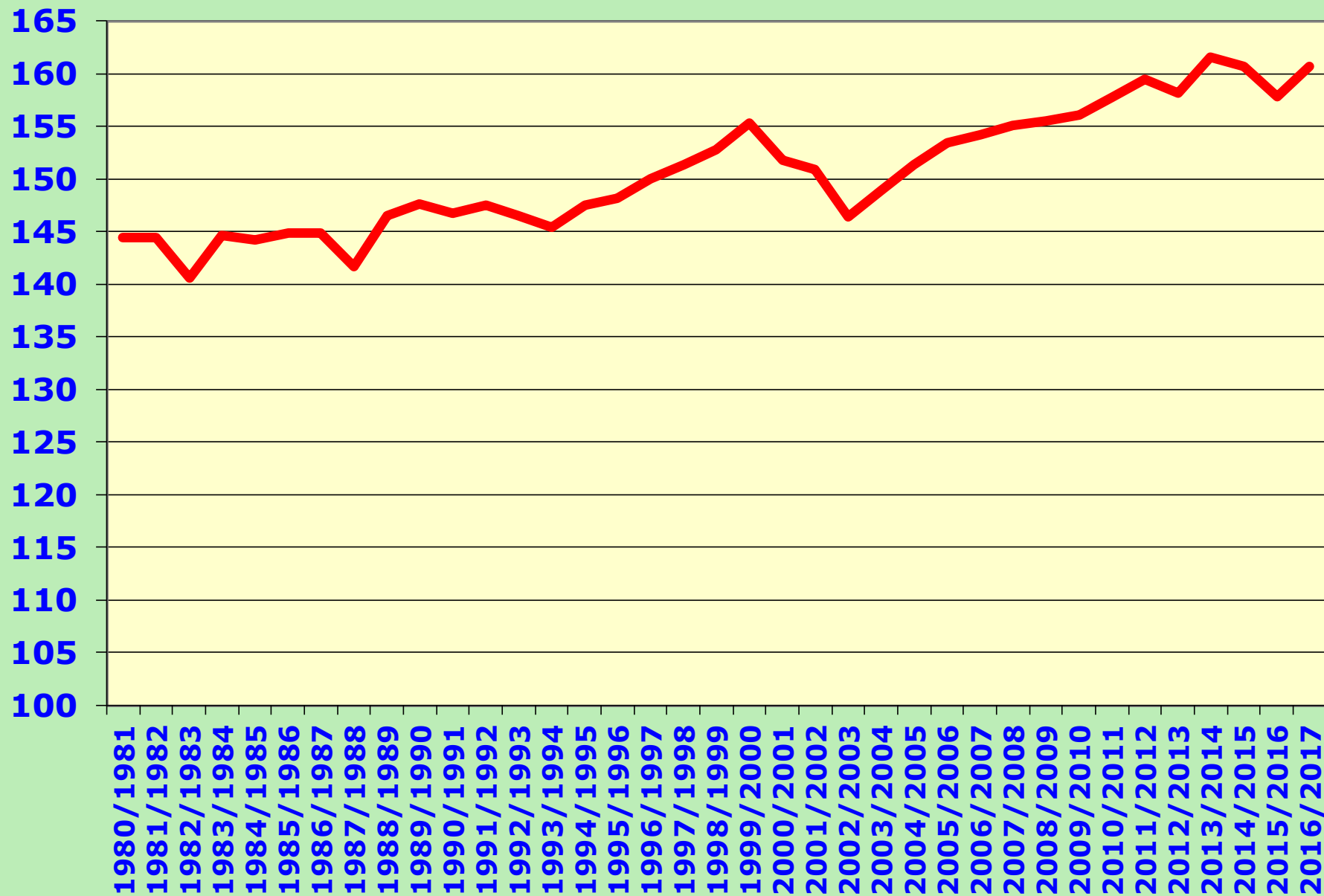
## ARROZ: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL BASE BENEFICIADO

SAFRA	ÁREA DE CULTIVO milhões ha	PRODUTIVIDADE MÉDIA t/ha	PRODUÇÃO BASE CASCA milhões t	PRODUÇÃO BENEFICIADO milhões t	COMÉRCIO BENEFICIADO milhões t	CONSUMO BENEFICIADO milhões t	ESTOQUES FINAIS milhões t	ESTOQUES/ CONSUMO %
1980/1981	144,4	2.770	399,9	269,9	11,9	271,3	52,6	19,4%
1981/1982	144,4	2.852	411,7	277,9	11,3	279,9	50,5	18,0%
1982/1983	140,5	3.005	422,3	285,0	11,2	278,7	56,8	20,4%
1983/1984	144,6	3.144	454,7	306,9	11,9	294,4	69,3	23,5%
1984/1985	144,2	3.255	469,3	316,8	11,0	298,4	87,7	29,4%
1985/1986	144,8	3.253	471,1	318,0	11,8	307,9	97,7	31,7%
1986/1987	144,8	3.233	468,2	316,0	12,9	310,4	103,3	33,3%
1987/1988	141,7	3.295	466,8	315,1	11,4	313,3	105,3	33,6%
1988/1989	146,5	3.359	492,0	332,1	14,0	325,8	111,7	34,3%
1989/1990	147,6	3.464	511,4	345,2	11,7	336,4	120,6	35,9%
1990/1991	146,7	3.548	520,6	351,4	12,3	345,0	126,7	36,7%
1991/1992	147,5	3.549	523,4	353,3	14,4	353,1	126,8	35,9%
1992/1993	146,5	3.579	524,4	354,0	14,9	357,5	123,3	34,5%
1993/1994	145,4	3.615	525,5	354,7	16,5	359,3	119,2	33,2%
1994/1995	147,5	3.657	539,5	364,2	20,7	365,5	117,8	32,2%
1995/1996	148,2	3.687	546,4	368,8	19,7	368,2	118,4	32,1%
1996/1997	150,0	3.768	565,2	381,5	18,9	378,7	120,6	31,8%
1997/1998	151,3	3.792	573,8	387,3	27,6	379,4	128,0	33,7%
1998/1999	152,7	3.831	585,0	394,9	24,8	387,6	135,0	34,8%
1999/2000	155,3	3.906	606,4	409,3	22,8	397,6	146,2	36,8%
2000/2001	151,8	3.899	591,9	399,5	24,4	394,6	150,3	38,1%
2001/2002	150,9	3.929	592,9	400,2	27,8	410,1	139,3	34,0%
2002/2003	146,4	3.834	561,3	378,9	27,6	406,5	110,2	27,1%
2003/2004	148,9	3.905	581,5	392,5	27,4	415,6	86,1	20,7%
2004/2005	151,3	3.933	595,1	401,7	28,4	407,7	78,2	19,2%
2005/2006	153,4	4.041	619,9	418,4	30,2	416,0	76,5	18,4%
2006/2007	154,2	4.041	623,2	420,7	31,3	421,4	74,9	17,8%
2007/2008	155,1	4.145	643,0	434,0	31,3	428,1	81,0	18,9%
2008/2009	155,5	4.269	663,8	448,1	28,9	436,9	91,5	20,9%
2009/2010	156,0	4.204	655,8	442,7	31,4	440,1	94,3	21,4%
2010/2011	157,7	4.218	665,3	449,1	34,9	445,6	98,7	22,1%
2011/2012	159,5	4.338	691,7	466,9	39,8	459,8	106,8	23,2%
2012/2013	158,2	4.420	699,2	471,9	39,3	468,5	113,8	24,3%
2013/2014	161,6	4.387	708,8	478,4	42,2	481,6	114,3	23,7%
2014/2015	160,7	4.414	709,2	478,7	44,0	478,7	114,4	23,9%
2015/2016	157,8	4.424	697,9	470,5	41,4	478,4	106,4	22,2%
2016/2017	160,6	4.434	712,2	480,7	40,7	480,5	106,6	22,2%
% 16/15	-1,8%	0,2%	-1,6%	-1,7%	-5,9%	-0,1%	-7,0%	
% 17/16	1,8%	0,2%	2,0%	2,2%	-1,7%	0,4%	0,2%	

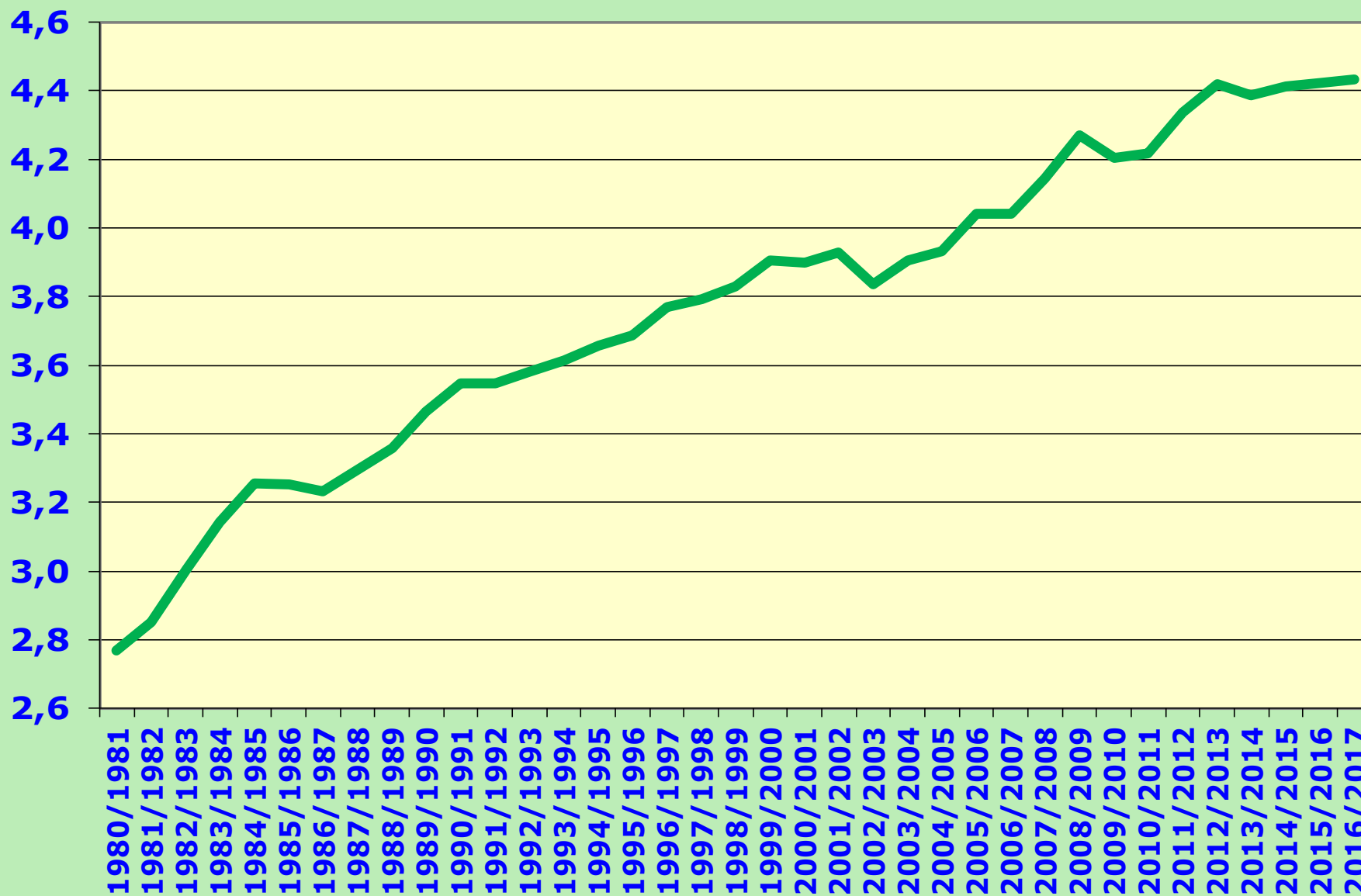
Fonte: USDA MAIO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

## ARROZ: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL MILHÕES DE HECTARES

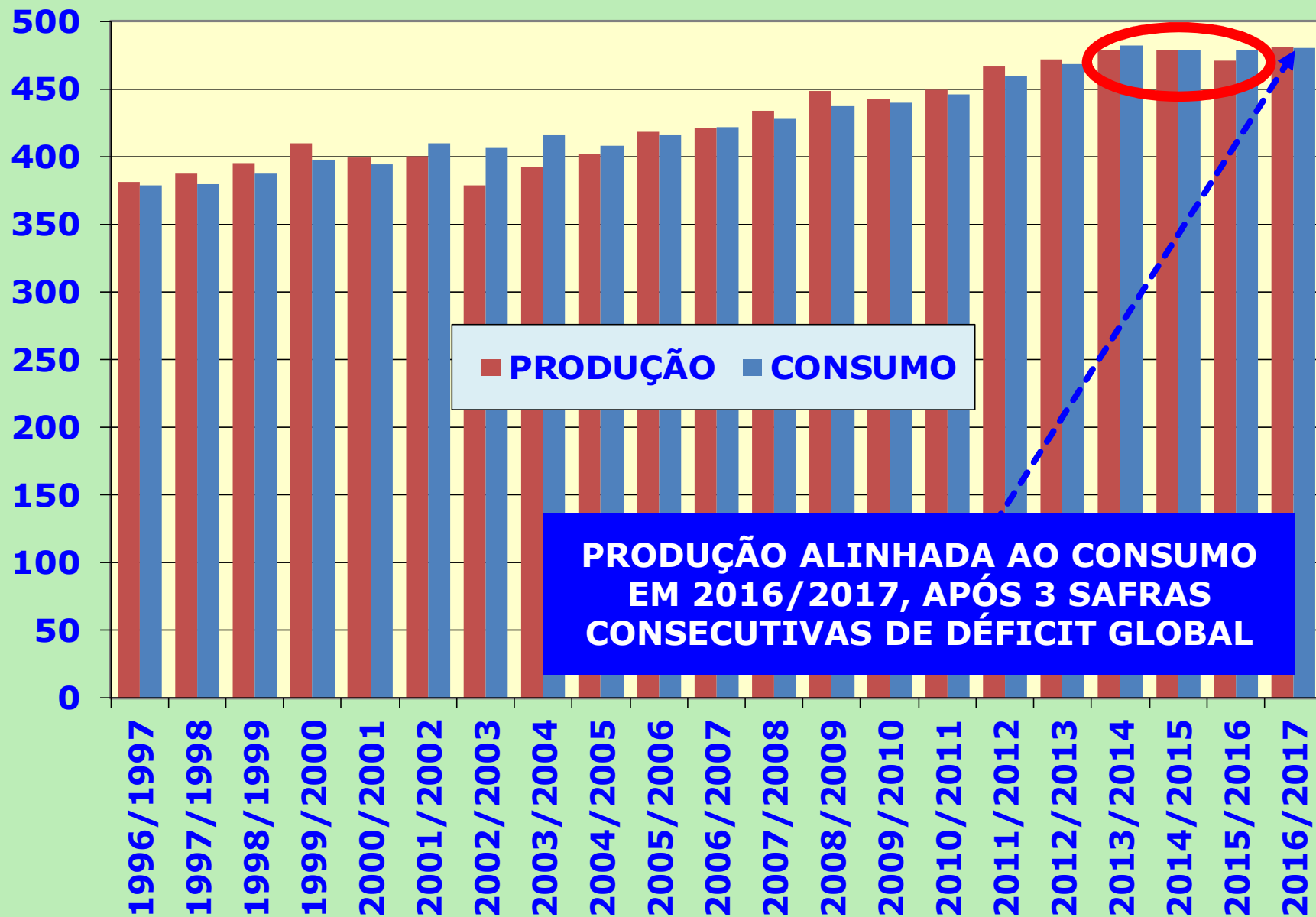


## ARROZ: PRODUTIVIDADE MÉDIA MUNDIAL EM TONELADAS POR HECTARE

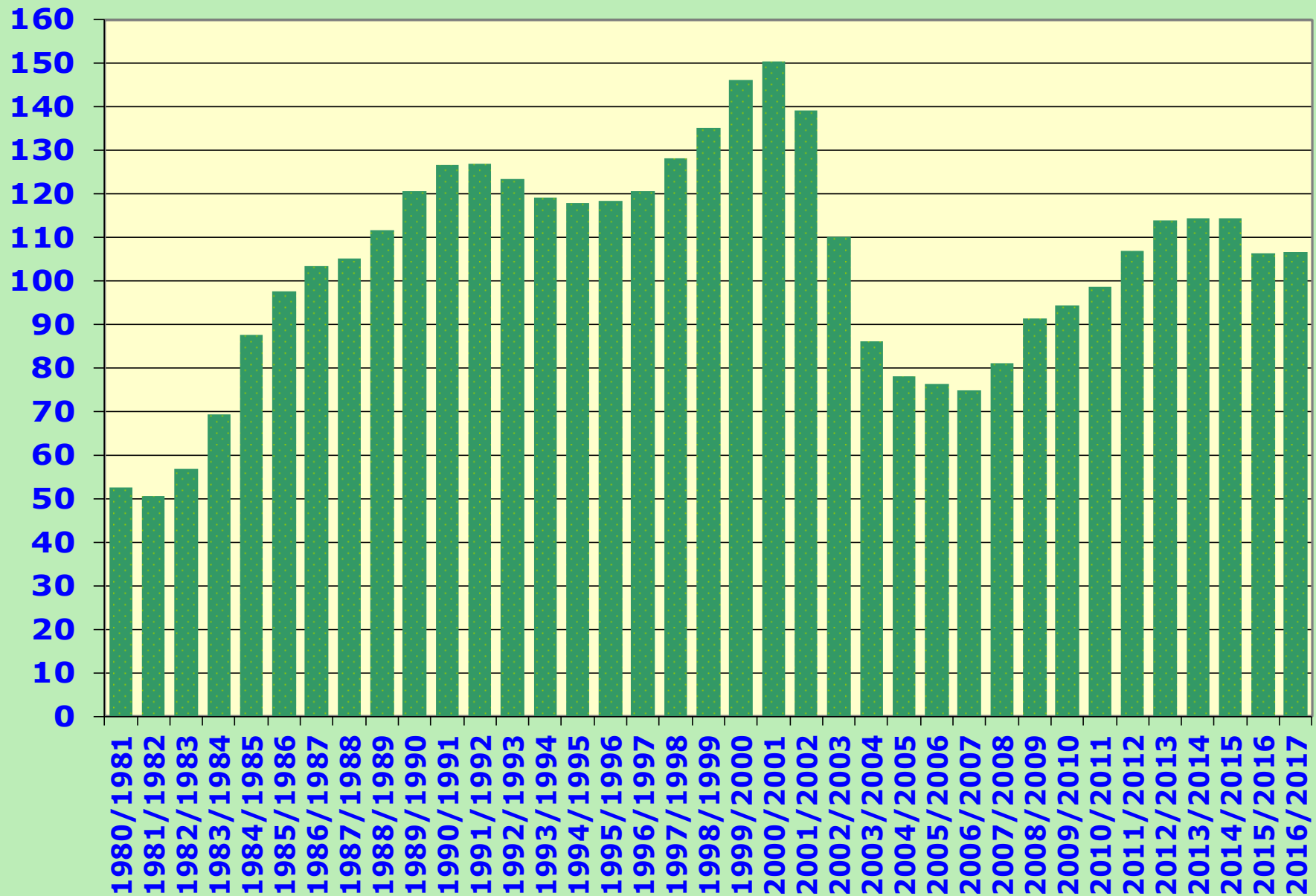




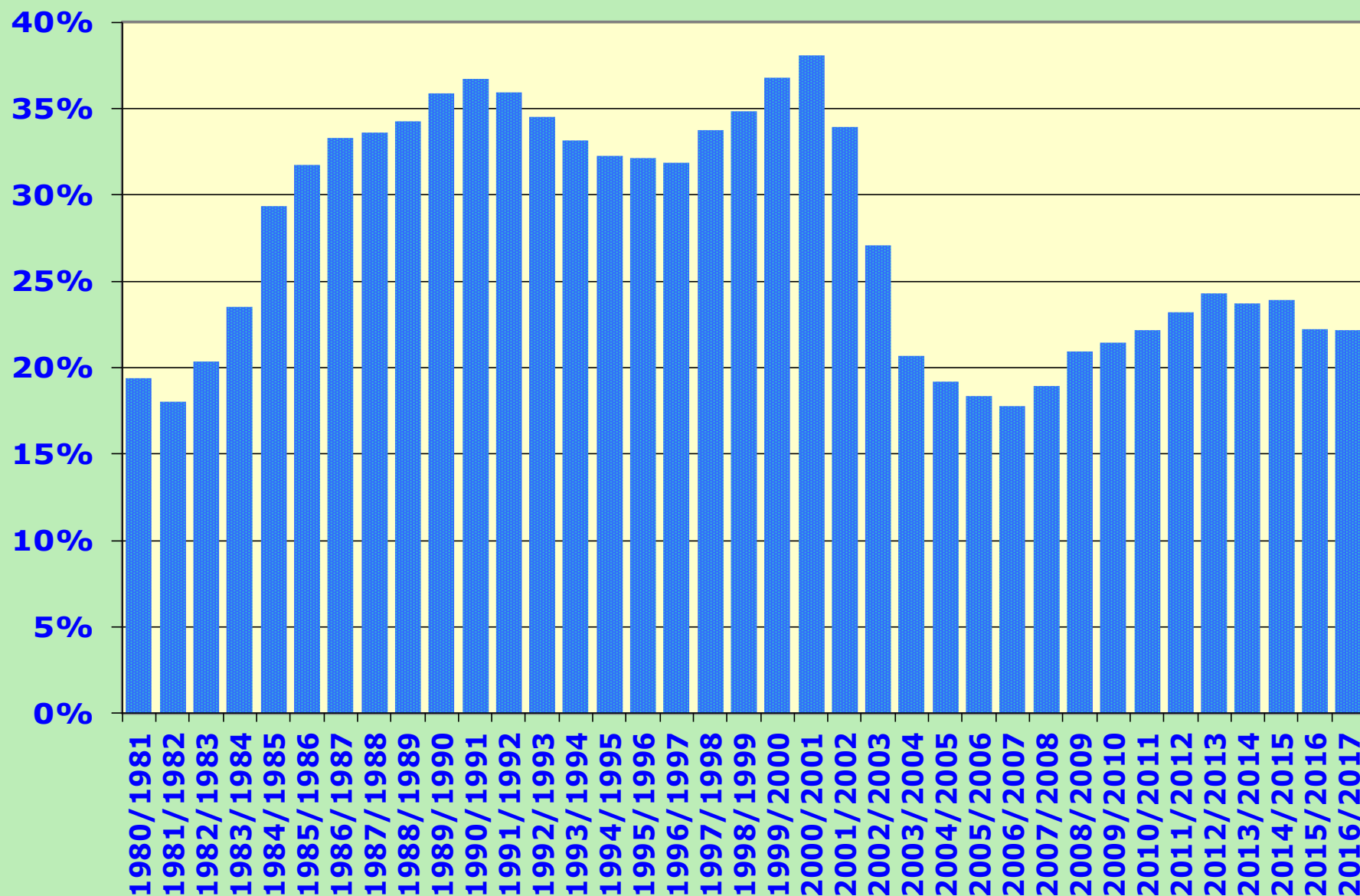
## ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL EM MILHÕES T BENEFICIADAS



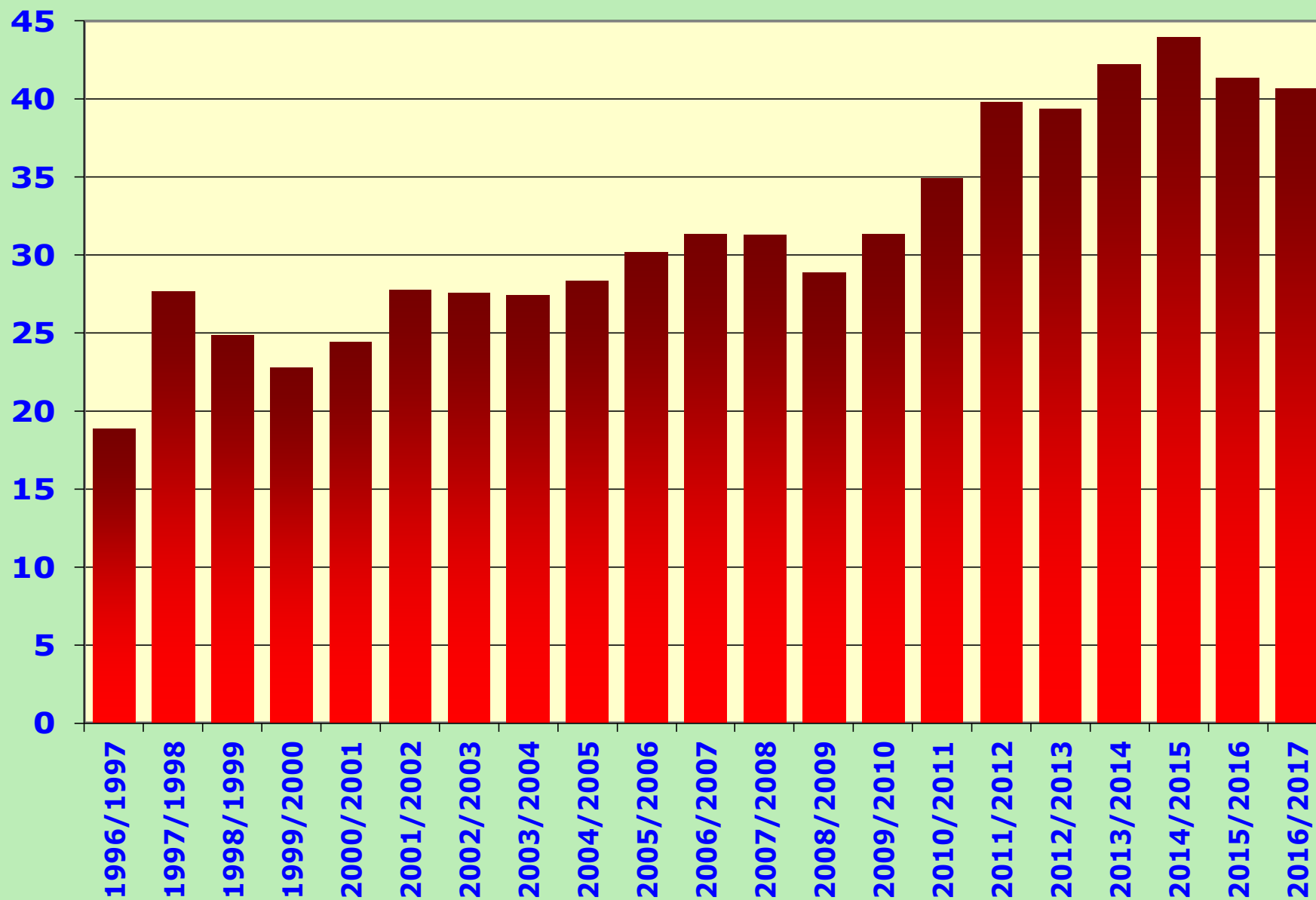
## ARROZ: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



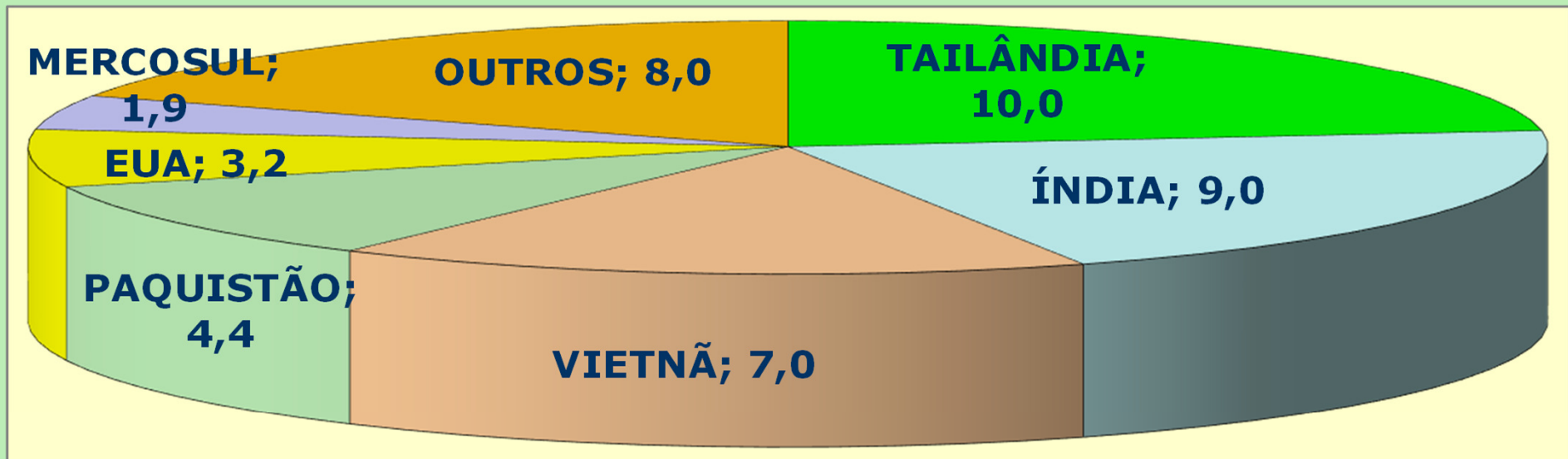
## ARROZ BENEFICIADO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL



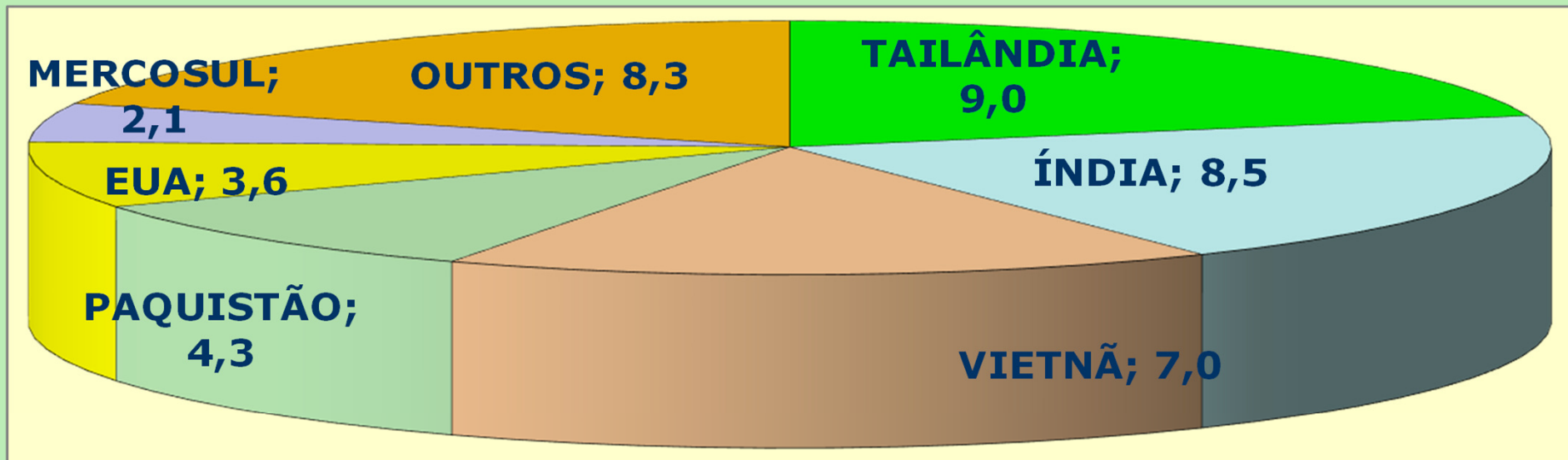
## ARROZ: COMÉRCIO MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



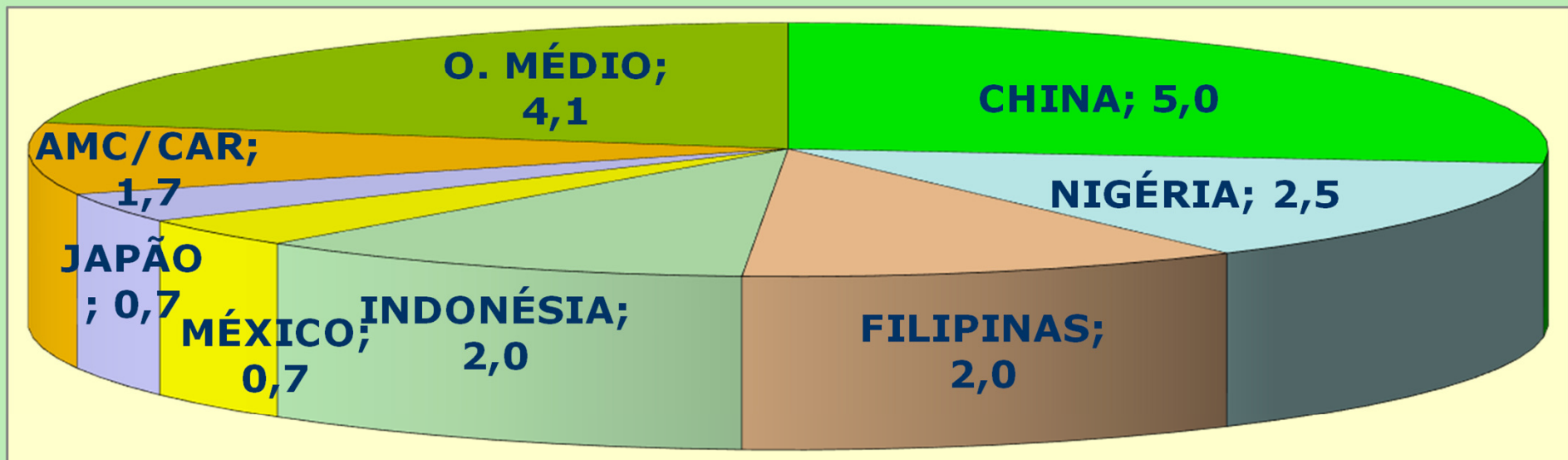
## ARROZ BENEFICIADO: EXPORTAÇÕES POR PÁIS EM 2015/2016 - MILHÕES T



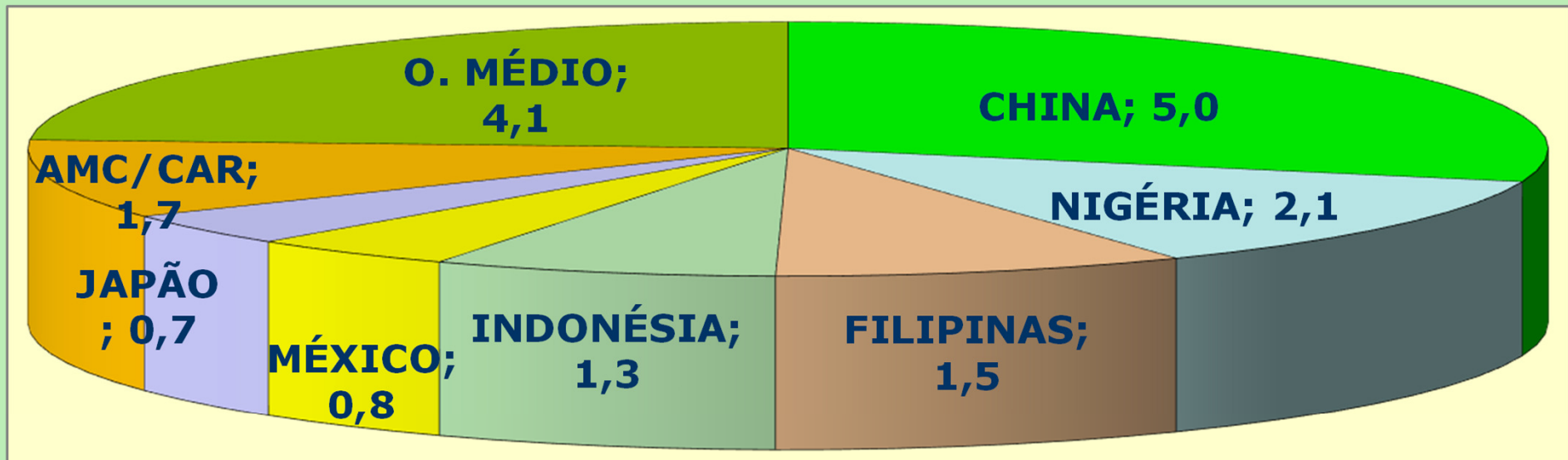
## ARROZ BENEFICIADO: EXPORTAÇÕES POR PÁIS EM 2016/2017 - MILHÕES T



## ARROZ: PRINCIPAIS IMPORTADORES EM 2015/2016 - MILHÕES T



**ARROZ: PRINCIPAIS IMPORTADORES EM  
2016/2017 - MILHÕES T**



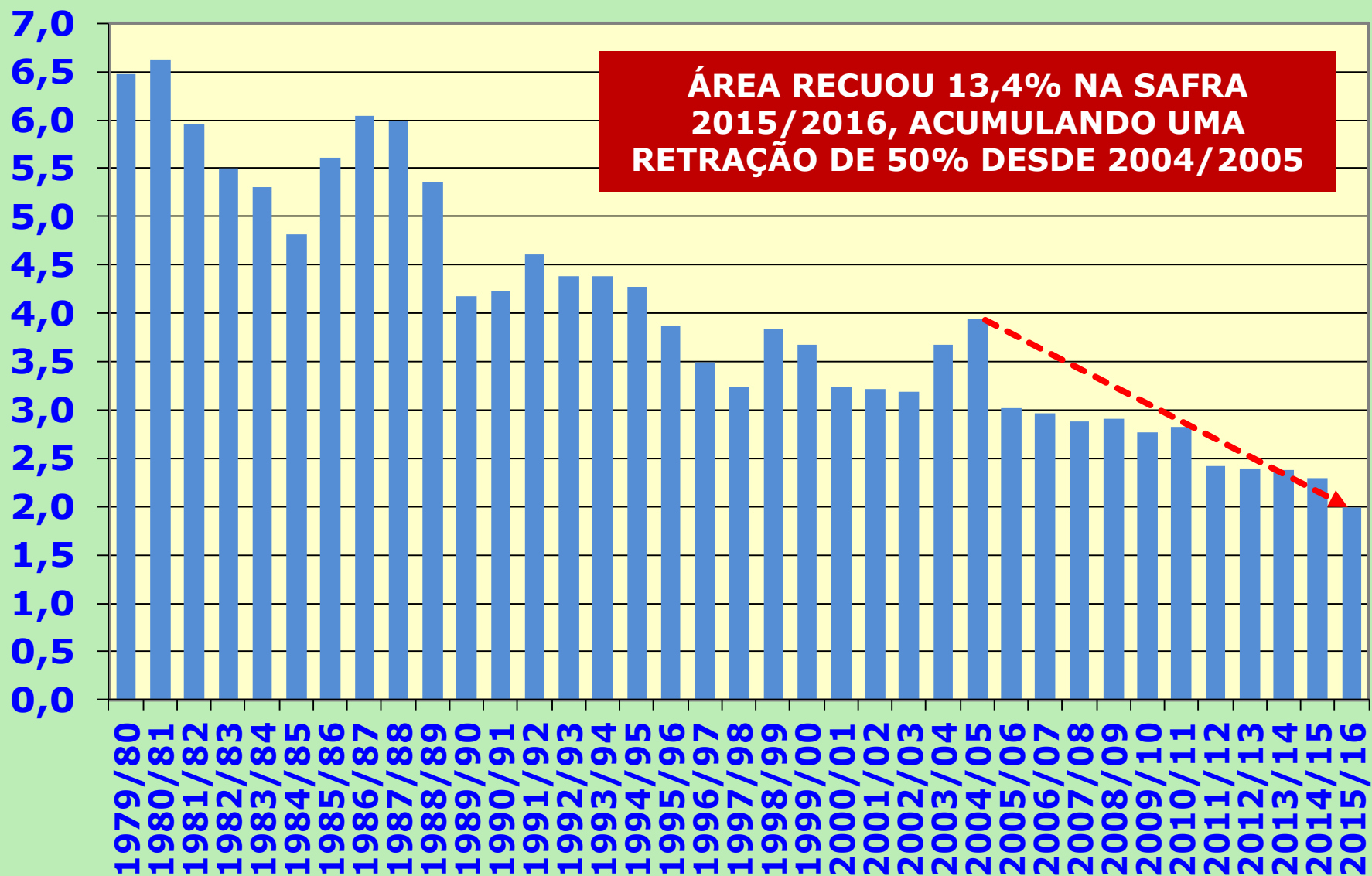


# ARROZ BENEFICIADO: PREÇOS FOB TAILÂNDIA - US\$/T - THAI 100%B

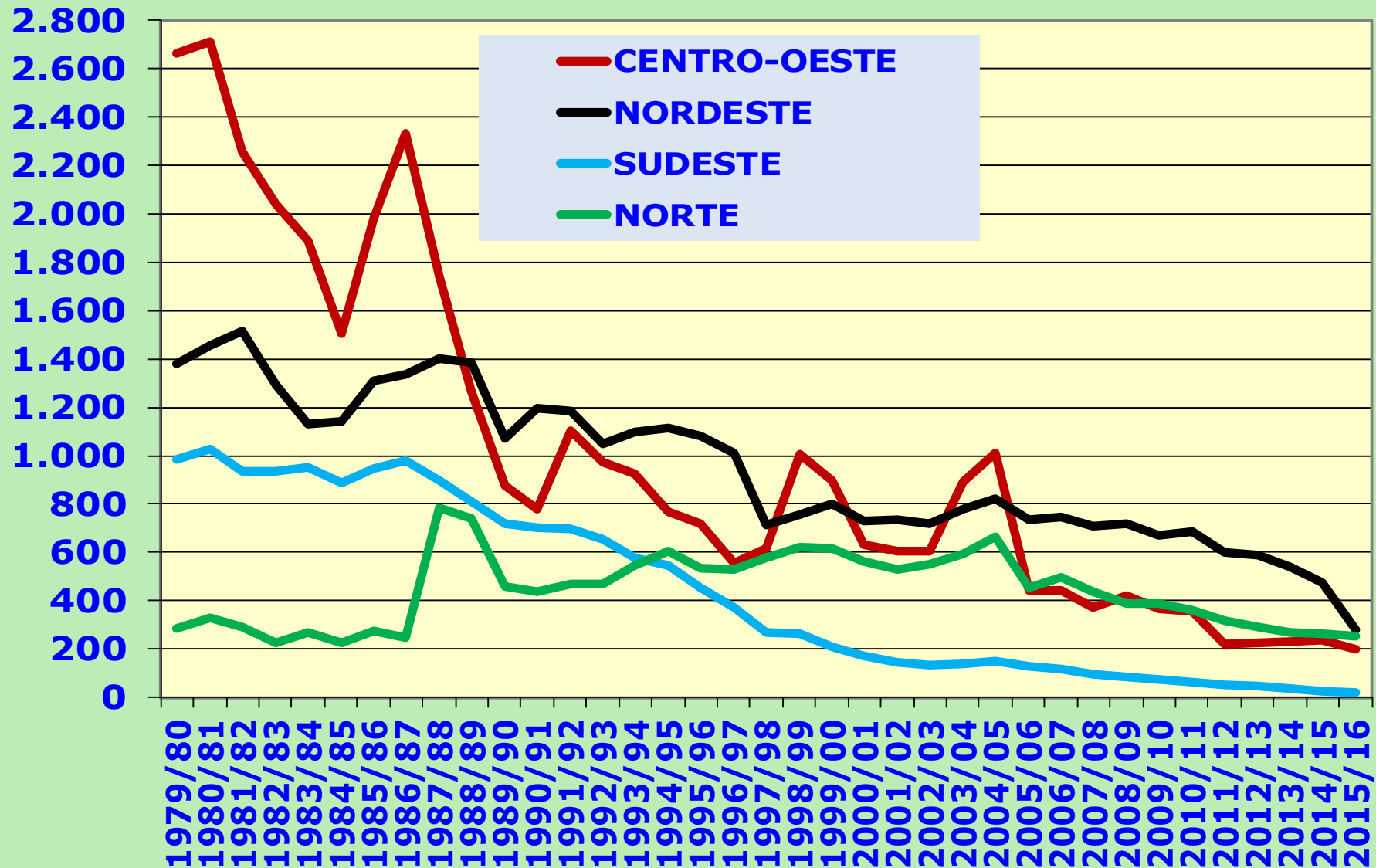


**PREÇO ACUMULA UMA ALTA DE 16,4%  
ENTRE JANEIRO E MAIO DE 2016**

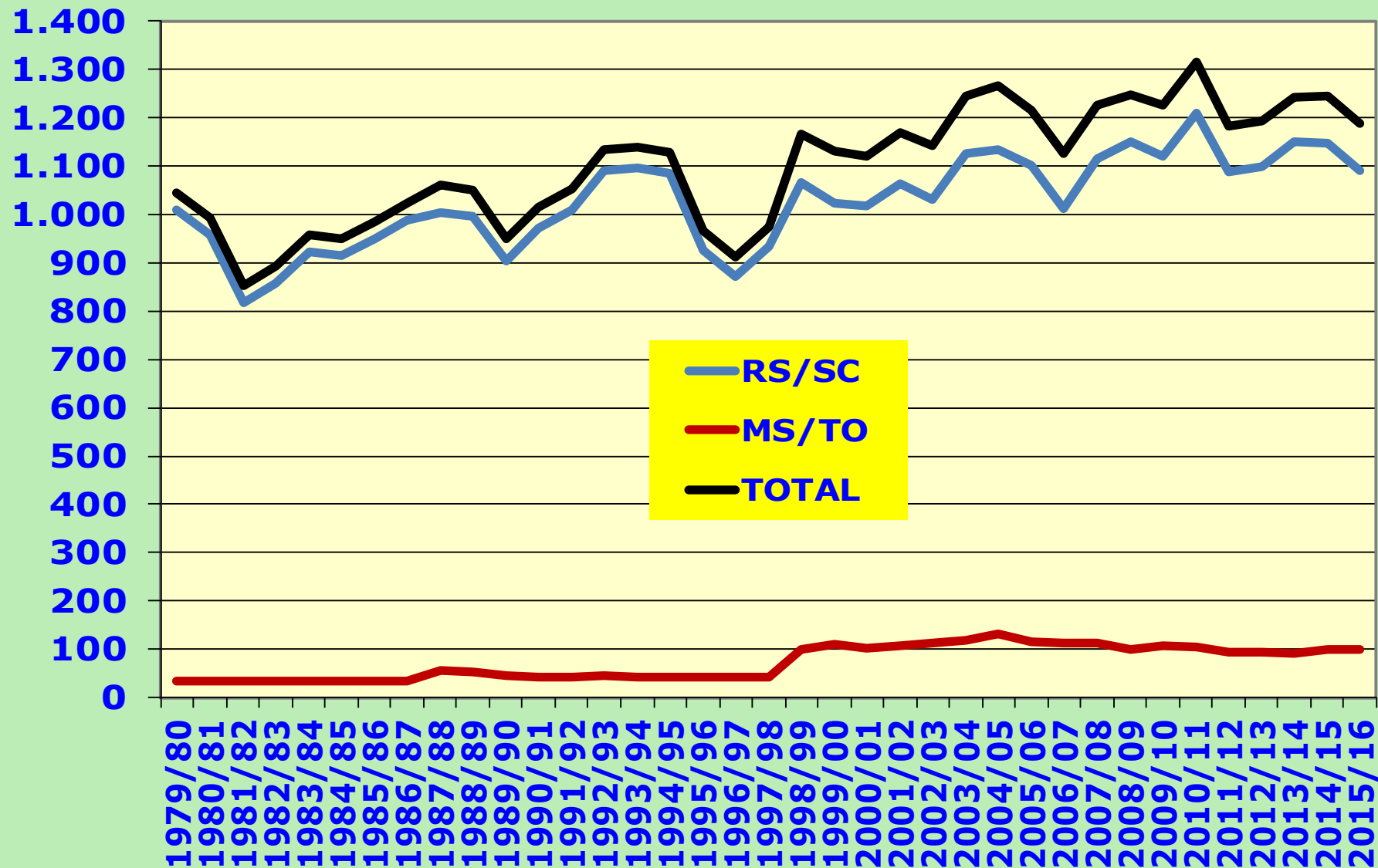
# ARROZ: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



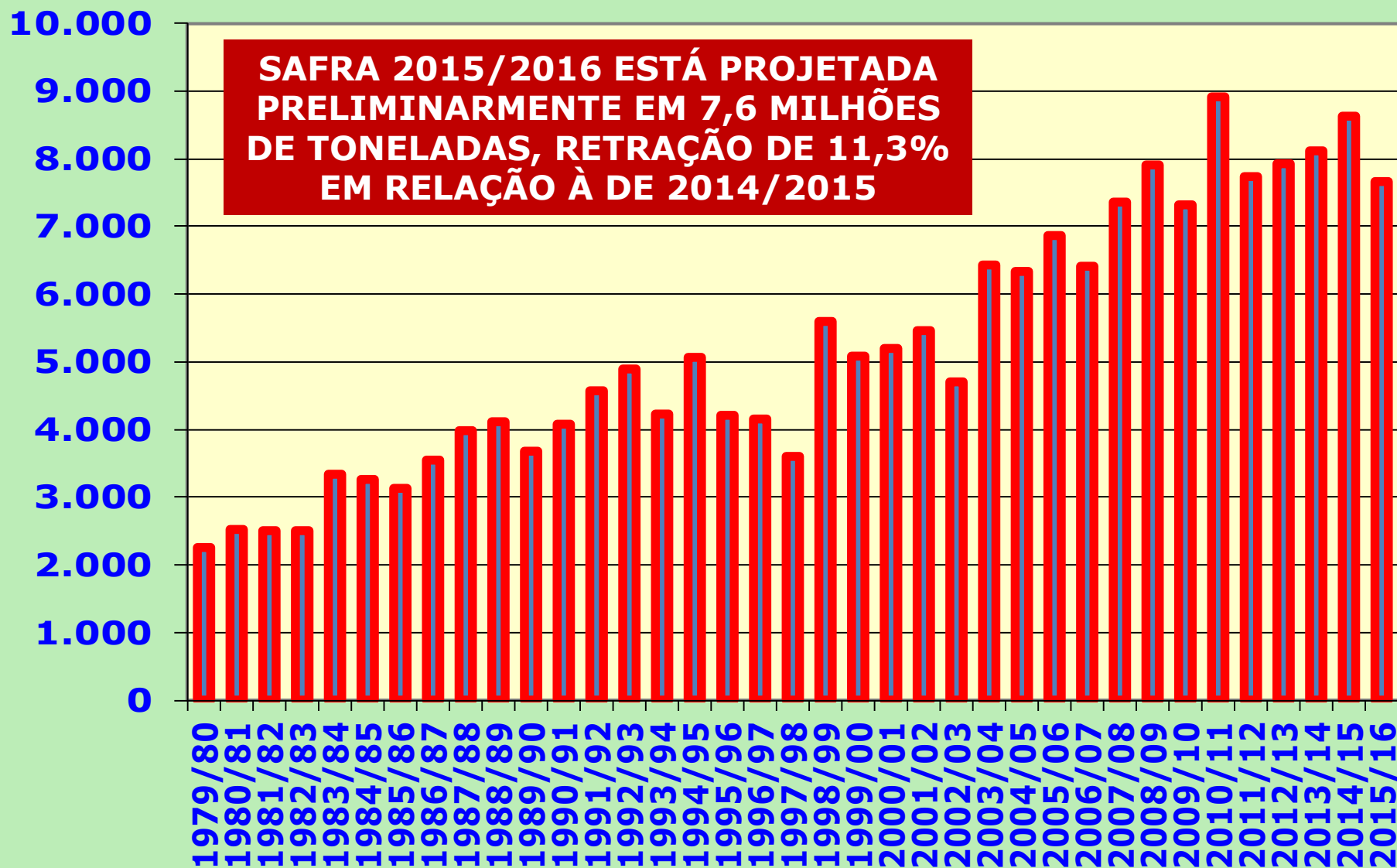
# ARROZ: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE CULTIVOS POR REGIÕES - MIL HA



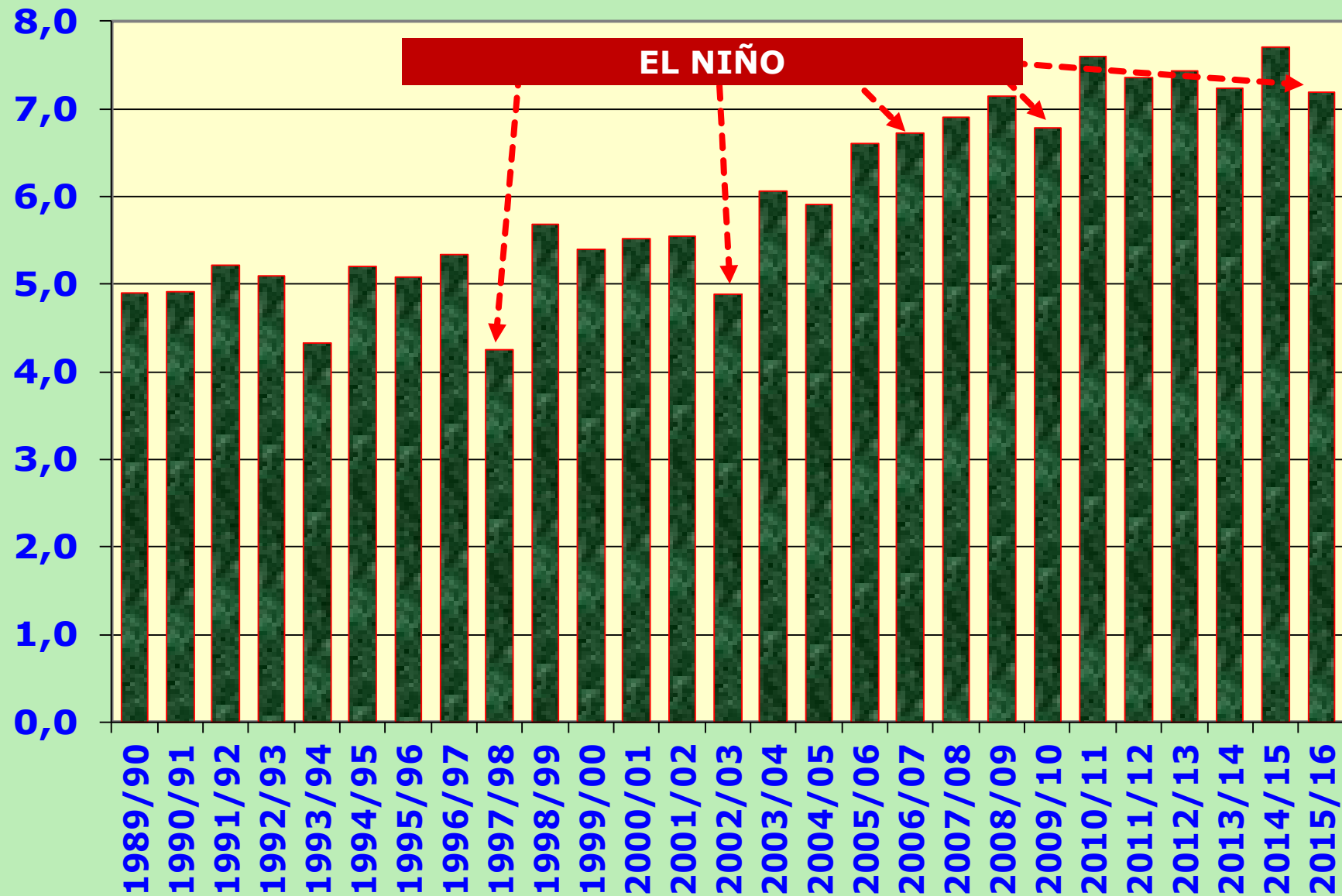
# ARROZ IRRIGADO: ÁREAS DE CULTIVO POR REGIÕES - MIL HECTARES



# ARROZ: PRODUÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL - MILHÕES DE TONELADAS



# ARROZ: PRODUTIVIDADE MÉDIA NO RIO GRANDE DO SUL EM T/HA



# ARROZ

## CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P		C	C	C					
AM	P	P	P	C	C	C	C					
AP				P	P	P		C	C	C		
PA	P	P	P	P/C	P/C	P/C	P/C	C	C	C	C	P
TO	P	P	P	P/C	C	C	C	C				P
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	P/C	C	C	C	C		
PI		P	P	P	P	C	C	C	C			
CE				P	P	P		C	C	C	C	
RN	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
PB				P	P	P		C	C	C		
PE	C	C		P	P	P		C	C	C	C	C
AL	P	P	P	C	C	C	C				C	P
SE	P	P		C	C	C						P
BA	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
MS	P	P	P/C	C	C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	C	C	C	C	C			P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P



**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

**P/C = PLANTIO E COLHEITA**

## ARROZ: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL - BASE CASCA

EM MIL TONELADAS

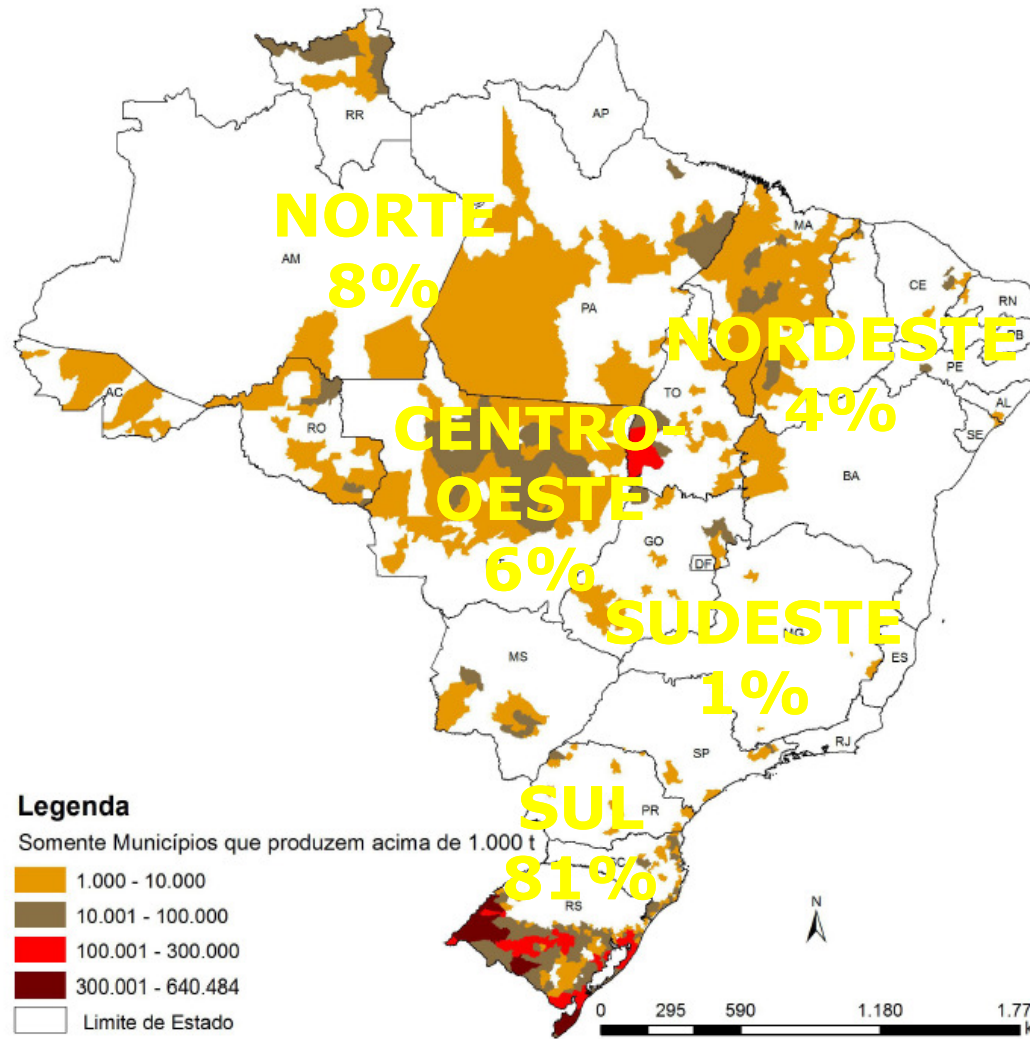
ANO SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO BASE CASCA	IMPORTAÇÃO BASE CASCA	SUPRIMENTO BASE CASCA	CONSUMO BASE CASCA	EXCEDENTE BASE CASCA	EXPORTAÇÕES BASE CASCA	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ DEMANDA
1980/1981	2.059,0	8.228,0	209,0	10.496,0	9.000,0	1.496,0	73,0	1.423,0	15,8%
1981/1982	1.423,0	9.155,0	203,0	10.781,0	9.100,0	1.681,0	18,0	1.663,0	18,3%
1982/1983	1.663,0	8.224,0	465,0	10.352,0	9.150,0	1.202,0	12,0	1.190,0	13,0%
1983/1984	1.190,0	8.991,0	91,0	10.272,0	9.200,0	1.072,0	2,0	1.070,0	11,6%
1984/1985	1.070,0	8.760,0	500,0	10.330,0	9.660,0	670,0	5,0	665,0	6,9%
1985/1986	665,0	9.813,0	2.074,0	12.552,0	10.240,0	2.312,0	6,0	2.306,0	22,5%
1986/1987	2.306,0	10.578,0	235,0	13.119,0	10.000,0	3.119,0	5,0	3.114,0	31,1%
1987/1988	3.114,0	11.762,2	190,0	15.066,2	10.500,0	4.566,2	10,0	4.556,2	43,4%
1988/1989	4.556,2	11.092,0	252,5	15.900,7	10.800,0	5.100,7	10,0	5.090,7	47,1%
1989/1990	5.090,7	7.967,6	717,6	13.775,9	11.000,0	2.775,9	10,8	2.765,1	25,1%
1990/1991	2.765,1	9.997,2	1.327,9	14.090,2	10.936,4	3.153,8	2,1	3.151,7	28,8%
1991/1992	3.151,7	10.103,1	784,8	14.039,6	10.970,3	3.069,3	2,2	3.067,1	28,0%
1992/1993	3.067,1	9.903,0	1.057,1	14.027,2	10.987,5	3.039,7	6,0	3.033,7	27,6%
1993/1994	3.033,7	10.523,4	1.657,6	15.214,7	11.530,8	3.683,9	3,7	3.680,2	31,9%
1994/1995	3.680,2	11.238,0	1.102,8	16.021,0	11.751,2	4.269,8	5,9	4.263,9	36,3%
1995/1996	4.263,9	10.037,9	1.171,4	15.473,2	11.950,0	3.523,2	3,8	3.519,4	29,5%
1996/1997	3.519,4	9.524,5	1.269,0	14.312,9	12.147,0	2.165,9	4,6	2.161,3	17,8%
1997/1998	2.161,3	8.462,9	2.009,0	12.633,2	11.750,0	883,2	9,9	873,3	7,4%
1998/1999	873,3	11.582,2	1.338,0	13.793,5	11.700,0	2.093,5	37,7	2.055,8	17,6%
1999/2000	2.055,8	11.423,1	936,5	14.415,4	11.850,0	2.565,4	21,1	2.544,3	21,5%
2000/2001	2.544,3	10.536,0	951,6	14.031,9	11.950,0	2.081,9	24,4	2.057,5	17,2%
2001/2002	2.057,5	10.776,1	737,3	13.570,9	12.000,0	1.570,9	47,6	1.523,3	12,7%
2002/2003	1.523,3	10.517,1	1.601,6	13.642,0	12.250,0	1.392,0	23,5	1.368,5	11,2%
2003/2004	1.368,5	12.960,4	1.097,3	15.426,2	12.660,0	2.766,2	92,2	2.674,0	21,1%
2004/2005	2.674,0	13.355,2	728,2	16.757,4	12.900,0	3.857,4	379,7	3.477,7	27,0%
2005/2006	3.477,7	11.971,7	827,8	16.277,2	12.900,0	3.377,2	452,3	2.924,9	22,7%
2006/2007	2.924,9	11.420,8	1.069,6	15.415,3	12.800,0	2.615,3	313,1	2.302,2	18,0%
2007/2008	2.302,2	12.074,0	589,9	14.966,1	11.866,7	3.099,4	789,9	2.309,5	19,5%
2008/2009	2.309,5	12.602,5	908,0	15.820,0	12.118,3	3.701,7	894,4	2.807,3	23,2%
2009/2010	2.807,3	11.660,9	1.044,8	15.513,0	12.200,0	3.313,0	627,4	2.685,6	22,0%
2010/2011	2.685,6	13.613,1	825,4	17.124,1	12.300,0	4.824,1	2.089,6	2.734,5	22,2%
2011/2012	2.734,5	11.599,5	1.068,0	15.402,0	12.237,9	3.164,1	1.455,2	1.708,9	14,0%
2012/2013	1.708,9	11.819,7	965,5	14.494,1	12.155,5	2.338,6	1.210,7	1.127,9	9,3%
2013/2014	1.127,9	12.121,6	807,2	14.056,7	11.955,0	2.101,7	1.188,4	913,3	7,6%
2014/2015	913,3	12.436,1	503,3	13.852,7	11.730,0	2.122,7	1.362,1	760,6	6,5%
2015/2016	760,6	10.953,4	1.400,0	13.114,0	11.600,0	1.514,0	1.100,0	414,0	3,6%
% 2015/2014	-19,0%	2,6%	-37,6%	-1,5%	-1,9%	1,0%	14,6%	-16,7%	-15,1%
% 2016/2015	-16,7%	-11,9%	178,2%	-5,3%	-1,1%	-28,7%	-19,2%	-45,6%	-45,0%

\*2015/2016: Estimativas Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

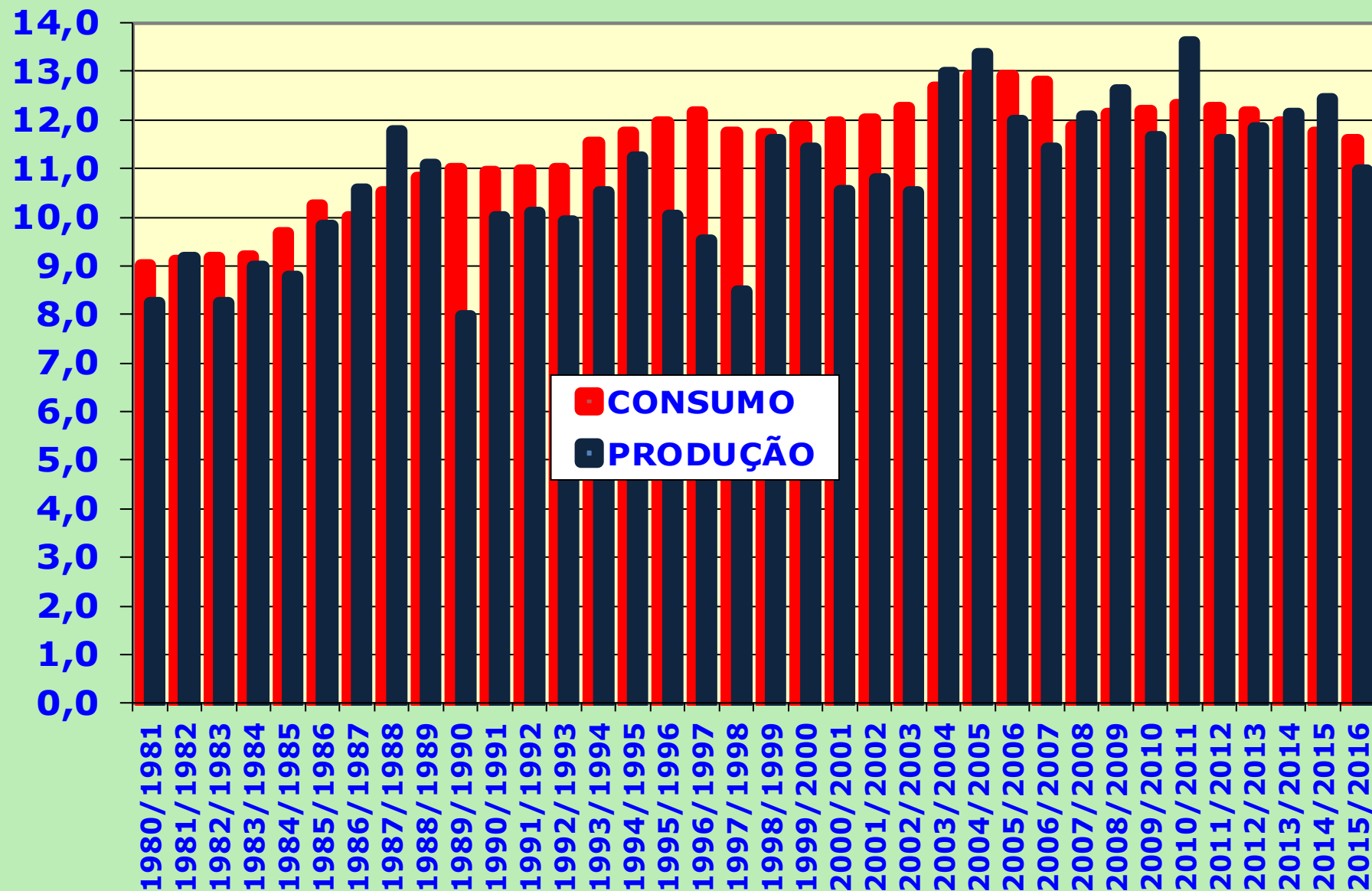
Fonte dos dados: CONAB, SECEX, IBGE e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA



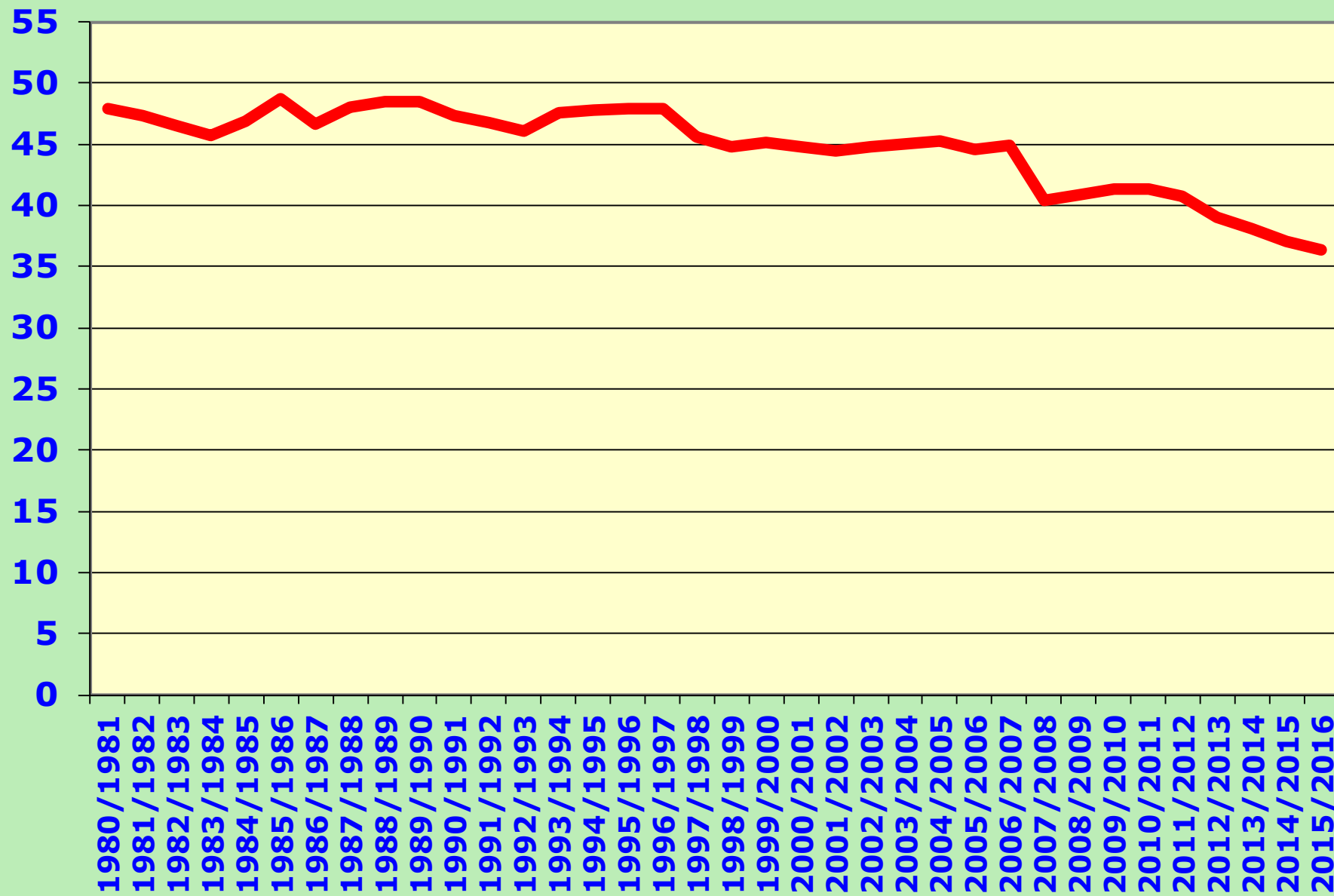
## ARROZ: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



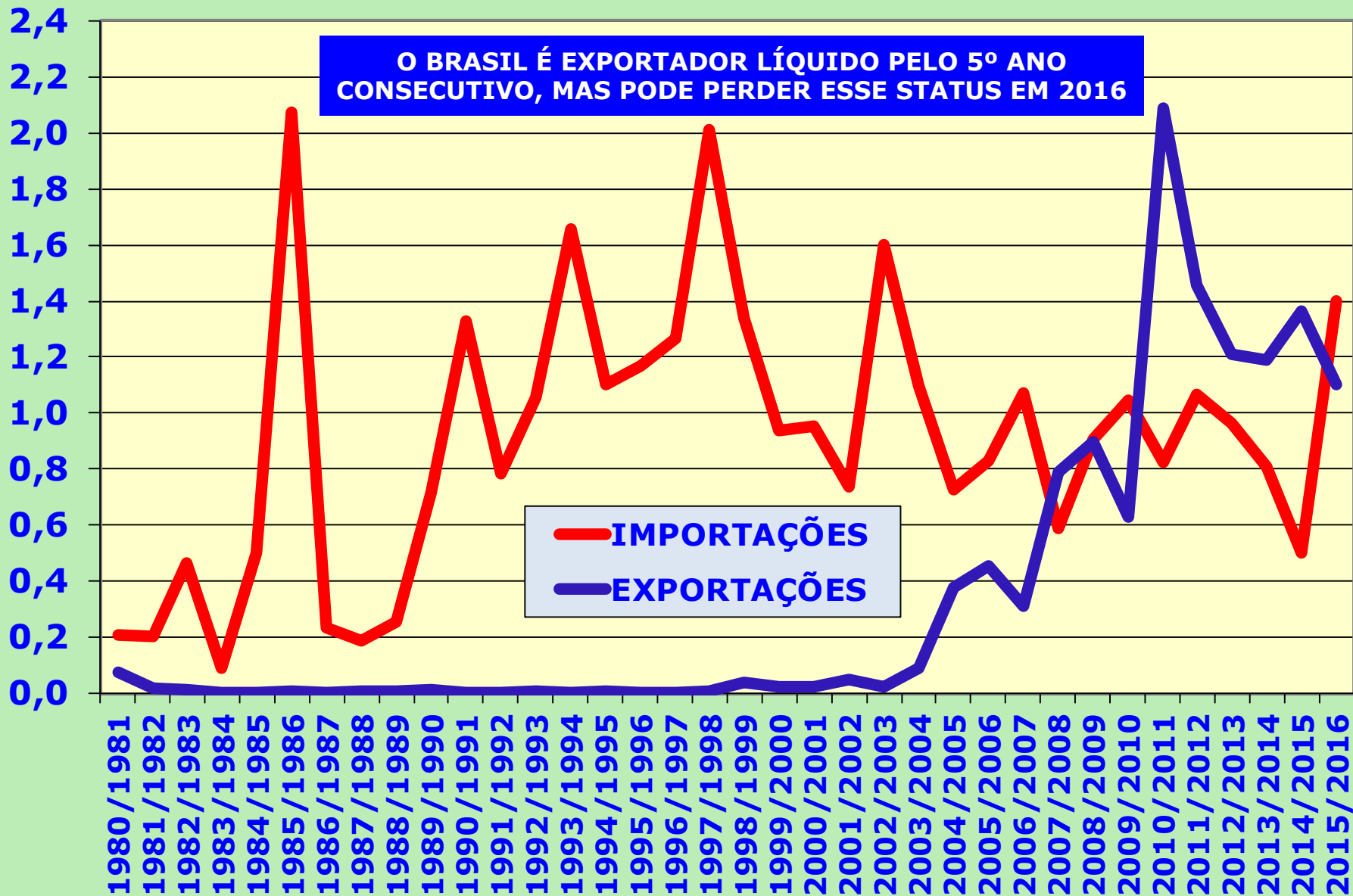
# ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



## ARROZ BENEFICIADO: CONSUMO PER CAPITA NO BRASIL - KG/HABITANTE/ANO



# ARROZ: IMPORTAÇÕES x EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MILHÕES DE T



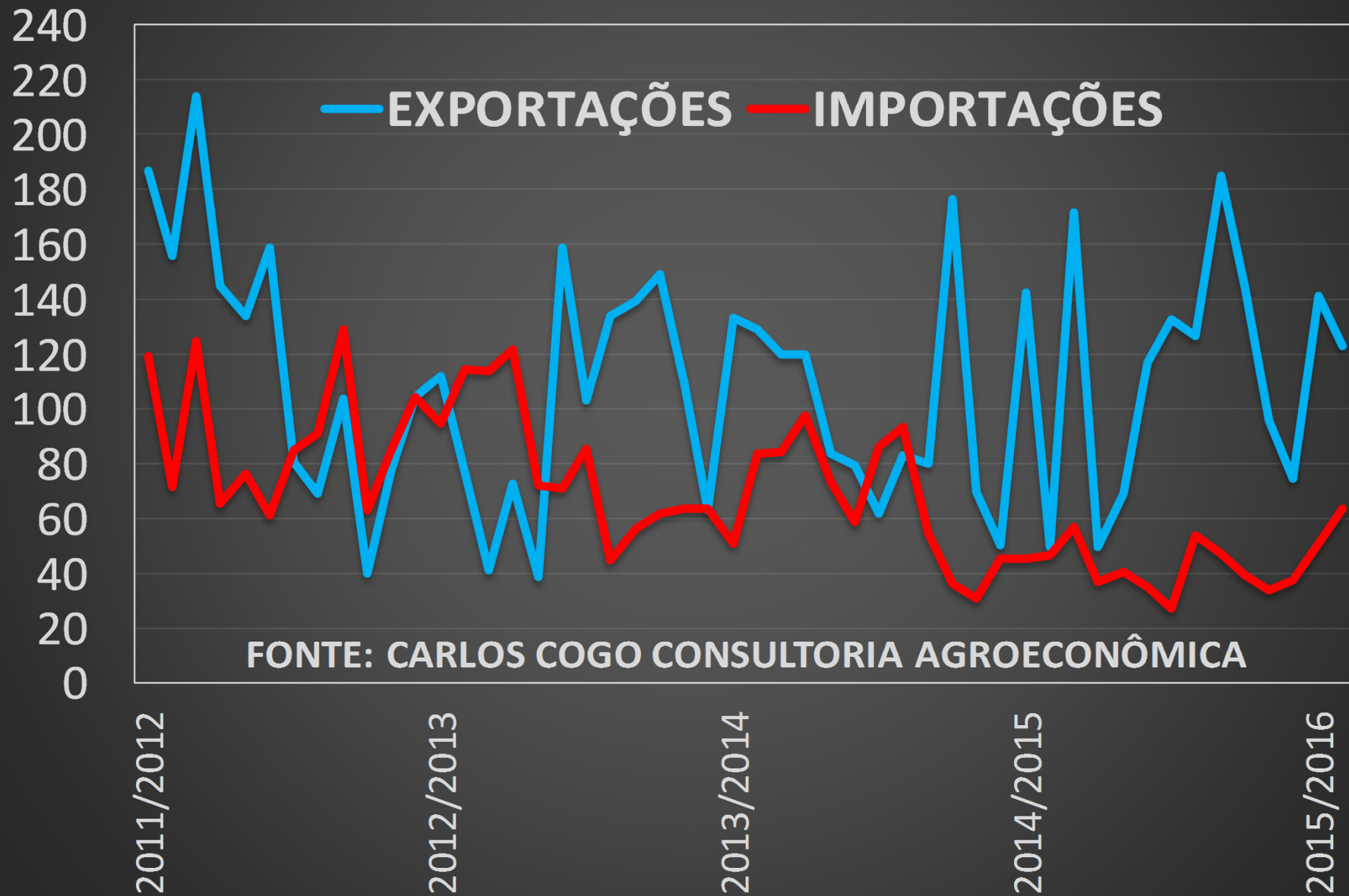
**ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS**  
**BASE CASCA**

ANO-SAFRA		EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES	
ANO-SAFRA	MÊS	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA
2014/2015	MAR	142.642		45.791	
	ABR	49.715		47.004	
	MAI	171.567		56.864	
	JUN	49.773		37.291	
	JUL	68.979		40.960	
	AGO	117.342		35.136	
	SET	133.129		27.545	
	OUT	126.973		54.022	
	NOV	184.882		47.614	
	DEZ	144.525		39.203	
	JAN	96.050		34.110	
	FEV	74.701		37.774	503.314
2015/2016	MAR	141.152		51.287	
	ABR	123.291		63.570	
	MAI				
	JUN				
	JUL				
	AGO				
	SET				
	OUT				
	NOV				
	DEZ				
	JAN				
	FEV		264.443		114.857
SAFRA 2014/2015 - MARÇO-ABRIL		192.357		92.795	
SAFRA 2015/2016 - MARÇO-ABRIL		264.443		114.857	
VARIÇÃO ABR-2016/ABR-2015		148,0%		35,2%	
VARIÇÃO SOBRE O MÊS ANTERIOR		-12,7%		23,9%	
VARIÇÃO NO ANO-SAFRA		37,5%		23,8%	
MÉDIA MENSAL EM 2014/2015		113.357		41.943	
MÉDIA MENSAL EM 2015/2016		132.221		57.429	

Fonte dos dados: Secex/Mdic

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

# ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL T BASE CASCA - 2011/2012 A 2015/2016



# ARROZ: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR DESTINOS (BASE CASCA)

2015	
Países	Exportações (t)
CUBA	250.427
SENEGAL	156.567
VENEZUELA	119.974
SERRA LEOA	109.598
PERU	97.151
NICARÁGUA	78.790
GÂMBIA	62.514
IRAQUE	61.765
SUIÇA	60.456
BOLÍVIA	49.137
ESTADOS UNIDOS	27.210
COSTA RICA	26.396
MALI	24.616
HOLANDA	18.780
ÁFRICA DO SUL	16.323
NIGÉRIA	16.283
CABO VERDE	16.274
ARABIA SAUDITA	14.563
BENIN	14.015
ANGOLA	13.380
TRINIDAD TOBAGO	12.954
Outros	61.449
<b>Total</b>	<b>1.308.622</b>

2014	
Países	Exportações (t)
SENEGAL	165.062
CUBA	154.447
VENEZUELA	141.524
SERRA LEOA	124.395
GÂMBIA	115.047
BOLÍVIA	74.506
NICARAGUA	65.739
PERU	47.740
SUIÇA	46.362
BENIN	46.146
IRAQUE	44.118
PAÍSES BAIXOS	32.827
TURQUIA	31.500
ANGOLA	31.024
COSTA RICA	24.328
ESTADOS UNIDOS	21.240
TRINIDAD TOBAGO	12.965
ARABIA SAUDITA	12.838
PANAMÁ	11.478
CABO VERDE	9.480
CHILE	7.217
Outros	22.672
<b>Total</b>	<b>1.242.655</b>

**5 MAIORES = 56% EM 2015 E 2014**

# ARROZ: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS (BASE CASCA)

2015	
País	Importações (t)
Paraguai	360.374
Argentina	65.723
Uruguai	44.419
Guiana	27.722
Itália	4.458
Chile	4.215
Vietna	1.096
EUA	1.048
Tailândia	717
França	64
Índia	62
Paquistão	45
Portugal	14
Espanha	8
Japão	6
<b>Total</b>	<b>509.971</b>

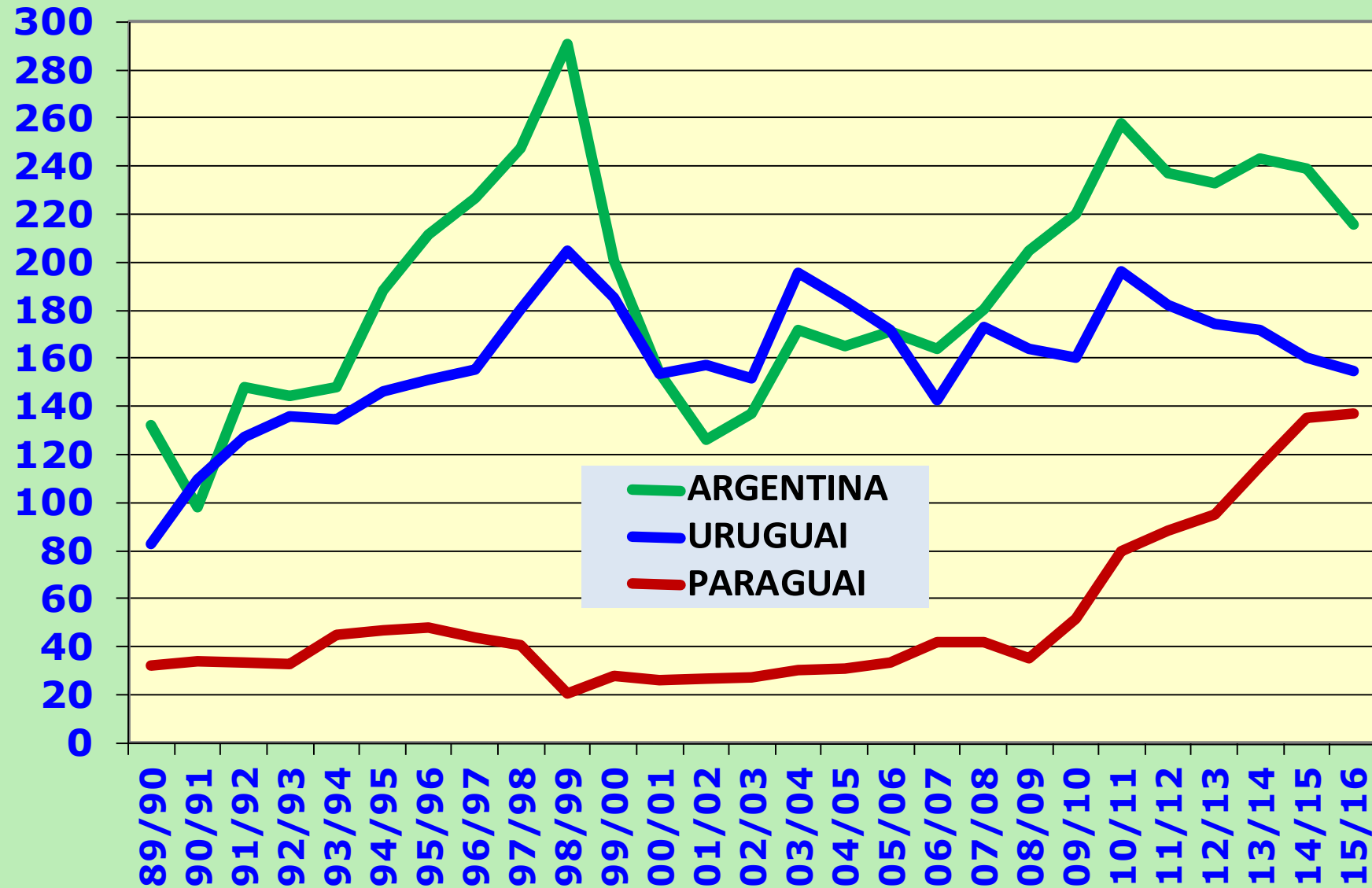
2014	
País	Importações (t)
Paraguai	425.192
Argentina	131.097
Uruguai	181.420
Tailândia	89.512
Guiana	9.332
Chile	6.559
Itália	2.726
Paquistão	975
Índia	580
Vietna	246
EUA	185
França	59
Espanha	22
Portugal	10
Japão	3
<b>Total</b>	<b>847.918</b>

**PARAGUAI: 50% EM 2014 -> 70% EM 2015**

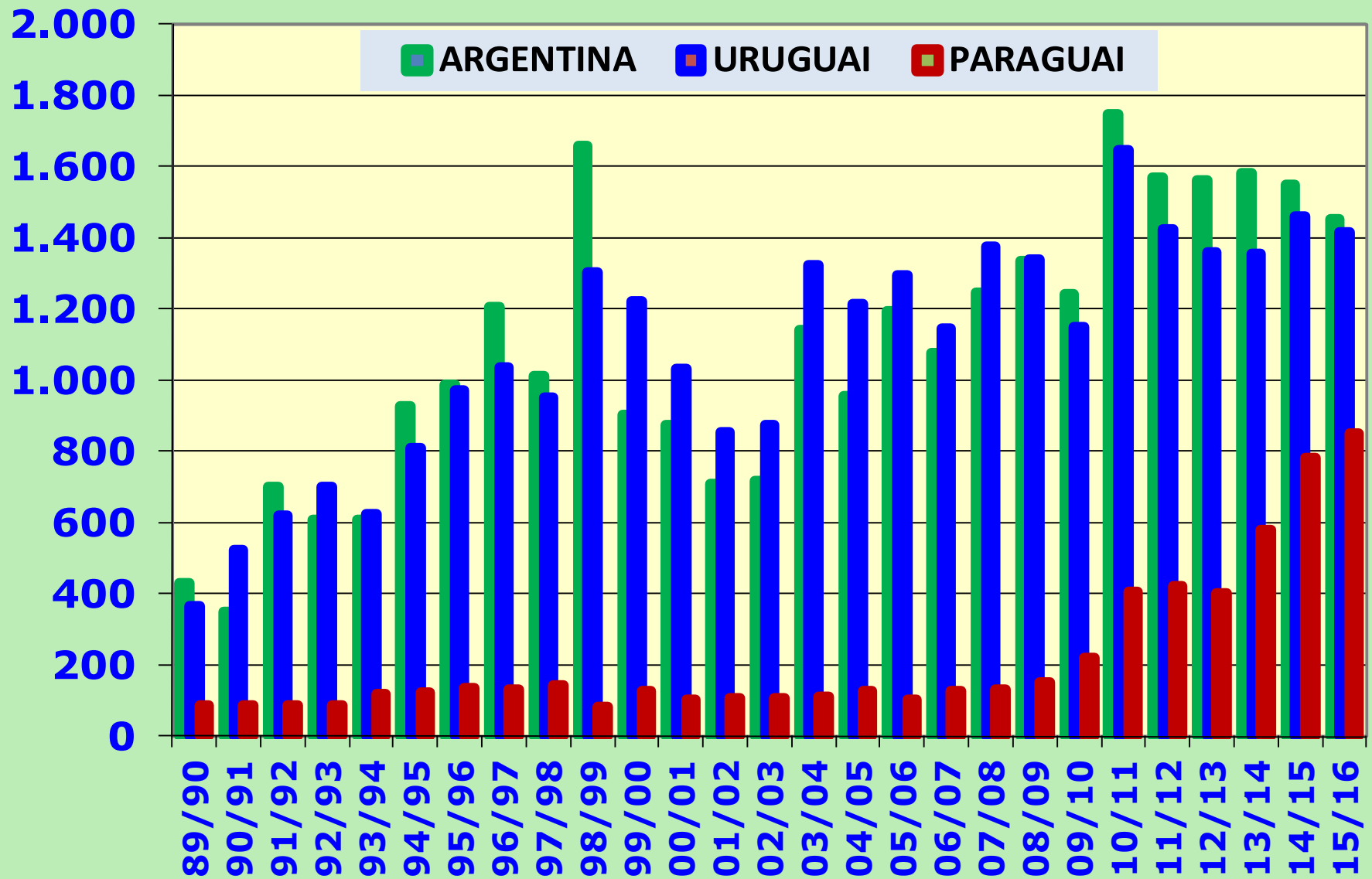
Fonte: MDIC



# MERCOSUL: ÁREA DE CULTIVO DE ARROZ POR PAÍSES - MIL HA



# MERCOSUL: PRODUÇÃO DE ARROZ POR PAÍSES - MIL TONELADAS



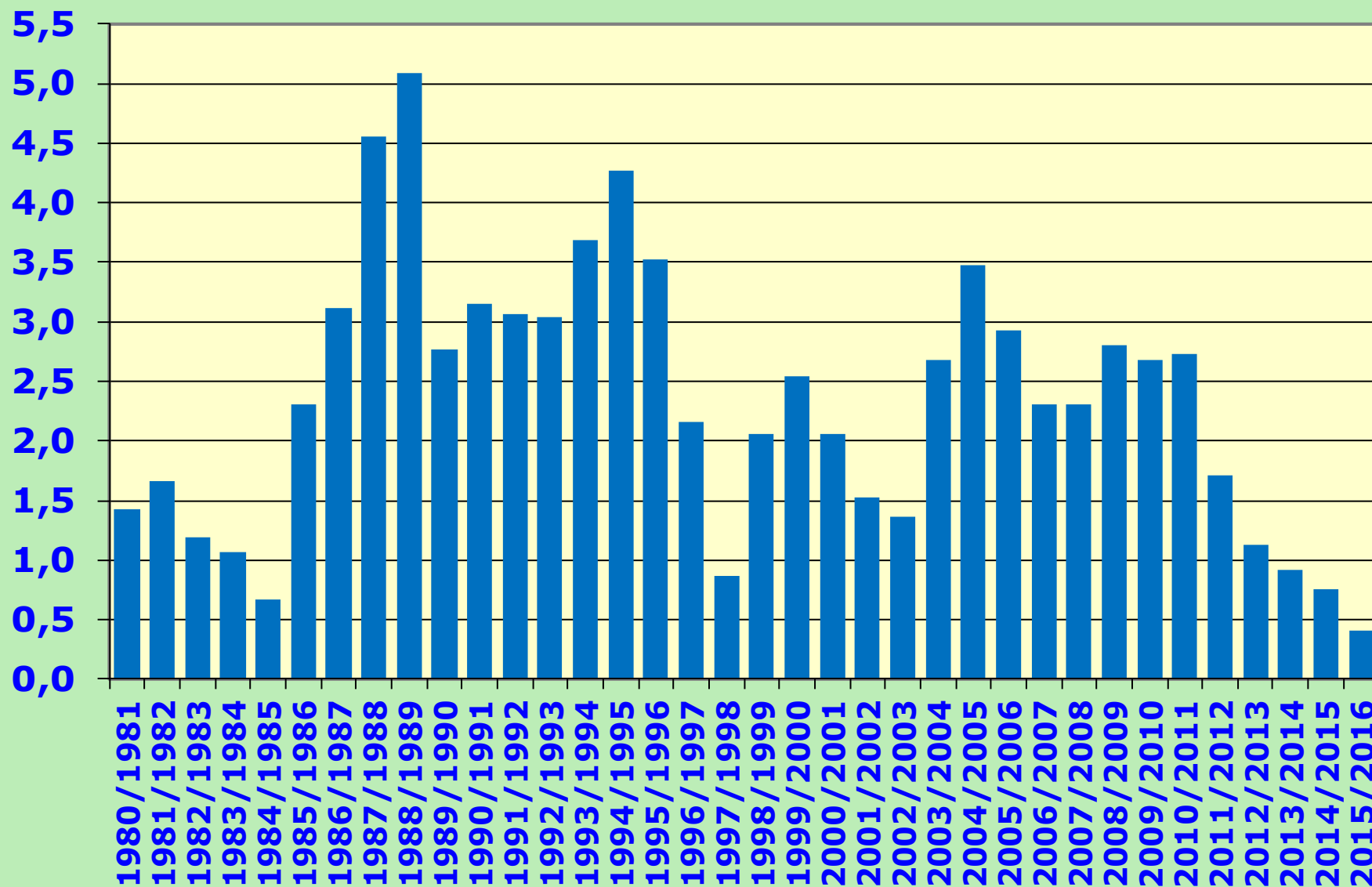
**BRASIL: ESTIMATIVA DE OFERTA E DEMANDA DE ARROZ**  
**EM MIL TONELADAS BASE CASCA**

*ESTIMATIVA CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA*

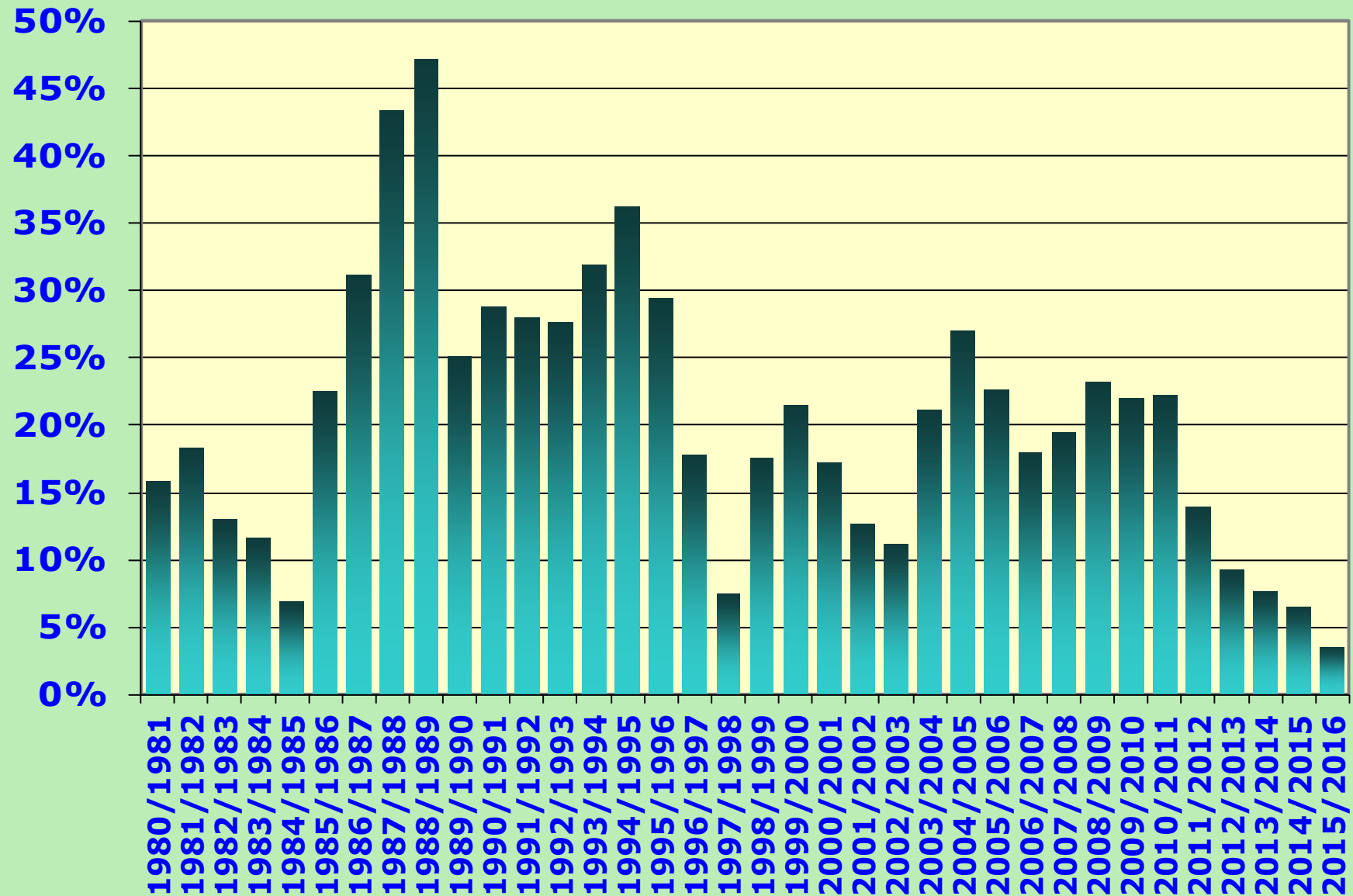
ITEM	2014/2015 (A)	2015/2016 (B)	(B) / (A)
<b>ESTOQUE INICIAL</b>	913,3	760,6	<b>-16,7%</b>
<b>PRODUÇÃO</b>	12.436,1	10.953,4	<b>-11,9%</b>
<b>OFERTA TOTAL</b>	13.349,4	11.714,0	<b>-12,3%</b>
<b>DEMANDA</b>	11.730,0	11.600,0	<b>-1,1%</b>
<b>EXPORTAÇÕES</b>	1.362,1	1.100,0	<b>-19,2%</b>
<b>DEMANDA TOTAL</b>	13.092,1	12.700,0	<b>-3,0%</b>
<b>IMPORTAÇÕES</b>	503,3	1.400,0	<b>178,2%</b>
<b>ESTOQUE FINAL</b>	760,6	414,0	<b>-45,6%</b>
<b>DIAS CONSUMO</b>	<b>24</b>	<b>13</b>	<b>-45,0%</b>

**Elaboração: Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica**

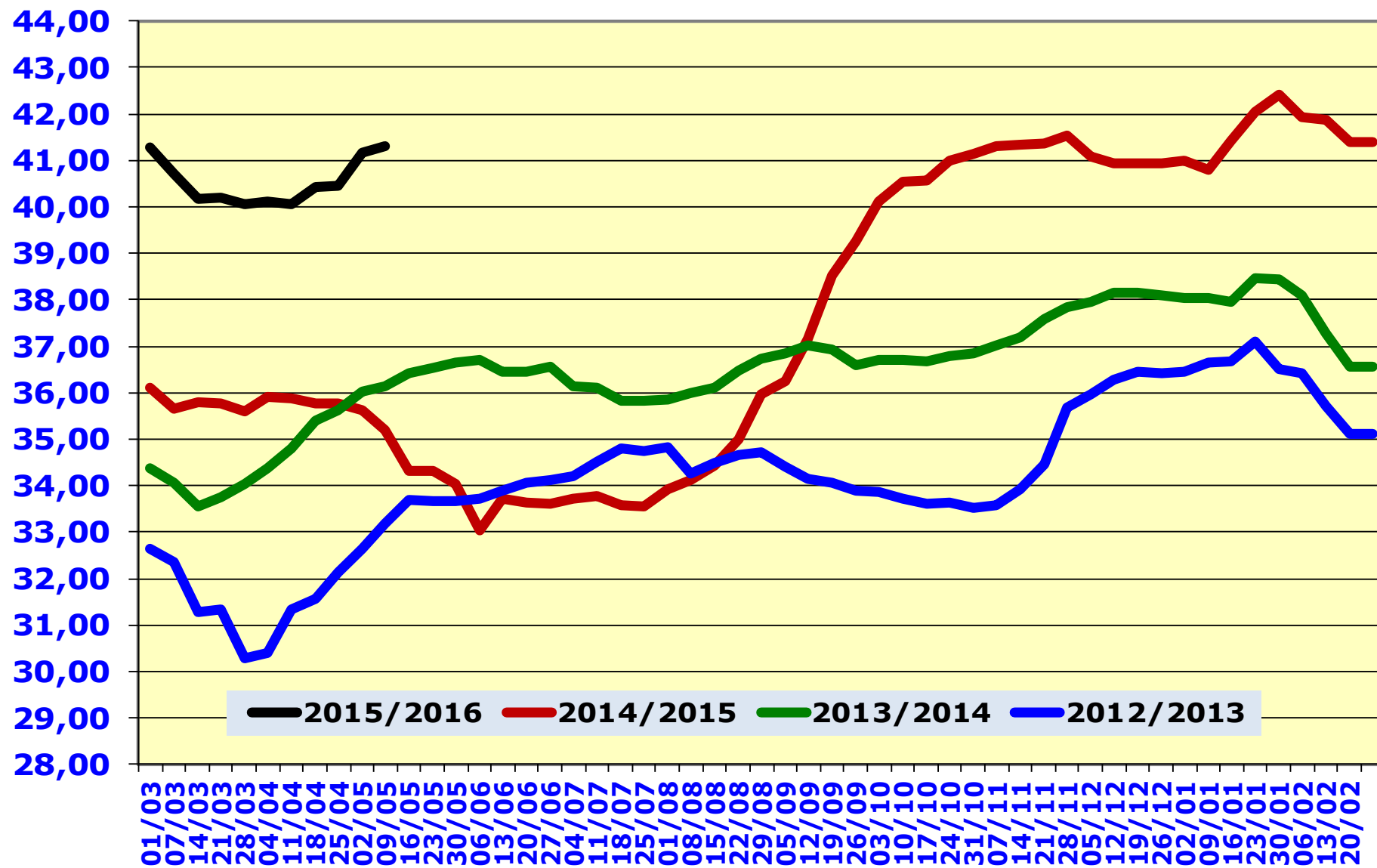
# ARROZ: ESTOQUES DE PASSAGEM BRASIL - MILHÕES T BASE CASCA



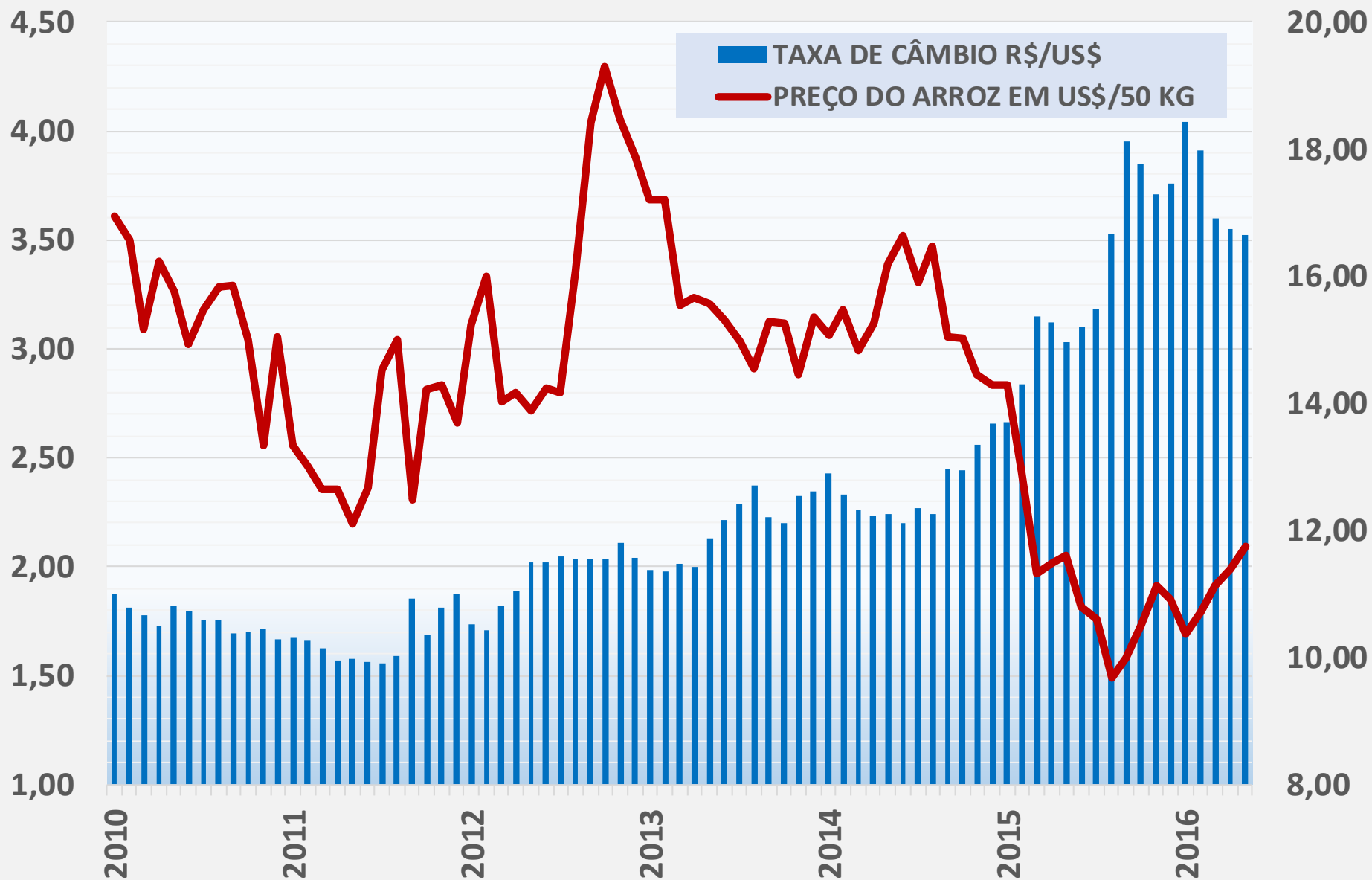
# ARROZ: RELAÇÃO ESTOQUES DE PASSAGEM/CONSUMO NO BRASIL



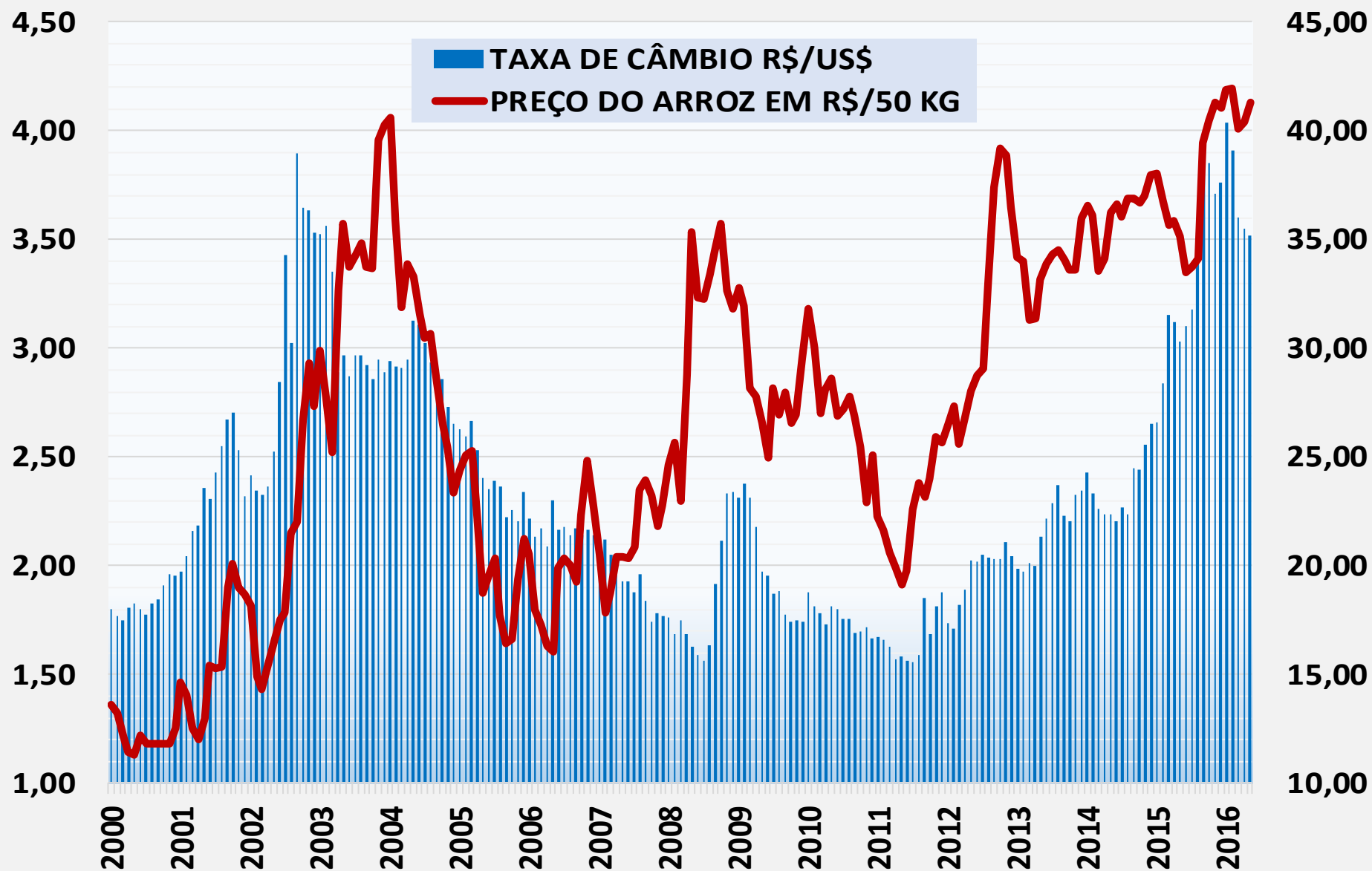
## ARROZ EM CASCA: EVOLUÇÃO SEMANAL DOS PREÇOS AO PRODUTOR DO RS - TIPO 1 - R\$/50 Kg FOB



# PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (US\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)



# PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (R\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)





## ARROZ: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SUL	CERRADO	SUL	CERRADO	SUL	CERRADO
		RS/SC	MT/GO	RS/SC	MT/GO	RS/SC	MT/GO
ITEM	UNIDADE	IRRIGADO EM SC 50 KG	T. ALTAS EM SC 60 KG	IRRIGADO EM SC 50 KG	T. ALTAS EM SC 60 KG	IRRIGADO EM SC 50 KG	T. ALTAS EM SC 60 KG
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,66	3,66
SEMENTES	USD/HA	58,82	100,84	51,97	89,44	54,64	78,69
FERTILIZANTES	USD/HA	265,97	297,04	190,24	292,54	210,51	209,06
DEFENSIVOS	USD/HA	172,45	197,64	208,63	201,41	219,00	161,48
OUTROS	USD/HA	826,40	75,78	725,55	62,10	697,27	57,33
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.323,64</b>	<b>671,30</b>	<b>1.176,39</b>	<b>645,49</b>	<b>1.181,42</b>	<b>506,56</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	376,49	153,09	330,13	137,91	323,77	118,58
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.700,13</b>	<b>824,39</b>	<b>1.506,52</b>	<b>783,40</b>	<b>1.505,19</b>	<b>625,14</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.876,30</b>	<b>1.599,12</b>	<b>4.850,99</b>	<b>1.599,12</b>	<b>5.509,00</b>	<b>1.693,17</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	183,06	240,60	180,13	206,70	118,58	182,51
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.883,19</b>	<b>1.064,99</b>	<b>1.686,65</b>	<b>990,10</b>	<b>1.623,77</b>	<b>807,65</b>
RENDIA DE FATORES	USD/HA	245,23	123,27	218,00	125,64	163,66	125,68
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>2.128,42</b>	<b>1.188,26</b>	<b>1.904,65</b>	<b>1.115,74</b>	<b>1.787,43</b>	<b>933,33</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>4.852,80</b>	<b>2.709,23</b>	<b>6.132,97</b>	<b>3.592,68</b>	<b>6.541,99</b>	<b>3.415,99</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	153,5	59,5	151,0	60,0	156,0	60,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	7.676	3.571	7.550	3.600	7.800	3.600
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/SACA</b>	<b>13,86</b>	<b>19,97</b>	<b>12,61</b>	<b>18,60</b>	<b>11,46</b>	<b>15,56</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/SACA	12,66	13,10	12,22	13,60	12,20	13,55
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/SACA	-1,20	-6,87	-0,39	-5,00	0,74	-2,01
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	1.943,56	779,67	1.845,22	816,00	1.903,20	813,00
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,90	3,90
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	5.830,69	2.339,01	7.067,19	3.125,28	7.422,48	3.170,70
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-184,86</b>	<b>-408,59</b>	<b>-59,43</b>	<b>-299,74</b>	<b>115,77</b>	<b>-120,33</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>977,89</b>	<b>-370,23</b>	<b>934,22</b>	<b>-467,40</b>	<b>880,49</b>	<b>-245,29</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	20,2%	-13,7%	15,2%	-13,0%	13,5%	-7,2%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>30,9</b>	<b>-8,1</b>	<b>23,0</b>	<b>-7,8</b>	<b>21,0</b>	<b>-4,3</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>243,43</b>	<b>-44,72</b>	<b>338,70</b>	<b>32,60</b>	<b>398,01</b>	<b>187,86</b>
EBITDA	R\$/HA	1.954,39	739,88	2.216,20	1.526,16	1.913,48	1.477,53
MARGEM EBITDA	%	33,5%	31,6%	31,4%	48,8%	25,8%	46,6%

**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



**FEIJÃO**

[WWW.CARLOSCOGO.COM.BR](http://WWW.CARLOSCOGO.COM.BR)

## **FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A produção da 1ª safra 2015/2016 recuou 0,6%, com a queda de 7,3% na área de cultivo, com colheita de 1,125 milhão de toneladas.
- Na 2ª safra 2015/2016, assim como na 1ª safra, a maior parte da produção é oriunda na Região Centro-Sul, que responde por 77,7% da oferta total, destacando-se Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Ceará.
- A área de feijão 2ª safra está estimada para em 1,342 milhão de hectares, um acréscimo de apenas 1,8% em relação à safra passada.
- A produção da 2ª safra 2015/2016 está estimada em 1,176 milhão de toneladas, 4,0% acima da colheita do ano anterior, mas há muitas regiões com problemas de quebras de qualidade, em função da estiagem prolongada em áreas do Centro-Oeste, MG e PR.
- A 3ª safra está projetada em 881 mil toneladas, praticamente no mesmo patamar registrado no ano anterior.
- Com isso, a projeção é de uma produção total de feijão nas três safras de 2015/2016 de 3,182 milhões de toneladas, abaixo do consumo interno, que está estimado em 3,350 milhões de toneladas.

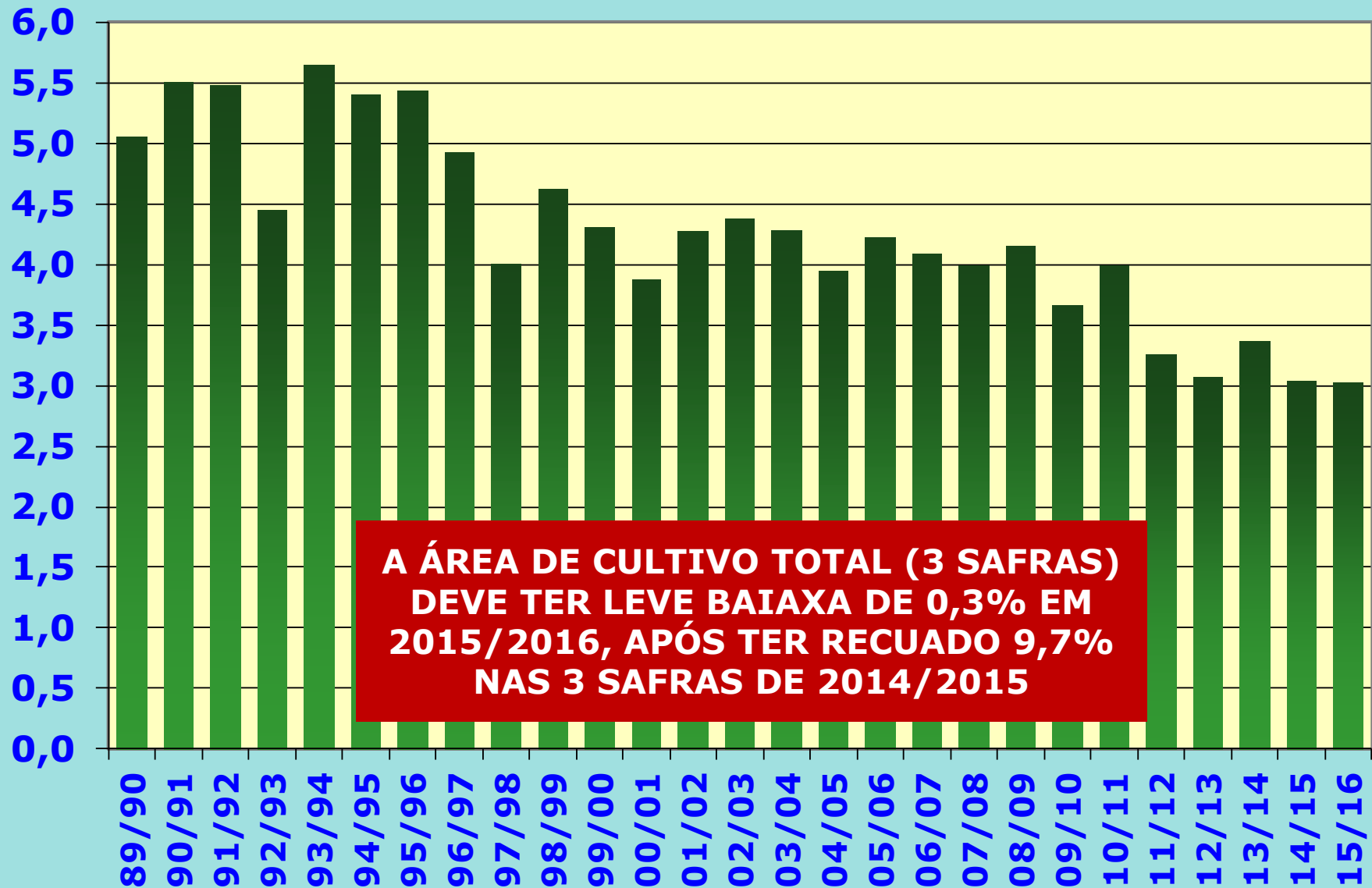
## **FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- O abastecimento do mercado está sendo efetuada em sua maioria, com produtos provenientes do Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e Goiás.
- O clima irregular dos últimos dias (atrapalhando as colheitas) vem interferindo nas negociações diante da menor qualidade ofertada.
- No Sul do País, metade da área semeada na 2ª safra foi colhida e as lavouras atravessam, em grande parte, fases de frutificação/maturação.
- A pouca disponibilidade de produto de boa qualidade têm provocado alta nos preços, que devem permanecer em patamares elevados.
- Em função da menor oferta na Região Centro-Sul do país e do prolongamento da entressafra nordestina, a expectativa é de que os preços continuem elevados.
- No momento o mercado opera com baixos estoques em todo País.
- No mercado de feijão preto, o País dependerá de importações da Argentina para suprir o déficit interno.
- A Argentina é o maior fornecedor e concluiu o plantio em março, devendo começar a ofertar o produto a partir deste mês de maio.

## **FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

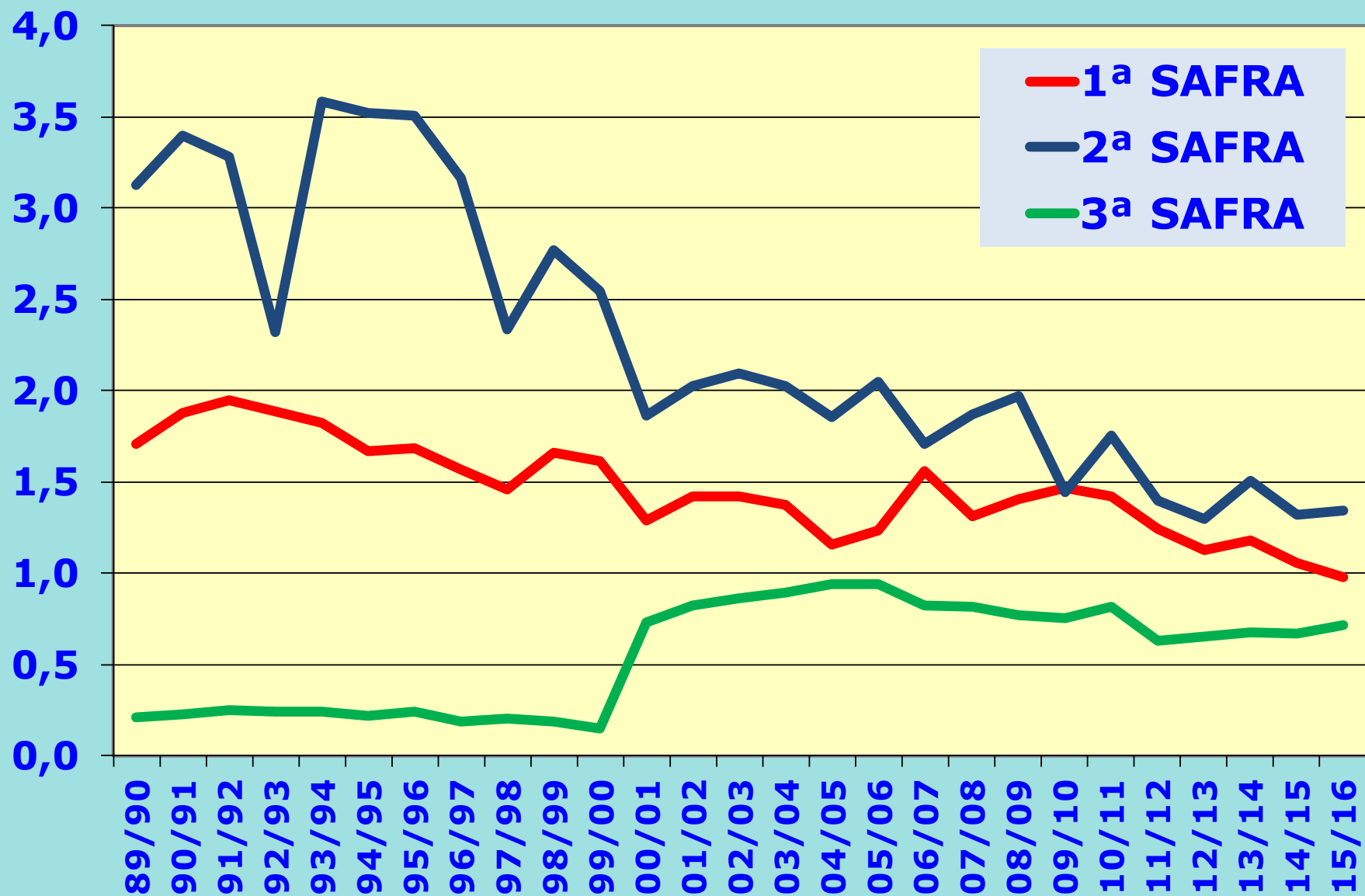
- A tendência é de preços firmes para o feijão no curto prazo, diante da oferta restrita de produto da 1ª safra 2015/2016, das quebras previstas nesta 2ª safra e baixa oferta disponível no mercado interno.
- No mercado de feijão carioca, os preços seguem firmes, com oferta escassa, quebras na 2ª safra e problemas de qualidade.
- Os preços devem ceder somente quando uma maior oferta oriunda da 3ª safra esteja disponível, a partir do final de maio/início de junho.
- Em maio, os preços do feijão carioca estão entre R\$ 230,00 a R\$ 240,00 por saca de 60 Kg para melhor qualidade, em São Paulo, contra R\$ 220,00 a R\$ 240,00 por saca de 60 Kg em abril.
- Em Minas Gerais e em Goiás, os preços pagos aos produtores para as mercadorias de melhor qualidade estão entre R\$ 200,00 a R\$ 220,00 por saca de 60 Kg, mesmos níveis registrados em abril.
- No mercado de feijão preto, nesta primeira quinzena de maio, as cotações aos produtores estão entre R\$ 145,00 a R\$ 170,00 por saca de 60 Kg, mesmos níveis praticados no mês de abril.

# FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA

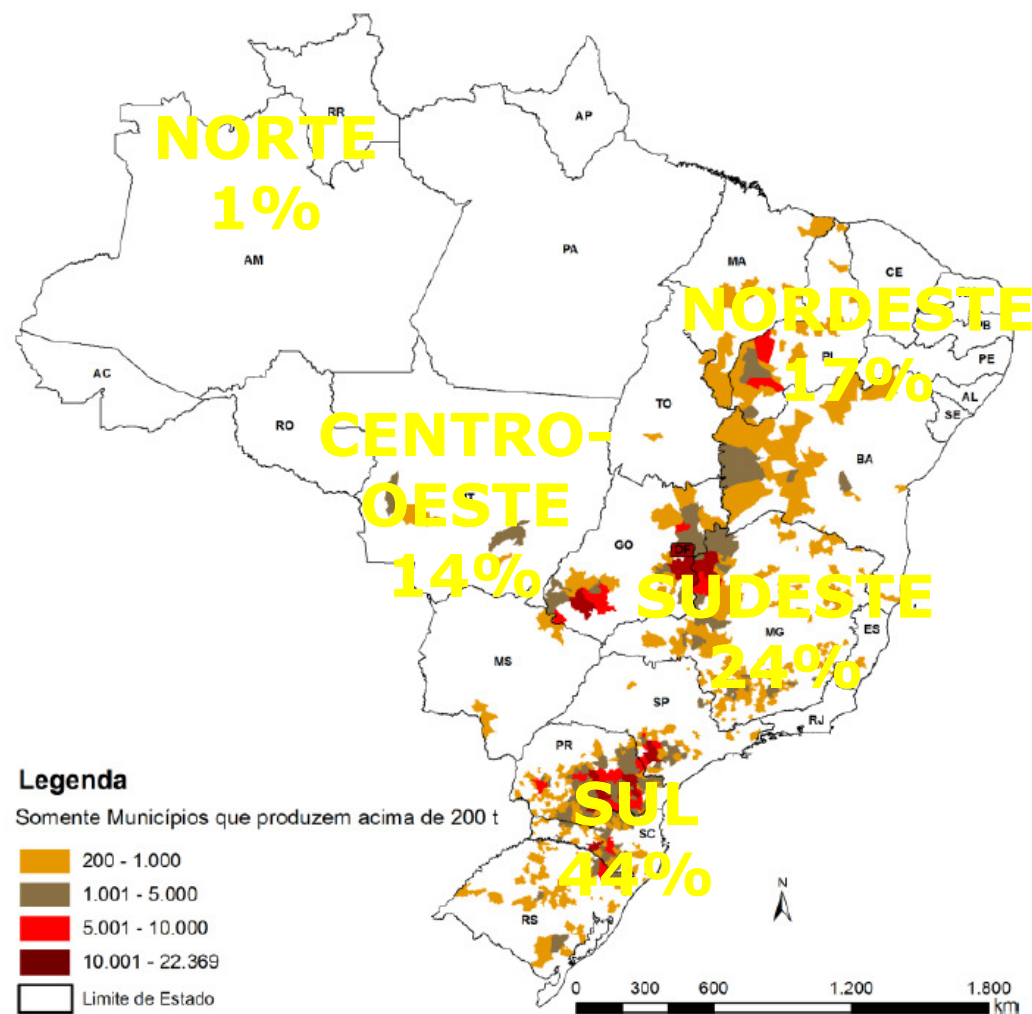


**A ÁREA DE CULTIVO TOTAL (3 SAFRAS) DEVE TER LEVE BAIAXA DE 0,3% EM 2015/2016, APÓS TER RECUADO 9,7% NAS 3 SAFRAS DE 2014/2015**

# FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES







## FEIJÃO 1ª SAFRA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016





# FEIJÃO 1ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO	█	█	█	█	█	█	█	█				
<b>Nordeste</b>												
PI		█	█			█	█					
BA	█	█	█	█	█	█	█	█				
<b>Centro-Oeste</b>												
MT	█	█	█	█	█	█	█					
MS	█	█		█	█							
GO	█	█	█	█	█	█						
DF	█	█	█		█	█						
<b>Sudeste</b>												
MG	█	█	█	█	█	█						
ES		█	█	█	█	█						
RJ	█	█		█	█							
SP	█	█	█	█	█							█
<b>Sul</b>												
PR	█	█	█	█	█						█	█
SC	█	█	█	█	█	█	█					█
RS	█	█	█	█	█	█	█				█	█

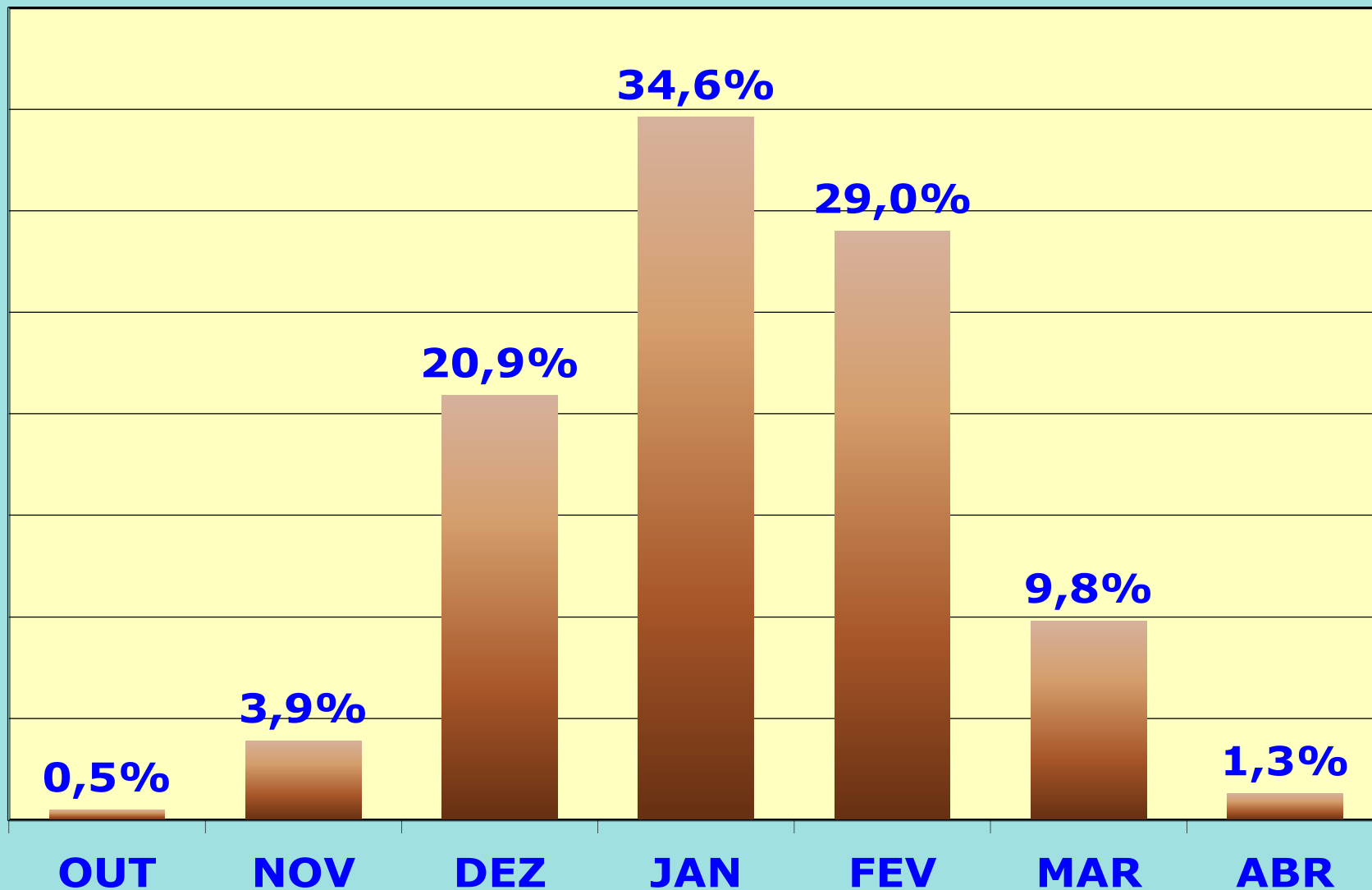


**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

Legenda: █ Plantio █ Colheita

# FEIJÃO 1ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



## FEIJÃO 1ª SAFRA - CARIOCA ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORDESTE</b>	<b>51,8</b>	<b>800</b>	<b>41,4</b>
BA	51,8	800	41,4
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>68,0</b>	<b>2.202</b>	<b>149,8</b>
MT	4,5	1.800	8,1
MS	0,6	1.300	0,8
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,9	1.475	16,1
<b>SUDESTE</b>	<b>198,7</b>	<b>1.566</b>	<b>311,1</b>
MG	144,0	1.319	190,0
ES	4,7	787	3,7
SP	50,0	2.348	117,4
<b>SUL</b>	<b>94,6</b>	<b>1.801</b>	<b>170,4</b>
PR	54,7	1.614	88,3
SC	29,9	1.944	58,1
RS	10,0	2.400	24,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>51,8</b>	<b>800</b>	<b>41,4</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>361,3</b>	<b>1.747</b>	<b>631,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>413,1</b>	<b>1.628</b>	<b>672,7</b>

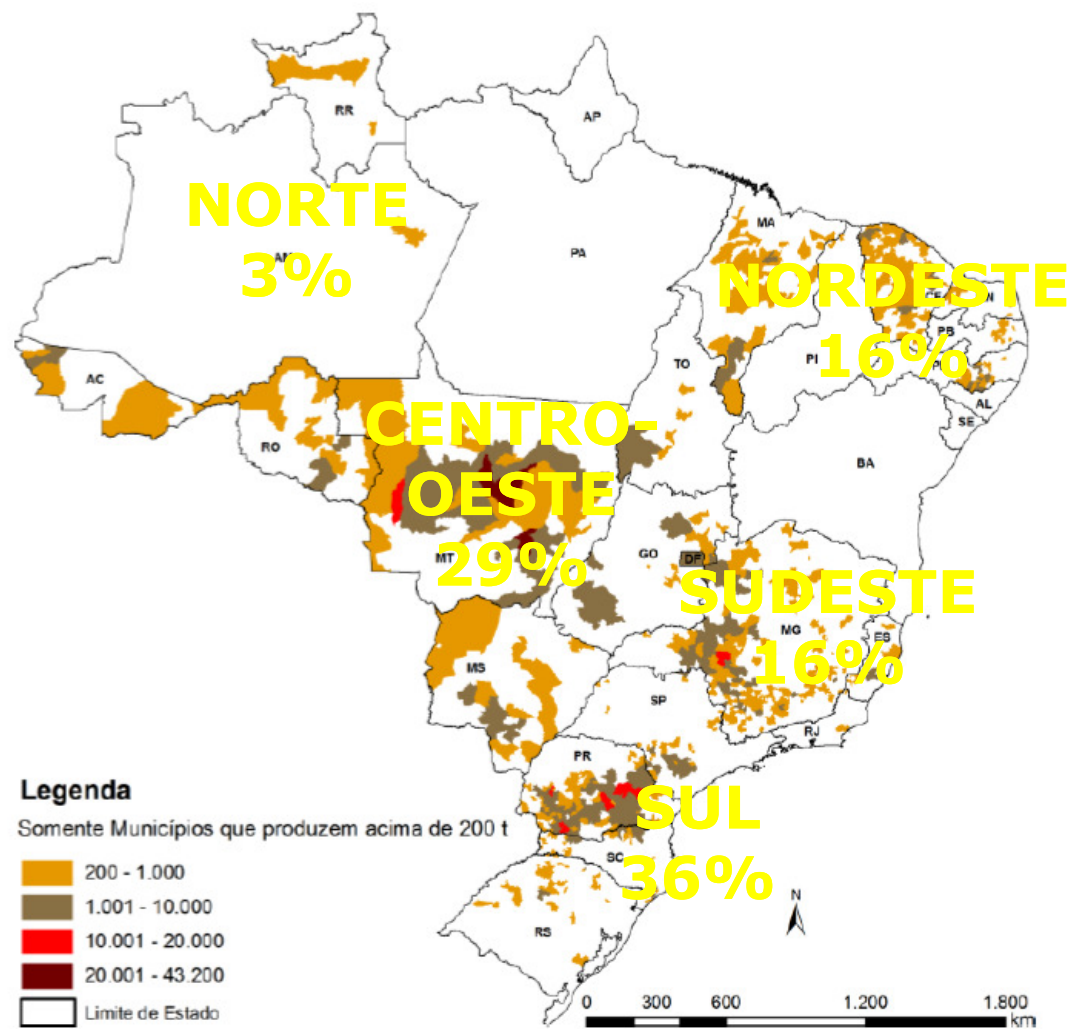
## FEIJÃO 1ª SAFRA - PRETO ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>CENTRO-OESTE</b>	1,2	1.450	1,7
DF	1,2	1.450	1,7
<b>SUDESTE</b>	4,1	749	3,1
MG	2,0	730	1,5
ES	1,5	650	1,0
RJ	0,6	1.063	0,6
<b>SUL</b>	175,0	1.661	290,8
PR	125,4	1.624	203,6
SC	16,1	1.731	27,9
RS	33,5	1.770	59,3
<b>CENTRO-SUL</b>	180,3	1.639	295,6
<b>BRASIL</b>	180,3	1.639	295,6

## **FEIJÃO 1ª SAFRA - CAUPI ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS**

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>3,7</b>	<b>594</b>	<b>2,2</b>
TO	3,7	594	2,2
<b>NORDESTE</b>	<b>377,0</b>	<b>404</b>	<b>152,3</b>
MA	23,8	468	11,1
PI	211,7	414	87,6
BA	141,5	379	53,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,5</b>	<b>1.133</b>	<b>1,7</b>
MT	1,5	1.133	1,7
<b>SUDESTE</b>	<b>0,6</b>	<b>900</b>	<b>0,5</b>
<b>MG</b>	<b>0,6</b>	<b>900</b>	<b>0,5</b>
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>380,7</b>	<b>406</b>	<b>154,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2,1</b>	<b>1.066</b>	<b>2,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>382,8</b>	<b>410</b>	<b>156,7</b>

## FEIJÃO 2ª SAFRA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



# FEIJÃO 2ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	☀️			☀️			🌿			❄️		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
RR							█	█	█		█	█
RO					█	█					█	
AC					█	█					█	
AM						█	█	█			█	█
AP							█	█	█		█	█
TO					█	█	█	█	█		█	█
<b>Nordeste</b>												
MA					█	█	█				█	
PI				█	█	█	█	█	█			
CE					█	█	█				█	
RN				█	█	█	█	█	█		█	█
PB						█	█	█	█		█	█
PE					█	█	█	█	█		█	
<b>Centro-Oeste</b>												
MT				█	█	█			█	█		█
MS					█	█	█				█	█
GO				█	█	█			█	█		█
DF				█	█				█	█		
<b>Sudeste</b>												
MG					█	█	█	█	█	█	█	█
ES					█	█	█				█	
RJ					█	█	█	█	█			
SP				█	█	█	█	█	█		█	
<b>Sul</b>												
PR				█	█	█	█	█	█			
SC				█	█	█	█	█	█			
RS				█	█	█	█	█	█			

Legenda: █ Plantio █ Colheita



**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

## FEIJÃO 2ª SAFRA - CARIOCA ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>43,1</b>	<b>844</b>	<b>36,3</b>
RR	2,7	731	2,0
RO	19,1	890	17,0
AC	7,3	619	4,5
AM	4,7	900	4,2
AP	1,3	915	1,2
TO	8,0	931	7,4
<b>NORDESTE</b>	<b>41,2</b>	<b>473</b>	<b>19,5</b>
MA	0,5	400	0,2
CE	7,9	279	2,2
PB	27,0	559	15,1
PE	5,8	345	2,0
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>61,8</b>	<b>1.731</b>	<b>107,0</b>
MT	25,4	1.963	49,9
MS	14,0	1.650	23,1
GO	21,6	1.500	32,4
DF	0,8	2.055	1,6
<b>SUDESTE</b>	<b>136,4</b>	<b>1.485</b>	<b>202,6</b>
MG	115,5	1.411	163,0
ES	6,3	1.120	7,1
SP	14,6	2.225	32,5
<b>SUL</b>	<b>134,4</b>	<b>1.822</b>	<b>244,9</b>
PR	130,5	1.811	236,3
SC	3,9	2.205	8,6
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>84,3</b>	<b>663</b>	<b>55,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>332,6</b>	<b>1.667</b>	<b>554,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>416,9</b>	<b>1.464</b>	<b>610,3</b>



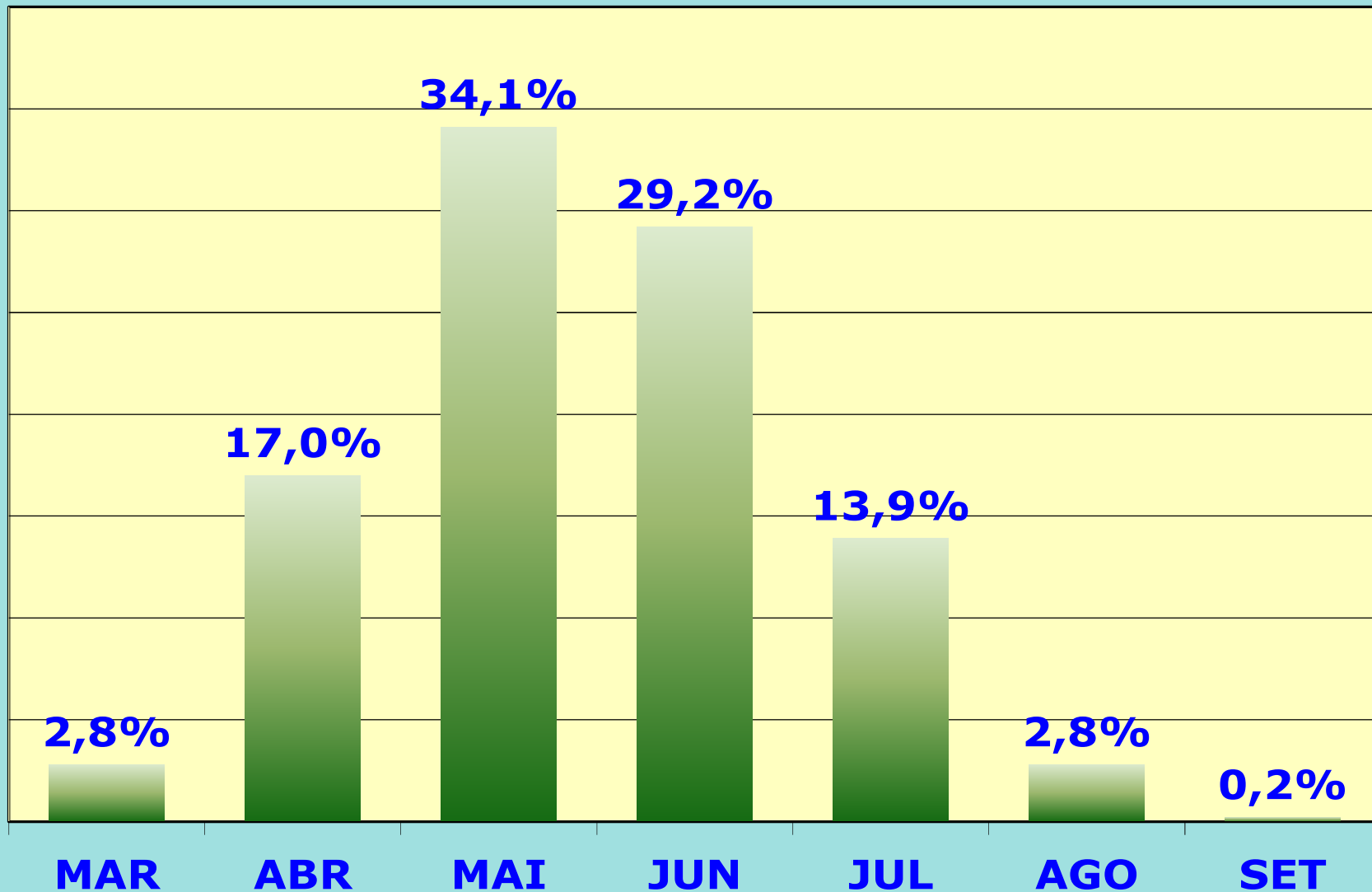
## FEIJÃO 2ª SAFRA - PRETO ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,1</b>	<b>1.910</b>	<b>0,2</b>
MT	-		-
MS	-		-
GO	-		-
DF	0,1	1.910	0,2
<b>SUDESTE</b>	<b>5,1</b>	<b>931</b>	<b>4,7</b>
MG	2,0	740	1,5
ES	2,1	1.119	2,3
RJ	1,0	916	0,9
<b>SUL</b>	<b>104,9</b>	<b>1.741</b>	<b>182,6</b>
PR	75,0	1.753	131,5
SC	13,5	1.778	24,0
RS	16,4	1.653	27,1
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>110,1</b>	<b>1.703</b>	<b>187,5</b>
<b>BRASIL</b>	<b>110,1</b>	<b>1.703</b>	<b>187,5</b>

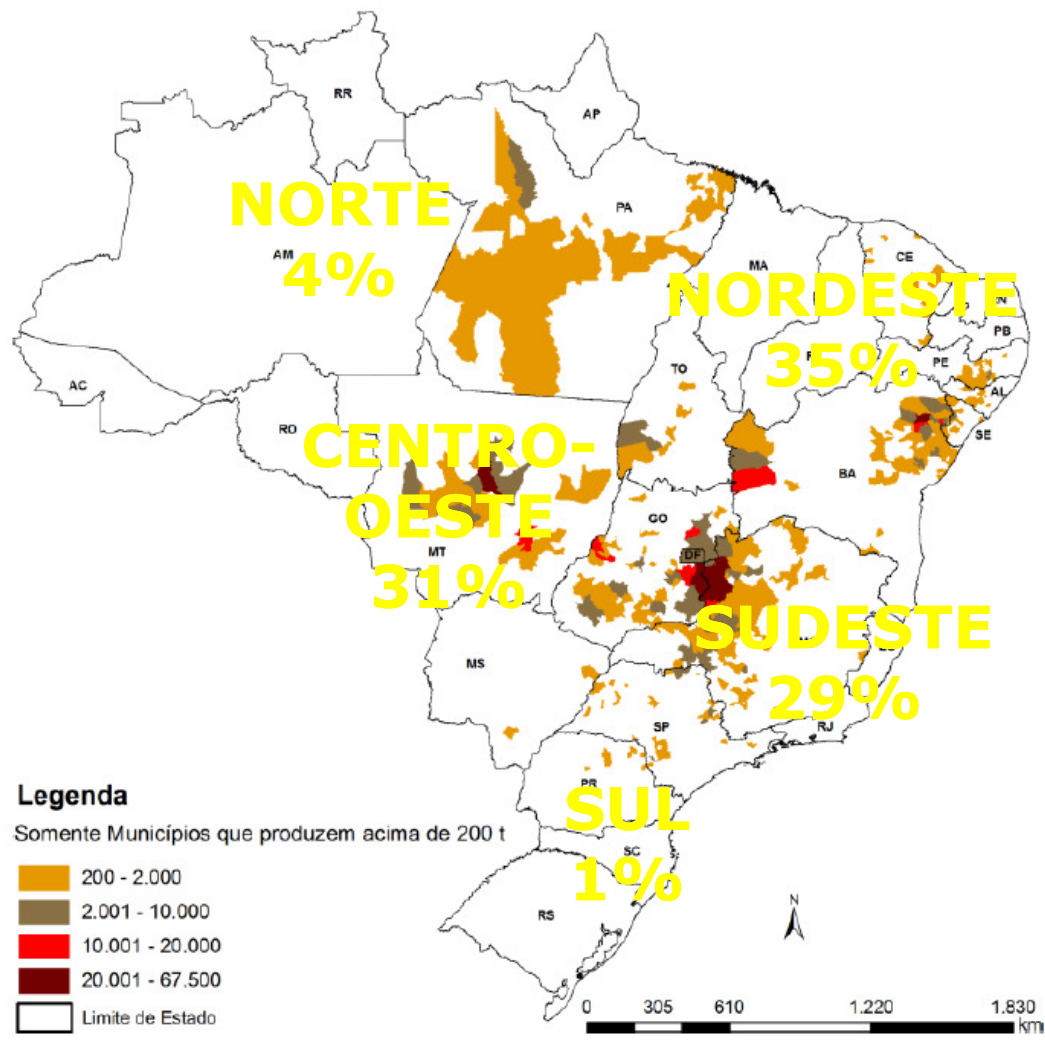
## FEIJÃO 2ª SAFRA - CAUPI ÁREA E PRODUÇÃO POR ESTADOS

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
<b>NORTE</b>	<b>1,1</b>	<b>727</b>	<b>0,8</b>
RO	1,1	727	0,8
<b>NORDESTE</b>	<b>664,0</b>	<b>285</b>	<b>189,0</b>
MA	45,7	549	25,1
PI	3,0	900	2,7
CE	395,9	271	107,2
RN	36,2	380	13,8
PB	64,8	294	19,1
PE	118,4	178	21,1
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>149,4</b>	<b>1.260</b>	<b>188,3</b>
MT	148,0	1.258	186,2
GO	1,4	1.500	2,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>665,1</b>	<b>285</b>	<b>189,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>149,4</b>	<b>1.260</b>	<b>188,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>814,5</b>	<b>464</b>	<b>378,1</b>





# FEIJÃO 2ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



## FEIJÃO 3ª SAFRA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



# FEIJÃO 3ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
PA	—						—	—	—	—	—	—
TO	—						—	—	—	—	—	—
<b>Nordeste</b>												
CE	—							—	—	—	—	—
PE	—						—	—	—	—	—	—
AL	—						—	—	—	—	—	—
SE	—						—	—	—	—	—	—
BA	—						—	—	—	—	—	—
<b>Centro-Oeste</b>												
MT							—	—	—	—	—	—
MS							—	—	—	—	—	—
GO							—	—	—	—	—	—
DF							—	—	—	—	—	—
<b>Sudeste</b>												
MG	—					—	—	—	—	—	—	—
SP	—						—	—	—	—	—	—
<b>Sul</b>												
PR					—		—	—	—	—	—	—

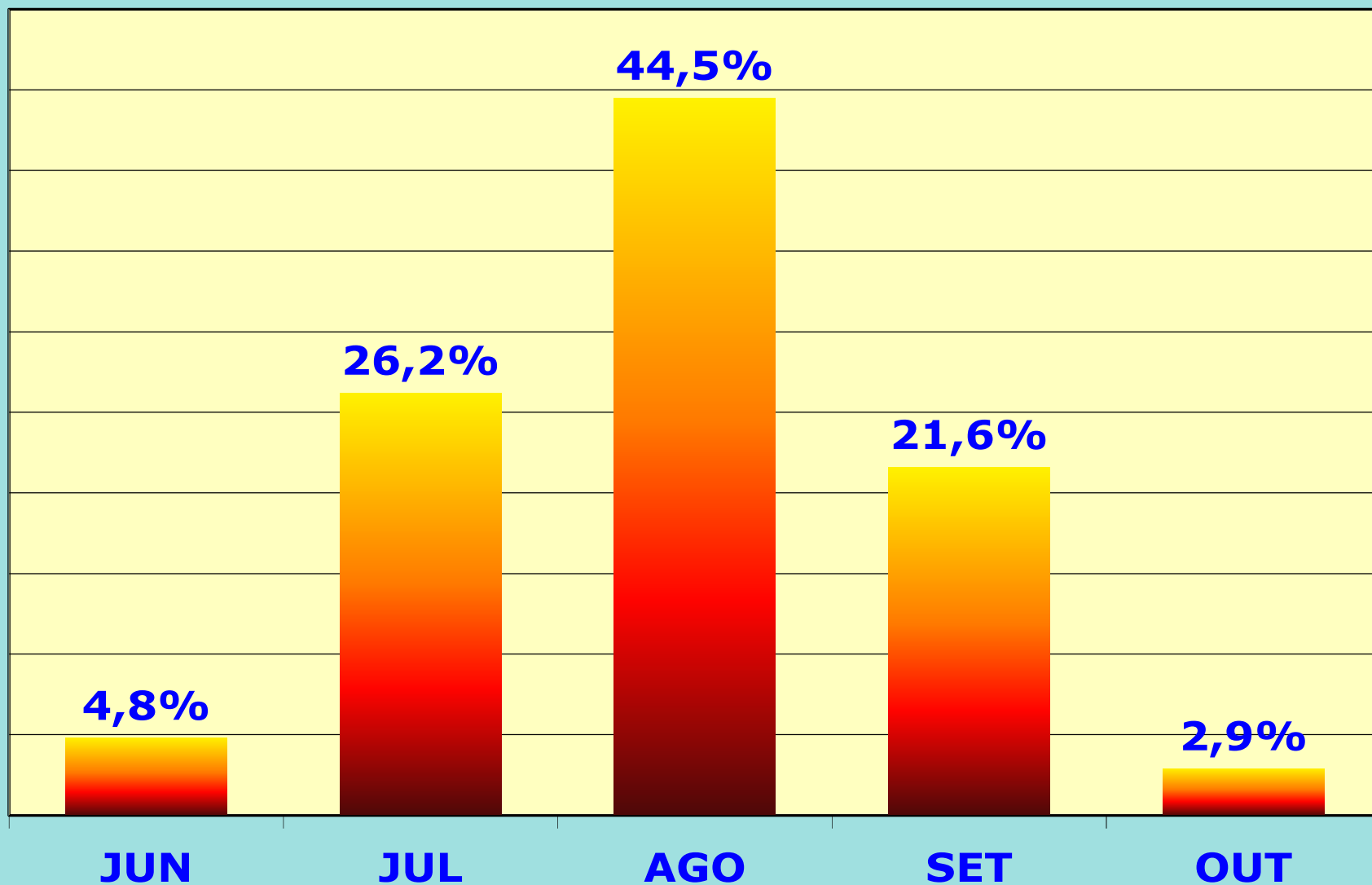
Legenda:  Plantio  Colheita



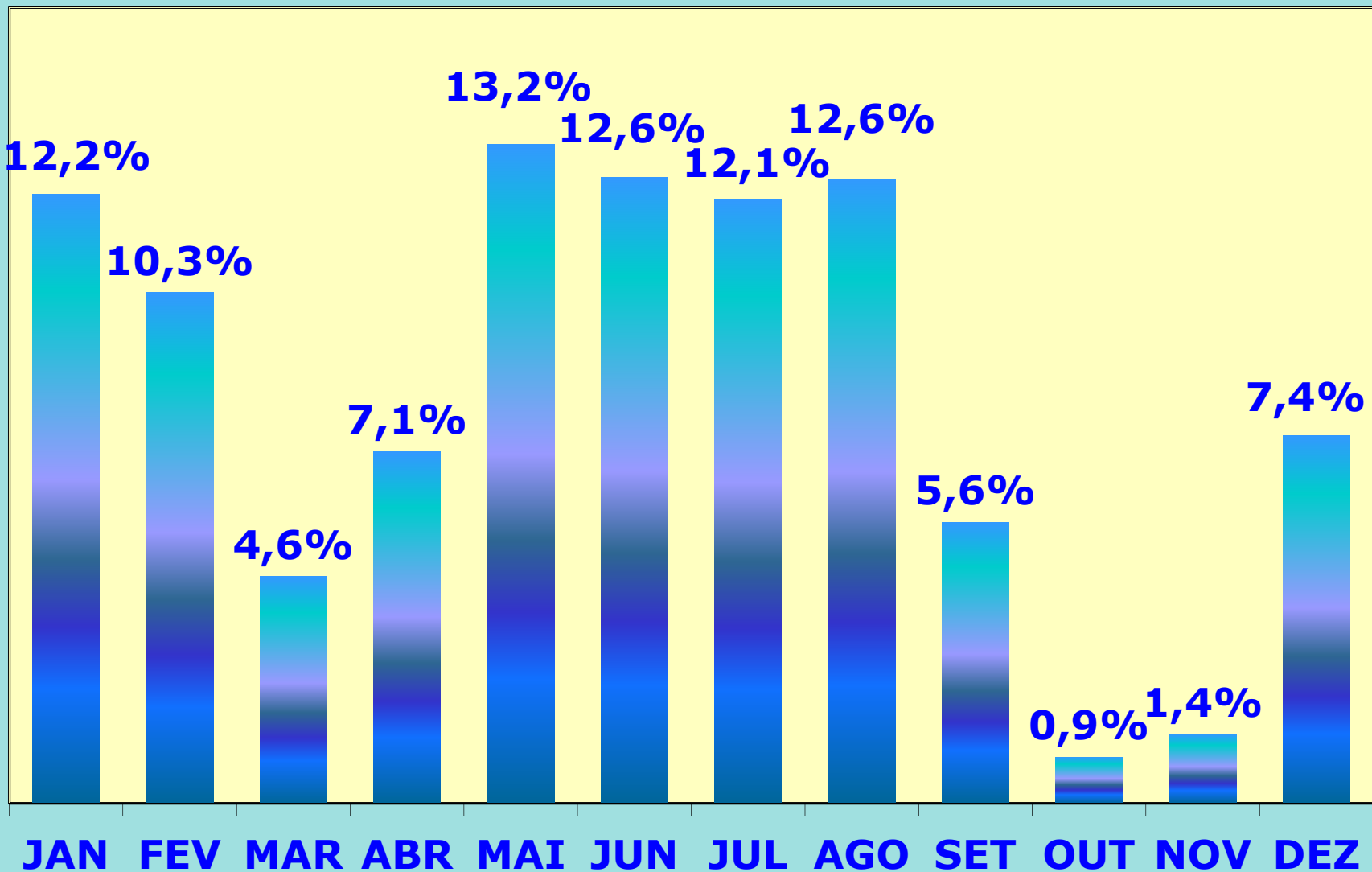
**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

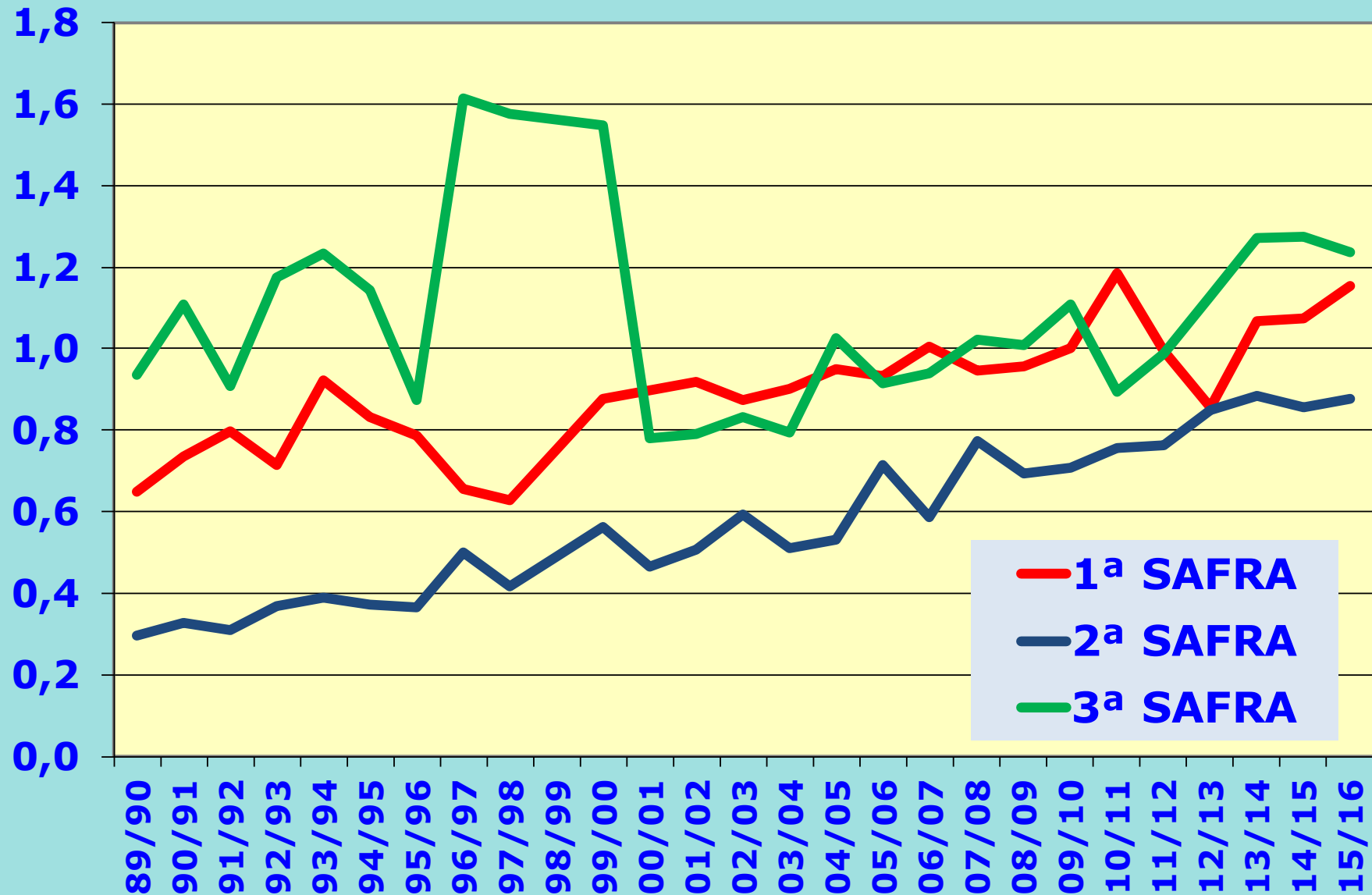
# FEIJÃO 3ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



# FEIJÃO: FLUXO MENSAL DE COLHEITA DAS 3 SAFRAS NO BRASIL

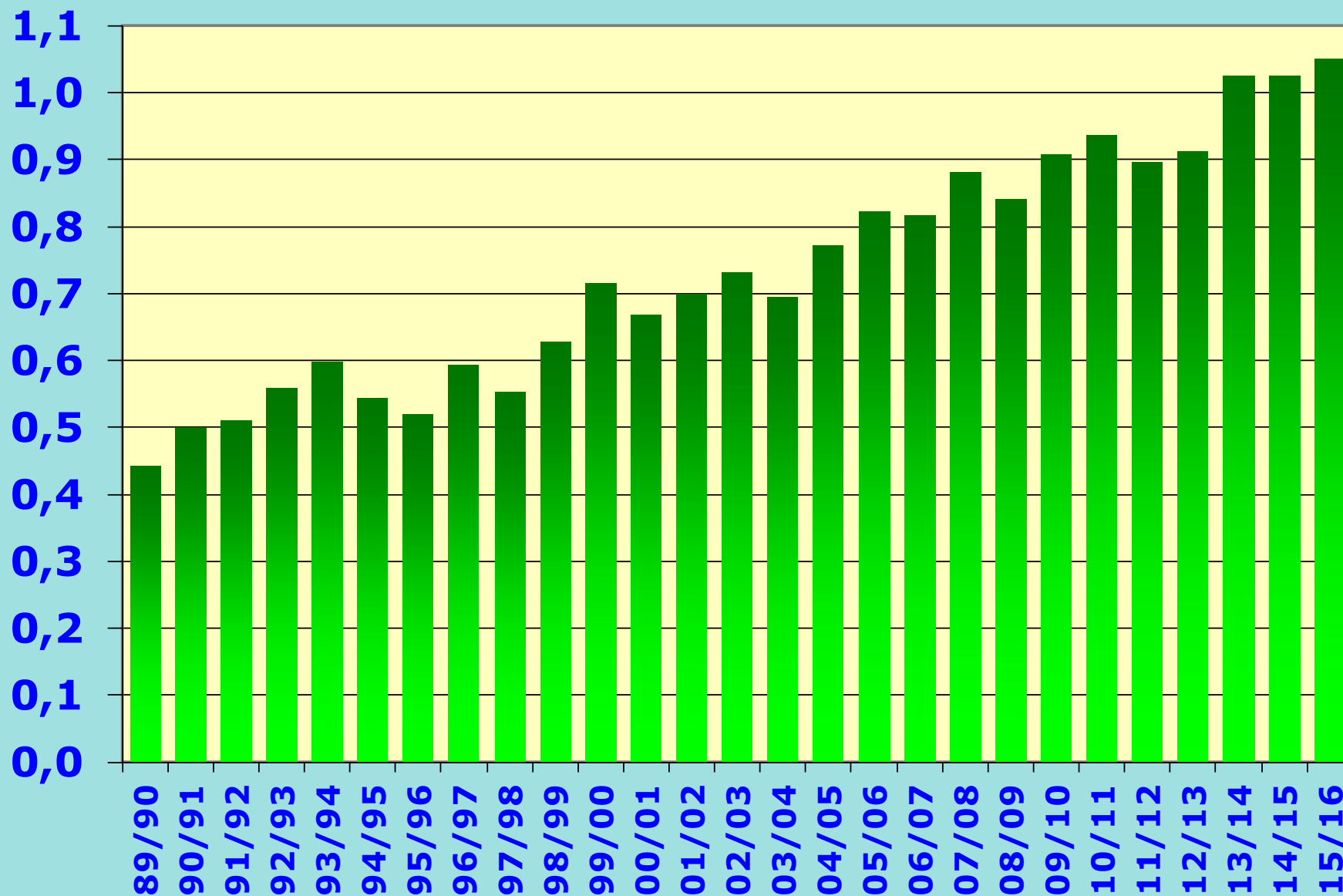


# FEIJÃO: PRODUTIVIDADE MÉDIA EM TONELADAS/HA

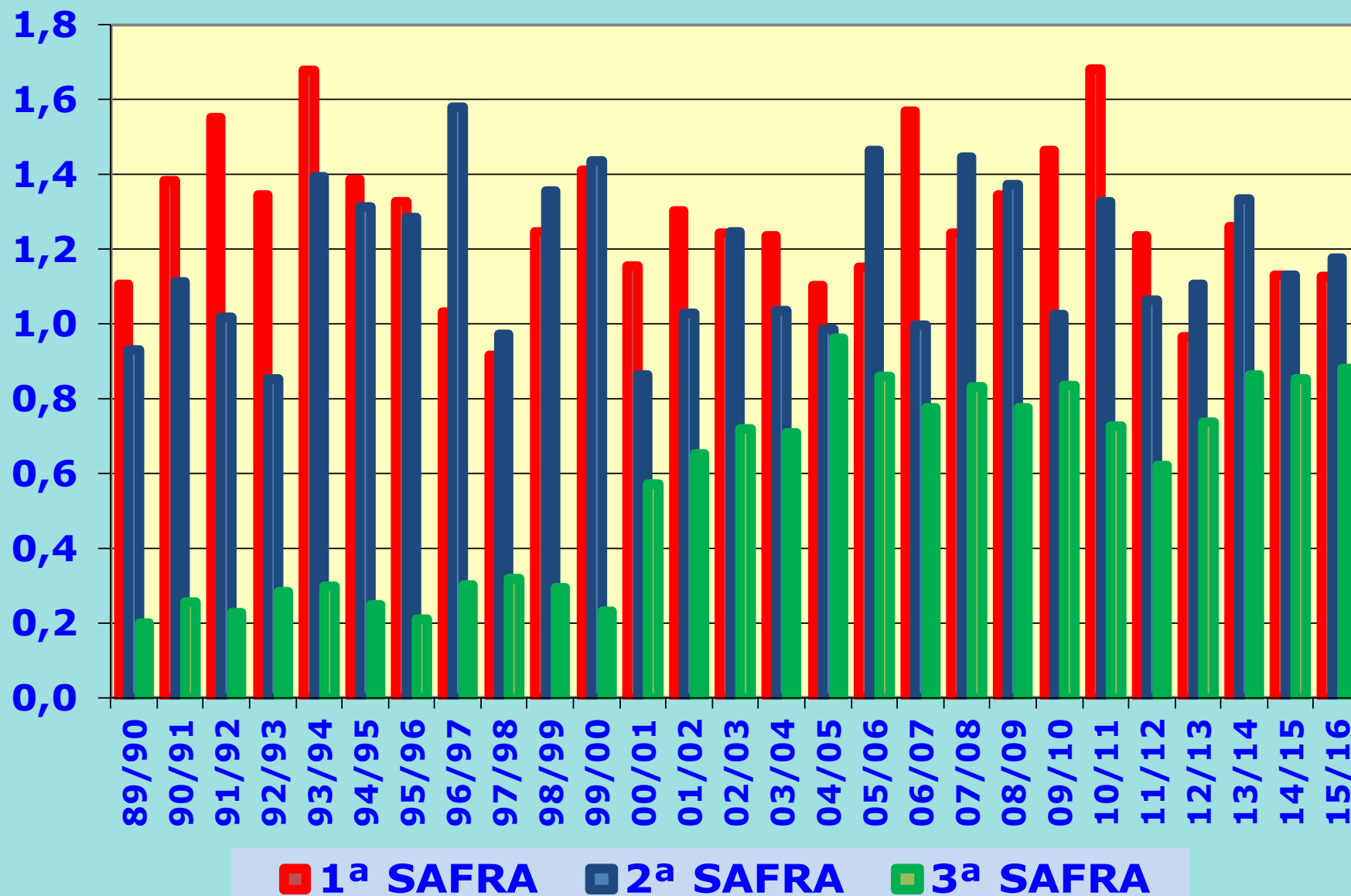




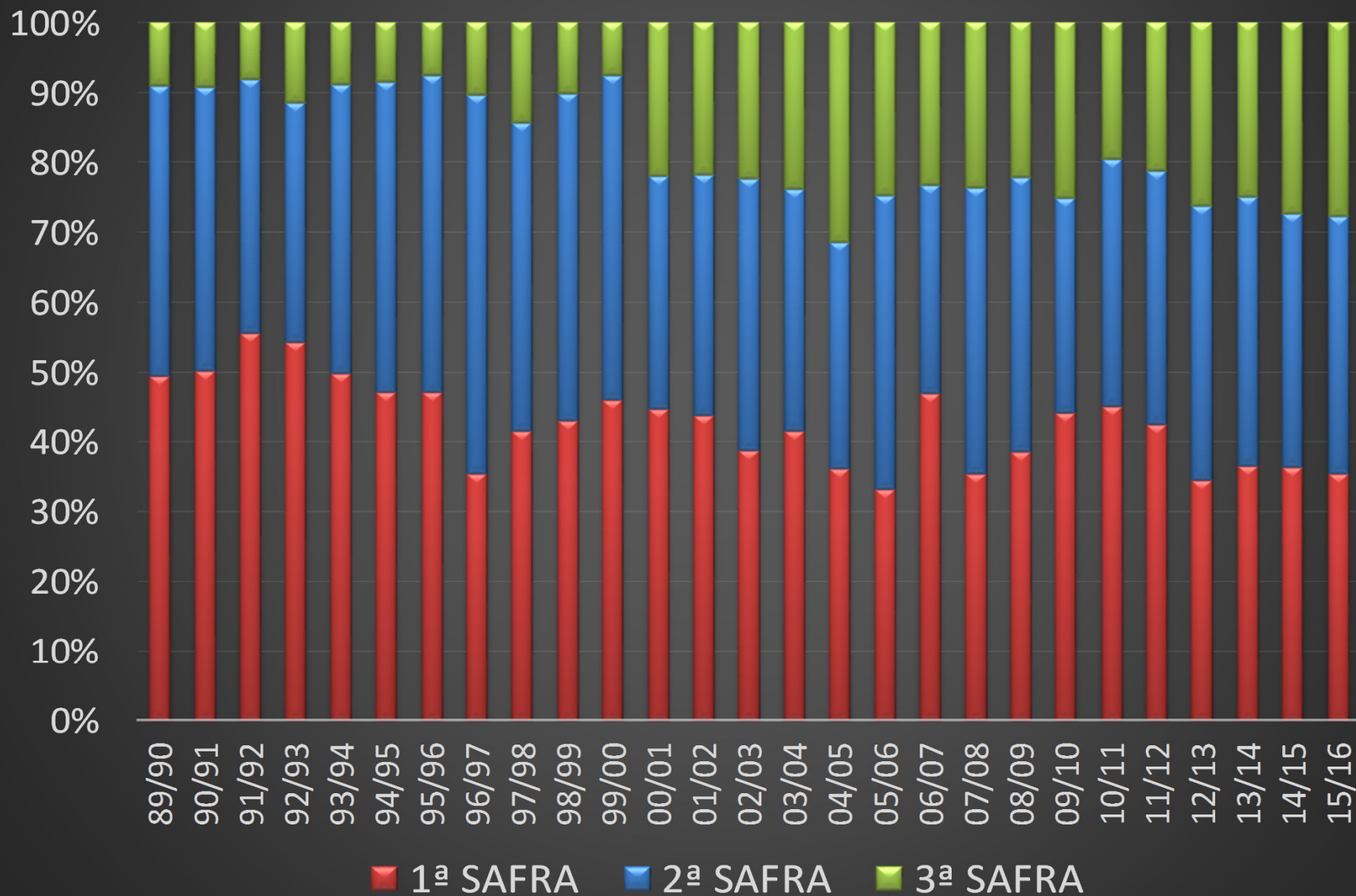
# FEIJÃO: PRODUTIVIDADE MÉDIA NO BRASIL EM T/HA



# FEIJÃO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE T



# FEIJÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NAS 3 SAFRAS ANUAIS (%)



## FEIJÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO TOTAL 3 SAFRAS	IMPORTAÇÕES TOTAIS	OFERTA TOTAL	CONSUMO INTERNO	EXPORTAÇÕES TOTAIS	ESTOQUES FINAIS	POPULAÇÃO BRASIL	CONSUMO PER CAPITA
	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	HABITANTES	KG/HAB
1980/1981	296,2	2.407,0	0,0	2.703,2	2.407,0	0,0	296,2	121.381.328	19,8
1981/1982	296,2	3.097,6	0,0	3.393,8	3.097,6	0,0	296,2	124.250.840	24,9
1982/1983	296,2	1.653,9	3,7	1.953,8	1.653,9	0,0	299,9	127.140.354	13,0
1983/1984	299,9	2.616,1	60,5	2.976,5	2.616,2	0,0	360,4	130.082.524	20,1
1984/1985	360,4	2.533,8	15,3	2.909,5	2.533,8	0,0	375,6	132.999.282	19,1
1985/1986	375,6	2.244,8	95,0	2.715,4	2.244,9	0,0	470,6	135.814.249	16,5
1986/1987	470,6	2.108,0	35,0	2.613,6	2.108,0	0,0	505,5	138.585.894	15,2
1987/1988	505,5	2.752,0	10,0	3.267,5	2.600,0	0,0	667,5	141.312.997	18,4
1988/1989	667,5	2.386,4	25,0	3.078,9	2.600,0	0,0	478,9	143.997.246	18,1
1989/1990	478,9	2.234,0	70,3	2.783,2	2.370,8	0,0	412,4	146.592.579	16,2
1990/1991	412,4	2.748,0	88,6	3.249,0	2.638,1	0,0	610,9	149.094.266	17,7
1991/1992	610,9	2.797,0	57,7	3.465,6	2.795,6	0,0	670,0	151.546.843	18,4
1992/1993	670,0	2.478,0	54,9	3.202,9	2.771,0	0,0	431,9	153.985.576	18,0
1993/1994	431,9	3.369,0	156,4	3.957,3	3.200,0	0,0	757,3	156.430.949	20,5
1994/1995	757,3	2.946,0	189,5	3.892,8	3.300,0	0,0	592,8	158.874.963	20,8
1995/1996	592,8	2.821,0	81,8	3.495,6	3.200,0	0,0	295,6	161.323.169	19,8
1996/1997	295,6	2.914,8	157,4	3.363,7	3.200,0	4,1	163,7	163.779.827	19,5
1997/1998	163,7	2.206,3	211,3	2.575,1	2.500,0	6,2	75,1	166.252.088	15,0
1998/1999	75,1	2.895,7	92,9	3.061,1	2.950,0	2,6	111,1	168.753.552	17,5
1999/2000	111,1	3.098,0	78,8	3.283,2	3.050,0	4,7	233,2	169.799.000	18,0
2000/2001	233,2	2.587,1	130,3	2.948,3	2.880,0	2,3	68,3	172.385.826	16,7
2001/2002	68,3	2.983,0	82,3	3.117,4	3.050,0	16,2	67,4	174.632.960	17,5
2002/2003	67,4	3.205,0	103,3	3.372,9	3.130,0	2,8	242,9	176.871.437	17,7
2003/2004	242,9	2.978,3	78,9	3.298,1	3.150,0	2,0	148,1	181.581.024	17,3
2004/2005	148,1	3.045,5	100,7	3.292,0	3.200,0	2,3	92,0	184.184.264	17,4
2005/2006	92,0	3.471,2	70,1	3.625,3	3.450,0	8,0	175,3	186.770.562	18,5
2006/2007	175,3	3.339,7	107,1	3.589,5	3.500,0	32,7	89,5	183.989.711	19,0
2007/2008	89,5	3.520,9	209,7	3.818,1	3.580,0	2,0	238,1	189.612.814	18,9
2008/2009	238,1	3.502,7	109,9	3.817,7	3.500,0	33,0	317,7	191.480.630	18,3
2009/2010	317,7	3.322,5	181,2	3.817,0	3.450,0	4,4	367,0	190.747.855	18,1
2010/2011	367,0	3.732,8	207,1	4.286,4	3.600,0	20,5	686,4	192.379.287	18,7
2011/2012	686,4	2.918,4	312,3	3.873,8	3.500,0	43,3	373,8	193.946.886	18,0
2012/2013	373,8	2.806,3	304,4	3.449,2	3.320,0	35,3	129,2	201.032.714	16,5
2013/2014	129,2	3.453,7	135,9	3.653,8	3.350,0	65,0	303,8	202.768.562	16,5
2014/2015	303,8	3.115,3	156,7	3.453,2	3.350,0	122,6	103,2	204.450.649	16,4
2015/2016	103,2	3.182,7	200,0	3.420,9	3.350,0	65,0	70,9	206.086.254	16,3

VAR. 15/14    **135,1%**    **-9,8%**    **15,3%**    **-5,5%**    **0,0%**    **88,6%**    **-66,0%**    **0,8%**    **-0,8%**

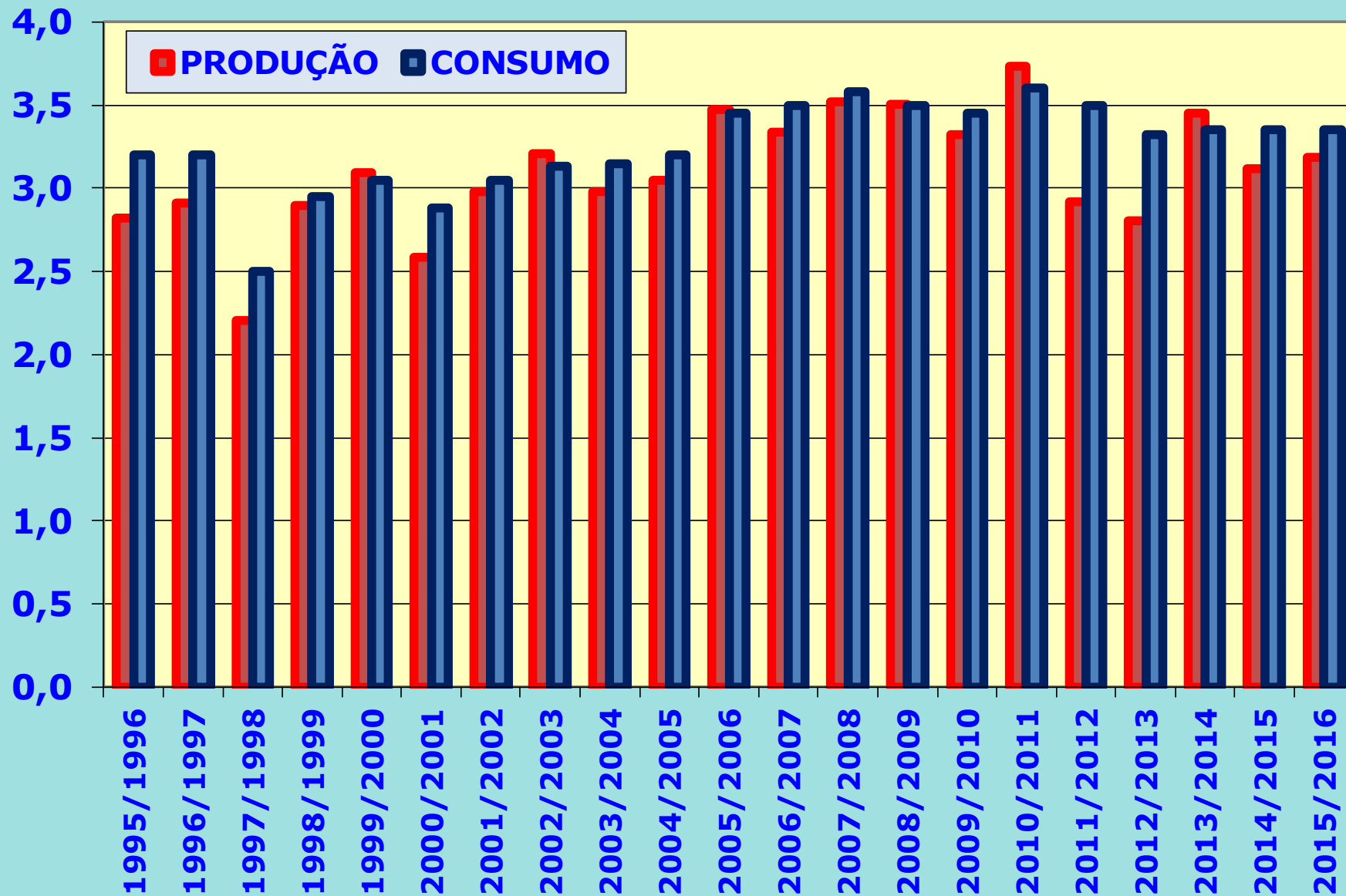
VAR. 16/15    **-66,0%**    **2,2%**    **27,6%**    **-0,9%**    **0,0%**    **-47,0%**    **-31,3%**    **0,8%**    **-0,8%**

Fontes: CONAB, SECEX e IBGE

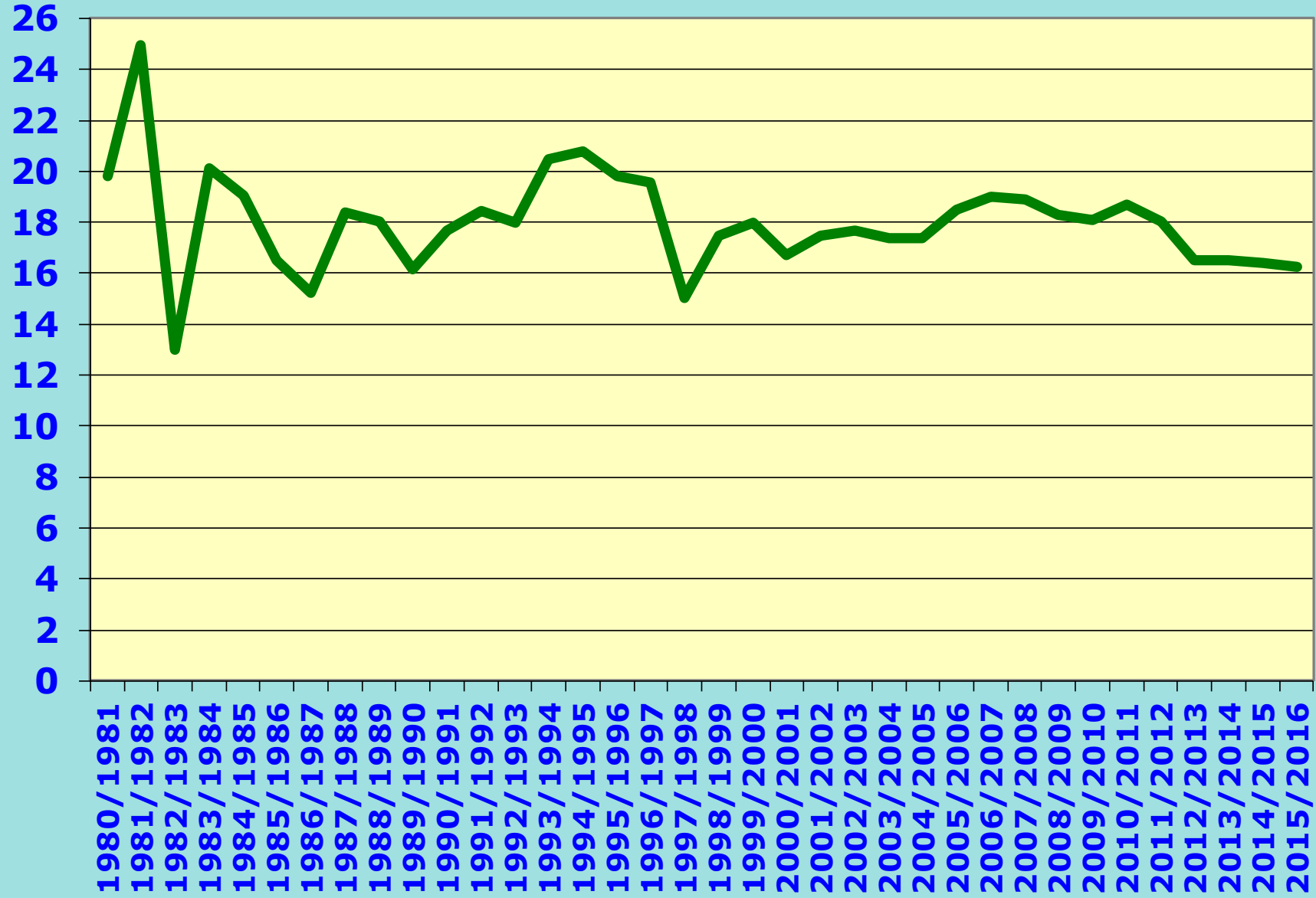
\*2015/2016 - PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

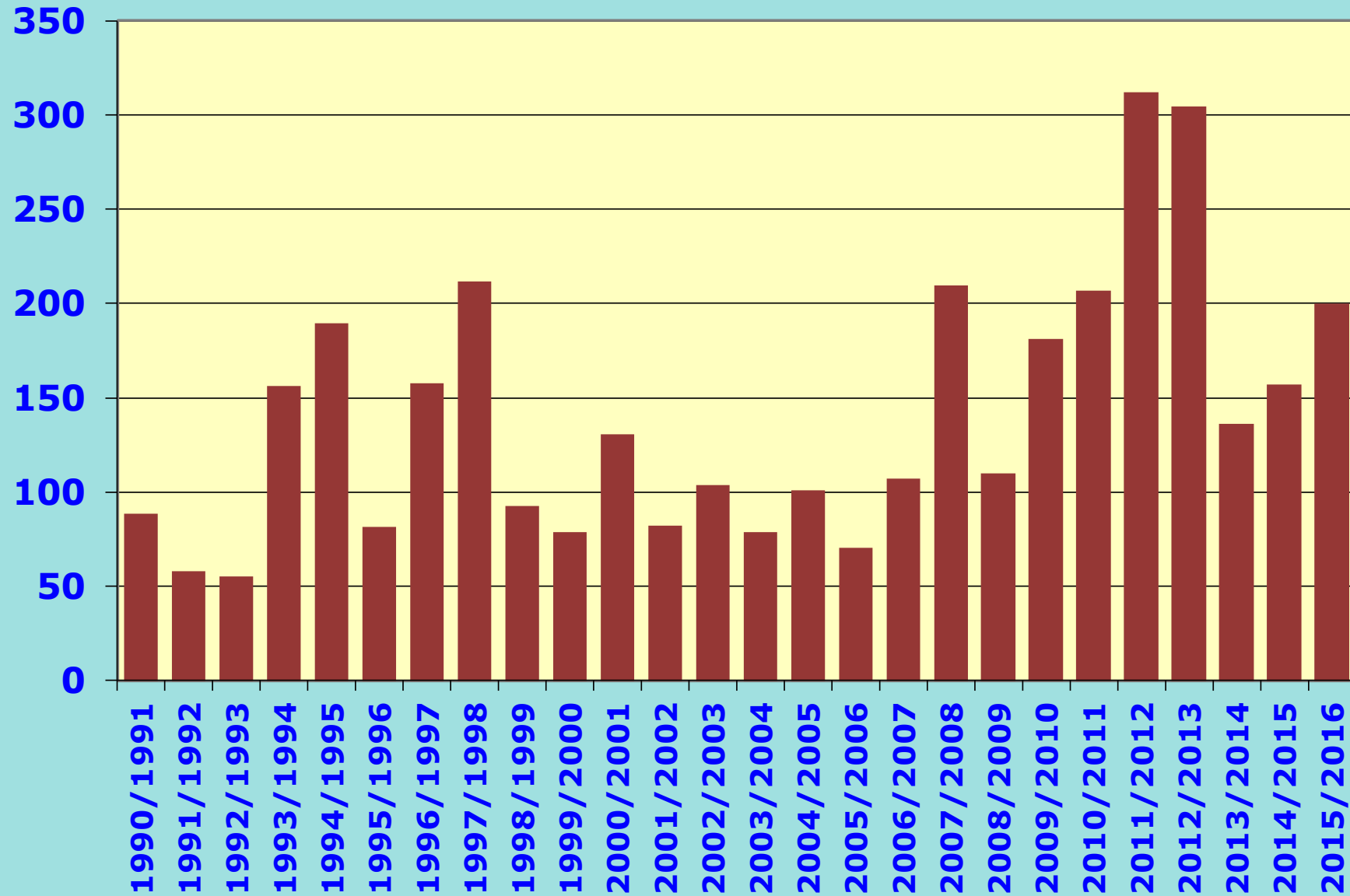
# FEIJÃO: PRODUÇÃO x DEMANDA NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



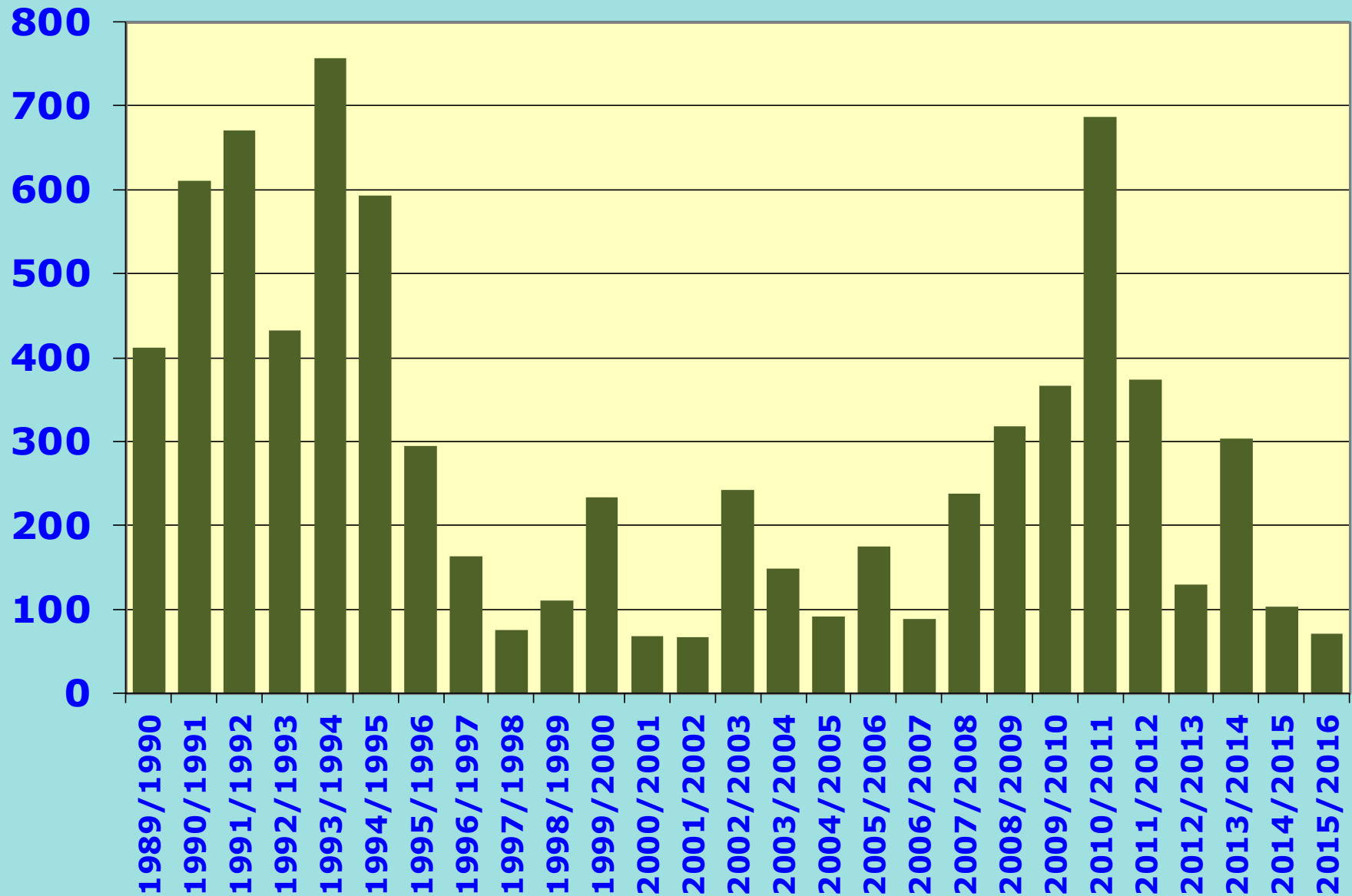
# FEIJÃO: CONSUMO PER CAPITA NO BRASIL - KG/HABITANTE/ANO



# FEIJÃO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL TONELADAS



# FEIJÃO: ESTOQUES DE PASSAGEM NO BRASIL - MIL TONELADAS





# FEIJÃO CARIOCA: PREÇOS FOB PRODUTOR SUDESTE - R\$/SC 60 Kg



## FEIJÃO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS
SISTEMA DE CULTIVO		SEQUEIRO	IRRIGADO	SEQUEIRO	IRRIGADO	SEQUEIRO	IRRIGADO
ITEM	UNIDADE	1ª/2ª SAFRA	3ª SAFRA	1ª/2ª SAFRA	3ª SAFRA	1ª/2ª SAFRA	3ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,66	3,66
SEMENTES	USD/HA	216,88	247,34	124,06	201,50	87,02	90,16
FERTILIZANTES	USD/HA	323,12	398,26	172,56	250,00	135,32	302,13
DEFENSIVOS	USD/HA	162,67	240,74	154,89	255,86	154,92	324,19
MECANIZAÇÃO/IRRIGAÇÃO	USD/HA	0,00	142,35	0,00	91,94	0,00	72,91
OUTROS	USD/HA	313,27	140,58	258,27	181,90	230,12	12,80
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.015,94</b>	<b>1.169,27</b>	<b>709,77</b>	<b>981,20</b>	<b>607,38</b>	<b>802,19</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	178,10	211,16	109,03	266,54	92,07	206,83
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.194,04</b>	<b>1.380,43</b>	<b>818,80</b>	<b>1.247,74</b>	<b>699,45</b>	<b>1.009,02</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>2.722,41</b>	<b>3.147,38</b>	<b>2.636,54</b>	<b>4.017,72</b>	<b>2.559,99</b>	<b>3.693,01</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIações	USD/HA	150,06	161,93	209,40	140,22	159,57	106,28
<b>CUSTO OPERACIONAL (B)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.344,10</b>	<b>1.542,36</b>	<b>1.028,20</b>	<b>1.387,96</b>	<b>859,02</b>	<b>1.115,30</b>
RENDAMENTO DE FATORES	USD/HA	135,43	132,00	220,30	125,57	220,49	108,20
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.479,53</b>	<b>1.674,36</b>	<b>1.248,50</b>	<b>1.513,53</b>	<b>1.079,51</b>	<b>1.223,50</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	28,8	45,6	25,8	43,0	29,2	45,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	1.728	2.736	1.548	2.578	1.750	2.700
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/60 KG</b>	<b>51,37</b>	<b>36,72</b>	<b>48,39</b>	<b>35,23</b>	<b>37,01</b>	<b>27,19</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.373,33</b>	<b>3.817,54</b>	<b>4.020,17</b>	<b>4.873,57</b>	<b>3.951,01</b>	<b>4.478,01</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	41,66	41,66	52,21	47,00	45,00	45,00
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	-9,71	4,94	3,82	11,77	7,99	17,81
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.199,81</b>	<b>1.899,70</b>	<b>1.347,02</b>	<b>2.019,17</b>	<b>1.312,50</b>	<b>2.025,00</b>
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,90	3,90
<b>RECEITA BRUTA (D)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>3.599,42</b>	<b>5.699,09</b>	<b>5.159,08</b>	<b>7.733,43</b>	<b>5.118,75</b>	<b>7.897,50</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-279,72</b>	<b>225,34</b>	<b>98,52</b>	<b>505,64</b>	<b>232,99</b>	<b>801,50</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>226,10</b>	<b>1.881,55</b>	<b>1.138,91</b>	<b>2.859,86</b>	<b>1.167,74</b>	<b>3.419,49</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	6,7%	49,3%	28,3%	58,7%	29,6%	76,4%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO</b>	<b>SACAS/HA</b>	<b>1,9</b>	<b>22,5</b>	<b>7,3</b>	<b>25,2</b>	<b>8,6</b>	<b>34,4</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>5,77</b>	<b>519,27</b>	<b>528,22</b>	<b>771,43</b>	<b>613,05</b>	<b>1.015,98</b>
EBITDA	R\$/HA	877,01	2.551,71	2.522,54	3.715,71	2.558,76	4.204,49
MARGEM EBITDA	%	24,4%	44,8%	48,9%	48,0%	50,0%	53,2%

**CARLOS COGO**  
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



[WWW.CARLOSCOGO.COM.BR](http://WWW.CARLOSCOGO.COM.BR)

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Segundo relatório do Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) de maio, o leilão de venda de algodão na China deve ter reflexo sobre o consumo e a importação chinesa na safra 2015/2016.
- Em abril/2016, o governo chinês anunciou que realizará leilões de estoques entre maio e agosto deste ano, antes do início da colheita da temporada 2016/2017.
- O preço de abertura será atualizado semanalmente, utilizando a média dos valores spot e internacional (Índice Cotlook A).
- Para a safra 2015/2016, estima-se retração de 3% na importação mundial frente à anterior, para 7,4 milhões de toneladas, apesar do aumento nas compradas do Vietnã e de Bangladesh.
- Para a China, a importação poderá ser 40% menor na safra 2015/2016 e, para a safra 2016/2017, estima-se nova queda, de 13%.
- Com a restrição à importação de algodão e as vendas das reservas do governo chinês, o estoque da China poderá totalizar 12 milhões de toneladas na safra 2015/2016, redução de 7% – primeira queda desde a temporada 2010/2011.

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Na safra 2016/2017, espera-se outro recuo dos estoques de algodão da China, de 10% frente à anterior.
- Para os demais países, o estoque total está estimado em 8,4 milhões de toneladas na safra 2015/2016, retração de 7% - já na próxima temporada, estima-se recuperação de 2% (8,7 milhões de toneladas).
- Depois de cair 3% em 2015/2016, o consumo mundial deverá se manter em 23,7 milhões de toneladas em 2016/2017, com expectativa de que o preço de poliéster permaneça bem abaixo do valor do algodão.
- Na China, maior consumidor global, estima-se queda de 5% (cada uma) nas safras 2015/2016 e 2016/2017, devido à desaceleração econômica.
- Depois da área mundial de cultivo recuar 8,3% na safra 2015/2016, deverá haver ligeira expansão de 1,3% em 2016/2017, para 31,4 milhões de hectares.
- A produção mundial 2015/2016 está estimada em 21,98 milhões de toneladas, retração de 15,3%.
- Para 2016/2017, a projeção é de um aumento de 4,5%, para 22,98 milhões de toneladas.

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- No mercado interno, o ritmo de negócios envolvendo o algodão se mantém elevado neste mês de maio, mas o movimento de alta nos preços da pluma se enfraqueceu.
- As recentes quedas nos valores externos (Bolsa de Nova York) e do Cotlook A fizeram com que tradings voltassem ao mercado, ofertando a pluma, cenário que freou as fortes valorizações que vinham sendo verificadas no mercado interno há mais de um mês.
- Além disso, alguns comerciantes e produtores também estão mais flexíveis, cedendo nos valores pedidos.
- Do lado comprador, as indústrias seguem ativas no mercado, adquirindo vários lotes de pequenos volumes, para entregas rápidas, em maio.
- Mesmo se queixando da qualidade da pluma disponível, compradores e vendedores ativos acordaram quanto aos preços e prazos de pagamento, que, neste caso, teve média de 10 dias na última semana.
- No acumulado deste mês de maio, o Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias, referente à pluma 41-4, posta em São Paulo, subiu 0,5%, para R\$ 2,69 por libra-peso.

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- A média parcial de maio do Indicador está 25,4% acima da paridade de exportação – maior percentual desde o final de 2013.
- A paridade de exportação FAS (Free Alongside Ship) Porto de Paranaguá (PR) é de R\$ 2,15 por libra-peso, com base no Índice Cotlook A (referente à pluma posta no Extremo Oriente).
- Neste início de maio, ocorrem várias negociações para entregas em junho e também para embarque no segundo semestre de 2016, considerando-se as safras 2014/2015 e 2015/2016.
- Os lotes são firmados a preços fixos ou com base no Indicador.
- A safra brasileira de algodão 2015/2016 está estimada em 1,44 milhão de toneladas, 7,8% menor que a da safra anterior (2014/2015).
- A área de cultivo está 1,6% menor na mesma comparação, pressionada pelos estados do Nordeste.
- Em Mato Grosso, maior produtor nacional, a área semeada permaneceu estável na safra 2015/2016 e a produção poderá ser 3,2% maior que na temporada anterior, sendo de 951,4 mil toneladas.

## **ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017**

- Para a Bahia, segundo maior estado produtor, houve forte redução na área semeada nesta safra, de 14,4% frente à temporada 2014/2015.
- A produção está estimada em 303,8 mil toneladas, expressiva retração de 30,1%, e algumas lavouras já apresentam flores e maçãs.
- Em abril, as exportações brasileiras de pluma recuaram pelo quarto mês consecutivo: as 40,9 mil toneladas embarcadas em abril estiveram 46,6% menores que as de março e 25% abaixo das de abril/2015.
- O faturamento foi de US\$ 58,1 milhões, 47,7% menor que o de março.
- O preço médio de exportação em abril foi de 64,51 centavos de dólar por libra-peso, 2% inferior ao do mês anterior.
- Na Bolsa de Nova York (ICE Futures), todos os contratos com vencimentos em 2016 acumularam forte queda neste início de maio.
- Os fatores de pressão foram a menor demanda pela pluma norte-americana e os leilões de vendas de algodão chinês.
- No acumulado de maio, o contrato Maio/2016 se desvalorizou 3,3%, para 61,63 centavos de dólar por libra-peso.



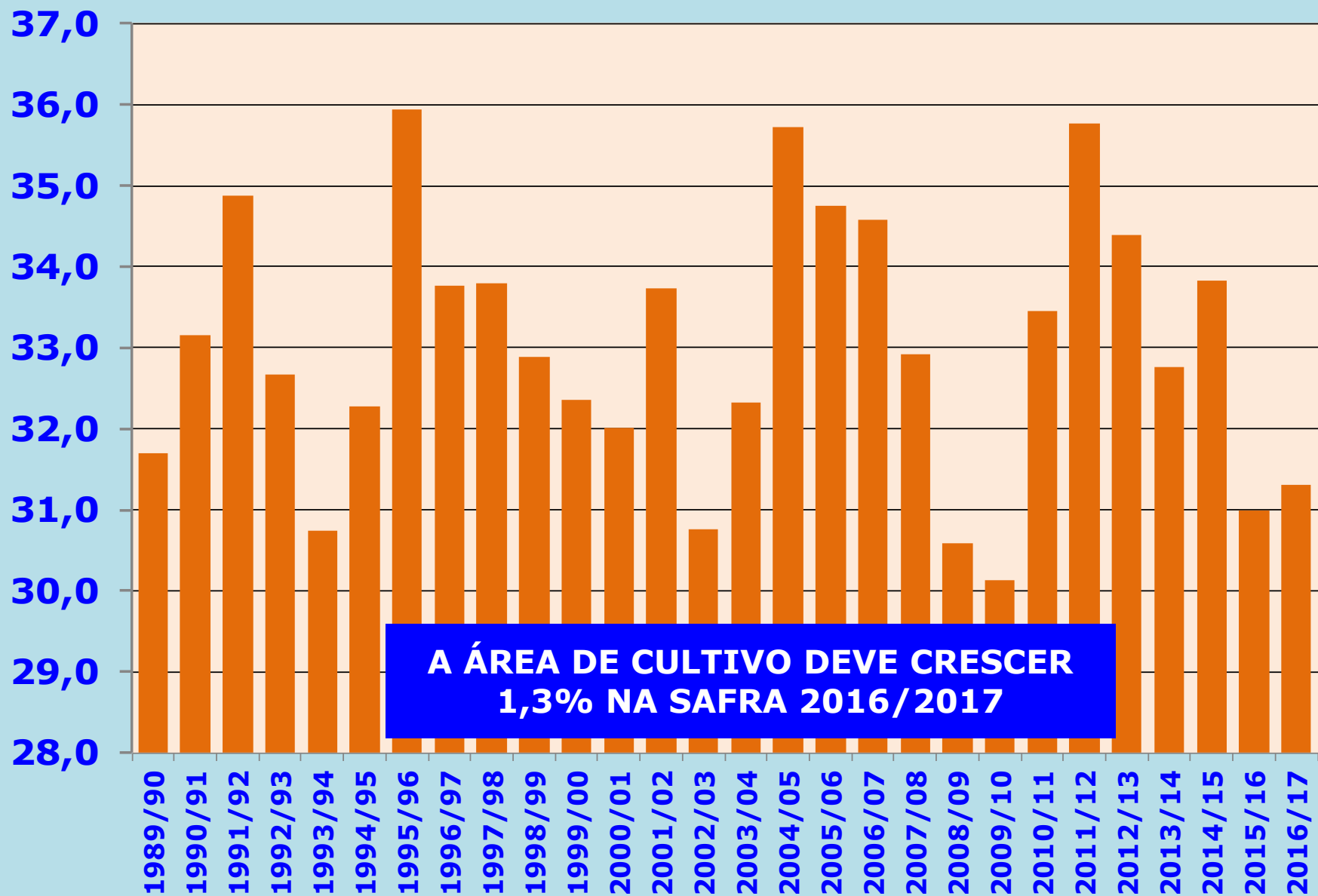
**ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL**  
**EM MILHÕES DE TONELADAS**

<b>ANO SAFRA</b>	<b>PRODUÇÃO MUNDIAL</b>	<b>CONSUMO MUNDIAL</b>	<b>EXPORTAÇÕES TOTAIS</b>	<b>ESTOQUES FINAIS</b>	<b>ESTOQUES/ CONSUMO</b>
1993/1994	16,770	18,593	5,830	5,825	31,3%
1994/1995	18,690	18,451	6,180	6,498	35,2%
1995/1996	20,260	18,722	6,040	7,960	42,5%
1996/1997	19,506	19,165	5,850	8,680	45,3%
1997/1998	19,980	19,010	5,820	9,600	50,5%
1998/1999	18,570	18,440	5,150	10,470	56,8%
1999/2000	19,050	19,820	5,950	9,930	50,1%
2000/2001	19,440	18,840	5,750	9,720	51,6%
2001/2002	21,490	20,280	6,150	10,500	51,8%
2002/2003	19,290	21,130	6,580	8,613	40,8%
2003/2004	21,130	21,660	7,240	8,830	40,8%
2004/2005	26,468	23,492	7,623	13,188	56,1%
2005/2006	25,359	25,425	9,785	13,464	53,0%
2006/2007	26,522	26,954	8,160	13,557	50,3%
2007/2008	26,050	26,485	8,503	13,260	50,1%
2008/2009	23,365	23,987	6,619	13,391	55,8%
2009/2010	22,258	25,813	7,750	10,914	42,3%
2010/2011	25,602	25,208	7,666	11,035	43,8%
2011/2012	27,743	22,666	10,029	16,202	71,5%
2012/2013	26,971	23,598	10,131	19,974	84,6%
2013/2014	26,216	23,933	8,886	22,442	93,8%
2014/2015	25,942	24,015	7,702	24,422	101,7%
2015/2016	21,980	23,700	7,410	20,330	85,8%
2016/2017	22,980	23,700	7,499	19,610	82,7%
<b>16-17/15-16 (%)</b>	<b>4,5%</b>	<b>0,0%</b>	<b>1,2%</b>	<b>-3,5%</b>	<b>-3,5%</b>

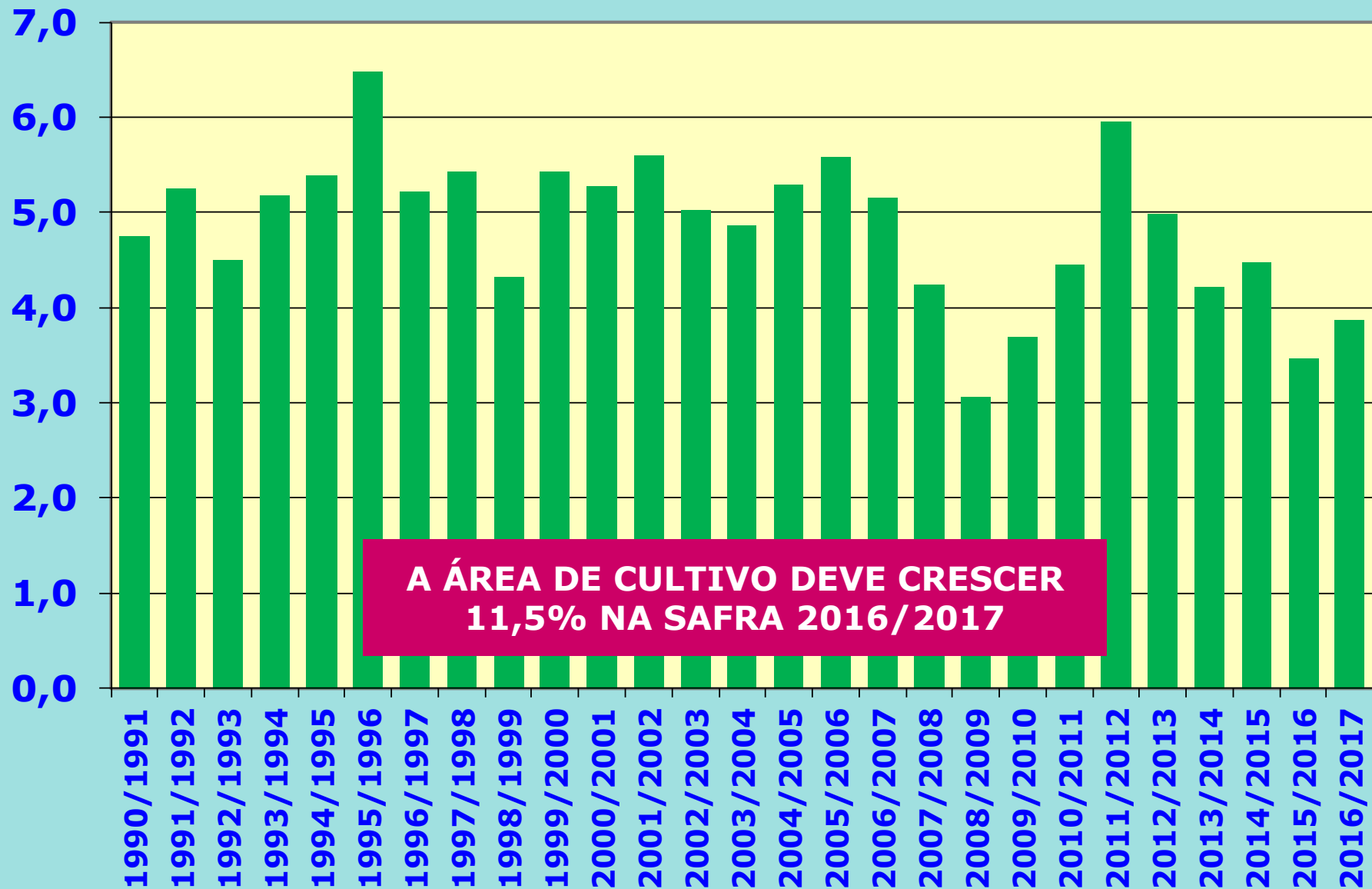
Fontes: USDA MAIO/2016 e ICAC MAIO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

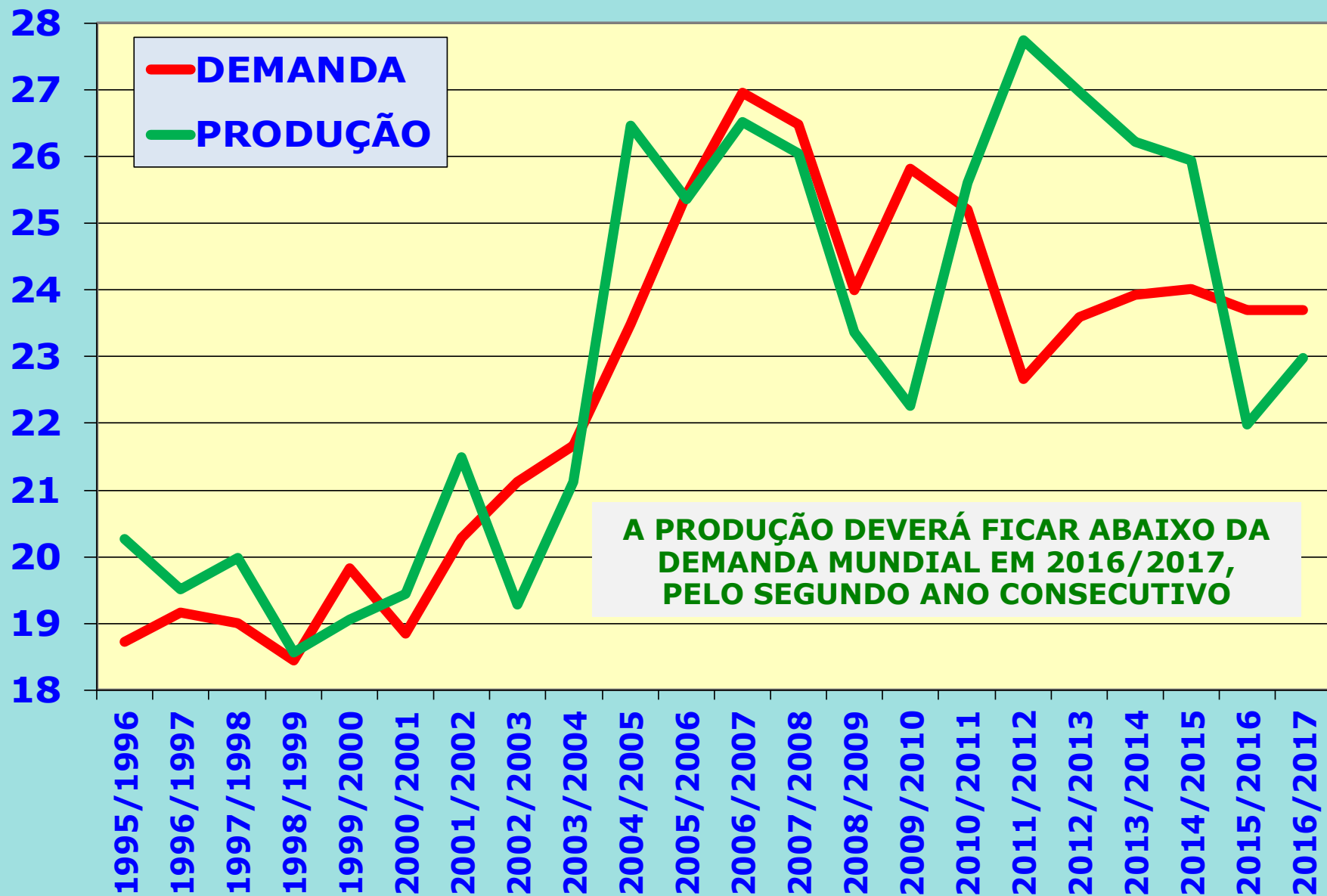
# ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL MILHÕES DE HECTARES



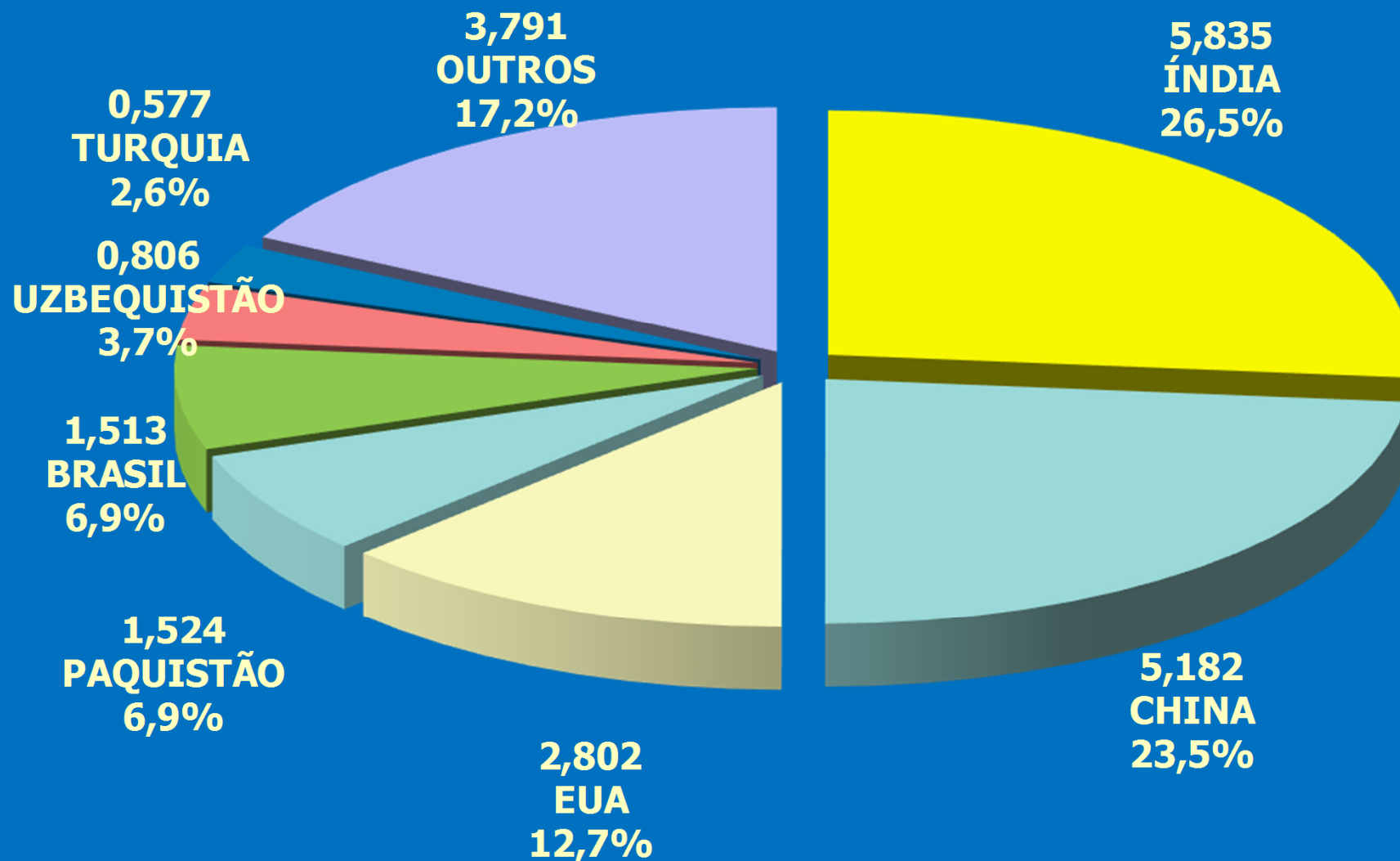
# EUA: ÁREA DE CULTIVO DE ALGODÃO MILHÕES DE HECTARES



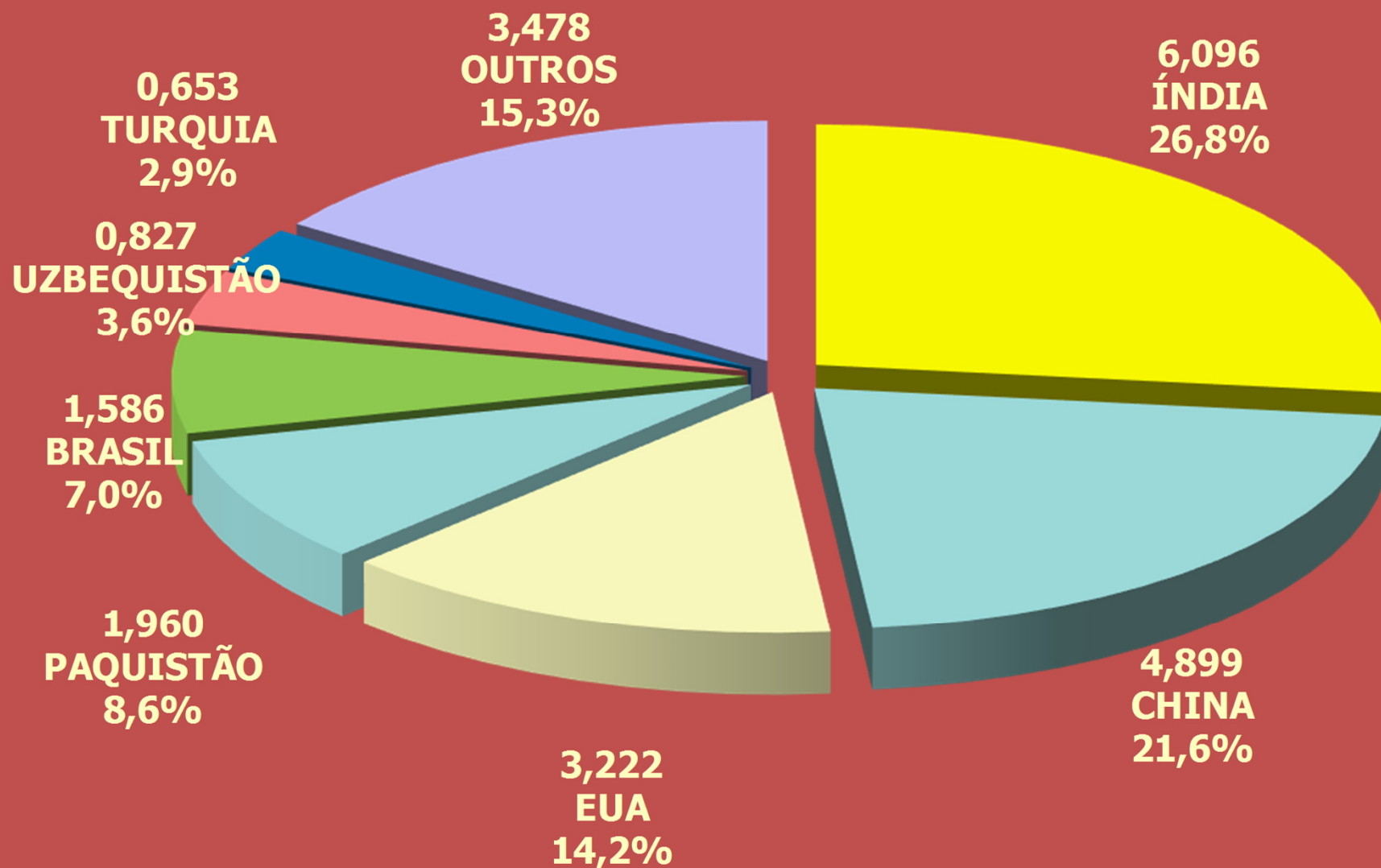
# ALGODÃO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL DE PLUMA - MILHÕES T



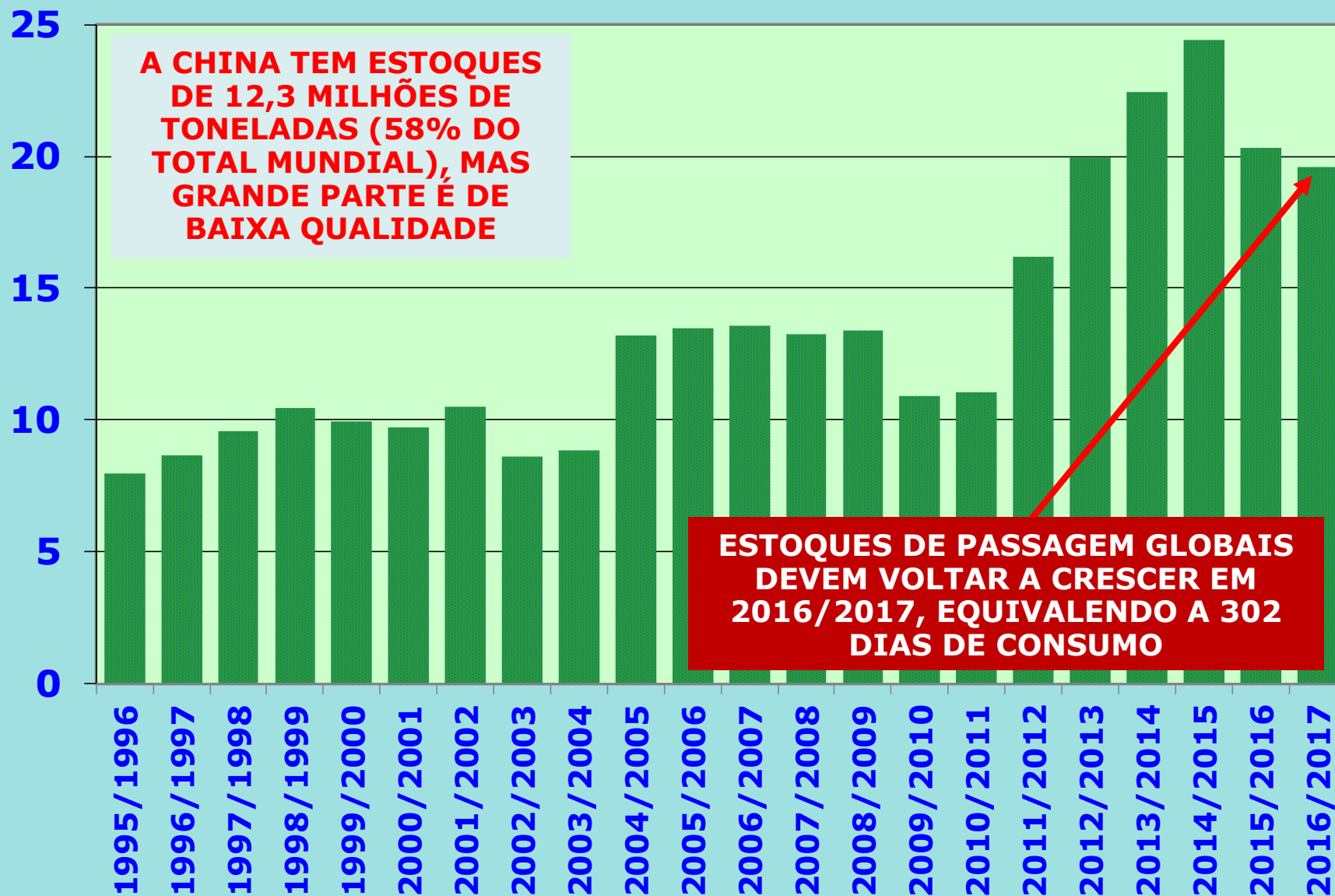
# ALGODÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL NA SAFRA 2015/2016 - MILHÕES T E % DO TOTAL



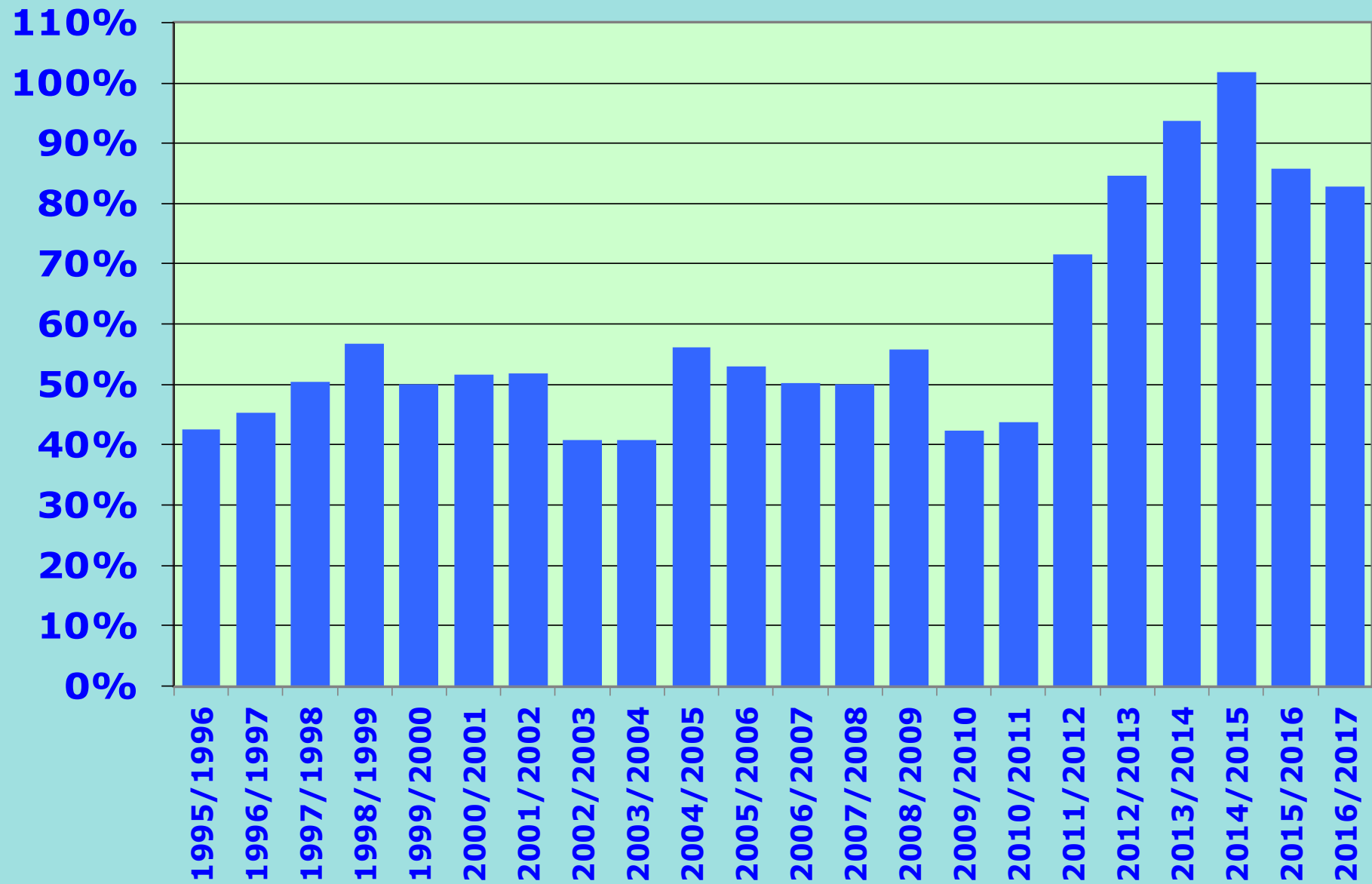
# ALGODÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL NA SAFRA 2016/2017 - MILHÕES T E % DO TOTAL



# ALGODÃO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES T

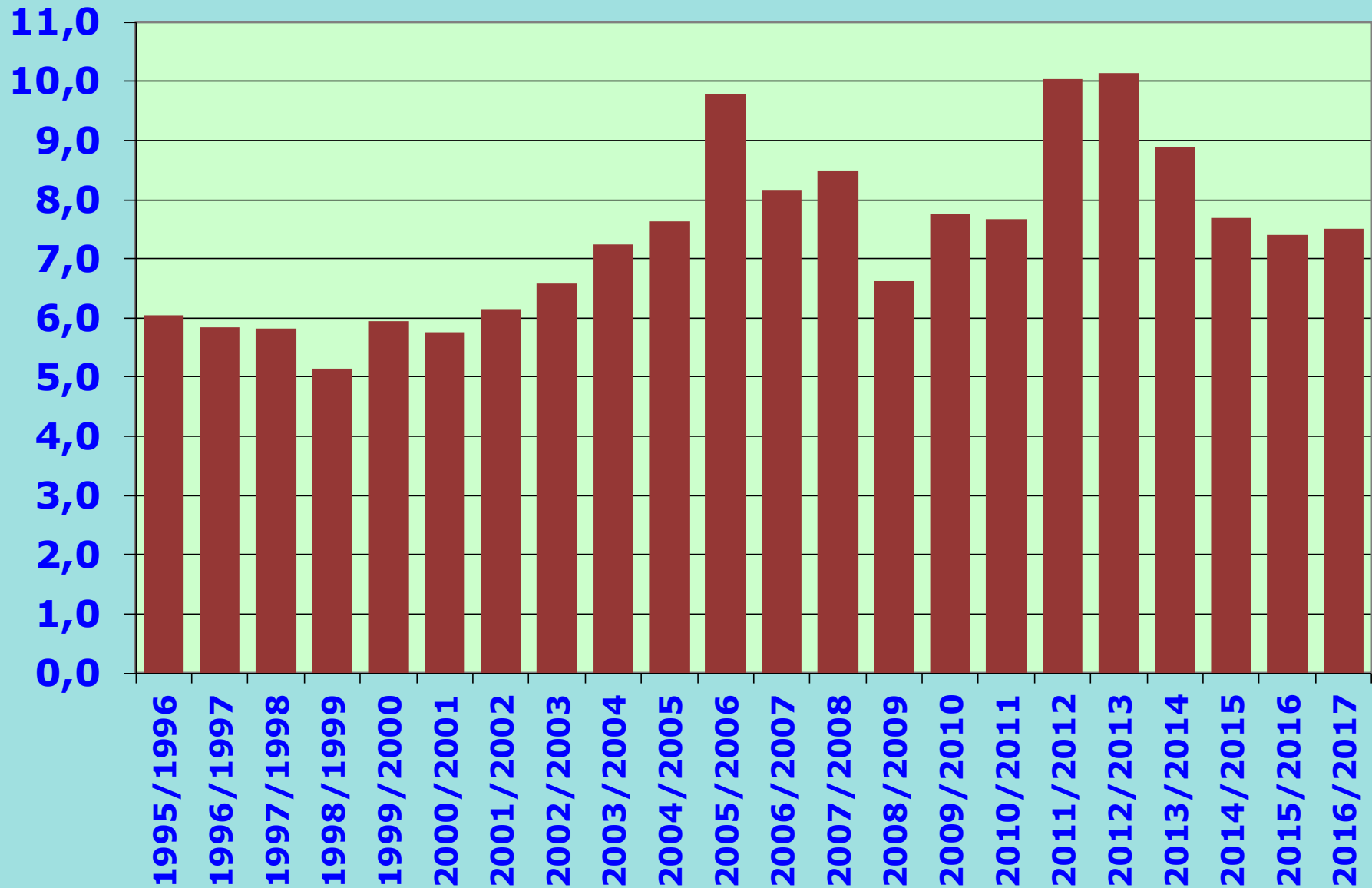


# ALGODÃO: RELAÇÃO ESTOQUES/CONSUMO MUNDIAL

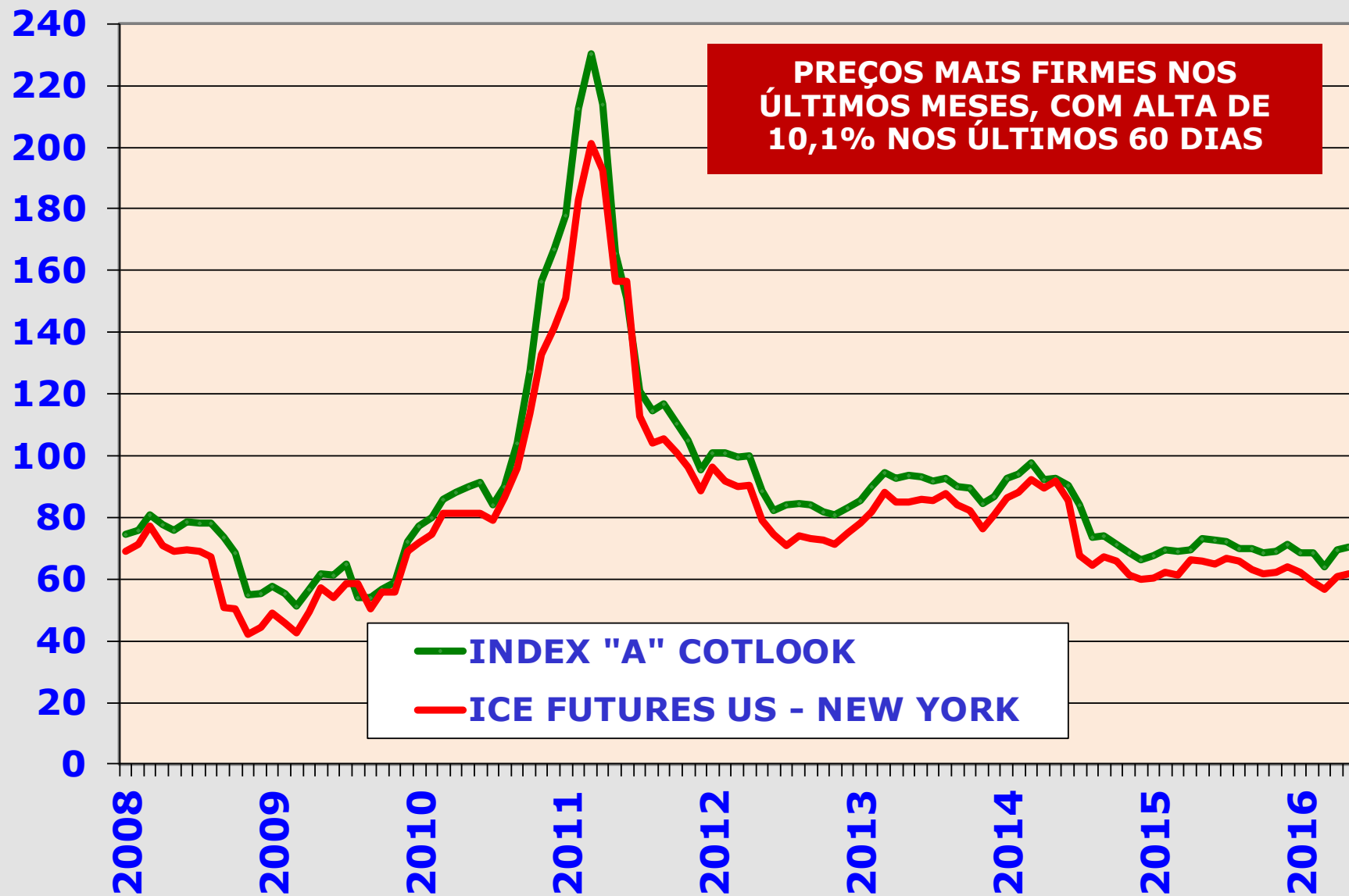




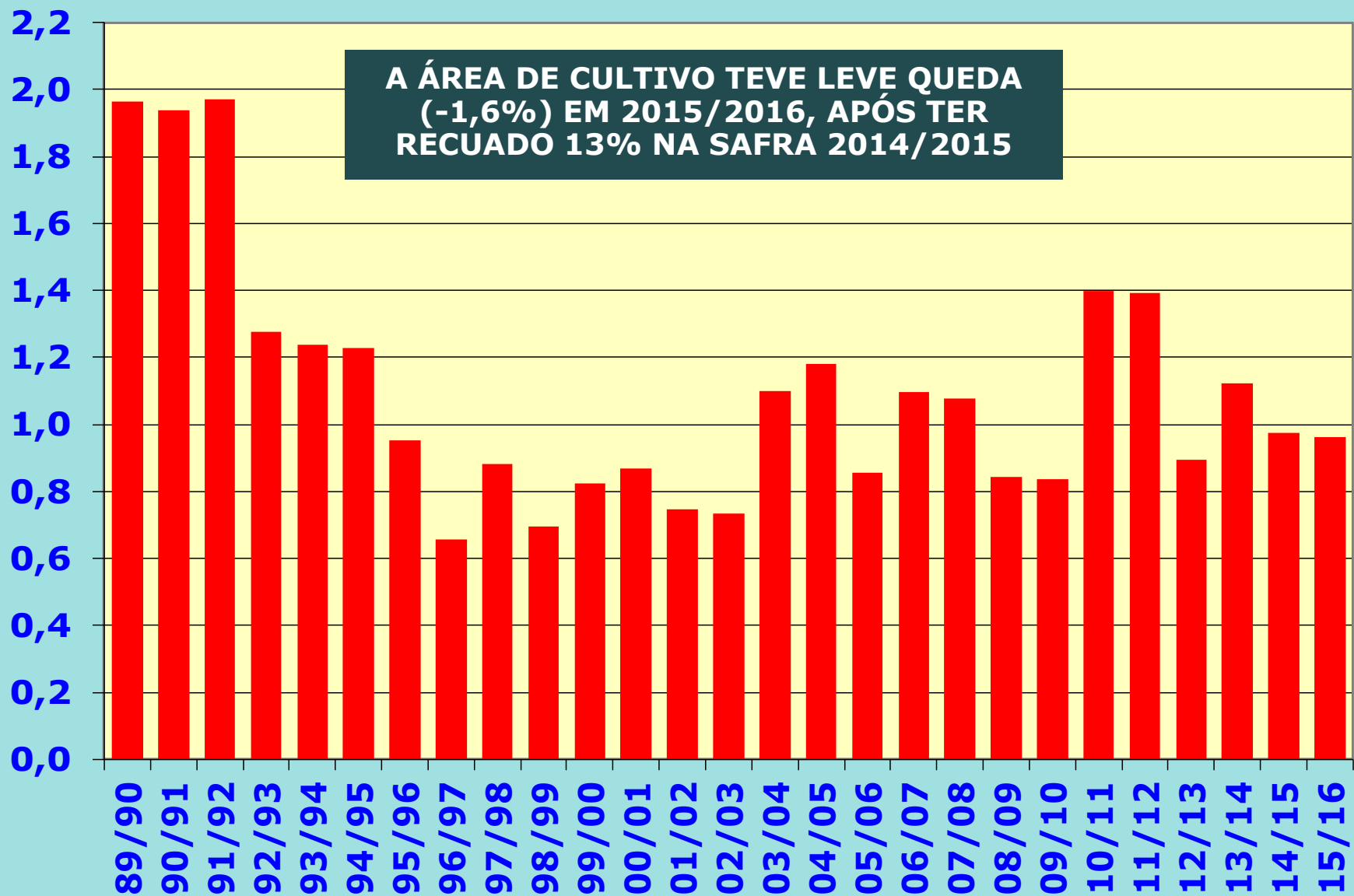
# ALGODÃO: COMÉRCIO MUNDIAL DE PLUMA EM MILHÕES DE TONELADAS



# ALGODÃO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES INDEX "A" COTLOOK x ICE FUTURES US (NEW YORK) ¢/LIBRA-PESO







# ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL MILHÕES DE HECTARES



# ALGODÃO

## CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
<b>Norte</b>												
TO			█	█	█				█	█		
<b>Nordeste</b>												
MA			█	█	█				█	█	█	█
PI			█	█	█				█	█	█	█
CE				█	█	█			█	█	█	
RN	█			█	█	█			█	█	█	█
PB	█				█	█	█	█	█	█	█	█
PE	█	█			█	█	█	█	█	█	█	█
AL	█						█	█	█			█
BA		█	█	█	█			█	█	█	█	█
<b>Centro-Oeste</b>												
MT			█	█					█	█	█	█
MS		█	█	█			█	█	█	█	█	
GO		█	█	█					█	█	█	
<b>Sudeste</b>												
MG		█	█	█			█	█	█	█	█	█
SP	█	█	█			█	█	█	█	█		
<b>Sul</b>												
PR	█	█	█			█	█	█				



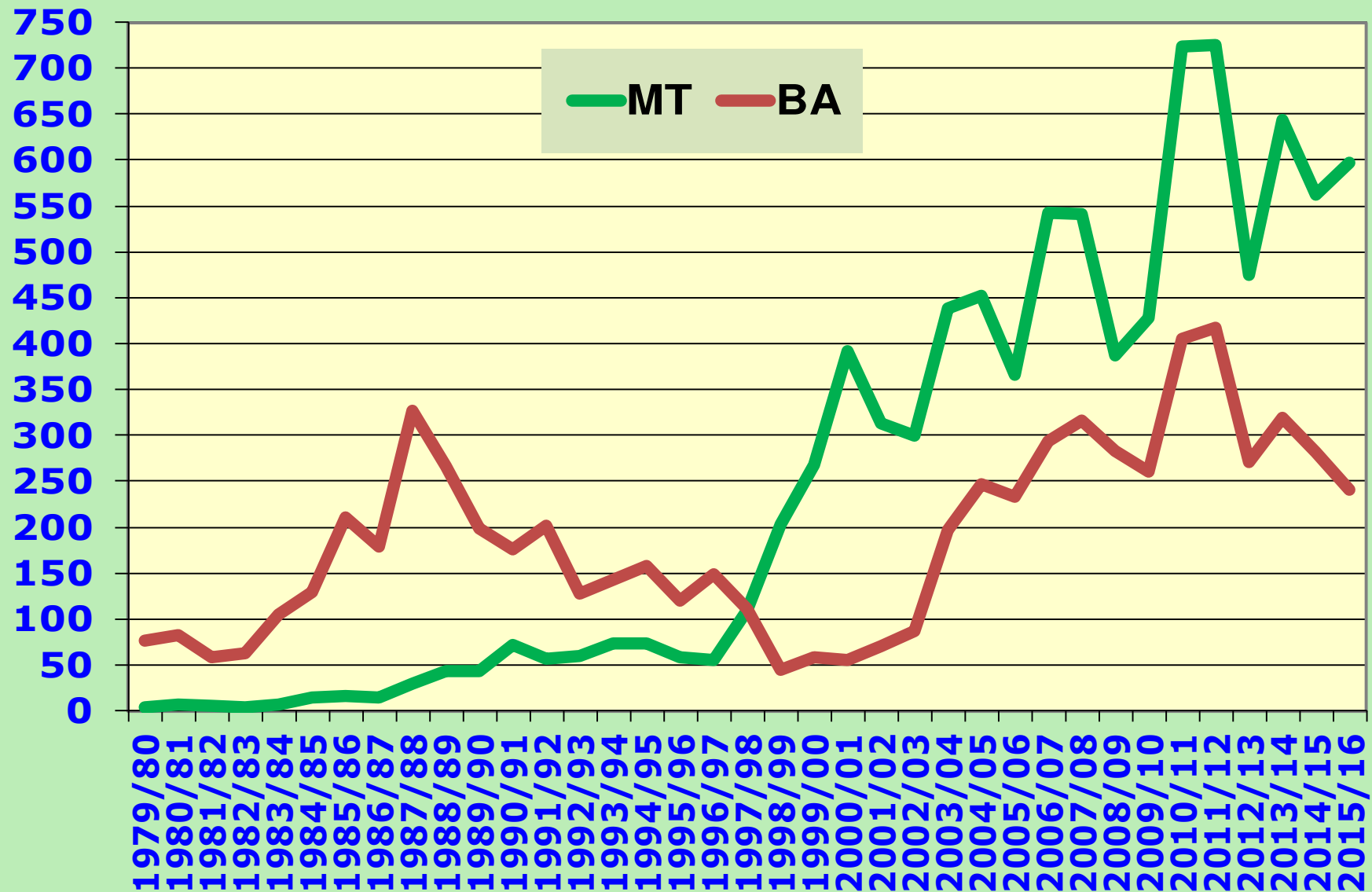
**P = PLANTIO**

**C = COLHEITA**

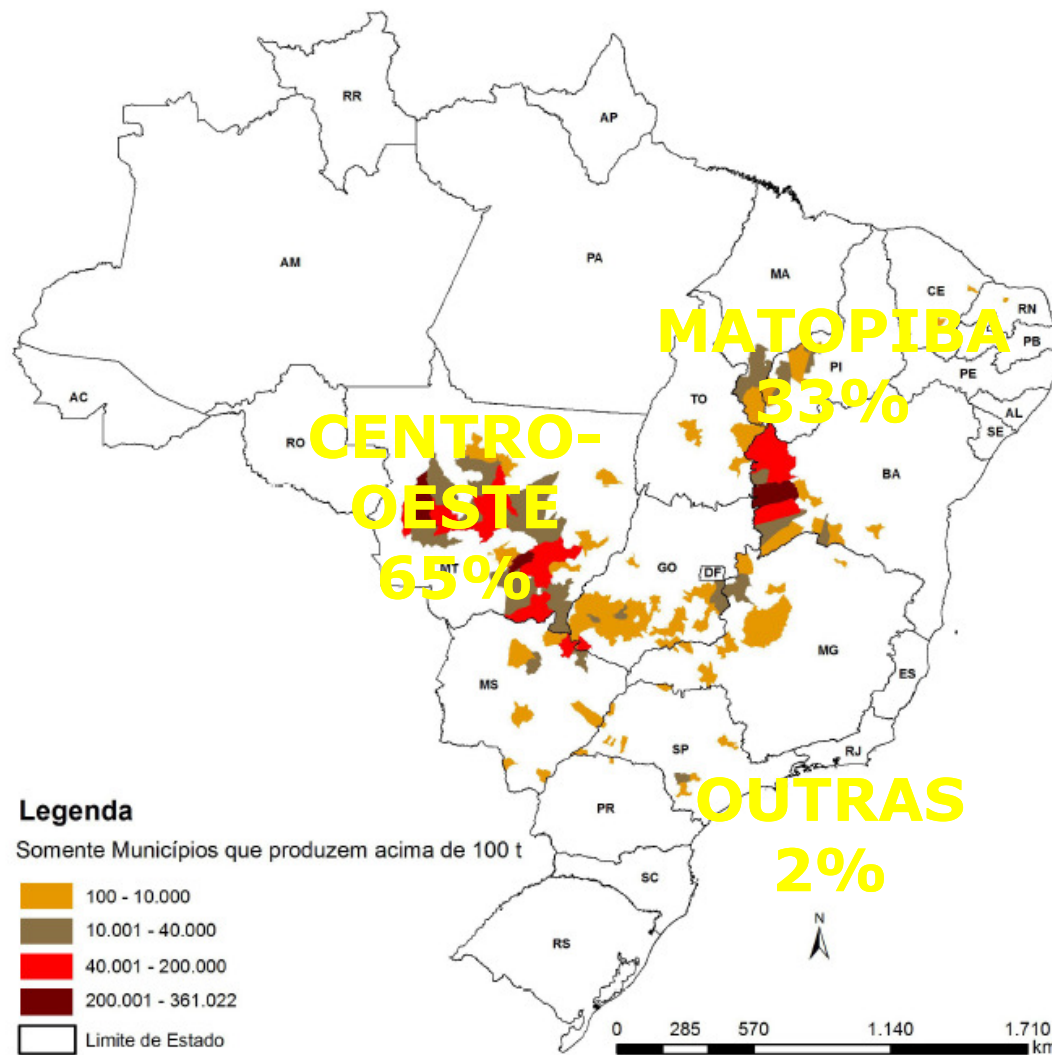
**P/C = PLANTIO E COLHEITA**

Legenda: █ Plantio █ Colheita

# ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO MATO GROSSO E BAHIA - MIL HA



## ALGODÃO: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016

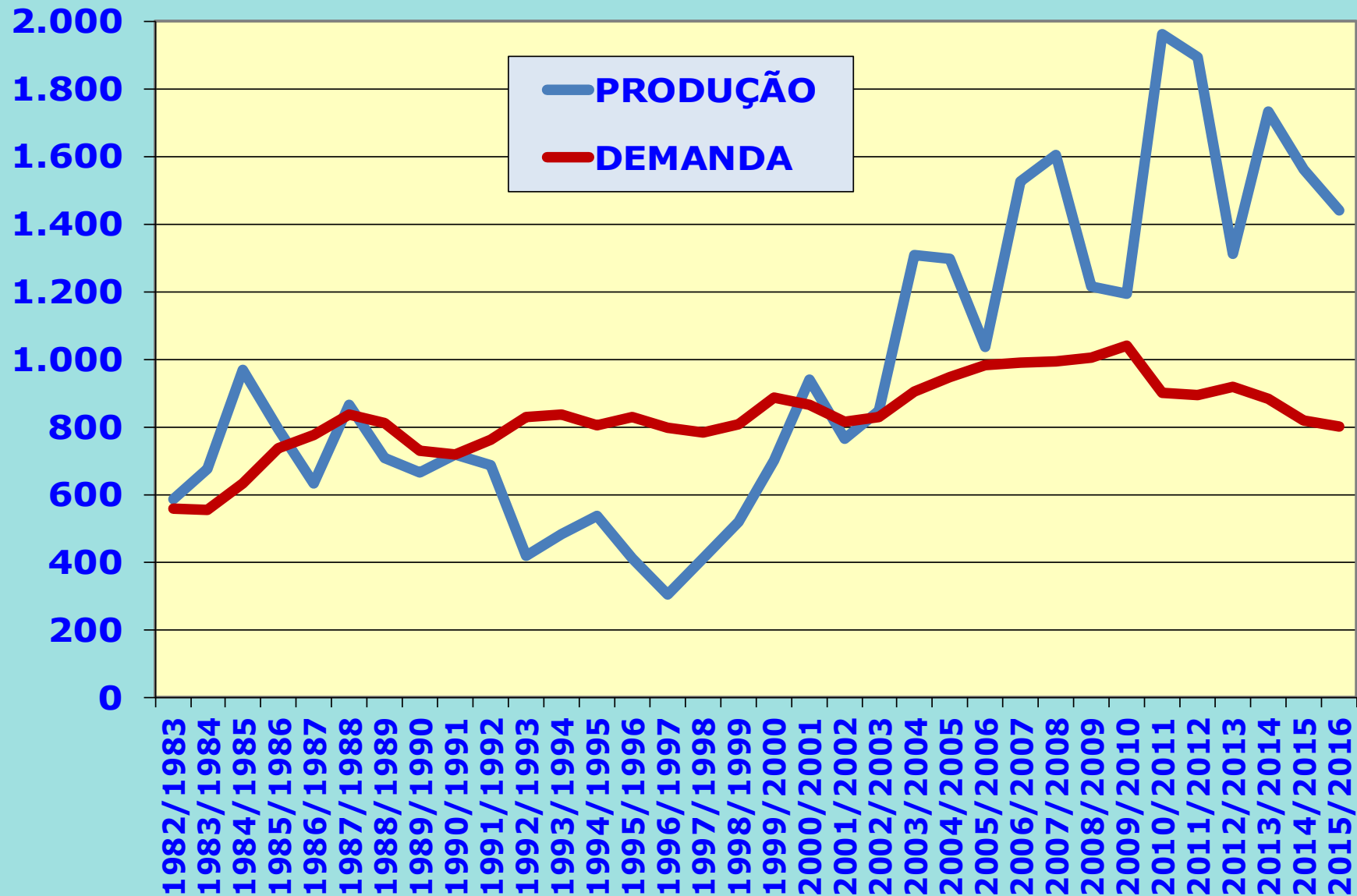


## ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

EM MIL TONELADAS BASE PLUMA

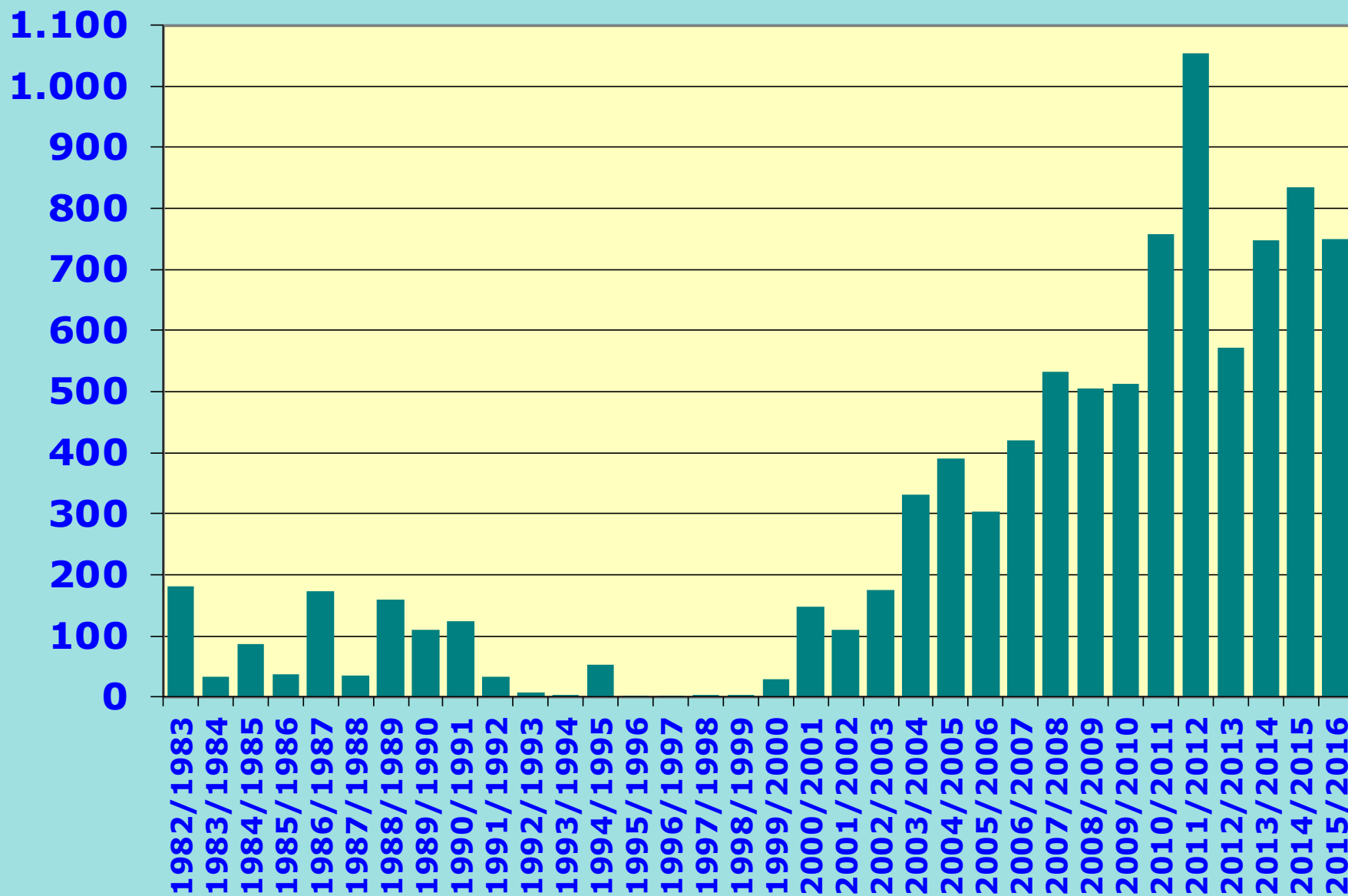
ANO SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO PLUMA	IMPORTAÇÃO PLUMA	SUPRIMENTO TOTAL	CONSUMO TOTAL	EXPORTAÇÃO PLUMA	ESTOQUE PASSAGEM
1982/1983	460,7	586,3	2,4	1.049,4	556,7	180,2	312,5
1983/1984	312,5	674,5	7,8	994,8	555,2	32,3	407,3
1984/1985	407,3	968,8	20,5	1.396,6	631,4	86,6	678,6
1985/1986	678,6	793,4	67,4	1.539,4	736,6	36,6	766,2
1986/1987	766,2	633,4	30,0	1.429,6	774,7	174,0	480,9
1987/1988	480,9	863,6	81,0	1.425,5	838,0	35,0	552,5
1988/1989	552,5	709,3	132,1	1.393,9	810,0	160,0	423,9
1989/1990	423,9	665,7	86,1	1.175,7	730,0	110,6	335,1
1990/1991	335,1	717,0	105,9	1.158,0	718,1	124,3	315,6
1991/1992	315,6	687,1	167,8	1.170,5	761,6	33,8	375,1
1992/1993	375,1	420,2	501,2	1.296,5	829,6	7,4	459,5
1993/1994	459,5	483,1	367,3	1.309,9	836,6	4,3	469,0
1994/1995	469,0	537,0	284,3	1.290,3	803,7	52,5	434,1
1995/1996	434,1	410,1	472,0	1.316,2	829,1	1,6	485,5
1996/1997	485,5	305,7	438,5	1.229,7	798,7	0,3	430,7
1997/1998	430,7	411,0	334,4	1.176,1	782,9	3,1	390,1
1998/1999	390,1	520,1	280,3	1.190,5	806,5	3,9	380,1
1999/2000	380,1	700,3	299,9	1.380,3	885,0	28,5	466,8
2000/2001	466,8	938,8	81,3	1.486,9	865,0	147,3	474,6
2001/2002	474,6	766,2	67,6	1.308,4	815,0	109,6	383,8
2002/2003	383,8	847,5	118,9	1.350,2	830,0	175,4	344,8
2003/2004	344,8	1.309,4	105,2	1.759,4	903,4	331,0	525,0
2004/2005	525,0	1.298,7	37,6	1.861,3	945,9	391,0	524,4
2005/2006	524,4	1.037,8	81,6	1.643,8	983,4	304,5	355,9
2006/2007	355,9	1.524,0	96,8	1.976,7	990,0	419,4	567,3
2007/2008	567,3	1.602,2	33,7	2.203,2	995,3	532,9	675,0
2008/2009	675,0	1.213,7	14,5	1.903,2	1.004,1	504,9	394,2
2009/2010	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
2010/2011	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
2011/2012	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
2012/2013	470,5	1.310,2	17,4	1.798,1	920,2	572,8	305,1
2013/2014	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
2014/2015	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
2015/2016	349,1	1.441,1	5,0	1.795,2	800,0	750,0	245,2
VAR. 2015/2014	43,7%	-9,9%	-93,3%	-3,2%	-7,2%	11,4%	-20,4%
VAR. 2016/2015	-20,4%	-7,8%	138,1%	-10,4%	-2,4%	-10,1%	-29,8%

# ALGODÃO: PRODUÇÃO x DEMANDA BRASIL EM MIL T BASE PLUMA

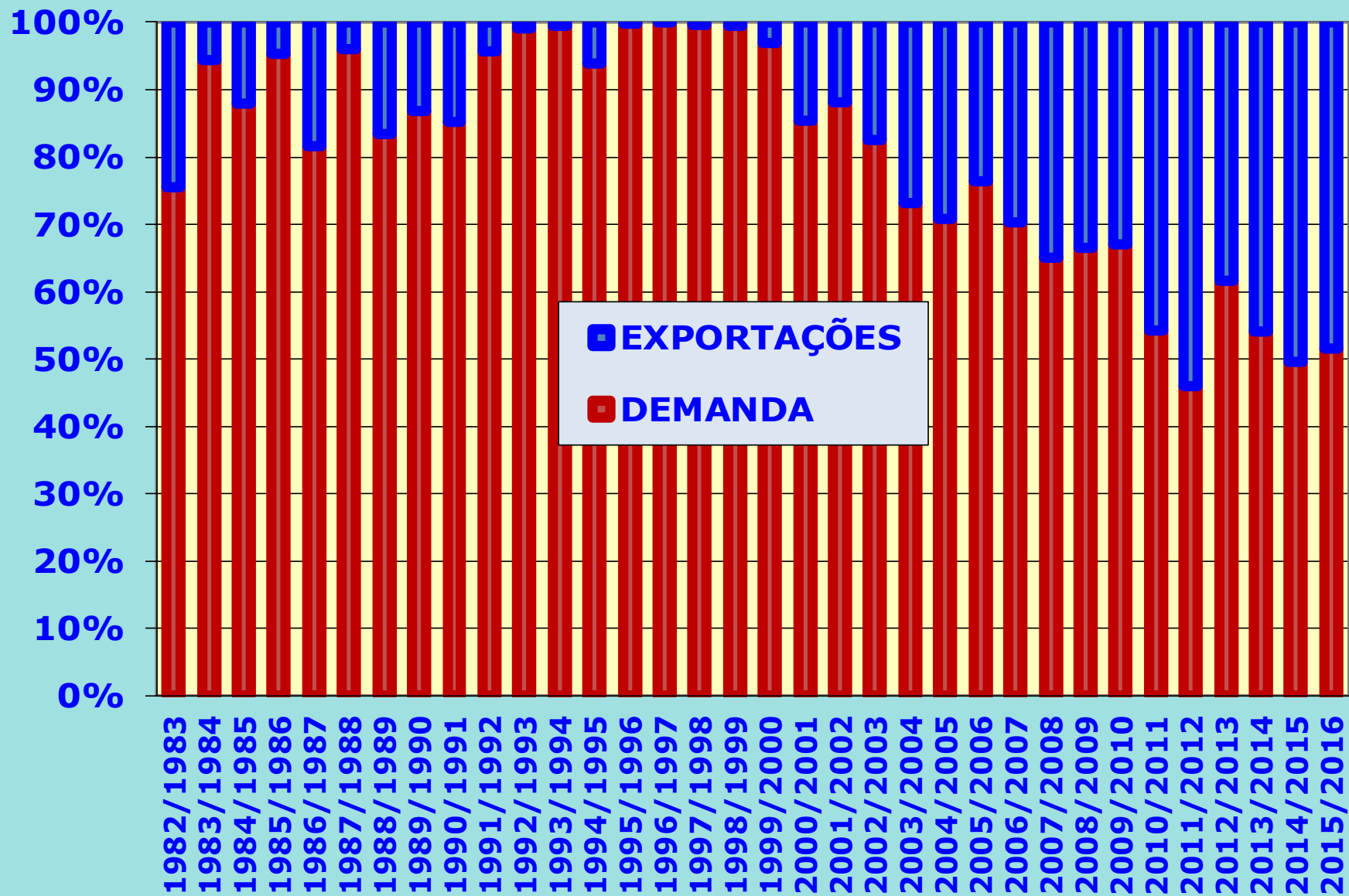




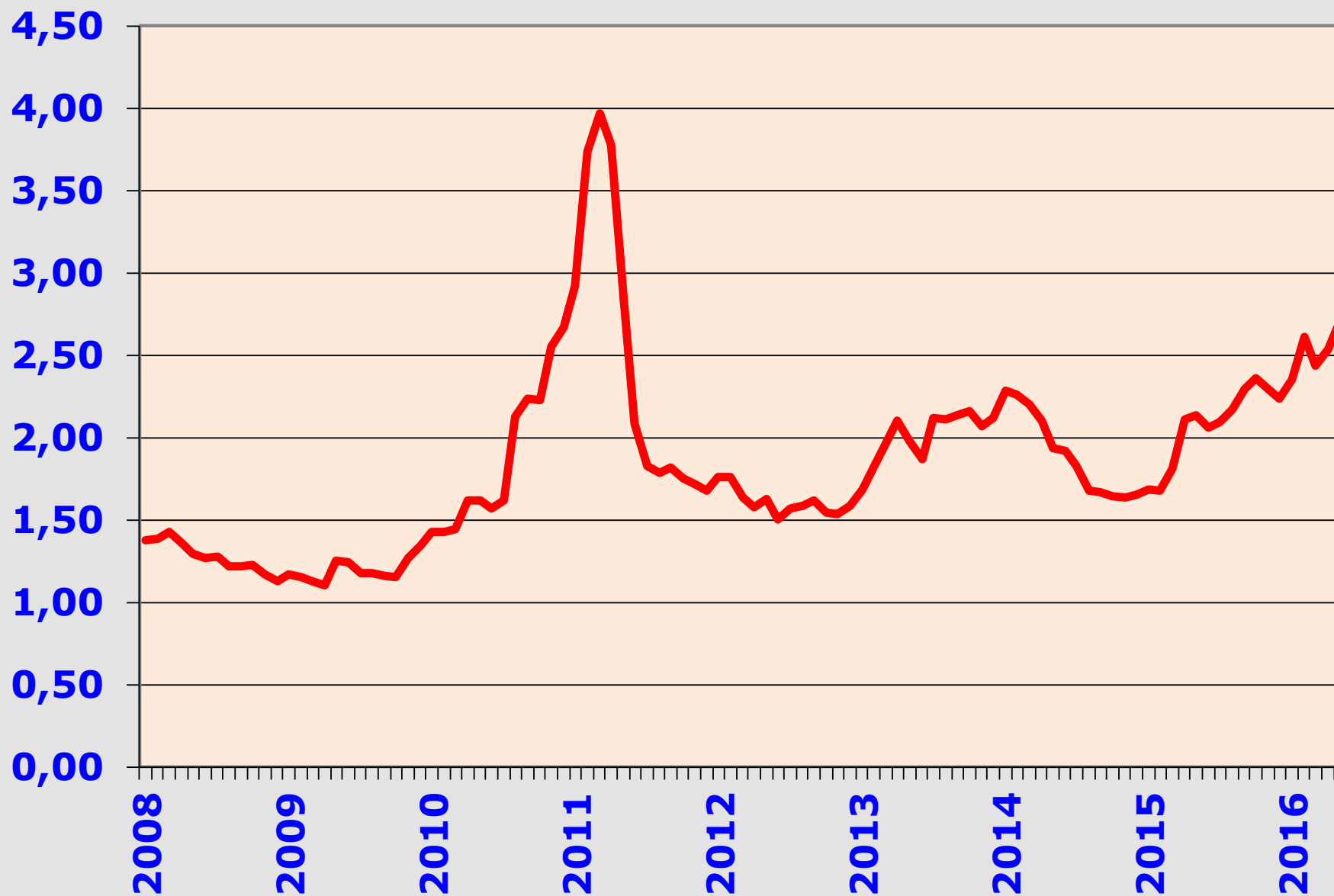
# ALGODÃO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MIL T PLUMA



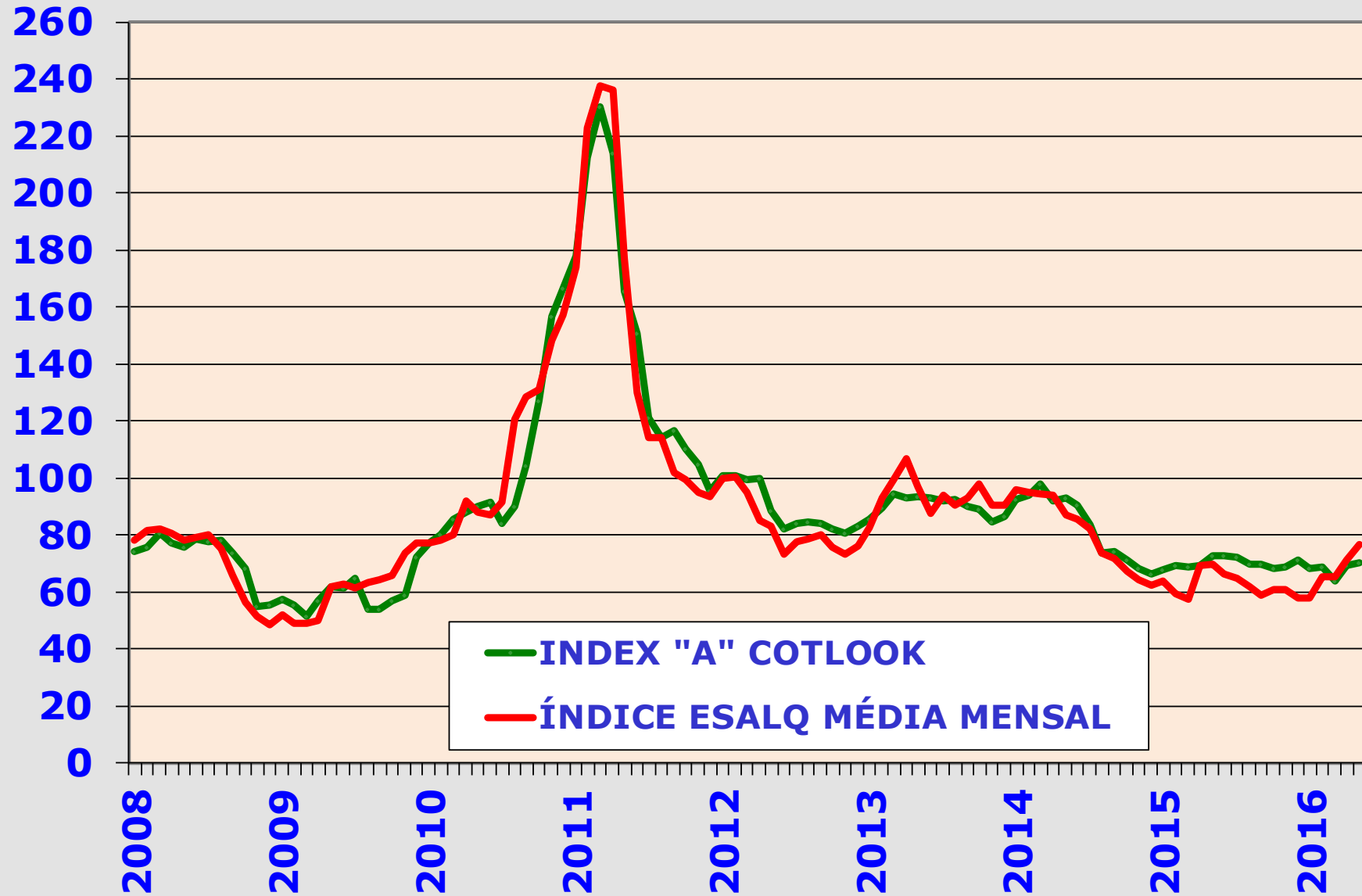
# ALGODÃO: DEMANDA INTERNA x EXPORTAÇÕES NO BRASIL (%)



## ALGODÃO: EVOLUÇÃO DO INDICADOR ESALQ MÉDIA MENSAL - R\$/LIBRA-PESO



# ALGODÃO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES INDEX "A" COTLOOK x ÍNDICE ESALQ MÉDIA MENSAL ¢/LIBRA-PESO



## ALGODÃO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		MT/MS/GO	OESTE BA	MT/MS/GO	OESTE BA	MT/MS/GO	OESTE BA
ITEM	UNIDADE	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,66	3,66
SEMENTES	USD/HA	176,62	188,50	121,12	108,07	220,10	156,73
FERTILIZANTES	USD/HA	521,05	500,70	430,43	592,34	426,01	334,17
DEFENSIVOS	USD/HA	1.013,15	1.120,48	934,70	1.035,90	913,41	715,24
OUTROS	USD/HA	172,51	392,98	182,64	155,96	96,98	218,42
<b>CUSTEIO DA LAVOURA</b>	<b>USD/HA</b>	<b>1.883,33</b>	<b>2.202,66</b>	<b>1.668,89</b>	<b>1.892,27</b>	<b>1.656,50</b>	<b>1.424,56</b>
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	807,89	571,60	367,83	422,87	562,05	451,08
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>2.691,22</b>	<b>2.774,26</b>	<b>2.036,72</b>	<b>2.315,14</b>	<b>2.218,55</b>	<b>1.875,64</b>
<b>CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>6.135,98</b>	<b>6.325,31</b>	<b>6.558,24</b>	<b>7.454,75</b>	<b>8.119,89</b>	<b>6.864,84</b>
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIACIONES	USD/HA	87,28	266,76	182,60	147,13	67,61	160,24
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	2.778,50	3.041,02	2.219,32	2.462,27	2.286,16	2.035,88
RENDIA DE FATORES	USD/HA	89,04	237,98	159,26	146,74	59,98	283,36
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>2.867,54</b>	<b>3.279,00</b>	<b>2.378,58</b>	<b>2.609,01</b>	<b>2.346,14</b>	<b>2.319,24</b>
PRODUTIVIDADE MÉDIA - ARROBAS PLUMA/HA		102,7	105,6	103,3	103,3	103,3	103,3
PRODUTIVIDADE MÉDIA - KG PLUMA/HA		1.540	1.584	1.550	1.550	1.550	1.550
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/ARROBA</b>	<b>27,93</b>	<b>31,05</b>	<b>23,02</b>	<b>25,25</b>	<b>22,70</b>	<b>22,44</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>USD/LIBRA-PESO</b>	<b>0,84</b>	<b>0,94</b>	<b>0,70</b>	<b>0,76</b>	<b>0,69</b>	<b>0,68</b>
<b>CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>6.537,99</b>	<b>7.476,12</b>	<b>7.659,03</b>	<b>8.401,01</b>	<b>8.586,87</b>	<b>8.488,42</b>
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/ARROBA	24,87	24,87	22,95	22,95	22,72	22,72
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/LIBRA-PESO	0,75	0,75	0,69	0,69	0,69	0,69
MARGEM SOBRE O CUSTO TOTAL	USD/ARROBA	-3,06	-6,18	-0,07	-2,30	0,01	0,27
ÍNDICE COTLOOK A - EUROPA	USD/LIBRA-PESO	0,72	0,72	0,70	0,70	0,70	0,70
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	2.552,93	2.625,87	2.371,19	2.371,19	2.347,24	2.347,24
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,90	3,90
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	7.658,80	7.877,62	9.081,67	9.081,67	9.154,24	9.154,24
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-314,61</b>	<b>-653,13</b>	<b>-7,39</b>	<b>-237,82</b>	<b>1,10</b>	<b>28,00</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)</b>	<b>R\$/HA</b>	<b>1.120,81</b>	<b>401,50</b>	<b>1.422,64</b>	<b>680,65</b>	<b>567,37</b>	<b>665,82</b>
MARGEM SOBRE O CUSTO TOTAL	%	17,1%	5,4%	18,6%	8,1%	6,6%	7,8%
<b>MARGEM SOBRE O CUSTO TOTAL</b>	<b>ARROBAS/HA</b>	<b>17,6</b>	<b>5,7</b>	<b>19,2</b>	<b>8,4</b>	<b>6,8</b>	<b>8,1</b>
<b>RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)</b>	<b>USD/HA</b>	<b>-138,29</b>	<b>-148,39</b>	<b>334,47</b>	<b>56,05</b>	<b>128,69</b>	<b>471,60</b>
EBITDA	R\$/HA	1.522,82	1.552,31	2.523,43	1.626,91	1.034,35	2.289,40
MARGEM EBITDA	%	19,9%	19,7%	27,8%	17,9%	11,3%	25,0%

OBS.: PARA A 2ª SAFRA, CONSIDERAR RENTABILIDADE A PARTIR DA RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO EM R\$/HA (D) - (A)

**[www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)**

**[consultoria@carloscogo.com.br](mailto:consultoria@carloscogo.com.br)**

**Fone: +55 51 32481117**

**Cel: +55 51 99867666**



Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica



**[@carloscogo](https://twitter.com/carloscogo)**